

EDSON DOMINGOS FAGUNDES

**AS OCORRÊNCIAS DO MODO SUBJUNTIVO NAS
ENTREVISTAS DO VARSUL NO ESTADO DO PARANÁ E AS
POSSIBILIDADES DE VARIAÇÃO COM O MODO INDICATIVO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração em Estudos Lingüísticos.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Odete Pereira
da Silva Menon**

Curitiba
2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de tese do doutorando EDSON DOMINGOS FAGUNDES para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Os abaixo assinados ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, EDAIR MARIA GÖRSKI, IARA BEMQUERER COSTA, TERESA CRISTINA WACHOWICZ e KLAUS EGGENSBERGER argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

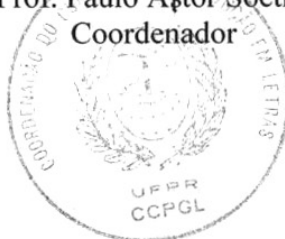
“AS OCORRÊNCIAS DO MODO SUBJUNTIVO NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO ESTADO DO PARANÁ E AS POSSIBILIDADES DE VARIAÇÃO COM O MODO INDICATIVO”

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Doutor em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovado.
EDAIR MARIA GÖRSKI		APROVADO
IARA BEMQUERER COSTA		aprovado
TERESA CRISTINA WACHOWICZ		Aprovado
KLAUS EGGENSBERGER		aprovado

Curitiba, 31 de janeiro de 2007.

Prof. Paulo Astor Soethe
Coordenador



Dedico este trabalho:

Para **Mariana, Juliana e Pedro**, meus filhos, pelo carinho.

Para a **Simone**, minha mulher e minha amiga, pelo apoio.

Para a **Nena** e o **Amadeu**, meus pais, pelo estímulo.

AGRADECIMENTOS

Esta tese contou com valiosas contribuições de pessoas que conheci e com quem convivi, antes e durante o a execução do trabalho. Agradeço especialmente a:

- Odete Menon, pela orientação deste trabalho; pelo companheirismo, estímulo, atenção e pela paciência, além da seriedade, da competência acadêmica e da generosidade intelectual.
- Teresa Cristina Wachowicz e Klaus Eggensperger, por terem feito parte da banca de qualificação e pelas críticas e sugestões apresentadas.
- Aos professores que fizeram parte da banca de defesa de tese: Edair Görski, Iara Bemquerer Costa, Teresa Cristina Wachowicz e Klaus Eggensperger, pelas valiosas contribuições dadas a este trabalho e pelas sugestões de trabalhos futuros.
- Michele Roberta da Rosa, pela revisão da versão final.
- Aos colegas da UTFPR pelo estímulo e constante apoio: Zenaide Claudino Possas, Nanci Stancki Silva e, em especial, ao Adilson Gil Tavares, pelo companheirismo nos momentos difíceis.
- Loremi Loregian-Penkal, Cristiane Dalto e Grace Bandeira pela convivência amistosa e rica durante o período das disciplinas.
- Odair Rodrigues, pela atenção e presteza que dedica em atender a todos nós na Pós-Graduação em Letras.
- A Nena, minha mãe, a meus irmãos Rita e Wallace e a todos aqueles de quem tive que me distanciar a fim de que conseguisse concluir o trabalho.

Agradeço, de coração.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	viii
LISTA DE QUADROS E FIGURAS	x
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiii
1 INTRODUÇÃO	01
2 OBJETO DE ESTUDO	06
2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA	07
2.1.1 Do latim ao português	09
2.1.2 O recorte filosófico	15
2.1.3 Antes e depois da NGB	16
2.2 OCORRÊNCIAS DE MODO SUBJUNTIVO	18
2.2.1 O subjuntivo independente	19
2.2.2 O subjuntivo nas orações subordinadas substantivas	24
2.2.3 O subjuntivo nas orações subordinadas adjetivas	26
2.2.4 O subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais	27
3 REVISÃO DA LITERATURA	31
3.1 A GRAMÁTICA TRADICIONAL E O MODO SUBJUNTIVO	31
3.1.1 A gramática normativa pós NGB	37
3.2 O ENFOQUE SEMÂNTICO SOBRE O MODO E A MODALIDADE	43
3.3 ARISTÓTELES E A MODALIDADE	55
3.4 ESTUDOS DESCRITIVOS QUE TRATAM DO MODO SUBJUNTIVO	58
3.4.1 Os estudos sobre o PB	58
3.4.2 Os estudos nas outras línguas.....	76
3.4.2.1 O subjuntivo no francês do Canadá	76
3.4.2.2 A perda gradual da distinção de modo no espanhol de Los Angeles	84
3.4.2.3 Algumas observações sobre o italiano	91
4 METODOLOGIA.....	93
4.1 O PROJETO VARSUL	93
4.2 A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	97

4.3 PRINCIPAIS HIPÓTESES	99
4.4 O SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	100
4.5 O SUPORTE QUANTITATIVO	106
4.6 AS VARIÁVEIS TRABALHADAS	107
4.6.1 Variável dependente	107
4.6.2 Variáveis independentes	107
4.6.2.1 Tempo verbal	108
4.6.2.2 Tipo de oração	108
4.6.2.3 Modalidade	108
4.6.2.4 Tempo verbal da oração principal	109
4.6.3 Variáveis sociais	110
4.6.3.1 Localidade	110
4.6.3.2 Faixa etária	110
4.6.3.3 Grau de escolaridade	111
4.6.3.4 Sexo	111
4.7 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS	112
4.7.1 A paráfrase: um critério norteador	112
4.7.2 Alguns critérios de exclusão	119
4.7.3 Outros casos	122
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	125
5.1 AS ORAÇÕES ISOLADAS	128
5.2 ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS	129
5.3 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS	131
5.4 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS	134
5.5 A MODALIDADE – <i>CONHECIMENTO E CONDUTA E DESEJO</i>	136
5.6 A VARIÁVEL IDADE DO INFORMANTE	138
5.7 A VARIÁVEL SEXO DO INFORMANTE	139
5.8 A VARIÁVEL GRAU DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE	140
5.9 A VARIÁVEL LOCALIDADE	142
5.10 A CORRELAÇÃO ENTRE OS TEMPOS VERBAIS	143
5.11 AS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES	147
5.11.1 A primeira rodada sem os <i>knockouts</i>	148
5.11.2 Segunda rodada: sem <i>knockouts</i> e uso categórico de MS por informante ...	151

5.11.3 As rodada para cada uma das cidades	154
5.11.3.1 A cidade de Curitiba	154
5.11.3.2 A cidade de Pato Branco	155
5.11.3.3 A cidade de Londrina	155
5.11.3.4 A cidade de Irati	156
5.12 AS CONJUNÇÕES ENCONTRADAS NO <i>CORPUS</i>	157
5.13 <i>VOCÊ QUER QUE EU FAÇO</i> UMA ÚLTIMA CONSIDERAÇÃO?	166
6 CONCLUSÕES	179
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184
8 ANEXOS	190
8.1 DISTRIBUIÇÃO DE OCORRÊNCIAS POR INFORMANTE E CIDADE ...	190
8.1.1 Cidade de Curitiba	190
8.1.2 Cidade de Irati	191
8.1.3 Cidade de Londrina	192
8.1.4 Cidade de Pato Branco	193
8.2 CODIFICAÇÃO UTILIZADA PARA OS GRUPOS DE FATORES	194
8.2.1 <i>Modo verbal</i>	194
8.2.2 <i>Tempo verbal</i> da ocorrência	194
8.2.3 <i>Tipo de oração</i> da ocorrência	194
8.2.4 <i>Modalidade</i> envolvida	195
8.2.5 <i>Tempo verbal</i> da oração principal	195
8.2.6 <i>Sexo</i> do informante	196
8.2.7 <i>Faixa etária</i> do informante	196
8.2.8 <i>Grau de escolaridade</i> do informante	196
8.2.9 <i>Localidade</i>	196
8.3 CARACTERÍSTICAS DAS CIDADES QUE COMPÕEM A MOSTRA	197
8.3.1 Curitiba	198
8.3.2 Irati	199
8.3.3 Londrina	200
8.3.4 Pato Branco	201
8.4 AMOSTRAGEM DE OCORRÊNCIAS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS .	202
8.4.1 Orações subordinadas <i>substantivas subjetivas</i>	202
8.4.2 Orações subordinadas <i>substantivas objetivas diretas</i>	202

8.4.3 Orações subordinadas <i>substantivas objetivas indiretas</i>	203
8.4.4 Orações subordinadas <i>adjetivas</i>	203
8.4.5 Orações subordinadas <i>adverbiais conformativas</i>	207
8.4.6 Orações subordinadas <i>adverbiais concessivas</i>	207
8.4.7 Orações subordinadas <i>adverbiais temporais</i>	208
8.4.8 Orações subordinadas <i>adverbiais condicionais</i>	209

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES SUBORDINADAS: LIVRE CONVERSAÇÃO (cf. WHERRITT 1977:154)	61
TABELA 2 - <i>MODO SUBJUNTIVO E ESCOLARIDADE</i> COM ADVÉRBIO <i>TALVEZ</i> (cf. PIMPÃO 1999:80)	74
TABELA 3 - <i>MODO SUBJUNTIVO E ESCOLARIDADE</i> <i>NAS SUBORDINADAS ADVERBIAIS</i> (cf. PIMPÃO 1999:90)	75
TABELA 4 - <i>MODO SUBJUNTIVO E SEXO</i> <i>NAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS</i> (cf. PIMPÃO 1999:94)	75
TABELA 5 - FATORES QUE CONTRIBUEM NA ESCOLHA DO MS NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS REGIDAS POR <i>falloir</i> (cf. POPLACK 1990:17)	79
TABELA 6 - FATORES QUE CONTRIBUEM NA ESCOLHA DO MS NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS REGIDAS POR OUTROS VERVOS QUE NÃO <i>falloir</i> (cf. POPLACK 1990:21)	82
TABELA 7 - CONCORDÂNCIA DE TEMPO QUANDO O MS NÃO É EMPREGADO (cf. POPLACK 1990:21)	83
TABELA 8 - OCORRÊNCIAS DE <i>MODO VERBAL</i> NO PARANÁ	125
TABELA 9 - OCORRÊNCIAS DE <i>TEMPO VERBAL DA OCORRÊNCIA</i> (ORAÇÃO <i>SUBORDINADA</i> OU <i>INDEPENDENTE</i>)	126
TABELA 10 - <i>MODO VERBAL</i> E <i>TIPO DE ORAÇÃO</i>	127
TABELA 11 - <i>MODO VERBAL</i> E <i>ORAÇÃO ISOLADA</i> COM A PRESENÇA DE ADVÉRBIO	128
TABELA 12- <i>SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS</i> E <i>MODO VERBAL</i>	130
TABELA 13 - <i>SUBORDINADAS ADVERBIAIS</i> E <i>MODO VERBAL</i>	135
TABELA 14 - <i>MODALIDADE</i> E <i>MODO VERBAL</i>	136
TABELA 15 - <i>IDADE DO INFORMANTE</i> E <i>MODO VERBAL</i>	138
TABELA 16 - <i>SEXO DO INFORMANTE</i> E <i>MODO VERBAL</i>	139

TABELA 17 - <i>GRAU DE ESCOLARIDADE E MODO VERBAL</i>	140
TABELA 18- <i>DISTRIBUIÇÃO DE MODO VERBAL POR CIDADE</i>	142
TABELA 19 - <i>TIPOLOGIA DA CORRELAÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS DA ORAÇÃO PRINCIPAL / SUBORDINADA PARA O ESTADO DO PARANÁ</i>	144
TABELA 20 - <i>MODO VERBAL E TIPO DE ORAÇÃO</i>	149
TABELA 21 - <i>MODO VERBAL E MODALIDADE</i>	150
TABELA 22 - <i>DISTRIBUIÇÃO DE MODO VERBAL POR CIDADE</i>	151
TABELA 23 - <i>MODO VERBAL E TIPO DE ORAÇÃO</i>	152
TABELA 24 - <i>MODO VERBAL E MODALIDADE</i>	152
TABELA 25 - <i>MODO VERBAL E CIDADE</i>	153
TABELA 26 - <i>MODO VERBAL E MODALIDADE EM CURITIBA</i>	154
TABELA 27 - <i>MODO VERBAL E TIPO DE ORAÇÃO EM PATO BRANCO</i>	155
TABELA 28 - <i>MODO VERBAL E MODALIDADE EM IRATI</i>	156
TABELA 29 - <i>CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS CONDICIONAIS PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ</i>	158
TABELA 30 - <i>CONJUNÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ</i>	159
TABELA 31 - <i>CONJUNÇÕES ADVERBIAIS CONCESSIVAS PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ</i>	161
TABELA 32 - <i>CONJUNÇÕES ADVERBIAIS COMPARATIVAS PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ</i>	163
TABELA 33 - <i>CONJUNÇÕES ADVERBIAIS FINAS PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ</i>	164
TABELA 34 - <i>CONJUNÇÕES ADVERBIAIS CAUSAIS PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ</i>	164
TABELA 35 - <i>CONJUNÇÕES ADVERBIAIS CONFORMATIVAS PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ</i>	165

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1 – O PREENCHIMENTO DAS <i>BARREIRAS DE SEGURANÇA</i> E A REDUNDÂNCIA ...	173
Figura 2 – O PROCESSO DE QUEBRA DAS <i>BARREIRAS DE SEGURANÇA</i>	174
Quadro 1 – Distribuição dos dados por informante em Curitiba	190
Quadro 2 – Distribuição dos dados por informante em Irati	191
Quadro 3 – Distribuição dos dados por informante em Londrina	192
Quadro 4 – Distribuição dos dados por informante em Pato Branco	193

RESUMO

Este trabalho apresenta a descrição das ocorrências de *modo subjuntivo* e as possibilidades de alternância entre as formas verbais do *indicativo* e do *subjuntivo* nas cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco, pertencentes ao banco de dados do Projeto VARSUL do Paraná. Consideramos como variável dependente o *modo verbal* e para o entendimento do fenômeno de alternância entre os modos foram trabalhadas as variáveis lingüísticas: *tipo de oração*, *tempo verbal da oração principal*, *tempo verbal da ocorrência* (na oração *subordinada* ou na *independente*) e *modalidade*. Dessas, o programa estatístico Varbrul selecionou como grupos de fatores estatisticamente relevantes *tipo de oração* e *modalidade*, indicando que as orações *subordinadas substantivas* e *independentes* e a modalidade *conduta* e *desejo* favorecem as ocorrências de modo subjuntivo. Analisamos também as variáveis extralingüísticas: *cidade*, *faixa etária*, *grau de escolaridade* e *sexo* do informante. Nesse caso, somente a distribuição dos dados por *cidade* se mostrou relevante do ponto de vista estatístico. As ocorrências de modo indicativo têm maior probabilidade de ocorrência em Curitiba e as de modo subjuntivo em Irati. Acessoriamente realizamos ainda um levantamento das conjunções usadas nas orações subordinadas a fim de demonstrar a sua produtividade na língua oral (comparadas às listas presentes nas gramáticas tradicionais).

Palavras-chave: modo subjuntivo, modo indicativo; alternância *subjuntivo/indicativo*; modalidade; conjunção subordinativa; Projeto Varsul.

ABSTRACT

This study presents the description of occurrences of the *subjunctive mode* and the alternation possibilities between verbal forms of the *indicative* and *subjunctive* modes in the cities of Curitiba, Irati, Londrina and Pato Branco, pertaining to the databank of VARSUL Project in Paraná. We consider the *verbal mode* as a depending variable and, in order to understand the alternating phenomenon between modes, the following linguistic variables were studied: *type of clause*, *verbal tense of main clause*, *verbal tense of occurrence* (either for the *subordinated clause* or for the *independent clause*) and *modality*. From these, the statistical program Varbrul selected as groups of statistically relevant factors the *type of clause and modality*, indicating that *substantive and independent subordinated clauses* and the *conduct and desire* modalities favor occurrences of the subjunctive mode. We also analyzed extra-linguistic variables as follows: *city*, *age range*, *education level and sex of informant*. In this case, only data distribution per *city* proved relevant from the statistical viewpoint. Occurrences in the indicative mode are more likely to take place in Curitiba while occurrences in the subjunctive mode happen in Irati. Alongside we have made a survey on conjunctions used in subordinated clauses in order to show its productivity in oral language (compared to the lists present in traditional grammars).

Key words: subjunctive mode, indicative mode; *subjunctive/indicative alternation*; modality; subordinative conjunction; Varsul Project.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é, de certa forma, mais uma etapa que percorremos no âmbito do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil). Nosso envolvimento no projeto se deu ainda durante a graduação, na monitoria da professora Cecília Inês Erthal. Naquele momento, estavam sendo feitas as primeiras entrevistas para coleta de dados nas capitais e pudemos contribuir na construção do projeto-piloto do banco de dados VARSUL. Nossa dissertação de mestrado, FAGUNDES (1997), cujo trabalho se iniciou em 1994, levantando os usos do pronome-objeto de terceira pessoa, na fala dos informantes das três capitais do Sul do Brasil, é resultado, também, do apoio e incentivo que recebemos dos professores-pesquisadores, especialmente da professora Odete Pereira da Silva Menon, para dar continuidade ao trabalho com os dados do VARSUL.

Investigar o uso do Modo Subjuntivo (doravante MS) surgiu então como oportunidade de dar prosseguimento aos estudos, tendo novamente por fonte o Banco de Dados do Projeto VARSUL. Neste trabalho, buscou-se descrever o uso do MS feito pelos falantes naquelas cidades que fazem parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL para o estado do Paraná, ou seja, Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco. Os resultados são comparados com outros trabalhos que já trataram do tema no Português do Brasil (doravante PB), por exemplo, COSTA (1990), *O verbo na fala dos camponeses – um estudo de variação*, que trata da língua falada de uma comunidade rural de descendentes de italianos, no município de Ijuí-RS, abordando também o uso dos modos verbais; ROCHA (1997), *A alternância indicativo/ subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português*, cuja amostra se constitui a partir de dados coletados

com falantes da cidade do Rio de Janeiro e da cidade de Brasília; e PIMPÃO (1999), *Variação no presente do modo subjuntivo, uma abordagem discursivo-pragmática*, que analisa os dados do Projeto VARSUL referentes à cidade de Florianópolis-SC.

A Gramática Tradicional (doravante GT) tem reservado aos modos verbais funções distintas, denominando-os segundo o seu desempenho. Assim, ao modo *indicativo* (doravante MI) caberia o papel de denotar, independente do tempo verbal, o fato expresso pelo verbo como certo ou real. O MS, por sua vez, deveria se opor ao MI apresentando o fato como incerto, duvidoso, eventual ou irreal e, sobretudo, o MS na oração subordinada deveria ter sua ocorrência condicionada pelo verbo da oração principal. Ao modo *imperativo* caberia expressar as ordens e mandos.

A razão que nos leva a tratar do MS reside em verificar se na língua oral haveria o mesmo uso previsto pela GT para aqueles contextos em que é possível o uso do MS. Os dados nos mostram que o MI nem sempre é usado para expressar o fato tido como certo e real e que o MS pode se referir também a fatos concretos e reais.

A questão do *modo* verbal é apresentada pela Gramática Gerativo-transformacional (doravante GGT) como negando a gramaticalidade de orações que apresentam o MI em contextos “reservados” ao MS. Esse posicionamento certamente se baseia na aceção de que a língua falada apresenta frases mal formadas, representando as dificuldades relativas à performance que se colocam *in the way of the full display of the speaker's competence* (LABOV, 1972, p.188). Nosso trabalho, por seu turno, à medida que se distancia da posição da

GGT e tem como fundamento e orientação a metodologia variacionista – utilizada para descrever a variação e a mudança lingüística –, leva em conta a variação enquanto resultado da escolha feita pelos falantes ao optar por um ou por outro modo verbal (subjuntivo ou indicativo) naqueles contextos em que possa haver oscilação entre o MI e o MS. Os contextos em que não há variação, contudo, como é o caso do subjuntivo independente, também serão considerados na pesquisa, a fim de verificar quais são os fatores que determinam a sua ocorrência.

Para dar consistência aos propósitos do trabalho, partimos dos seguintes princípios estabelecidos por LABOV (1972, p. 203):

- I – a agramaticalidade da língua é um mito que não possui base em fatos reais;
- II – a língua é um sistema heterogêneo, ao qual a variação é inerente.

Com base nesses princípios, consideramos que os objetivos de estudo de nosso trabalho são:

- (i) descrever os usos do MS;
- (ii) verificar em quais contextos de uso do MS é possível substituí-lo pelo MI.
- (iii) identificar os contextos condicionadores de uso desses modos verbais.

Assim, a escolha do MODO VERBAL será analisada como uma regra variável que pode ser condicionada por fatores lingüísticos (tempo do verbo da oração principal e subordinada, tipos de oração, dentre outros) e/ou extra-lingüísticos (idade, sexo, nível de escolaridade e cidade), favorecendo, dessa forma, determinadas escolhas feita pelo falante.

O trabalho se encontra assim organizado: o capítulo *Objeto de Estudo: o subjuntivo* traz o tema a ser desenvolvido, apresentando um breve percurso histórico do MS, do latim ao português, e o tratamento dado pela GT antes e depois da Norma Gramatical Brasileira (doravante NGB). Dentro desse capítulo são apresentados alguns exemplos das ocorrências encontradas no *corpus*.

No capítulo *Revisão da literatura* estão os diferentes tratamentos dados ao tema. Além da visão tradicional, dada à língua escrita, veremos o enfoque lógico-semântico dado à *modalidade* e alguns dos principais trabalhos descritivos que discorrem sobre a questão envolvendo o MS e a língua oral, não só em relação ao PB, mas também em outras línguas, como é o caso do espanhol e do francês, para as quais a discussão desse tema tem-se mostrado pertinente, como exemplificam os trabalhos de POPLACK (1990), *Prescription, intuition, et usage: le subjunctif français et la variabilité inhérente*, que analisa o uso do MS dos falantes nativos do francês de Ottawa, Canadá, e SILVA-CORVALÁN (1994) *The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish*, cuja pesquisa trata do espanhol falado por mexicanos bilíngües que vivem nos Estados Unidos.

Além das considerações teórico-metodológicas que subsidiam a pesquisa, apresentamos no capítulo *Metodologia* algumas informações acerca do Projeto VARSUL, suas características e o processo de constituição do Banco de Dados, no que se refere às cidades tomadas na amostra; foram apresentadas, ainda, informações acerca do suporte quantitativo que respalda e orienta o estudo, bem como o processo de seleção, levantamento e codificação dos dados, de constituição da amostra e dos dados excluídos. A discussão sobre a seleção das variáveis que compõem o estudo e as hipóteses e expectativas em relação a cada uma delas estão no final do capítulo.

A seguir, no capítulo *Análise dos Dados*, primeiramente são apresentados os resultados considerando o número e os percentuais das ocorrências de MS e MI da amostra, a discussão é feita a partir do programa *makecell*; em seguida são analisados os grupos de fatores que foram selecionados como relevantes nas diferentes rodadas estatísticas.

No capítulo *Conclusão*, retomamos os principais dados obtidos para reflexão, bem como apresentamos possibilidades de continuidade e desdobramentos a serem levados em consideração em outros trabalhos.

2 OBJETO DE ESTUDO

Este trabalho tem por objetivo descrever os usos do MS, feitos pelos falantes das cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco, situadas no estado do Paraná e pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL. A pesquisa visou satisfazer os objetivos do Projeto VARSUL, ou seja, descrever a Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil. Os dados a serem analisados dizem respeito àquelas ocorrências envolvendo o uso do MS e sua expressão na língua oral. Inicialmente, nos questionamos se, de fato, na língua oral haveria para o MS um uso semelhante àquele da língua escrita. Esse posicionamento resulta da constatação de que, em determinados contextos – à exceção dos casos invariáveis em que teoricamente deveria aparecer o MS – podemos nos deparar com ocorrências do MI.

É necessário, também, mencionar que não é de nosso interesse entrar na discussão a respeito das diferenças entre língua oral e língua escrita, tampouco discutir se, de fato, língua oral e língua escrita têm gramáticas distintas. Contudo, é razoável que haja um parâmetro inicial que guie a seleção dos dados e com o qual se possa dialogar, posteriormente. À falta de uma gramática para a língua oral, lançaremos mão da GT e, sobretudo, de pesquisas que estudaram o mesmo tema no que se refere ao português do Brasil (PB), ao francês de Ottawa, Canadá e ao espanhol de falantes bilíngües de Los Angeles, Estados Unidos.

Antes, porém, de que a discussão possa ser feita, são necessárias algumas considerações preliminares, a fim de que nos situemos em relação ao tema. Assim, apresentamos a seguir um pouco do caminho histórico do *modo*

verbal na passagem do latim para o português; do significado do termo *subjuntivo* e, por fim, tratamos da questão em relação ao que diz a GT em período anterior e posterior à adoção da NGB.

2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

Há, pelo menos, duas maneiras de enfocar a questão do MS. A primeira delas é a que atribui significado ao MS; a outra que o considera como marcador formal exigido pela convenção ou como uma variável estilística em certos contextos. Porém, antes de discorrermos sobre esse tema, é necessário que vejamos a origem do termo *subjuntivo*, pois é nela que se sustenta um desses enfoques.

A interpretação do termo *subjuntivo* está associada à hierarquia da estrutura sintática da oração, pois remonta à origem do termo, do latim *subjunctivus*, significando “subordinado, dependente”. Ou seja, as orações são unidas e se estabelece entre elas uma relação de hierarquia, uma “sub-ordenação” à qual se pode associar significado, denotando *que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida* (CUNHA, 1985, p. 443).

Essa postura, como se vê, abre espaço para que a interpretação do MS não se restrinja ao que vem expresso pela estrutura sintática, à medida que aponta não só para uma dependência expressa, isto é, que é apresentada dentro do texto ou da estrutura sintática da oração; mas considera haver uma dependência que pode estar subentendida, deixando assim espaço para se construir uma interpretação semântica ou mesmo pragmática do subjuntivo.

Ao MS, se atribui, ainda, a expressão do desejo, da possibilidade, da dúvida e da incerteza (CEGALLA, 1965, p. 110; BECHARA, 1979, p. 104; FARACO & MOURA, 1990, p. 146, dentre outros), retomando o conceito de que o modo verbal deve expressar as *diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo* (ROCHA LIMA, 1960, p. 112), admitindo, assim, que o MS pode desempenhar um papel semântico.

Há, no entanto, autores que procuram vincular à subordinação sintática um papel único, descartando outras possibilidades, como a que apresentamos a seguir:

Indica este modo [subjuntivo] que o verbo não tem sentido, caso não venha subordinado a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Ninguém nos entenderá se dissermos “venhas”, mas se dissermos “Quero que venhas” seremos facilmente compreendidos; o sentido de venhas depende de quero; daí o nome de modo subjuntivo, isto é, modo que se subordina a outro. (ALMEIDA, 1963, p. 200)

A posição desse autor é, no mínimo, contraditória no que se refere ao uso do MS. O exemplo que ele nos apresenta como restrição ao uso do MS não nos convence de que a expressão *venhas* não será entendida. Há expressões como *Vamos e venhamos!*, por exemplo, que não vêm subordinadas e nem por isso deixam de ser entendidas. Além disso, como explicar então o uso do *subjuntivo independente* ou a exigência de subjuntivo quando o advérbio *talvez* precede o verbo, como ele mesmo propõe. (ALMEIDA, 1963, p. 281)

A idéia de que há um vínculo sintático determinando e restringindo a escolha do modo verbal está registrada também em RIBEIRO (1915):

Sendo, portando, o subjuntivo um modo que implica a idéia de subordinação, não é modo próprio para figurar nas proposições *principaes*. (...) Nas proposições *subordinadas* não pode empregar-se o *modo indicativo*, salvo se a ação indicada pelo verbo é de modo positivo e formal; no caso contrário, é o *subjuntivo* o modo a que se recorre. (RIBEIRO, 1915, p. 633)

Em resumo, para alguns gramáticos da GT o MS é visto como o modo por excelência da subordinação. No entanto, esse fato, assim considerado e levado ao extremo, apresenta uma incompatibilidade muito grande com trechos dessas gramáticas, que, de modo explícito ou não, apresentam o uso *independente* do MS.

2.1.1 Do latim ao português

A perda de espaço do MS para o MI é descrita na história do latim e das línguas românicas e se trata de questão polêmica. Por esta razão, e até para que nos situemos perante a tarefa que nos propomos a desenvolver, apresentaremos, de modo resumido, um pouco desse percurso.

BLATT (*apud* BIANCHET, 1996) observa que os modos verbais, já no latim clássico, não são nitidamente delimitados como se pressupõe; acrescenta, ainda, que *deliberação* e *dúvida* podem ser expressas tanto no MI quanto no MS. O fato irreal, por sua vez, pode ser traduzido, em certos casos, pelo MI. Assim, a tentativa de explicar o MS enquanto a *expressão do irreal*, em contraste com o MI, a *expressão do real*, encontra muitas dificuldades e atualmente, admite-se que os diferentes modos não estão relacionados com a realidade ou irrealidade no sentido metafísico dessas palavras (BLATT, *apud* BIANCHET, 1996, p. 46). Além disso, a autora observa que os limites entre modo e tempo verbal são flutuantes, mencionando que para BLATT há uma estreita relação entre o presente do subjuntivo e o futuro do indicativo, que para ele podem ser a expressão de uma mesma coisa.

Ou seja, em termos práticos, há espaço para se confundir o uso do MI com o do MS, conforme afirma BIANCHET (1996), mais adiante ao citar a obra de ERNOUT & THOMAS, *Syntaxe Latine*.

Por sua vez, MAURER JUNIOR (1959) afirma que o latim vulgar apresenta um emprego bem mais reduzido do MS; segundo o autor “as funções que lhe correspondem na língua clássica são aqui [na língua vulgar] expressas pelo indicativo e, às vezes, por perífrases constituídas de um auxiliar com o infinito” (MAURER JUNIOR, 1959, p. 177). O autor faz menção ao fato de que o amplo desenvolvimento do MS, enquanto modo da subordinação, é característico da sintaxe clássica latina dentre as línguas indo-européias e se trata,

se não de uma criação latina, pelo menos de um desenvolvimento bastante recente na história dessa língua. O uso do indicativo em lugar dêle [MI] na língua arcaica, freqüente em Plauto, e a concordância das línguas românicas, para não falar das inscrições e de outros documentos latinos de caráter mais vulgar, mostram que a língua do povo conservou muitas vezes a construção antiga, não acompanhando o evoluir, às vezes subtil, do subjuntivo de subordinação. (MAURER JUNIOR, 1959, p. 177)

A razão, portanto, de mencionarmos o trabalho de MAURER JUNIOR (1959) tem por objetivo ilustrar que a oscilação entre MI e MS já é recorrente, enquanto tema a ser estudado, no latim vulgar e nas línguas românicas. Contudo, as razões que motivam a variação dos modos verbais em diferentes línguas e diferentes épocas certamente não são as mesmas e justificam, por isso, o seu estudo.

MAURER JUNIOR (1959) nos chama a atenção, sobretudo, para o fato de que em textos literários do latim tardio há com frequência o uso do MS em contextos em que os autores clássicos certamente usariam o MI. Tal fato se dá, segundo o autor, em razão de duas tendências: por um lado a da língua popular,

que usava o MI, destinando ao MS somente a expressão da dúvida, e por outro lado, a tendência da língua semi-erudita, que se esforçava por dar um cunho literário às suas construções. Dessa maneira, os escritores tardios procuravam seguir a prática tradicional, retomando, assim, o emprego do MS. Conforme observa BIANCHET (1996): *os escritores tardios, procurando seguir a prática tradicional, eram menos lógicos e menos espontâneos do que os autores clássicos quanto ao emprego do subjuntivo* (BIANCHET, 1996, p. 53). Em nota à observação acima, ela acrescenta que *essa explicação que é dada para o uso mais amplo do subjuntivo está próxima do conceito de hipercorreção*. (BIANCHET, 1996, p. 53)

Outro autor que trata do latim vulgar e das línguas românicas é HARRIS (1974). Ele identifica que a análise tradicional do MS pode ser vista e agrupada de três modos distintos:

- (i) há aqueles que vêem o MS como tendo uma gama distinta de significados;
- (ii) aqueles que vêem o *subjuntivo* tendo um significado geral; e
- (iii) aqueles que vêem esse modo verbal como sendo um marcador formal exigido pela convenção ou, ainda, como uma variável estilística em certos contextos.

O autor defende a tese de que

already in Latin, it is necessary to postulate two quite separate uses of the subjunctive, the distinction being not between two different ranges of meaning but precisely between those cases where the subjunctive was already an empty formal marker of subordination (one of a number of alternatives, of course), and those cases where the subjunctive was meaningful, that is to say, where there was a real and distinctive opposition, normally with de indicative, in the relevant context. (HARRIS, 1974, p. 171)

Para o autor, o primeiro desses usos de MS, não-portador de significado, *sempre ocorreu nas subordinadas* e era exigido, ou pela classe de significado do verbo da oração principal (que expressa desejo ou ordem – *volo ut veniat; impero ut veniat*), ou pela forma de fato (verbo ou conjunção escolhida – assim, enquanto *quamvis* normalmente introduzia uma forma verbal subjuntiva, os sinônimos mais próximos de *quamquam* eram usados no indicativo), ou por meio das estruturas empregadas, como era o caso das perguntas indiretas. HARRIS (1974) observa que a história do subjuntivo nas orações subordinadas ou dependentes é bastante estável no que se refere ao seu papel enquanto marcador de subordinação.

Esse primeiro grupo, segundo o autor, mostra a relativa estabilidade freqüentemente encontrada nas línguas românicas com categorias que são amplamente usadas, mas que deixaram de ter qualquer importância semântica. Segundo ele, a principal razão para o subjuntivo vir a ser concebido como um marcador de subordinação nas línguas românicas parece ter sido intralingüística, isto é, está no fato de o latim ter evoluído de uma estrutura relativamente paratática para uma língua de estrutura hipotática. Ao se questionar por que o latim clássico desenvolveu uma estrutura mais hipotática, ele observa que

(...) this is generally attributed to a ‘functionalist’ cause, that is, that the more complex and literate society using the classical tongue would necessarily develop a more complex, i. e. hypotactic, form of speech. (HARRIS, 1974, p. 177)

Antes de prosseguir, é necessário fazer menção aos dois conceitos nomeados acima, isto é, *parataxis* e *hipotaxis*. O conceito de *parataxis* aqui é entendido como a coordenação das frases e orações sem o uso de elementos coordenadores, tais como conjunções, ou seja, há o arranjo dos elementos lado a lado. Na *hipotaxis*, por sua vez, se dá a relação de dependência ou subordinação

das orações com o uso de conectivos, estabelecendo, portanto, uma hierarquia entre os elementos.

Entretanto, não podemos concluir simplesmente que uma construção paratática (pelo simples fato de arranjar elementos lado a lado sem o uso de conjunções) não possa subordinar os elementos. Há, na língua, construções paratáticas que mostram haver certa ordem para a apresentação dos elementos que as compõem. Um exemplo disso são as construções como as dos exemplos (01) e (02):

- (01) Bobeou, dançou!
 (02) Cochilou, o cachimbo cai!

O significado de *bobeou, dançou* e de *cochilou, o cachimbo cai* está relacionado à situação em que é aconselhável que a pessoa não perca o foco da atividade que está desenvolvendo para que, assim, por exemplo, não deixe passar uma oportunidade, um prazo, enfim, que não desvie sua atenção daquilo que está fazendo, não “bobeie”, não “cochile”, pois corre o risco de “dançar”, de que “o cachimbo caia”, caso se distraia, pois pode perder algo importante e, de certa maneira, ser prejudicado na conclusão de um objetivo.

Construções semelhantes são apresentadas nos exemplos (03) e (04):

- (03) Escreveu, não leu, o pau comeu!
 (04) Bateu, levou!

Nesses exemplos, como nos anteriores, o significado está relacionado a uma recomendação. É aconselhável que a pessoa seja responsável e reflita antes de agir, pois cada ato tem suas conseqüências. Assim, em (03), se alguém “escreve” e não sabe ou não quer “ler”, algo deve estar errado, ou seja, é

esperado que as pessoas obedeçam a certos rituais, cumpram as regras senão podem ser repreendidas ou responsabilizadas ou ainda como em (04), se alguém é agressivo ou mal-educado e, portanto, “bater”, deve estar ciente de que também vai “levar”, quer dizer, receber um tratamento condizente, igual ao comportamento apresentado.

Em (01), (02), (03) e (04), a justaposição dos elementos pressupõe que eles apareçam nesta ordem e não em outra. É de se pressupor que haja, nesse caso, certa hierarquização das orações. Em outras palavras, há nesses exemplos diferença entre forma e significado, e isto se produz fazendo uso de uma estrutura paratática, geralmente concebida como mais simples, mas que expressa hierarquização entre os elementos que a compõem, tarefa geralmente atribuída a uma estrutura hipotática. Assim, para que possamos alcançar através de uma estrutura paratática o efeito desejado e para que *bobeou, dançou* possa ser interpretado como *se você bobear, você dança* a ordem dos termos passa a ter um papel muito importante.

O fato da relação de *causa/efeito* não estar marcada pelo *modo verbal*, mas pela *ordem*, nos leva a considerar que esses exemplos pressupõem um conhecimento compartilhado entre os falantes e que esse conhecimento compartilhado faz parte da *norma* da língua da comunidade, que se constitui da soma dos *elementos distintivos* e dos *elementos sociais* (conforme COSERIU, 1980, p. 122-123)

Retomando HARRIS (1974), o autor observa, quanto ao verbo das orações independentes, que a maioria dos gramáticos latinos distingue três possibilidades de significado para o MS: *jussivo*, *optativo* e *potencial*. O autor chama a atenção para o fato de que o *subjuntivo*, o *jussivo* e o *optativo*, por

razões sincrônicas e em vista do que ocorreu nas línguas românicas, podem ser facilmente classificados como *subjuntivo subordinado*, não portador de significado. Procedendo assim, segundo o autor, isola-se o uso *subjuntivo potencial* em latim como a única forma plena de significado do MS. Ele justifica, ainda, que essa forma portadora de significado, o *potencial*, compete nas línguas românicas com as formas condicionais, precisamente quando o MS não poderia ser reanalisado como um marcador de subordinação vazio.

Como vimos, procuramos apresentar alguns pontos da discussão feita por aqueles que têm se debruçado na recuperação histórica dessa questão e, com isso, mostrar que esse tema é recorrente, no que se refere ao latim e às línguas românicas, e que tem diferentes motivações que levam à sua ocorrência.

2.1.2 O recorte filosófico

Após termos, em certa medida, recuperado um pouco da história no que se refere aos modos verbais, e já que o assunto também diz respeito à atitude dos falantes em relação aos conteúdos daquilo que é dito, talvez seja o momento de apresentar uma outra possibilidade de se tratar da questão, a saber, a abordagem que é dada ao tema via filosofia da linguagem, especificamente nos apontamentos sobre a linguagem feitos por Aristóteles.

Notadamente, nos interessam aquelas reflexões em que o autor trata da *relação do enunciado com a realidade*, na medida em que faz a distinção dos elementos providos de sentido (como os nomes e os verbos) e os desprovidos dele, pois como observa NEF (1995), é justamente essa distinção que “separa as unidades do discurso que têm uma potência referencial daquelas que não têm”

(NEF 1995, p. 21). NEF (1995) observa que Aristóteles classifica as formas flexionadas do verbo como significando *tempo* e que inclui entre essas formas flexionadas as modalidades enunciativas, como por exemplo *questão*, *ordem*, *solicitação* etc., que se relacionam com os modos verbais.

Ou seja, em Aristóteles observamos a preocupação em separar, de um lado, as orações que podem ser tratadas em termos de *verdade* ou *falsidade* e, de outro, aquelas a que este tratamento não se aplica pois, ainda, segundo NEF (1995), Aristóteles sublinha no *De Interpretatione* “que a súplica não é verdadeira nem falsa”:

Para ele [Aristóteles], a verdadeira distinção lógica separa os discursos suscetíveis de verdade e de falsidade, como as asserções, e aqueles que não o são, como as preces, mas como também as perguntas e ordens. (NEF, 1995, p. 24)

Há, assim, além da abordagem dada pela GT, por exemplo, um outro caminho para tratar da questão, como é o caso da filosofia da linguagem, e a ele retornaremos mais adiante.

2.1.3 Antes e depois da NGB

Como vimos no início deste capítulo, o termo subjuntivo tem sua origem no latim *subjunctivus* e significa “subordinado, dependente”, que serve para ligar e subordinar, criando uma relação de hierarquia na oração e ao qual está associado o significado de que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra. Uma outra questão, entretanto, envolve o MS no que diz respeito à denominação desse modo verbal e merece ser retomada.

Modo conjuntivo foi a outra denominação dada ao que hoje chamamos *modo subjuntivo*. O termo *conjuntivo* significa *que junta, que une orações ou palavras*, como fazem as conjunções. Com a adoção da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), através da Portaria de 28 de janeiro de 1959, recomendada pelo Ministério da Educação e Cultura, os *modos verbais* são designados como hoje os conhecemos. Assim, é comum encontrarmos, no prefácio de boa parte das edições das gramáticas dos anos 1960 e 1970, justificativas quanto à adoção dos novos termos em respeito e conformidade ao que propõe a NGB. É comum, também, a justificativa de que alguns termos adotados não seguem a NGB, em razão dela não ter tratado de todos os assuntos.

Contudo, conforme observam CUNHA & CINTRA (2005, p. 466) a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* (NGP) preferiu *conjuntivo* à designação *subjuntivo* adotada pela NGB.

Ao avaliarmos essa alteração proposta pela NGB, podemos concluir que ela visou regulamentar a adoção de um dos termos em uso para a designação do MS, diferenciando-se, dessa maneira, da postura adotada pela NGP, e que, salvo engano, não trouxe nenhuma nova contribuição quanto ao conceito que se tinha dos modos verbais.

2.2 OCORRÊNCIAS DE MODO SUBJUNTIVO

Uma vez que o objetivo deste trabalho é tratar das ocorrências do MS na língua oral, procuramos identificar, de um lado, os contextos em que ocorre de fato o MS e, de outro, contextos em que se espera encontrar o MS. Agindo assim, não deixamos de considerar os contextos para os quais se espera que o falante faça uso do MS, mas nos quais o falante possa também fazer uso do MI. Assim, os dados serão considerados em termos da alternância do uso desses modos verbais, MS e MI, levando em conta a expectativa que temos em relação ao uso que os falantes deveriam fazer do MS.

É importante ressaltar, antes de prosseguirmos, que há na língua portuguesa formas diferentes de substituição do MS, além das construções que fazem uso do MI: uso de *gerúndio*, de *infinitivo*, de *construção elíptica* e mesmo de *substantivo abstrato*. Contudo, esses casos serão tratados mais adiante, quando apresentarmos e justificarmos nossos critérios para escolha e seleção dos dados.

A fim de que tenhamos um quadro mais claro das ocorrências que serão tratadas em nossa pesquisa, apresentaremos, a seguir, alguns dos contextos de uso do MS e MI encontrados no levantamento dos dados. Para fins práticos, a classificação adotada, à falta de uma gramática da língua oral que nos permita tratar dessas diferentes ocorrências, seguirá o mesmo esquema apresentado pela GT para ordenar e classificar os dados, sem que isso, contudo, signifique que estamos fazendo algum tipo de prescrição ou atrelando a pesquisa à GT. Nosso objetivo é unicamente demonstrar a presença e usos do MS encontrados no *corpus*, bem como ilustrar alguns daqueles casos em que ocorre, também, a alternância com o MI.

2.2.1 O subjuntivo independente

Embora encontremos a afirmação de que o MS é “por excelência” o modo das orações subordinadas, ele pode ser *empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais*, como observa CUNHA (1985, p. 443). Há, além disso, ocorrências em que o MS é empregado em frases feitas, ilustrando que alguns de seus usos já estão cristalizados na língua. Os exemplos abaixo são retirados de falantes das cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco, que pertencem ao Projeto VARSUL e compõem nosso *corpus* e ilustram alguns desses casos:

- (05) Não, eu não tenho muita paciência de ficar sentado, [aonde tem]- ainda mais onde tem mosquito, **Deus o livre**. (CTB 02 M B SEG 0506)¹
- (06) E: Ele mudou pra melhor ou pra pior?
 F: Não (falando rindo) mudou assim. O que eu quero dizer, não pior, né?
 Ele não tem mais a-
 E: Ele ficou mais independente.
 F: Ele ficou. Isso. Ele- É ele, ele e acabou. Se um está lá-
 E: A palavra [<propriedas->] apropriada não seria individualismo?
 É assim. Ah, **que aconteça** lá, fulano **que se dane**! O problema é meu.
 [Eu]- eu sou eu e ele **que [se dane]**. (CTB 04 F B GIN 1034)
- (07) F: Às vezes, tem hora que você toma uns coices. Você leva o troço enrolado porque, sabe como é que é. Mas [é as]- é a vida da gente. Peguei, gostei. Mas, **seja o que Deus quiser**, né?
 E: [Ah, isso aí é-].É. Falante: Deus dá em dobro pra gente! [A gente faz] aqui nessa Terra! (LDN 15 M A GIN 1373)

Como se pode ver, os exemplos (05) a (07) reproduzem situações que têm algo em comum, isto é, contextos em que se faz uso de frase feita. Esses casos nos chamam a atenção para o fato de que o uso de expressões cristalizadas é bastante freqüente. A expressão fixa é como se fosse um vocábulo, um ditado, é uma unidade lingüística não segmentável. Portanto, não se pode querer alterá-la, pois é o todo que compõe o seu significado. Ela é exigida pela norma da

¹ A codificação que acompanha cada uma das ocorrências está assim constituída: identificação da cidade de origem (CTB: Curitiba, IRT: Irati, LDN: Londrina e PBR: Pato Branco); número da entrevista (01 ... 24); sexo do informante (M,F); idade (A: de 25 a 49 anos, B: acima de 50 anos); escolaridade (PRI: primário, GIN: ginásio, SEG: segundo grau) e, ao final, encontra-se o número da superlinha em que a ocorrência poderá ser localizada dentro da entrevista transcrita.

comunidade para traduzir um conjunto de valores culturais que a constituem. Assim, não só *Deus o livre e seja o que Deus quiser*, mas a crença de que *Deus dá em dobro* também pertence a esse conhecimento compartilhado. Não se trata de uma hipótese, ou de uma situação em que possa haver dúvida. Nesses casos, o uso do MS é obrigatório, pois, via de regra, não se encontra um substituto para essas ocorrências em que se possa usar o MI e que expresse o mesmo conteúdo desejado pelo falante. Talvez seja isso que leve os autores da GT a dizer que há casos em que a dependência do MS é subentendida. Todavia, defendemos que, para esses casos, a manutenção do MS se dá por outras razões.

Introduziremos, então, um conceito proposto por JENSEN (1970, p. 62-63). Ao tratar da subordinação na língua italiana, o autor se vale da denominação *barreiras de segurança* (*filets de secours*), para identificar os marcadores sintáticos de uma oração, pois, segundo ele, eles funcionam como se fossem redes de segurança. Assim, no caso do MS, as barreiras de segurança envolvidas são:

- (i) a ordem das orações (pósposição da oração subordinada à oração principal);
- (ii) o uso da conjunção (que); e
- (iii) o uso do modo subjuntivo.

Conforme observa RAIBLE (1983), valendo-se desse mesmo conceito:

Twofold and even threefold security measures are frequent in natural languages; their advantage can easily be seen: If one of the security-nets should break, the others will save what has to be saved, i. e. correct communication. (...) There are in principle, three security-nets. Should we, in one case or another, loose one of these nets, the rest will be the more necessary. If, for instance, we omit the conjunction 'que', both the postposition of the subordinate clause and subjunctive will be obligatory. (RAIBLE, 1983, p. 279)

Assim, a perda ou rompimento de uma das *barreiras*, como ocorre nas frases feitas, nos obriga a manter as outras para que seja assegurada a correta comunicação. Ora, no uso independente do MS, duas das barreiras de segurança podem ser rompidas: primeiramente a da ordem das orações, uma vez que a principal está ausente; em segundo lugar vem a presença da conjunção, justificando a manutenção do MS, como é o caso do exemplo (05) *Deus o livre*. Há, exemplos em que ocorre a ausência da oração principal, no entanto a conjunção *que* está presente, como no exemplo (02) *que aconteça, que se dane*, exigindo, assim, que a oração se construa também com o MS. Sobre esse tema, entretanto, retornaremos novamente mais adiante.

Em (08), por sua vez, a expressão de desejo se traduz em uma oração independente, não subordinada:

- (08) E: Mas a gente agradece então, tá? [a]- a tua participação, a tua colaboração com a gente, né? e a gente vai escrever este trabalho (inint).
F: **Que seja** um bom proveito pra vocês. (CTB 04 F B GIN 1523)

A frase feita pode inclusive estar reduzida a um substantivo, como demonstrado na nominalização *um Deus nos acuda* em (09):

- (09) Exato! Não, o anel central, ele está bem distribuído. Agora, quando chove, daí é [um]- **um Deus nos acuda**. (CTB 01 M A PRI 0492)

CÂMARA (1975) observa que há construções em português em que se pode expressar (por exemplo, numa comunicação isolada) conteúdo semelhante ao do MS – que é ou dependente de uma comunicação, ou está nela integrado – através do uso de MI e advérbio como em *talvez seja verdade e é talvez verdade*. Observações como essa ilustram que a escolha de um ou de outro *modo verbal* pode estar sendo condicionada pela ordem com que os termos ocorrem na oração. Alguns desses casos veremos a seguir.

A presença do advérbio *talvez*, como se observa abaixo em (10), pode determinar o uso do MS. No entanto, podemos também encontrar *talvez* acompanhado de MI, como é o caso dos exemplos (11) e (12):

- (10) E: Você acha que o prefeito está preocupado mesmo De com a natureza, o ele quer mais promoção, assim?
F: *Pois olha, **talvez** ele até **esteja** preocupado, talvez- vamos ver agora do povo se0 colaboram, ou **talvez** o povo também **esteja** cansado de colaborar, né? (est) *Porque às vezes colaboram demais, mas às vezes vêm que o negócio não (CTB 03 M A GIN 0229)
- (11) F: Veja a Dona Ada, né? Ela usa tanta babosa, ela está quase careca.
E: Nossa! É forte, né? diz que é muito [forte] (inint).
F: [Muito forte] e **talvez** ela não **sabe** destemperar, né? Agora, o que é muito bom pro cabelo é guanxuma.
E: Não sei o que que é.
F: Você vai buscar depois uma folhinha lá pra elas verem, Silvana. (CTB 14 F B PRI 0458)
- (12) Então **talvez** você **acha** estranho, né? (est) Comer comida seca com farinha (CTB 01 M A PRI 1031)

Um outro exemplo de uso do advérbio *talvez* com o MI está registrado em VIEIRA (*apud* MENON, 2006, p. 3), do *Sermão do Mandato*, pregado na Capela Real em 1645, aqui renumerado como (13):

- (13) Quatro ignorâncias podem concorrer em um amante, que diminuam muito a perfeição e merecimento do seu amor: Ou porque não conhecesse a si; ou porque não conhecesse quem amava; ou porque não conhecesse o amor; ou porque não conhece o fim onde há-de parar, amando. Se não conhecesse a si, **talvez empregaria** o seu pensamento onde o não havia pôr, se se conhecesse. Senão conhecesse a quem amava, **talvez quereria** com grandes finezas a quem havia de aborrecer, se o ignorara. Se não conhecesse o amor, **talvez se empenharia** cegamente no que não havia de empreender, se o soubera. Se não conhecesse o fim em que havia de parar, amando, **talvez chegaria** a padecer os danos a que não havia de chegar, se os previra.

A autora nos apresenta o seguinte comentário a respeito desse exemplo:

Vemos aí quatro empregos seqüenciais de *talvez* seguido não de subjuntivo, mas do condicional, ou, como hoje é chamado, em decorrência da (con) fusão da NGB, futuro do pretérito do indicativo. Ninguém teria a coragem de dizer que Vieira desconhecia a gramática da língua ou a *consecutio temporum* devida ao uso do advérbio, se esse uso (subjuntivo exclusivamente) fosse de regra na língua do seu tempo. (MENON, 2006, p. 3)

Há, contudo, um outro questionamento que gostaríamos de apresentar no que se refere ao uso dos advérbios e conjunções associados ao uso dos modos

verbais. Além dos usos de *advérbio* exemplificados (com MS e com MI), há um outro que, salvo engano, não tem merecido a atenção dos gramáticos, nem nos capítulos que tratam do modo verbal nem quando tratam especificamente das figuras de construção como a elipse e o zeugma. A questão que se coloca é a de como se deve considerar uma oração independente ou subordinada em que o verbo está ausente (acreditamos que o mesmo enfoque possa também ser levado em conta no que diz respeito às conjunções). Como tratar, afinal, exemplos como *talvez sim*, *talvez não*; *possivelmente amanhã* e *embora pequeno*, ou *embora grande*, por exemplo?

Registramos ainda alguns casos, como ilustra o exemplo (14), em que o verbo se gramaticalizou e se tornou conjunção:

(14) No extinto Mobral, né? Agente de mobilização, era a divulgação da Comissão Municipal, **ou seja**, você- Existia uma programação que vinha de Curitiba, a coordenação era de Curitiba, né? (LDN 16 M A GIN 0728)

Este tipo de ocorrência já está registrado pela GT ao classificar as conjunções (ALMEIDA, 1963; FARACO e MOURA, 1990, por exemplo). Além das explicativas, outras conjunções, que não ocorreram na amostra estudada, fazem uso desse recurso e podemos classificá-las como alternativas *seja...seja*, *quer... quer* e concessivas *seja que...seja que* (ALMEIDA 1963, p. 306, 307, 311), por exemplo.

2.2.2 O subjuntivo nas orações subordinadas substantivas

CUNHA & CINTRA (2005) observam que as *orações subordinadas substantivas* podem ser classificadas segundo o seu valor sintático, ou seja: a) *subjativas*, quando exercem a função de sujeito; b) *objetivas diretas*, quando exercem a função de objeto direto; c) *objetivas indiretas*, quando exercem a função de objeto indireto; d) *completivas nominais*, quando exercem a função de complemento nominal; e) *predicativas*, quando exercem a função de predicativo; f) *apositivas*, quando exercem a função de aposto; e g) *agentes da passiva*, quando exercem a função de agente da passiva. A seguir, apresentamos alguns desses contextos, conforme encontrados no *corpus* e cujo *locus* de ocorrência é a oração subordinada substantiva, como se pode observar nos exemplos que seguem:

a) Subjetivas:

- (15) *[4Está cumprindo4], eu acho que está cumprindo, tem o postinho também ali que pode ser que muitos **reclamem**, mas eu também não tenho o que reclamar do postinho não, (CTB 03 M A GIN 0264)

b) Objetivas diretas:

- (16) Agora é o Luís Eduardo Cheida, né? Está! Está sendo bom. Primeiro ano, né? É sempre assim, eles vão naquela- né? (est) Naquela maré mansa [e]- mas **espero que melhore mais**, (LDN 02 F A PRI 0114)

c) Objetivas indiretas:

- (17) Foi ele, as duas vezes ele que veio atrás de mim, e a segunda vez eu não queria, não queria entrar mesmo e ele veio, insisti, daí **eu pedi pra que eu não- eu não ganhasse** mas eu ganhei por unanimidade. (IRT 03 F A GIN 0489)

d) Completivas nominais:

- (18) Os acidentes você vê todo dia. *Isso acontece. *Diariamente tem acidentes aí que0 você até, às vezes, pensa: "Puxa, poderia acontecer comigo, ou algum colega, coisa e tal!" (hes) *Não aconteceu, né? (est) *Mas **a gente não está livre que aconteça com a gente**. (CTB 01 M A PRI 0550)

e) Predicativas:

- (19) *[A minha]- **a minha preocupação seria que o povo aprendesse** uma profissão, (est) seja qual for, [7que a pessoa tivesse7] uma atividade, né? (est) (PBR 16 M A GIN 0233)

f) Apositivas:

- (20) e o jovem precisa de trabalho, ele precisa aprender pra ele poder sobreviver no futuro, né? então se ele não tem chance aqui, não tem campo, eu acho isso a coisa mais normal e natural, **que ele vá procurar um campo de trabalho** onde ele vai encontrar, que tenha mais chance! (IRT08 F B PRI 0736)

Há, contudo, ocorrências em que nos deparamos com o MI, como se pode constatar em (21) e (22), em que se esperaria encontrar o MS.

- (21) (...) conseguirem mesmo, ele gastou muito. Falou que acho- **talvez daria** pra ele comprar até um carro novo, com o gasto que ele teve com esse roubo. (LDN 02 F A PRI 0646)

- (22) (...) caixinha, [da]- da caixa de bombom, né? mas não é igual aqueles outros <po-> aquele pessoal pobre que vê você, quer ficar perto, **quer que você pega** na mão, né? (est) aquele pessoal pobre parece que ele da ala lá que é INSS, INAMPS não existe mais, né? (LDN 04 F A GIN 0780)

No exemplo (21), semelhante ao de VIEIRA (13), no lugar do tempo verbal futuro do pretérito do MI *daria*, ao construirmos uma paráfrase em que haja a presença de MS, vamos empregar o imperfeito do MS *desse*. Por sua vez, em (22) em que o presente do MI *pega* aparece na subordinada, a substituição esperada é com o presente do MS *é pegue*.

Ressaltamos que a substituição do MS em alguns contextos já está apontada e prevista por CUNHA (1985, p 447-448) e em CUNHA & CINTRA (2005, p. 472). Por ora, mencionamos apenas que é possível em lugar de um MS a ocorrência de um *infinitivo*, de um *gerúndio*, de um *substantivo abstrato*, e de uma *construção elíptica*. Sobre o tema, no entanto, retornaremos quando da apresentação dos procedimentos metodológicos.

2.2.3 O subjuntivo nas orações subordinadas adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, conforme CUNHA & CINTRA (2005), são introduzidas por um pronome relativo e exercem a função de *adjunto adnominal* (aposto) de um substantivo ou pronome antecedente. Conforme observam os autores, como todo adjunto adnominal, essas orações podem depender de qualquer um dos elementos da oração: sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto ou indireto, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto ou mesmo um vocativo. Nos exemplos abaixo, apresentamos ocorrências de MS nas *subordinadas adjetivas*:

- (23) Não, qualquer motorista **que seja** profissional, ele não é barbeiro. É um pessoal que não está acostumado com o trânsito, fazer- vamos supor, você está indo na [tua] mão, liga a seta e a pessoa que vem atrás não presta atenção que você ligou a seta, que vai entrar à esquerda, coisa e tal. (CTB 01 M A PRI 0522)
- (24) Entrevistador: E daí, no caso, quando quebram telha, o senhor mesmo que tem que trocar ou o senhor pede-
Falante: Não [ele]- ele diz que manda trocar, mas eles trocam como eles querem, né? Depois quando eles vão embora, começa a chover dentro de casa e tem que arrumar uma pessoa [que]- **que conheça** o serviço. (CTB 02 M B SEG 0161)

Nos dois exemplos, os sujeitos com os quais o MS se relaciona são sujeitos indeterminados e o modo verbal serve para expressar contextos desejáveis, ou seja, por mais que se tenha em mente e se descreva quem são ou como deveriam ser as pessoas de que se fala, o uso do MS não nos remete a um sujeito específico, determinado.

Assim, a ocorrência do MS nas *subordinadas adjetivas* está ligada à postura de como o falante encara o fato ou objeto a que se refere, ou seja, a modalidade. O esperado é que, em se tratando de um fato não determinado, ou desejável, ou em que se trate de um contexto *irrealis*, o falante faça uso do MS.

No que se refere aos contextos *realis* e *irrealis*, a posição adotada inicialmente em nosso trabalho é a que é apresentada por PIMPÃO (1999) que adota uma concepção funcional de modalidade:

A asserção do *realis* tem a propriedade de asserir fortemente a proposição como verdadeira. Mesmo que o ouvinte desafie a veracidade do conteúdo proposicional, o falante possui evidências para defender sua forte crença. Em contrapartida, na asserção do *irrealis* a proposição é fracamente asserida e o falante não possui evidências para defender a informação proposicional, seja essa por ser possível, incerta, seja por ser desejada. (PIMPÃO, 1999, p.53).

Sobre esta questão da modalidade, contudo, a posição a ser adotada em nosso trabalho será exposta quando da discussão da *metodologia*.

2.2.4 O subjuntivo nas orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais, conforme nos apresenta CUNHA & CINTRA (2005, p. 604), “funcionam como adjunto adverbial” de outras orações e classificam-se de acordo com a circunstância que exprimem. Entretanto, essa definição apresentada pelos autores não se aplica somente às adverbiais, podendo estender-se também as outras orações subordinadas. Segundo as conjunções ou locuções conjuntivas que encabeçam as orações subordinadas adverbiais, elas podem ser assim classificadas: a) *causais*, se a conjunção é subordinativa causal; b) *concessivas*, se a conjunção é subordinativa concessiva; c) *condicionais*, se a conjunção é subordinativa condicional; d) *finais*, se a conjunção é subordinativa final; e) *temporais*, se a conjunção é subordinativa temporal; f) *consecutivas*, se a conjunção é subordinativa consecutiva; g) *comparativas*, se a conjunção é subordinativa comparativa; h) *conformativas*, se a conjunção é subordinativa conformativa; e i) *proporcionais*, se a conjunção é subordinativa proporcional.

As adverbiais, assim como as substantivas e as adjetivas, podem referir-se a fatos ou situações desejáveis, hipotéticas, ou mesmo irreais e, para tanto, fazer uso do MS. Há ocorrências, como veremos adiante, que nem sempre propiciam a ocorrência do MS. As condicionais, por exemplo, podem tratar de fatos presentes, passados, futuros ou mesmo improváveis. As concessivas, por sua vez, *trazem circunstâncias contrárias, mas não impeditivas do que se afirma na subordinante que, pelo contraste, fica até reforçado* (SEQUEIRA, 1938, p. 284 *apud* SANTOS, 2003, p 182-183). MENON (2006), apresenta uma série de exemplos com a conjunção *ainda que* nos quais se pode observar a alternância entre o MI e o MS. A autora nos chama a atenção para a observação feitas por SANTOS (2003, p. 183) de que “o uso do «indicativo» é hoje sistematicamente corrigido, não surgindo nas gramáticas mais recentes”.

Os exemplos (25), (26) e (27), retirados de nosso *corpus*, apresentam as conjunções *desde que* (condicional/temporal) e *embora* (concessiva) em algumas ocorrências em que há o uso do MS nas *orações subordinadas adverbiais*.

- (25) É, então isso aí facilitou, porque muita gente pudesse ser atendido em qualquer parte, em qualquer hospital **desde que tenha convênio**. Então, a gente não tem [visto] queixas, não tem ouvido queixa nenhuma não. (CTB 05 M A SEG 0528)
- (26) E mesmo [<e->]- **embora que você ache** que vai comer frutas, verduras, [vai]- [<ve->] vem tudo cheia de venenos, né? Tomate eles põem veneno, né? A água quanto cloro eles põem. (CTB 10 F A PRI 1412)
- (27) Ah! se [<enfro->]- estudar leis como eu estudei bastante, que vivia em cima [de]- de livros e revistas e IOB e outras coisas pra poder se enfrontar com o novo sistema. **Embora eu fosse** estatutário, mas eu estava dirigindo <pezzo-> o setor CLT, criando. Então, toda uma vida diferente pro funcionário, né? (CTB 15 M B GIN 0517)

Nos exemplos (28) e (29), as ocorrências com a conjunção *quando* (temporais), ilustram exemplos de suposições em que os falantes podem se valer ora do MS, ora do MI.

- (28) EPICAR [é]- é, vamos supor, [é]- é uma escola militar, vamos supor que [quando ele]- quando ele, vamos supor, no caso **quando ele tiver** dezoito anos, **quando ele entrar no quartel**, ele não entra daí [como]- como recruta, como soldado, entende como? (CTB 18 F A SEG 0251)
- (29) Porque quem não prepara os exercícios, [que]- à noite ou na hora- que prefere brincar, aí, **quando chega a hora** [da]- da prova, eles [não]- não sabem nada e passam [tudo] naquela ("cola"). (CTB 06 F B SEG 0125)

Nos exemplos abaixo, de *orações condicionais*, encontramos em (30), seguindo a conjunção *se*, a presença do MS; entretanto, onde deveria ocorrer *futuro do pretérito* (*tiraria, saciaria, ficariam*), ou mesmo *imperfeito do subjuntivo* (*tirasse, saciasse, ficassem*), encontramos o *imperfeito* do MI (*tirava, saciava, ficavam*). Observe-se, ainda, que há a presença do advérbio *talvez* antes de *tirava, saciava*.

- (30) Será que **se** o governo **fizesse** mais assim, tipo [de um]- uma escola grande, e desse trabalho pra eles, né? É, pois **talvez tirava- saciava** a fome deles e eles não **ficavam** assim, (inint) fazendo assim assalto, roubando, matando, né?(CTB 10 F A PRI 0885)

Em (31), por sua vez, há uma suposição que se expressa por meio de uma indeterminação e que, nesse caso, se faz acompanhar do MI:

- (31) Se você fez coisas bárbaras aqui [você]- você não tem condições de estar no mesmo mundo, sabe? que tem [uma]- uma parábola do Evangelho que diz [é]-: "Existem várias moradas na casa de meu pai.", sabe? e é nisso que eu acredito, **que se eu sou um assassino**, um bandido, puta! deitei e rolei, pinteí o sete aqui, puta! eu não posso passar pra uma outra fase, sabe? [de]- [de]- de vida [que o]- como tipo Irmã Dulce, sabe? (CTB 09 M A GIN 0500)

O esperado seria encontrarmos em vez de *que se eu sou um assassino*, no MI, *que se eu fosse um assassino*, com o MS. A justificativa, como mencionado anteriormente é que o *eu* em *que se eu sou um assassino* não se refere ao falante, mas a uma generalização e, portanto, trata-se de uma indeterminação. Ao se expressar dessa maneira, o falante não está narrando um evento que ele tenha vivenciado, quer dizer, não está falando dele mesmo, mas se referindo a qualquer pessoa que esteja em uma situação semelhante a que ele acabou de apresentar.

Procuramos, ao apresentar nosso objeto de estudo, ilustrar, com alguns exemplos retirados de nosso *corpus*, as ocorrências que podem apresentar o uso de MS e alguns casos que admitem o MI. A continuação do trabalho e a análise dos dados terão também por objetivo identificar as estruturas em que ocorre o MS e quais favorecem o uso de MI.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo tem por objetivo tecer um quadro com os diversos estudos que tratam do MS. Como mencionamos no capítulo anterior, além da visão apresentada pela GT, serão apresentados os estudos semânticos que tratam da questão da modalidade e seus desdobramentos sobre o modo verbal e os estudos descritivos que tratam do MS no português do Brasil, bem como estudos de outras línguas.

3.1 A GRAMÁTICA TRADICINAL E O MODO SUBJUNTIVO

De maneira geral, a compreensão do que são os modos verbais e o tratamento dispensado, em especial, ao MI e MS está presente em todas as obras que consultamos. Assim, as observações que apresentamos a respeito dos *modos verbais* são compostas a partir das obras de diversos autores.

PEREIRA (1943) afirma que há cinco modos verbais: *indicativo*, *condicional*, *imperativo*, *conjuntivo* ou *subjuntivo*, e *infinitivo* ou *infinito*. O autor considera que o MI é o modo da expressão da *realidade*, enunciando o fato verbal de *modo* positivo e categórico. O MS, por sua vez, enuncia o fato verbal subordinando-o *a algum verbo a que se junta para formar um sentido perfeito* (PEREIRA, 1943, p. 114) e é empregado quando o fato é *duvidoso* ou *indeterminado*. Além disso, quando se tratar de negativa no *imperativo*, o modo imperativo será substituído pelo subjuntivo.

O autor chama a atenção para o fato de que o MS pode também vir nas orações isoladas para exprimir *desejo*, *dúvida* e *concessão*. Nesse mesmo parágrafo esclarece em nota que o “advérbio *talvez*, precedendo ao verbo, pede o *subjuntivo* e, posposto, o *indicativo*” (PEREIRA, 1943, p. 339), como ilustram os exemplos (32) 3 (33):

(32) *Talvez* seja isso exato.

(33) Isso é *talvez* exato.

No mesmo sentido encontramos observação feita em ALMEIDA (1963, p. 281), em que o autor também chama a atenção para o fato de o advérbio *talvez* “exigir subjuntivo quando precedendo o verbo”, como em “*talvez haja* conveniência” e que quando posposto “deixa o verbo no indicativo”, como no exemplo “*Há talvez* conveniência”. Contudo, não encontramos nesses dois autores nem um outro argumento, além da suposta influência da ordem (preposição ou posposição do advérbio) que justifiquem a adoção de um ou de outro modo verbal.

Além disso, ao examinarmos os exemplos desses autores, podemos nos questionar também sobre os contextos em que o advérbio está incidindo e substituí-lo, no caso de uso do MI, por outros advérbios. Assim, além de *talvez*, no exemplo (33), podemos nos valer de *mais*, *menos*, *quase*, *pouco*, *muito* e teríamos contextos tais como *mais exato*, *menos exato*, *quase exato*, *pouco exato*, ou *muita conveniência*, *pouco conveniência*, como ilustram os exemplos de (34) a (37).

(34) Isso é *mais* exato.

(35) Isso é *menos* exato.

(36) Isso é *quase* exato.

(37) Isso é *pouco* exato.

SAID ALI (1964, p. 324), ao tratar do emprego dos modos *indicativo* e *conjuntivo* no português, observa que a terminologia adotada não corresponde efetivamente ao uso dos modos, pois tanto *subjuntivo* quanto *conjuntivo* remetem à idéia de subordinação; contudo, nos chama a atenção para o fato de que o MS pode ser empregado também em orações principais e, da mesma forma, o MI pode e, em alguns casos, deve ser empregado em orações subordinadas. Essas observações de SAID ALI (1964) somente reforçam a idéia de que uma definição calcada no critério sintático não consegue abarcar todos os usos dos modos verbais.

Para o autor, não é suficiente afirmar ainda que o MI é o modo pelo qual se enuncia *a certeza ou realidade do fato*, e que o MS seja o seu *pólo contrário*, isto é, o modo da *irrealidade*, da *dúvida* ou da *incerteza*, pois isso não é suficiente para definir o emprego do MS, uma vez que se trata de um problema complexo. SAID ALI (1964) propõe que não se insista em classificar o SUBJUNTIVO como *volitivo*, *potencial*, *optativo*, *deliberativo*, *concessivo*, *prospectivo*, *hortativo* etc., uma vez que *não há limites seguros que separem* uma categoria da outra, mas que se tente enquadrar todas essas categorias em apenas duas ou três classes gerais. Apesar dessa observação, no entanto, o autor faz menção a apenas uma classe em que o MS é de imediato reconhecido expressando o *desejo*, a *aspiração*, e que se encontra presente nas orações *optativas*, como no exemplo (38):

(38) **Prouvesse** a Deus! (SAID ALI, 1964, p. 324)

Apesar de indicar a variação entre os MI e MS em diversas orações subordinadas e tentar traçar a diferenciação de uso em alguns contextos, o autor nos fornece uma gama de exemplos cujas soluções se aplicam caso a caso –

portanto, pouco sistemáticas – e, na maioria das vezes, recorrendo à definição dos modos em termos da dicotomia *real* (MI) *versus* *irreal* (MS), como ilustra o exemplo dado na definição do modo a ser utilizado na oração completiva do verbo *esperar*. Para o autor, o tempo verbal *futuro* do MI deve ser usado se a realização do fato for *tida como certa* e o uso do MS deve servir para aqueles casos em que o fato for duvidoso ou represente mera aspiração (SAID ALI, 1964, p. 333):

Esperar pede o conjuntivo se o fato a cumprir-se é muito duvidoso ou representa mera aspiração; mas vira o segundo verbo no futuro de indicativo se a realização do fato é tida como certa:

Espero que não hey de enfastiar. (Vieira. Serm. 8, 159)

Do religioso pode-se **esperar que faça** bom hum homem. (ib. 8, 492)

Sobre a expressão do futuro, MENON (2006, p. 4) ressalta que “os tempos do subjuntivo, remetendo a algo ainda não realizado serviriam também para expressar o futuro” e nos apresenta o seguinte exemplo (Frei Gaspar da Madre de Deus, 1954, p. 148 *apud* MENON, 2006):

(39) Consta mais do próprio documento que os franceses permaneceriam em Pernambuco e nada se tinha executado contra eles até a hora em que D. João III assignou a sua Carta, como prova a seguinte cláusula dela:

“O que Eu tenho mandado, que se n’isso **faça**, mandei ao Conde, que vollo escrevesse, para serdes informado de tudo, e que passa, e se **ha de fazer**.”

Faça e *se há de fazer* são verbos de futuro: indicam ação vindoura e não pretérita, em cujos termos fica demonstrado que Pedro Lopes ainda não tinha feito hostilidade alguma aos franceses: se os expulsou de Itamaracá, seria depois de voltar para o Reino.

Para a autora, esse exemplo atesta o uso do MS como instrumento de expressão do futuro e, ao mesmo tempo, questiona a definição apresentada por PEREIRA (1958, p. 343) de que o MI “exprime de modo real e categórico o fato *verbal*” (e que pode ser estendida a outros autores):

Mas essa atestação também desmente o fato de o indicativo sempre informar a certeza, o real: como o futuro (*se ha de fazer*) não pode ser provado ou contestado, como ele pode ser categórico, conforme a definição de Pereira? (MENON 2006, p. 4)

SAID ALI (1964) não faz ressalva e nem parece considerar o fato de o *futuro do indicativo* relacionar-se a um fato remoto e que, por isso, também pode expressar uma dúvida ou uma possibilidade. Além disso, os exemplos apresentados (citações de Alexandre Herculano, Gil Vicente e Padre Antonio Vieira, por exemplo), são retirados de diferentes períodos da língua portuguesa e se prestam para ilustrar que variação sempre houve no que se refere ao uso dos MI e MS; contudo, a apresentação dos exemplos não nos fornece explicações que nos ajudem a esclarecer o funcionamento e o uso desses modos verbais.

Das observações feitas por SAID ALI (1964) sobre o uso do MS, destacamos, ainda, pelo menos duas. A primeira delas, ilustrada no exemplo (40), apresenta uma oração *concessiva* em que há a ocorrência da conjunção *que*. O autor nos chama a atenção para o fato de que nesse exemplo devemos observar que se dá preferência ao que ele denomina de *construção inversa*, ou seja, a oração é iniciada por *um termo predicativo* ou *complemento* precedendo a conjunção *que*:

(40) “Cinco contos *que fossem*, era um arranjo menor, e antes menor do que nada.” (SAID ALI, 1964, p. 140).

O segundo caso mencionado pelo autor diz respeito às orações *comparativas*, em que a comparação se dá em relação a um fato inexistente, empregando-se *como se*:

(41) “Fazem da razão uma ciência imensa, *como se* fosse necessário arte para conhecer o sol.” (SAID ALI, 1964, p. 145).

Sobre o uso do MS quando em orações *comparativas* iniciadas por *como se*, encontramos também nota em CUNHA & CINTRA (2005, p. 471).

DIAS (1970) afirma que o MI é empregado *em todas as orações para as quais não há regra que exija outro modo* (DIAS, 1970, p. 183). No que se refere ao *conjuntivo*, menciona dois usos distintos: nas orações *principais* e nas *subordinadas*.

Nas orações principais, o MS (*conjuntivo*) faz as vezes do *imperativo afirmativo*, bem como nas *proibições*. Outro uso apontado pelo autor é o da expressão do desejo, destacando os casos das *expressões optativas (conjuntivo optativo)*, geralmente ocorrendo na 3.^a pessoa e em frases estereotipadas como *queira Deus*, por exemplo.

Outro uso mencionado por DIAS (1970), e que merece destaque, é o que aparece tanto com o *conjuntivo* quanto com o MI nas orações em que ocorre *talvez* e *quiçá*, que ele denomina de *conjuntivo potencial*. O exemplo que o autor nos oferece, reproduzido em (42), ilustra a questão envolvendo o advérbio *talvez* e o uso dos modos verbais:

- (42) “no mundo todo **talvez não se ache** um paiz onde.. se encontrem tam villans, tam ridiculas, e absurdas construcções públicas como essas todas que ha um século se fazem em Portugal (Garret, Viag., 180). **Talvez foi elle** | O primeiro cantor que .. / Soube entoar melodioso um hymno (Herc. Pões. Pg.23)”. (DIAS, 1970, p. 201)

Quando o MS (*conjuntivo*) ocorre nas orações subordinadas, o autor não lhe atribui um valor específico, mas apresenta exemplos de verbos agrupados por campo semântico, com os quais o modo verbal é utilizado, bem como os contextos em que também há ocorrência do MI, como com os verbos *esperar*, *pensar* e *saber*, por exemplo.

3.1.1 A gramática normativa pós-NGB

As observações a respeito do uso do MS são bastante semelhantes e diferem pouco entre si nas diversas obras consultadas, de tal modo que poderão ser encontradas em outros autores da GT, como ALMEIDA (1963), BECHARA (1979), CEGALLA (1965) ROCHA-LIMA (1960), por exemplo, nos capítulos em que se menciona o uso do MS, sempre atribuindo *dúvida*, *incerteza* ou mesmo representando um fato *irreal* ou *hipotético*. Por essa razão, deixaremos de apresentá-los.

A fim de registrarmos o tratamento dado ao MS pela GT contemporânea, tomaremos como referência as observações feitas por CUNHA & CINTRA (2005)², no que se referem aos usos e formas dos modos verbais.

CUNHA & CINTRA (2005) mantêm postura idêntica à de outros autores ao defender a posição de ser o *indicativo* o modo de que nos servimos quando

consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja passado, seja no futuro. Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual* ou mesmo *irreal*. (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 465).

Esses autores observam que o MS é exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à idéia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição, expressas através dos verbos *desejar*, *duvidar*, *implorar*, *lamentar*, *negar*, *ordenar*, *pedir*, *proibir*, *querer*, *rogar* e *suplicar*, por exemplo, sendo que o seu emprego normal se dá nas orações subordinadas, uma

² O conteúdo e a disposição das informações a respeito do MS encontradas em (CUNHA & CINTRA (2005) estão muito próximas às que constam em CUNHA (1985). Por esta razão optamos por apresentar a obra mais recente. Contudo, quando se fizer necessário, mencionaremos a obra de CUNHA (1985).

vez que o MS indica que uma ação é *concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida*. (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 466)

Os autores afirmam, no entanto, que o uso do MS pode envolver, no que se refere às orações absolutas, a ação verbal de um *matiz afetivo*, expressando, dessa maneira, a vontade do indivíduo que fala. Quanto ao emprego, o MS pode ser *independente* (nas orações absolutas, principais e coordenadas) ou *subordinado*.

Ao compararmos as obras de CUNHA (1985) e CUNHA & CINTRA (2005), constatamos que elas em muito pouco diferem no tratamento dispensado ao modo verbal. As maiores diferenças ficam por conta, principalmente, dos exemplos apresentados. Assim, os autores ao tratarem dos modos verbais mencionam o emprego do *subjuntivo independente* para expressar:

- a) *um desejo, um anelo;*
- b) *uma hipótese, uma concessão;*
- c) *uma dúvida;*
- d) *uma ordem, uma proibição e*
- e) *uma exclamação denotadora de indignação.*

A classificação apresentada, como já fizemos menção, à exceção dos exemplos, é a mesma que encontrada em CUNHA (1985):

- a) para expressar *um desejo, um anelo*:

(43) “Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!” (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 466).

b) para expressar *uma hipótese, uma concessão*:

(44) “Que a tua música **seja** o ritmo de uma conquista!” (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 466).

c) para expressar *uma dúvida*:

(45) “Paula talvez lhe **telefonasse** à noite.” (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 467).

d) para expressar *uma ordem, uma proibição*:

(46) “Que não se **apegue** este lume!” (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 467).

e) para expressar *uma exclamação denotadora de indignação*:

(47) “– Diabos te **levem!**” (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 466).

Quanto ao emprego do MS para expressar *dúvida*, no exemplo (45), os autores acrescentam a observação de que esse modo verbal vem “geralmente precedido do advérbio *talvez*” (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 467). Contudo, no que se refere à ordem e ao fato de o advérbio *talvez* poder influenciar na escolha dos modos verbais, não encontramos nenhuma menção por parte dos autores.

Os outros exemplos apresentados de uso independente do *subjuntivo independente* (43), (44), (46) e (47), salvo engano, poderiam ser todos classificados sob a mesma denominação, uma vez que são usados para expressar *volição*. Dado que não temos um contexto acompanhando os exemplos, os autores os diferenciam sugerindo os contextos em que poderiam ser utilizados.

Ao final da seção sobre o *subjuntivo independente*, os autores apresentam duas observações. Uma delas diz respeito à exclamação *viva!* que é um antigo subjuntivo que concordava sempre com o sujeito, mas que hoje é facultativa, de maneira que tanto se pode dizer *viva os heróis!* ou *vivam os heróis!*. No entanto, não fazem referência ao fato dessa expressão já estar gramaticalizada e de ser usada como interjeição.

A outra observação diz respeito ao *que* presente no início de alguns dos exemplos apresentados:

Vemos que estas orações geralmente se iniciam por *que*, partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo. (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 467)

Claro está que os autores, de fato, têm dificuldade em classificar o *que*, ora como *partícula*, ora como *prefixo*, ora como expressão de valor mais *afetivo* do que *lógico* e, no entanto, sem contribuir efetivamente para o entendimento do papel da conjunção nesses contextos. Além do *valor afetivo*, pode-se alegar que o *que* tem a função de acentuar a ênfase dada pelo falante. Uma outra possibilidade seria a de considerar o *que* resíduo do apagamento da oração principal. Como mencionamos no capítulo anterior, ao citar os trabalhos de JENSEN (1970) e o de RAIBLE (1985), a presença do *que* pode ser também associada ao rompimento das *barreiras de segurança*, ou seja, na ausência da oração principal, a fim de garantirmos que a comunicação se efetive, somos obrigados a manter as outras duas redes: a conjunção *que* e o MS.

Além do subjuntivo independente, CUNHA & CINTRA (2005) observam que o MS ocorre também nas orações *subordinadas substantivas*, nas *subordinadas adjetivas* e nas *adverbiais*. No que se refere às *subordinadas*

substantivas, não há menção, por parte dos autores, de um valor semântico específico identificado nessas orações, a não ser *dependente do verbo da oração principal*. Sobre as *adverbiais*, afirmam que o MS também não tem um valor próprio, pois se presta a ser um *mero instrumento sintático regulado por certas conjunções* (CUNHA & CINTRA, 2005, p. 470) que acabam condicionando o emprego do modo verbal, pois algumas dessas conjunções exigem a presença de MI e outras o MS. Além disso, há conjunções, como é o caso das condicionais, que podem ocorrer tanto com MI ou com MS.

Quanto ao emprego do modo verbal nas *orações adjetivas*, os autores observam que o MS ocorre nas orações que exprimem:

a) *um fim que se pretende alcançar*

(48) “Humana, a mulher, a companheira tentava chamá-lo a uma realidade que **reanimasse** fogueiras mortas, sonhos desfeitos.” (M. Torga. NCM, apud CUNHA & CINTRA, 2005, p. 469)

b) *um fato improvável*

(49) “Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o **convencesse** a voltar lá.” (A. Bessa Luís, AM, 139, apud CUNHA & CINTRA, 2005, p. 469)

c) *uma hipótese*

(50) “Então, não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?” (J. Lins do Rego, FM, 159 apud CUNHA & CINTRA, 2005, p. 469)

Certamente, não é somente o uso do recurso da *oração adjetiva* que serve pra dar expressão ao *fim que se pretende alcançar*, ao *fato improvável* e à *hipótese* adjetiva. Nesses casos, de qualquer maneira, podemos nos referir a algo não-real ou não-determinado ou mesmo remoto, afastado da realidade em que nos inserimos.

Ao tratar dos tempos do MS, CUNHA & CINTRA (2005) observam que as noções temporais desse modo verbal não são precisas como as do MI. Além dos tempos simples *presente*, *pretérito imperfeito* e *futuro*, apresentam os tempos compostos *futuro*, *pretérito perfeito* e o *mais-que-perfeito*. O objetivo dos autores é apresentar, através de exemplos, as aplicações possíveis dadas aos tempos verbais do MS e nenhuma nova análise ou reflexão é acrescentada.

Além dos tópicos acima apresentados, em CUNHA & CINTRA (2005), bem como em CUNHA (1985), encontramos uma seção dedicada às construções que substituem o MS. Para os autores, as construções que podem ocupar o lugar e substituir o MS são o *infinitivo*, o *gerúndio*, o *substantivo abstrato* e a *construção elíptica*.

Em razão de a definição das construções que substituem o MS estar diretamente ligada à escolha de quais dados compõem nossa pesquisa e quais são deixados de lado, optamos, por razões metodológicas, por apresentar e discutir os exemplos dessas construções no capítulo dedicado à composição do *corpus*, isto é, na discussão dos procedimentos metodológicos.

3.2 O ENFOQUE SEMÂNTICO SOBRE O MODO E A MODALIDADE

O objetivo desta seção é apresentar subsídios que, enquanto ferramenta de trabalho, nos ajudem – se não a solucionar algumas das principais questões com que vamos nos deparar – pelo menos a indicar alguns caminhos a serem trilhados na condução da pesquisa e na avaliação dos dados. Não apresentaremos, portanto, o tratamento formal dado à modalidade, mas os conceitos que nos levem a entender os dados que compõem nosso *corpus*, bem como a descrevê-lo.

Seguindo essa orientação, é necessário que tenhamos uma noção de alguns dos princípios que orientam a discussão envolvendo o modo e a modalidade e, para que isso seja possível, retomaremos alguns dos principais tópicos dessa questão.

Um dos autores que tratam desse tema é LYONS (1977, p. 442). O autor nos apresenta três categorias de entidades que compõem as realidades humanas, assim definidas:

- a) As entidades de primeira ordem (os objetos concretos: pessoas animais e coisas);
- b) As de segunda ordem (eventos, processos, estados de coisas etc., que se situam no tempo); e
- c) As de terceira ordem (que estão fora do tempo e do espaço).

A distinção feita corresponde à visão tradicional que distingue entidades concretas e abstratas.

Para que possamos entender como essas categorias se relacionam ao modo e à modalidade é preciso que situemos o autor dentro da tradição dos estudos que tratam do tema. Assim, BLÜHDORN & EVANGELISTA (2000), ao tratarem da modalidade, ressaltam o fato de que o autor pertence a uma visão anglo-saxã e que essa visão pode ser assim resumida: modalidade *alética* (ou lógica), *deôntica* (ou ética) e *epistêmica* (ou cognitiva). Nessa perspectiva, apresentam a seguinte definição de modalidade:

Na bibliografia anglo-saxã e alemã é comum definir elementos modais semanticamente como operadores lógicos que operam sobre predicados (cf., p.ex. CALBERT 1975, ÖHLSCHLÄGER 1989). FILLMORE (1968), em sua gramática de casos, separa a sentença em dois componentes: proposição e modalidade. A última associa-se particularmente à função ilocutória da sentença. (BLÜHDORN & EVANGELISTA, 2000, p. 3)³

As autoras esclarecem, contudo, que sua posição é bastante diferente, pois entendem modalidade *como um conjunto de relações entre proposições e enunciações*. Sugerem, a fim de dar conta da modalidade, que se acrescente à classificação de LYONS (1977) – que nos apresenta as três categorias de entidades que compõem as realidades humanas – uma *entidade de quarta ordem*, ou seja, elas sugerem que se acrescente a categoria das *enunciações*, a qual deve compreender as modalidades *deôntica* e *epistêmica*.

Uma das discussões que gostaríamos de apresentar, antes de prosseguir, conforme OLIVEIRA (2001), é a que trata da *semântica verifuncional*, isto é:

Uma teoria semântica está ancorada, segundo a Semântica Verifuncional, na relação entre a linguagem e aquilo que não é linguagem, o mundo. Um nome próprio, por exemplo, tem significado quando conseguimos alcançar, através de seu sentido, um objeto no mundo. O significado de uma sentença é descrito, na abordagem verifuncional, como sendo as condições em que ela é empregada verdadeiramente: a sentença ‘a neve branca’ é verdadeira em PB se a neve é branca. (OLIVEIRA, 2001, p. 94)

³ As autoras, ao nos apresentarem a distinção entre proposição e modalidade, buscam, desta maneira, a distinção feita por SEARLE (1969), em que esse autor relaciona a representação de uma *referência* e de uma *predicação* ao *conteúdo proposicional* de uma oração. A função *ilocutória* da oração está relacionada a *intenção comunicativa*. O objetivo é distinguir *o que foi dito* da *intenção comunicativa com que foi dito*.

A autora nos esclarece que nem todas as abordagens semânticas aceitam que uma teoria do significado dependa do conceito de verdade, ou seja, não seria necessário cotejarmos sentenças e estados do mundo.

Ela observa, ainda, ao caracterizar a abordagem verifuncional, que:

A intuição básica deste tipo de semântica é de que, ao usarmos a linguagem, falamos sobre o mundo (entendido num sentido amplo: o mundo da ficção, o mundo dos sonhos, ...), e que as palavras e sentenças ganham sentido nessa relação. Como dissemos, semânticas que adotam essa perspectiva são chamadas verifuncionais, porque entendem que o significado é uma função do conceito de verdade: uma sentença é verdadeira ou falsa com relação a um estado do mundo. (OLIVEIRA, 2001, p. 96)

A autora nos chama a atenção a respeito da tarefa da semântica, cujo papel, enquanto teoria, não é o de dizer se uma sentença é simplesmente verdadeira ou falsa, mas *estabelecer em que condições uma sentença é verdadeira ou falsa* (OLIVEIRA, 2001, p. 96). Como exemplo ela nos apresenta a sentença *está chovendo*, que só pode ser verdadeira se, no momento em que for proferida, estiver chovendo. Assim, a autora nos esclarece que saber se a sentença *está chovendo* é verdadeira, significa *saber em que condições seu uso seria avaliado como verdadeiro*, ou seja, primeiro precisamos saber quais são as condições de uso em que a sentença *está chovendo* seria verdadeira, e em seguida, verificar se alguma ou algumas dessas condições de uso são satisfeitas.

Como nosso objetivo não é o de discutir uma teoria semântica específica, e sim nos apropriarmos daquilo que possa subsidiar as reflexões a respeito do modo verbal e das orações subordinadas, é necessário que justifiquemos a razão de se trazer para a discussão essa teoria.

Nesse sentido, é importante recuperar que essa discussão a respeito do *significado* que envolve não só o significado das palavras, mas também das sentenças, bem como o *sentido* e a *referência*, cujo principal expoente foi o lógico alemão Gottlob Frege.

Uma vez que compreender o valor de verdade nas orações subordinadas é importante para a fundamentação teórica de nosso trabalho, retomaremos aqui alguns dos principais conceitos, oriundos dessa discussão.

FREGE (1978), em *Sobre o sentido e a referência* observa que um sinal ou nome (combinação de letras, palavras) designa algo no mundo (um objeto), que é a sua referência. Contudo, uma referência pode ter mais de um sinal, uma vez que um mesmo objeto pode ser designado por diferentes nomes. E nos esclarece:

A conexão regular entre o sinal, seu sentido e sua referência é de tal modo que ao sinal corresponde um sentido determinado e ao sentido, por sua vez, corresponde uma referência determinada, enquanto que a uma referência (a um objeto) não deve pertencer apenas um único sinal. O mesmo sentido tem diferentes expressões em diferentes linguagens, ou até mesmo na mesma linguagem. É verdade que exceções a essa regra ocorrem. Certamente deveria corresponder, a cada expressão, que pertença a uma totalidade perfeita de sinais, um sentido determinado; mas, freqüentemente, as linguagens naturais não satisfazem a essa exigência e deve-se ficar satisfeito se a mesma palavra tiver sempre o mesmo sentido num mesmo contexto. (FREGE, 1978, p. 63)

Entendendo que ao *sinal* (nome) corresponde uma *referência* (objeto), resta entender o que é o *sentido*. Uma vez que os sinais indicam objetos no mundo, essa indicação faz com que possamos chegar a esses objetos. Assim,

Uma mesma referência pode, pois, ser alcançada por diferentes sentidos. Quando descobrimos um novo sentido para uma referência, aprendemos algo novo sobre um objeto no mundo, porque sabemos como chegar a ele por um novo caminho. O sentido é, pois, o caminho que nos leva à referência. É muito comum vermos crianças nos primeiros anos de escolaridade ficarem entusiasmadas quando descobrem que podem alcançar o número 2, por exemplo, diferentes sentidos: $1 + 1$, $3 - 1$, 2×1 , II, ... (OLIVEIRA, 2001, p. 102)

Uma vez que o tema de nosso trabalho vai tratar não com objetos, mas com sentenças, nos interessa ver qual é a relação entre aquilo que se afirma a respeito dos objetos e as orações propriamente ditas. Assim, *sinal*, *sentido* e *referência* podem ser também utilizados para se referir a sentenças simples e a sentenças complexas.

A discussão feita por FREGE (1978), *grosso modo*, pode ser assim resumida:

- (i) Correspondendo ao *sinal* temos a sentença ou oração,
- (ii) Ao *sentido*, o pensamento por ela expresso, e
- (iii) À referência corresponde, por sua vez, o valor de verdade dessa sentença.

Partindo desses conceitos, o autor propõe então que:

Somos assim levados a reconhecer o *valor de verdade* de uma sentença como sendo sua referência. Entendo por valor de verdade de uma sentença a circunstância de ela ser verdadeira ou falsa. Não há outros valores de verdade. Por brevidade, chamo a um de o verdadeiro e a outro de o falso. Toda sentença assertiva, em face à referência de suas palavras, deve ser, por conseguinte, considerada como um nome próprio, e sua referência, se tiver uma, é ou o verdadeiro ou o falso. (FREGE, 1978, p. 69)

Seguindo essa linha de raciocínio, somos levados a questionar o tratamento a ser dado às sentenças subordinadas. O autor observa que elas ocorrem como partes de uma frase e que, do ponto de vista lógico, são, portanto, também independentes enquanto sentenças. Ressalta ainda que os gramáticos consideram as sentenças subordinadas como parte de sentenças e por isso as dividem em substantivas, adjetivas e adverbiais e que essa classificação pode levar à conclusão de que uma oração subordinada *não é um valor de verdade*,

mas uma parte dele, ou seja, que essas orações se referem a um adjetivo ou substantivo ou advérbio e assim, conseqüentemente, somente a uma parte do pensamento. O questionamento, então, que o autor nos apresenta, diz respeito a *se também é válido que as referências das sentenças subordinadas sejam valores de verdade*. (FREGE, 1978, p. 71)

A essa questão o autor responde, após examinar os casos das orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais finais) cujo sentido da sentença subordinada não é um pensamento independente. Após a discussão dos casos mais simples ele conclui:

A sentença subordinada tem, habitualmente, como sentido, não um pensamento, mas apenas uma parte de pensamento, e conseqüentemente, nenhum valor de verdade como referência. A razão disto é que, ou bem as palavras da sentença subordinada têm uma referência indireta, de modo que a referência da subordinada, e não o seu sentido, constitui um pensamento, ou bem a sentença subordinada, por conter um indicador indefinido, é incompleta e só exprime um pensamento quando justaposta à sentença principal. (FREGE, 1978, p. 81)

Nossa reflexão, com base nos estudos desse autor, visou retomar o pensamento de FREGE (1978) até quando afirma que as subordinadas não têm *habitualmente* nenhum valor de verdade, uma vez que só expressam parte de um pensamento. Nossa compreensão foi a de que *habitualmente* pode significar *a maioria* dos casos e, portanto, os mais comuns. O autor chama a atenção, ainda, para o fato de que a sentença subordinada pode representar um pensamento completo e que essa oração pode ser substituída por outra sentença de igual valor, sem que isso afete o valor de verdade do todo.

Considerar a dificuldade de se determinar o valor de verdade das orações subordinadas, significa dizer que não está em questão se essas orações têm em suas construções o MI ou o MS, pois isso não é importante e só reforça o

papel do modo verbal enquanto marcador formal. Assim, há a possibilidade de se substituir uma oração por outra de igual valor, ou seja, que não altere o valor de verdade do todo. A esses casos, os semanticistas denominam contexto *extensional*⁴. Há, contudo casos em que não se pode substituir uma oração por outra sem que o valor de verdade seja alterado:

Experimente substituir ‘acreditar’ por ‘saber’, ‘querer’, ‘dizer’, ‘pensar’, ‘achar’ ... Em contextos intensionais, só é possível substituir se mantivermos o que Frege denominou de referência indireta, isto é, o sentido das palavras. É por isso, aliás que esses casos são chamados de intensionais, eles requerem uma descrição semântica baseada no sentido e não na referência. (OLIVEIRA, 2001, p. 120)

Compreender a relação entre o *valor de verdade* e o *sentido e a referência*, no entanto, podem não trazer a clareza necessária ao entendimento dos modos verbais, uma vez que o modo, bem como a modalidade, serve de expressão à subjetividade dos falantes ou mesmo para expressar o seu distanciamento em relação a certos temas.

Os exemplos que nos oferece OLIVEIRA (2001), envolvendo os verbos *achar, saber, querer, dizer, pensar* etc., visam ilustrar as possibilidades de expressão da subjetividade por quem faz uso da língua, ou seja, do falante. Essas diferentes maneiras de expressar a subjetividade do falante – o *desejo*, a *dúvida*, a *necessidade*, a *possibilidade*, a *irrealidade* etc. – têm sido objeto dos estudos que tratam da *modalidade*. Assim, vamos apresentar alguns desses conceitos para que possamos melhor compreender de que trata, afinal, essa parte da semântica e em que medida está relacionada ao estudo do modo verbal.

⁴ OLIVEIRA (2001, p 113-114, 120-121) observa que quando se pode substituir as partes sem alterar o todo, mantendo o mesmo valor de verdade, temos o *princípio da substitutividade* salvando a verdade. Contudo, quando não é possível a substituição, ou seja, o princípio da substitutividade não se aplica, temos os contextos *intensionais*. Nesses contextos, a verdade do todo não é uma função dos valores de verdade das partes.

A *modalidade*, o *tempo* e o *aspecto* têm sido, cada um deles, objetos de estudo dos semanticistas. Por razões que envolvem nosso objeto de estudo, deixaremos de tratar do *tempo* e do *aspecto* verbal; contudo, não deixaremos de mencionar que *tempo* e *aspecto* podem interferir na construção da modalidade. Qualquer que seja, no entanto, o exemplo que se apresente, é necessário destacar a importância do contexto para a devida compreensão daquilo que se quer ilustrar.

(51) Ele joga futebol.

Em (51), sem a presença de um contexto, podemos interpretar a sentença como descrevendo uma situação tal em que alguém está num campo de futebol, que há um jogo de futebol em andamento e que a pessoa a que nos referimos está jogando. Ou seja, trata-se (i) do momento presente em que a enunciação é proferida e (ii) se trata de uma ação que ainda não se encerrou. Por outro lado, também é possível interpretar esse enunciado como expressão de uma possibilidade, ou seja, pode ser que ele jogue futebol nesse momento. Uma outra interpretação possível é a que considera que o sujeito, *ele*, por causa do tempo presente, é um jogador (= joga futebol) e faz disso uma profissão, ou seja, vive disso. Uma outra interpretação, ainda: *quarta ele joga futebol e não rúgbi*. Como mencionamos, entretanto, tais considerações não serão objeto de nosso trabalho.

A modalidade pode ser definida, de maneira bastante abreviada, como a expressão da *atitude* do falante em relação àquilo que está sendo dito. Há um número bastante grande de estudos que tratam da questão e que, além de definir e classificar as diferentes modalidades, procura exemplificar quais verbos podem melhor expressá-las dentro de suas línguas. Nesse sentido, o trabalho de LE QUERLER (1996) pode ser apresentado como exemplo. Na *Tipologia das*

modalidades, além de traçar um perfil histórico, apresenta as seguintes modalidades lingüísticas: *alética* ou *ôntica*, *deôntica*, *temporal*, *epistêmica*, *subjetiva*, *intersubjetiva* e *implicativa*, e discorre sobre a questão exemplificando suas ocorrências no francês oral e escrito.

Contudo, das abordagens que envolvem a modalidade, gostaríamos de apresentar a de NEVES (1997). A autora esclarece que estudar a *modalidade* pressupõe, de certa maneira, considerar os *modelos* idealizados pelos lógicos e o tratamento dado por eles à questão. Segundo ela, entretanto, é justamente pelo caráter não-lógico ou não-ordenado das línguas naturais que devemos nos desvincular deles.

As noções que os modelos lógicos estabelecem são as seguintes:

- a) A distinção entre a proposição *de dictum* e a *de re*, que está na base da distinção entre os dois tipos de estruturas modais nos enunciados;
- b) O estabelecimento de dois eixos conceptuais básicos, o do conhecimento e o da conduta. (NEVES, 1997, p. 163)

A fim de ilustrar e esclarecer a modalidade *de dictum* e *de re*, tomamos emprestados os exemplos de OLIVEIRA (2001, p. 245) renumerados como (52), (53) e (54):

(52) João acredita que a moça de vestido vermelho é solteira.

(53) João acredita que há uma e apenas uma moça de vestido vermelho e que ela é solteira.

(54) Há uma e apenas uma moça de vestido vermelho e João acredita que ela é solteira.

A autora nos esclarece que podemos apresentar duas interpretações para (52). Como ilustra (53), não podemos interpretar que de fato há uma moça de vermelho, mas sim que João acredita que haja uma e que esteja de vestido vermelho. Não se está tratando do mundo real, mas das crenças de João. Nesse caso, trata-se de uma interpretação *de dictum*, ou seja, sobre o que é dito e sobre o qual não podemos ter certeza. No exemplo (54), por sua vez, ao aceitarmos a premissa de que *há uma e apenas uma moça de vestido vermelho* estamos tratando de uma interpretação *de re*, isto é, sobre a coisa em si.

O exemplo (54) nos traz uma outra questão que merece ser mencionada. A consequência lógica que se pode retirar dele, conforme nos propõe OLIVEIRA (2001), é a de que “há uma moça” e de que ela traja um “vestido vermelho”. A respeito das crenças de João, em (52) e (53), por sua vez, nada podemos afirmar. Ou seja, nos dois primeiros exemplos as crenças de João têm escopo sobre as duas orações e nada se pode afirmar sobre elas; o último exemplo nos permite fazer uma afirmação, de que há uma moça e de que seu vestido é vermelho, a respeito de ser solteira nada se pode dizer.

Retomando NEVES (1997), ela nos esclarece que vários autores têm tratado da questão da modalidade ora privilegiando a sintaxe ora a semântica ora a pragmática. Ela nos apresenta a distinção entre o *dictum*, ou seja, o conteúdo do pensamento e o *modus*, ou seja, a atitude que o falante toma em relação a esse conteúdo. Ela nos apresenta três definições de modalidade:

- a) como expressão de possibilidade e de necessidade (seja alética [que trata do estado das coisas], seja epistêmica [que trata do conhecimento], seja deôntica [que trata da obrigação]);
- b) como expressão de atitudes proposicionais (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completiva)
- c) como expressão de atitudes do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisas) (KIEFER⁵, *apud* NEVES, 1997, p. 172)

⁵ KIEFER, F. “On defining modality”, *Folia Lingüística*, vol 21, nº 1, 1987, p. 67-93.

A autora chama a atenção para o fato de que a maioria dos contextos envolvendo as definições do primeiro e segundo grupos se situam dentro do dictum. Somente no terceiro grupo é que estaria a modalidade *stricto sensu*, ou seja, como externa ao dictum e, portanto, refletindo de fato uma atitude do falante em relação ao conteúdo daquilo que é enunciado (NEVES, 1987, p. 173):

(55) a cadeia de supermercado aqui de de de Recife provavelmente é superior a qualquer uma do país (D2-RE-05:1180-1182)

(56) *realmente*...deve ser uma delícia ter uma família gran/ (D2-SP-360:63)

Isso significa que só as expressões de atitude do falante são não-proposicionais e tornam a sentença necessariamente não-descritiva, razão pela qual é impossível que uma sentença assim modalizada seja usada como afirmação sobre a realidade (NEVES, 1987, p:173):

(55a)* X sabe que a cadeia de supermercados de Recife *provavelmente* é superior a qualquer uma do país.

(56a)* Não é verdade que *realmente* deve ser uma delícia ter uma família grande.

A autora nos esclarece que as *sentenças não-descritivas* é que vão interessar ao estudo lingüístico, para a análise dos enunciados, uma vez que é nelas que poderemos encontrar a modalidade sendo determinada pelos *elementos atitudinais*. Ela afirma que as sentenças *não-descritivas* têm propriedades singulares e, segundo ela, são justamente essas propriedades que expressam *a atitude do falante*. São elas, também, que bloqueiam as operações lógicas com proposições ou elementos proposicionais, uma vez que estão ligadas ao escopo do operador lógico. Deve-se considerar, ainda, que as sentenças *não-descritivas* têm duas partes: uma *proposicional* e uma *atitudinal (não-proposicional)*.

Conforme salienta NEVES (1997), o problema envolvendo o estudo da modalidade está justamente no fato de que ela pode ser expressa de diversas maneiras nas línguas naturais. Por essa razão, há diferentes recursos pelos quais a modalidade pode ser expressa, conforme a lista que a autora nos apresenta:

- a) por um verbo auxiliar modal (*dever, ter que*) ou por um verbo de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber (*achar, crer, saber*);
- b) por um advérbio, podendo também associar-se a um auxiliar modal (*provavelmente dever*);
- c) por um adjetivo em posição predicativa (*é necessário, é possível, é preciso*);
- d) por um substantivo (na minha *opinião*, tenho a *impressão*) e
- e) pelas próprias categorias gramaticais de tempo, aspecto e modo do verbo da proposição (eu *poderia ...*, possivelmente *passse ...*, talvez eu *tenha deixado ...*).

Em alguns casos, argumenta ela, pode-se dizer que o uso do MS é automático, ou seja, pode estar sendo condicionado pelo uso do advérbio *talvez*, por exemplo. Contudo, para outros casos isso não é válido. Na presença de *possivelmente* poderíamos usar tanto MI quanto MS, o que vale dizer que o MS pode, nesses casos, ser escolhido pelo falante enquanto uma *segunda marca*, para *modalizar epistemicamente seu enunciado* (NEVES, 1997, p. 176). Essa observação da autora, quanto à presença de uma *segunda marca*, se assemelha à menção já feita aos trabalhos de JENSEN (1970) e o de RAIBLE (1985), no que se refere às *barreiras de segurança*.

Há outros trabalhos que deixaremos de mencionar aqui, mas que contribuem para a discussão, tratando da modalidade, especialmente dos verbos modais. É o caso do trabalho de PALMER (1979) que se refere aos *verbos modais* no inglês, especialmente da modalidade *epistêmica, alética e deôntica* e sua expressão nos verbos modais naquela língua. Outro trabalho que merece

destaque por tratar de questão semelhante é o de BYBEE *et alii* (1994) que trata do *tempo*, *aspecto* e *modo* nas línguas do mundo. A autora compreende que a *modalidade* é a *gramaticalização* das atitudes e opiniões do falante, propõe que se trate da questão distinguindo entre *agent-oriented modality*, *speaker-oriented modality* e *epistemic modality*.

Por fim, as modalidades *deôntica* e *epistêmica* podem ser relevantes para o entendimento dos modos verbais; no entanto, a *verdade* ou *falsidade* das sentenças não se aplicam ao nosso trabalho pois, como mencionamos anteriormente, não tratam da subjetividade do falante.

Mesmo assim, buscando compreender a questão da modalidade a partir de um outro ângulo, o filosófico, recorreremos a Aristóteles – sobretudo por ser este o autor que primeiro trata deste tema e que, por isso mesmo, não deixaremos de mencionar.

3.3 ARISTÓTELES E A MODALIDADE

Motivado pelo pensamento retórico, Aristóteles também trata da questão da modalidade. Como observamos anteriormente, o filósofo trata da *relação do enunciado com a realidade*, preocupando-se em distinguir no *De Interpretatione*, do ponto de vista da lógica (*apud* NEF, 1995), “os discursos suscetíveis de verdade e de falsidade, como as asserções” daqueles que de fato não o são, como é o caso das perguntas, ordens, súplicas, pedidos etc.

NEF (1995) observa, ainda, que “o discurso no qual reside o verdadeiro ou o falso”, conforme Aristóteles, é o *logos apophantikos* (que o autor sugere traduzir por “asserção”), sendo que sua definição, *embora nada confirme essa interpretação em Aristóteles*, pode ser dada como “o discurso no qual reside o verdadeiro e o falso”, ou seja o “o único elemento do discurso capaz de ser verdadeiro ou falso”.

Dito em outras palavras, ALLAN (2003) afirma que Aristóteles estava interessado somente nas sentenças afirmativas ou declarativas, pois:

Not all sentences are statements ('apophantikos'); only such as have in them either truth or falsity. Thus a prayer is a sentence, but neither true nor false [and therefore a prayer is not a statement]. (*De Interpretatione*, *apud* ALLAN 2003 p. 331)

Conforme KNEALE & KNEALE (1972), no *De Interpretatione* Aristóteles procura determinar quais são os pares de orações que se opõem e de que modo isso se dá. Assim, ele discute e apresenta, dentre outras coisas, as relações entre as expressões negativas e afirmativas, incluindo as expressões modais.

Para os autores *afirmações, ordens, pedidos* etc. têm diferentes funções na vida social, isto é:

A função das afirmações nas frases declarativas é essencialmente, embora não unicamente, fornecer informações e a dar ordens e pedidos, induzir as pessoas a fazerem certas coisas, etc.

Relacionado com o fato de que um certo tipo de elocução tem uma certa função está o fato de uma elocução não só exprimir uma proposição mas também manifestar ou mostrar uma atitude em relação a proposição expressa. Quando fazemos afirmações tornamos manifesto que acreditamos na proposição expressa; quando damos ordens manifestamos o desejo de que as proposições expressas sejam verdadeiras. Podemos não ser sinceros ao manifestar qualquer destas atitudes. Se não mostramos a nossa crença sinceramente diz-se que estamos a mentir, mas a noção de mentira não se generaliza a outras formas de elocução, exceto talvez a promessas. (KNEALE, W. & KNEALE, M. 1972, p. 54-55)

Ou seja, ao levarmos em conta a discussão feita a respeito do tratamento que Aristóteles dá à questão, podemos optar por uma solução que não seja tratarmos das expressões modais em termos de *falso* ou *verdadeiro*, mas que seria pertinente adotar um outro caminho, como *afirmação versus não-afirmação*, por exemplo, cabendo ao MS o papel de *não-afirmação*.

Nesse sentido, é que VIEIRA SANTOS (2003) retoma o trabalho de LAVANDERA (1990), no qual se afirma que o uso do “conjuntivo” possui um significado e um sentido próprios que estão relacionados com a *não-afirmação*:

la morfología subjuntivo/indicativo incorporada a cada realización de un verbo conjugado constituye una instrucción clara y rápida sobre la presencia o ausencia de “aserción” para cada aseveración. (LAVANDERA 1990, *apud* VIEIRA SANTOS, 2003, p. 470)

VIEIRA SANTOS (2003) procura aproximar-se da compreensão de LAVANDERA (1990), pois sugere que:

Nos termos do quadro desenvolvido [por LAVANDERA], é possível adaptar esta idéia, considerando que a oposição entre [SV*ind*] e [SV*conj*] é uma oposição entre “afirmação” e “não-afirmação” e que essa distinção constitui desde logo uma instrução de interpretação para o locutor. Ressalvadas as diferenças decorrentes da terminologia funcionalista, a posição ora defendida coincide portanto com a de Lavandera. (VIEIRA SANTOS, 2003, p. 470)

Com isso, procuramos demonstrar que tratar do MS (e da modalidade) pode receber um outro recorte que não só o meramente sintático, mas também filosófico e que é justamente esse recorte filosófico que acaba sendo o ponto de partida para todos os outros.

3.4 ESTUDOS DESCRITIVOS QUE TRATAM DO MODO SUBJUNTIVO

O objetivo desta seção é nos situar em relação aos trabalhos que já trataram do MS em termos descritivos. Nesse sentido, serão apresentados alguns dos trabalhos que tratam da questão no PB para, em seguida, serem apresentados os trabalhos que tratam do MS em outras línguas.

3.4.1 Os estudos sobre o PB

Um dos trabalhos a que sempre se referem as pesquisas, por ser talvez um dos primeiros a dedicar um estudo ao MS, é o de AZEVEDO (1976), que recupera um pouco da história do estudo do MS. O autor trabalha com duas hipóteses a respeito do MS; a primeira delas é a de que o uso do MS no português contemporâneo constitui uma variação morfológica e semanticamente vazia; a segunda, é a de que o MS pode ocorrer em orações subordinadas quando certas condições são preenchidas (como é o caso do subjuntivo independente e o da presença de expressões invariáveis: *talvez, oxalá, quiçá, é possível* etc.).

O autor descreve os usos de formas de MS e MI feitas no PB e considera que o *subjuntivo independente* pode ser visto como um tipo *especial de subordinação*. Ele admite que pode haver, na fala de uma mesma pessoa, orações como:

(57) “Eu quero que você **fala** com ele.” (AZEVEDO, 1976, p. 50)

(58) “Eu quero que você **fale** com ele.” (AZEVEDO, 1976, p. 50)

E que há, assim, uma variação entre os dois modos verbais, MI e MS, na linguagem oral. Segundo AZEVEDO (1976), o fato de que a alteração entre as

formas de MI e MS nas orações em que *as últimas [MS] podem ocorrer* [ou deveriam ocorrer] *é suficientemente comum para merecer nossa consideração* (AZEVEDO, 1976, p. 51). O autor, porém, não aponta nenhum outro estudo que já tenha tratado da questão.

Esse tipo de ocorrência é a que mais nos chama a atenção em termos da alternância MS/MI, e, no entanto, só apresenta um caso em nossa amostra de 2.718 dados:

(59) o que que está tudo errado, agora você quer que eu **vou votar** nesses vagabundos? (LDN 21 M B GIN 1467)

Supomos que a existência de apenas uma ocorrência em toda a amostra se explique pelo fato de as entrevistas do Projeto VARSUL terem privilegiado uma situação na qual o falante é provocado a falar durante a gravação sem que, necessariamente, seja provocado a interagir com o entrevistador, dando assim pouca oportunidade para o surgimento deste tipo de ocorrência que, aparentemente, é bastante comum

AZEVEDO (1976) afirma que, além do aspecto teórico do problema, há outras correlações que podem ser feitas, considerando, para tanto, os *aspectos não lingüísticos da estrutura social – por exemplo, classe social, grau de instrução dos falantes, o grau de formalidade da situação em que se desenrola o ato comunicativo etc.* Essas últimas observações feitas pelo autor apontam para a necessidade de que se desenvolvam outros estudos que considerem as questões por ele nomeadas, ou seja, havia e há espaço para que estudos variacionistas sejam desenvolvidos e para que se trate do modo verbal considerando, também, aspectos não-lingüísticos, como é o caso do presente estudo.

Vindo ao encontro das observações feitas por AZEVEDO (1976) está a pesquisa desenvolvida por WHERRITT (1977), que descreve o uso do MS na conversação livre em todos os tipos de orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, nas orações independentes e em expressões estereotipadas.

Seus dados fazem parte de uma pesquisa de campo realizada na cidade de São Paulo, no ano de 1974, composta de gravações feitas com 56 informantes de diferentes idades e classes econômicas e que participam de livre conversação. Um outro grupo de 87 estudantes recebeu um teste de preenchimento de lacunas. A amostra é homogênea quanto ao sexo, escolaridade e atividades ocupacionais dos falantes, representando o uso contemporâneo da língua portuguesa no Brasil.

Segundo a autora, sua principal descoberta foi a de que os brasileiros não observam de maneira consistente as normas prescritivas de uso do MS. Há uma menor observância no que se refere ao uso do tempo *presente* do MS, principalmente se comparado o uso do *passado* do MS. Essa observação de WHERRITT (1977) coincide com os exemplos de AZEVEDO (1976) e os dados de língua oral, ou seja, é no tempo presente do MS que ocorre maior variação. Segundo a autora, os principais fatores que contribuem para a ocorrência do MI em lugar do MS são:

- (i) Erros de uso/performance;
- (ii) As situação envolvendo os atos de fala – nível de formalidade, as circunstâncias emocionais e a intimidade dos participantes;
- (iii) O dialeto social do falante; e
- (iv) Idiossincrasias de uma dada competência individual.

A autora afirma que, em geral, os vários usos não-prescritivos do MI se correlacionam com três variáveis sociais: a idade, a classe sócio-econômica e o nível de escolaridade do falante.

Segundo WHERRITT (1977), os dados de seu trabalho sustentam a hipótese de que há uma marca semântica subjacente a todos os usos do MS, isto é, todas as suas ocorrências denotam *reserva subjetiva* em relação à realidade da proposição expressa pela oração contendo o verbo no MS.

A autora constata, conforme a Tabela 1, que a maior frequência de uso do subjuntivo de seu *corpus* é aquela que envolve o uso do *futuro* e do *passado* do MS em orações iniciadas por *se*, isto é, nas subordinadas adverbiais condicionais que correspondem a 46% dos exemplos das orações subordinadas. Nesses 46%, o tempo verbal *futuro* do MS aparece em 29%, e o passado do MS em 17% das ocorrências.

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DO SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES SUBORDINADAS:
LIVRE CONVERSAÇÃO

TIPO DE ORAÇÃO SUBORDINADA	FUTURO DO SUBJUNTIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO	PASSADO DO SUBJUNTIVO	TOTAIS
Substantiva		79 (15%)	38 (7%)	117 (22%)
Adjetiva	26 (5%)	22 (4%)	17 (3%)	65 (12%)
Se	153 (29%)		91 (17%)	244 (46%)
Outras adverbiais	31 (6%)	59 (11%)	15 (3%)	105 (20%)
Total	210 (40%)	160 (30%)	161 (30%)	531

FONTE: WHERRITT (1977:154)

WHERRITT (1977) observa que a conclusão mais comum que se pode associar às orações subordinadas, iniciadas por *se*, é que quando ocorrem com o *futuro* do MS, implicam futuridade; por sua vez, quando ocorrem com o *passado* do subjuntivo, implicam a presença de um *verbo no condicional*, embora em tais casos possa ocorrer algumas vezes o imperfeito do MI.

Quando trata das orações subordinadas substantivas, a autora apresenta uma lista das principais ocorrências envolvendo verbos volitivos, de emoção, opinião, dúvida e possibilidade, totalizando 26 verbos ou expressões, 117 ocorrências em 60 horas de gravação. O MS está presente em 82 dessas ocorrências, enquanto que o MI ocorre em 35 dos casos (WHERRITT, 1977, p. 45). Todavia, ao compararmos esses dados com os apresentados na Tabela 1, parece haver alguma discrepância, deixando em dúvida se, de fato, se referem às mesmas ocorrências.

A frequência de ocorrência das *orações subordinadas adverbiais*, assim como das *substantivas*, representam cada uma delas cerca de 1/5 das ocorrências. Já no que se refere às *subordinadas adjetivas*, ela afirma que esse tipo de oração é aquela em que tradicionalmente o MS é menos freqüente, embora não nos apresente os números que sustentem essa afirmação.

No que se refere ao uso do MS, em razão dos fatores sociais, a autora constatou que os falantes entre 16 e 40 anos *desviam menos* da língua padrão do que os falantes mais jovens; contudo, os falantes mais velhos, com idade acima de 40 anos, também apresentam esse mesmo desvio. Ela atribui esse desvio ao fato de que:

Children may have not yet mastered the usage of the subjunctive because they are obviously of a lower educational level and the nonprescriptive use of indicative by older speakers may be due to the fact that typically they are not as well educated as many adolescents and young adults are today. (WHERRITT, 1977, p. 74)

Além disso, os falantes mais velhos carregam o traço semântico [+restrição] em sua gramática ou não estendem esse traço às várias entradas lexicais que subcategorizam o MS. Segundo a autora, o traço semântico [\pm restrição] subjaz ao uso do MS, e a restrição subjuntiva gerada por ele pode ser atribuída de duas formas: ou o traço se encontra na oração imediatamente superior ou pode ser atribuído pelo próprio falante. A autora considera que todos os usos do MS são redundantes, pois tanto o próprio MS e a restrição subjuntiva contida em algum elemento da oração imediatamente *mais alta* portam a mesma noção semântica. Essas afirmações WHERRITT (1977) guardam alguma proximidade com o que foi mencionado em relação ao trabalho de RAIBLE (1985), pois o fato de portarem a mesma noção semântica poderia ser um dos elementos que contribuiriam para o apagamento da oração principal (ou rompimento de uma das *barreiras de segurança*) em boa parte dos casos mencionados, ou seja, nas frases feitas e em orações volitivas e imperativas. A explicação apresentada pela autora é a de que o uso do MS depois de verbos volitivos e de emoção, e depois de imperativos e de orações adjetivas, não é crucial para o significado. Ela considera que o MS “é o reflexo morfológico de uma condição que é externa ao verbo flexionado”. (WHERRITT, 1977, p. 36)

Nos dados de conversação livre, o uso do MS nas orações substantivas está diretamente relacionado ao grau de escolaridade do falante (a autora encontra resultados semelhantes nos testes de repetição e de preenchimento de lacunas): os falantes sem escolarização formal usam o MI 100% das vezes no presente e 50% no passado; o uso cai sensivelmente em se tratando de falantes com primeiro grau, que utilizam o MI, tanto no presente quanto no passado em cerca de 25% dos casos; os falantes com segundo grau utilizam o MI em 25% dos casos, mas somente no passado; já os falantes de nível superior usam o MI em aproximadamente 15% dos casos, com o verbo no presente. Nesses dados, ao que parece, é a escolarização que propicia ou desfavorece a ocorrência do MI

Segundo WHERRITT (1977), esses resultados explicam como se dá a aquisição do MS por parte dos falantes nativos do português, pois alguns usos do MS aparecem somente em falantes com mais idade e com nível mais alto de escolaridade. A autora afirma que o processo de aquisição do MS não pode ser incluído na maioria das mudanças na gramática pois, segundo ela, ocorre muito cedo. Por essa razão, uma criança só é capaz de originalmente usar o MS à medida que seu desenvolvimento cognitivo avança e assim o uso do MS torna-se mais freqüente. A autora considera que há duas fases de aquisição do MS: uma em que há a aquisição das normas de uso pela comunidade e, por definição, todos os falantes completam essa fase; a outra, em que *o uso do MS é aprendido por meio de educação formal*. Na primeira, incluem-se o futuro do MS na oração adjetiva e os usos mais comuns do MS depois de *se, como se, quando, onde*, e depois de expressões de incerteza, expressões estereotipadas, imperativos indiretos. Na segunda, aparece o uso do MS nas orações adjetivas (presente e imperfeito) e nas orações substantivas, depois de conjunções diferentes daquelas adquiridas na primeira fase. (WHERRITT, 1977, p. 173)

A autora afirma que o uso do MI é mais freqüente com verbos no tempo presente do que no imperfeito. Segundo ela, a relação de tempo é mais evidente depois de verbos volitivos como *querer*, exemplo (60), semelhante ao de AZEVEDO (1976).

(60) Quer que **desce** essa rua? (WHERRITT, 1977, p. 60)

Segundo a autora, junto com esses verbos ocorre o MI com maior freqüência quando o verbo da subordinada está no presente do que quando está no imperfeito. Seus resultados revelam que os falantes menos escolarizados e da faixa etária mais baixa usam o presente do MI em todas as orações, na

conversação livre, e os falantes dos dois níveis socioeconômicos e etários mais altos utilizam o presente do MI em cerca de 50% dos casos, mas não utilizam o imperfeito em nenhum dos casos.

A autora considera que a oração regida por *querer* é um tipo de “imperativo encaixado” e, como o verbo imperativo é necessariamente presente, ela afirma que é mais comum que se encontre mais o uso do MI quando o verbo está no presente, justificando que

a mesma regra variável que dá conta da variação do modo nos imperativos (...) também dá conta da variação entre o presente do indicativo e presente do subjuntivo nas orações introduzidas por verbos volitivos, como *querer*⁶. (WHERRITT, 1977, p. 60-61)

Nas orações que envolvem o imperfeito do MS, como em (61):

(61) O professor queria que eu *fizesse*? (WHERRITT, 1977, p. 63)

Ela considera que, neste caso, não se trata de um “imperativo encaixado”, mas sim a descrição de desejos que podem ou não serem realizados.

⁶ “There is a reason that this nonprescriptive use of the present indicative is more common than that of the past indicative especially after verbs of volition: that is, the same nonprescriptive use of present indicative in clauses (embedded commands) governed by matrices such *querer* also occurs frequently in commands themselves:

(4.25) Quero que desce essa rua.

‘I want you to go down that street.’

(4.26) Desce essa rua (C2)

‘Go down that street.’

In chapter 9 it is common that 72 percent of the commands in the corpus are in the indicative. We therefore believe that is plausible that the same variable rule that accounts for the variation on mode in commands (in which the tense is necessarily present) also accounts for the variation between the present indicative and present subjunctive in clauses introduced by volitional matrices such *querer*. That is, in both cases the rule applies to non-past forms and under the same semantic conditions.” (Wherritt 1977, p. 60-61)

O MS é muito freqüente depois do verbo *pensar*, contudo o MI é usado algumas vezes. Segundo a autora, o MI ocorre quando a oração é considerada factual ou quando ocorre na fala de pessoas menos escolarizadas. Os testes evidenciaram que o uso do MS é mais freqüente depois de *pensar*, quando este verbo está no tempo pretérito perfeito do MI, e essa construção *é mais usual para os falantes mais velhos e de níveis de escolarização mais altos* (WHERRIT, 1977, 65).

Depois dos verbos de crença (por exemplo, *crer*, *acreditar* e *achar*), a autora afirma que a escolha de um determinado modo verbal depende do significado pretendido, entretanto, ela constatou que o MI aparece freqüentemente depois desse tipo de verbo. O MS se torna mais freqüente quando este tipo de verbo é negado na oração matriz, como em *não crer*, *não achar*.

Para medir a influência da *negação* no MS, metade das orações do teste são orações com negações, e os resultados mostraram que, quando há negação antes dos verbos de opinião, o modo verbal favorecido é o MS; entretanto, quando há negação antes de *querer* (volitivo) e *ter medo que*, o MI tende a ser mais freqüente.

A autora constatou que há mais variação na conversação livre do que nos testes, resultado já esperado por ser a situação de testes de um nível maior de formalidade e haver na conversação livre um maior relaxamento por parte do falante. Comparando os testes com os dados de conversação livre, ela percebeu que, nos testes, os falantes não admitiam que usavam o MI em contextos de uso do MS, apesar de ter havido variação no uso das formas em conversação. Em uma situação especial, a autora acompanhou, por vários meses, dois informantes em situações diversas e constatou que, nas situações em que eles se encontravam

mais relaxados, em situações informais, conversando com o marido ou com a mãe, eles usavam freqüentemente o MI depois do verbo *querer* (WHERRITT, 1977, p. 63):

(62) Ele não quer que **faz** isso. (D3)

(63) Quero que você **vê**. (D3)

(64) Quer que eu **lavo**? (C4)

(65) Quer que eu **faço**? (C4)

O trabalho de WHERRIT (1977) traz o mérito de, além de vir ao encontro das sugestões feitas por AZEVEDO (1976), ser também (salvo engano) um dos primeiros trabalhos (senão o primeiro) que irá tratar da questão a partir do enfoque sociolinguístico, trabalhando com dados reais de fala. Nesse sentido, além da contribuição dada pela autora, seu trabalho é um dos parâmetros com os quais orientamos a pesquisa que desenvolvemos.

Outro estudo que trata da questão dos modos verbais é o de SILVA (1981), cujo objetivo é analisar as ocorrências do MS e apresentar uma proposta pedagógica de ensino para os livros didáticos do 1º grau. A autora propõe demonstrar que as formas do MS carregam determinados traços semânticos. Contudo, seu estudo se limita à consideração do MS nas orações subordinadas introduzidas pelo *complementizador que*. A autora argumenta que essas orações podem conter formas verbais no MI e no MS e que a elas se podem associar certos conceitos semânticos de pressuposição.

Ela se preocupa em demonstrar que as orações tradicionalmente consideradas como expressão da *incerteza, irrealidade, possibilidade e dúvida*, ao invés de serem, de fato, expressões de incerteza, irrealidade, possibilidade e

dúvida, ao contrário, podem ser todas consideradas como manifestação de uma *pressuposição de verdade*. Demonstra, também, que a *atitude proposicional do falante* diante de um determinado fato é fundamental para a escolha de um dos modos verbais da oração completiva, pois, enquanto o MS exige uma postura *atitudinal* do falante em face ao processo verbal, quando o falante faz uso do MI ele apenas relata o fato sem estar necessariamente nele envolvido. Essa postura não está distante dos outros estudos que tratam do tema e, certamente, poderia ser estendida aos outros contextos que a autora deixou de considerar.

COSTA (1990), ao tratar da variação do MI e do MS no PB, estuda uma amostra constituída a partir da fala de camponeses na região de Ijuí, Rio Grande do Sul. Dentre os fatores sociais estudados estão: *idade* – primeira geração (acima de 51 anos), segunda geração (de 21 a 50 anos) e terceira geração (de 11 a 20 anos) – o *sexo* dos informantes e a *diferenciação social* (propriedade mecanizada e propriedade não-mecanizada). A autora tem por objetivo responder a duas questões fundamentais em seu trabalho:

- a) o MS e o MI são utilizados nos mesmos contexto no PB?
- b) há diferenças de significados entre os dois modos?

A amostra é constituída a partir de fatores estruturais, tais como contextos envolvendo *orações subordinadas* introduzidas por *conjunção integrante*, *pronome relativo*, as subordinadas *condicionais*, as *concessivas* e *finais*, as subordinadas *hipotéticas* e *temporais*, as *proporcionais*, *conformativas*, *comparativas*, por sentenças que contenham os *modalizadores talvez* e *tomara* e por sentenças *exortativas*. Ela considera a questão da modalidade, dividindo-a em *factual* e *não factual*.

COSTA (1990) reconhece os dois pontos de discordância quanto à classificação do MS, ou seja, (i) enquanto um problema sintático-semântico a ser definido a partir das propriedades estruturais e do significado da sentença na qual o verbo está inserido, ou (ii) enquanto um problema pragmático-discursivo a ser definido a partir da relação entre o falante e o conteúdo referencial de seu enunciado COSTA (1990, p. 146-147).

Para a autora, essas duas posições trazem consigo diferentes pontos de partida, elas levam a análises totalmente diferentes e explica:

Os autores que partem da posição 2 não deixam de se preocupar com a sistematização das propriedades sintáticas e semânticas dos contextos em que o subjuntivo ocorre. Para esses autores a análise é feita em dois níveis. Num primeiro nível, em que fatores pragmáticos são considerados, o uso do subjuntivo é associado à modalidade **possível**, ou seja, a um julgamento de **não factualidade** que o falante expressa sobre o conteúdo referencial daquilo que ele enuncia. O subjuntivo é apresentado como uma das formas de expressão da modalidade. Em outro nível, fatores sintáticos e semânticos são incorporados à análise; para dar conta desse segundo nível, os autores apresentam um conjunto de propriedades sintáticas e semânticas que ocorrem juntamente com formas verbais de subjuntivo. Nesse segundo nível, nota-se uma convergência entre as análises apresentadas por um e por outro grupo de autores. (COSTA, 1990, p. 147-148)

Para os autores que tratam do português padrão, COSTA (1990) observa que as condições sintáticas e semânticas do contexto são as que determinam a ocorrência de formas verbais com flexões modo-temporais do MS. Por essa razão, ela nos propõe os seguintes questionamentos:

A expressão da modalidade se faz pelo uso do subjuntivo ou pelas propriedades contextuais presentes no enunciado concomitantemente com o subjuntivo? Em outros termos: cabe ao subjuntivo expressar a modalidade **possível** (não factualidade) ou apenas repetir, redundantemente, um julgamento sobre o conteúdo referencial da sentença expresso também por outros recursos sintáticos e semânticos presentes no enunciado? (COSTA, 1990, p. 148)

Segundo ela, das respostas dadas a essas questões é que depende o tratamento a ser adotado, para que, somente então, possamos compreender a discussão da variação entre as formas de MI e MS. Ou seja, segundo a autora, devemos considerar se estamos tratando da variação dos modos como a

eliminação de uma redundância, ou se a encaramos como uma alteração das características da modalidade da sentença em que a forma verbal se insere, correspondendo, assim, a uma alteração do significado não referencial da sentença.

Segundo a autora,

A expressão da modalidade pela flexão modo-temporal do subjuntivo é sempre redundante em relação à expressão da mesma propriedade por outros elementos contextuais. Isso pode nos ajudar a entender por que entre os fatores relevantes para a variação não está a factuality. (COSTA, 1990, p. 187)

Ela justifica essa posição pelo fato de sua amostra estudar a fala de camponeses descendentes de imigrantes, na Vila Rural de Santo Antônio, na região de Ijuí-RS, e se constituir de 421 sentenças em que se poderia encontrar o verbo no MS. Dessas sentenças, como ela observa, somente quatro estavam associadas a uma *pressuposição factual*, as demais expressavam a *não-factuality*.

Dentre as conclusões a que chega em seu trabalho, ao comparar as diferentes gerações, a autora destaca que a segunda geração usa com mais frequência o MI no lugar do MS, ou seja, “a geração que tem maior proficiência no uso do português usa mais o indicativo”. Esse fato, explica a autora, pode ser um indicador de que “a variação subjuntivo/indicativo tenha entrado no dialeto como uma característica da variedade rural do português adquirido pelo grupo” (COSTA, 1990, p.188).

Ela observa que os fatores *sexo* e *diferenciação social* apresentaram sensível diferenças no uso de MI pelos segmentos sociais considerados:

Os informantes do sexo masculino e de propriedades não mecanizadas usam mais frequentemente o indicativo em lugar do subjuntivo. Já mostramos no capítulo 4 que as mulheres, apesar de terem uma comunicação mais restrita que os homens, usam as variantes lingüísticas mais inovadoras, confirmando uma tendência apresentada em vários trabalhos de variação. No caso do uso do indicativo em contextos de uso do subjuntivo, dois grupos mostram ter preferência pelo uso que mais se aproxima da fala urbana: as mulheres e os moradores de propriedades mecanizadas. (COSTA, 1990, p. 189)

Embora o trabalho de COSTA (1990) não trate especificamente das questões relativas ao MS, a autora acaba por apresentar uma contribuição bastante significativa também ao abordar *factuality* e *non-factuality*, e retomar essa questão que já aparece em SILVA (1981).

PIMPÃO (1999) constitui o *corpus* de seu trabalho a partir de 319 ocorrências nas entrevistas feitas em Florianópolis-SC, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL. Nesse estudo a autora se propõe a tratar a variação entre presente do MI e o presente do MS e descarta, na constituição da mostra: (i) as expressões cristalizadas, (ii) as ocorrências em que há a neutralização entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo e (iii) as cláusulas relativas com pronomes indefinidos, mas que remetem a um item lingüístico definido no discurso (PIMPÃO, 1999, p. 35).

A autora esclarece que as ocorrências em que há alternância dos modos verbais dizem respeito a contextos previstos pelos padrões normativos quanto ao emprego do MS, mas que, contudo, também permitem o uso do MI. O trabalho trata especificamente da variação no presente do MS sob a ótica discursivo-pragmática, permitindo, segundo ela, *que se estenda os domínios da modalidade para além da categoria morfológica*, uma vez que esses domínios estão atrelados aos modos verbais pela gramática normativa. Em seu trabalho, modo e modalidade são revistos sob a concepção da Teoria da Variação Laboviana e do Funcionalismo Lingüístico proposto por Talmy Givón.

Para a autora, o comportamento variável do MS, enfocado a partir de uma perspectiva de gramática emergente, destaca o *continuum* tempo-modalidade como o principal condicionante do uso do modo verbal. O MS é, desta maneira, favorecido pelos traços de *futuridade* e de *incerteza* que podem ser identificados no nível sintático-semântico. Por sua vez, os traços de *atemporalidade* e de *incerteza*, localizados no nível semântico-pragmático, bem como os traços de *pressuposição*, inibem o uso do MS, favorecendo o uso do MI.

Para PIMPÃO (1999) o MS apresenta um comportamento escalar que preserva duas constantes assim descritas:

- a) O MS se apresenta *atuante sob o traço de futuridade*, dada pelo nível sintático-semântico, e *não atuante sob o traço de incerteza*, conforme prevê a GT;
- b) A ausência do traço de *futuridade*, atrelada ao domínio semântico-discursivo-pragmático, mostra-se o contexto preferencial para o emprego do MI.

Nesse sentido, autora procura diferenciar a noção de *futuridade* e de *não futuridade* e nos apresenta “as pistas” para reconhecer esta distinção. Primeiramente, observa que “o traço de incerteza, dissociado do traço futuridade, constituiria um contexto menos favorável ao emprego do modo subjuntivo” (PIMPÃO, 1999, p.17); ou seja, “é possível que haja eventos ou estados incertos, sem que haja o traço de futuridade” (PIMPÃO, 1999, p.71). No que se refere aos contextos em que o traço de *futuridade* poderia ser reconhecido, observa que este traço está relacionado a uma

propriedade intrínseca de alguns itens lexicais indutores de *irrealis*, tais como: verbos deônticos; conectores adverbiais de probabilidade e de tempo; podendo estar integrado ou por *se* ou pelo verbo *ir*, ou *modal*. (PIMPÃO, 1999, p.70)

O trabalho de PIMPÃO (1999) desperta nosso interesse na medida em que trabalha com dados do Projeto VARSUL, contribuindo assim para o estudo dos dados do Projeto. Além disso, gostaríamos também de nos valer da discussão apresentada pela autora, no que se refere à utilização dos traços *realis* e *irrealis*, para caracterização do uso dos modos verbais.

A autora observa que seus resultados estão muito próximos daqueles relativos ao grupo de fatores tempo-modalidade alcançados por SILVA-CORVALÁN (1992) e de POPLACK (1990) que tratam, respectivamente, do MS no espanhol falado em Los Angeles e do MS no francês falado no Canadá.

PIMPÃO (1999) ressalta que o trabalho de SILVA CORVALÁN (1992), tratando do espanhol de falantes bilíngües da cidade de Los Angeles, por exemplo, aponta os verbos volitivos (83,3%), as orações finais (76,2%) e as concessivas (73,5%) como contextos preferenciais para a retenção do MS; a autora observa, ainda, que no trabalho de POPLACK (1990), envolvendo falantes nativos do francês que residiam em Ottawa-Hull, região bilíngüe da capital do Canadá, pode-se constatar que o verbo *falloir* (*ser necessário, ser preciso, convir, importar* etc.) acompanha o MS na maioria das ocorrências (89%) e que verbos deônticos e volitivos também favorecem a retenção do MS. Por sua vez, PIMPÃO (1999) nota que em seu estudo sobre a variação no presente do MS, na cidade de Florianópolis, “verbos volitivos/deônticos e cláusula adverbial final expressam um traço intrínseco de futuridade e a cláusula concessiva imprime um traço de futuridade discursivamente” (PIMPÃO, 1999, p. 114), e em razão da projeção futura dessas estratégias, segundo a autora, o uso do MS é favorecido.

No contexto geral da pesquisa, o MS apresenta peso relativo de (.76) para o traço de *futuridade*, que acaba desempenhando importante papel enquanto

fator que favorece a retenção do MS. Por outro lado, quando há a *ausência de projeção futura* o peso relativo é de (.31), apontando para a inibição do uso de MS.

Um outro contexto isolado por PIMPÃO (1999) é aquele em que está presente o advérbio *talvez*, para o qual, conforme a autora, os resultados estão muito próximos aos encontrados para o contexto geral da pesquisa, ou seja, percentuais de (80%) para o uso do MS sob o traço de *futuridade* e (54%) para o traço de *incerteza*.

Conforme PIMPÃO (1999), os grupos de fatores sociais *escolaridade* e *sexo* foram considerados como significativos pelo programa estatístico; assim, para os níveis escolares *ginasial* e *colegial* a autora ressalta o papel da instituição escolar na *retenção da variante padrão*. O nível *colegial* se afirma, segundo a pesquisa, como contexto preferencial para o uso do MS (.71), sendo desfavorecido pelos níveis *primário* e *ginasial* (.26) nos contextos com o advérbio *talvez*.

TABELA 2 – MODO SUBJUNTIVO E ESCOLARIDADE COM ADVÉRBIO TALVEZ

FATORES	APL./TOTAL	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
Colegial	17/21	81	.71
Primário/ginasio	08/18	44	.26
Total	25/39	64	

FONTE: Tabela 5 - PIMPÃO (1999, p. 80)

A autora observa que nos dados referentes às orações *adverbiais* há resultados também bastante semelhantes, em que *ginasial* e *colegial* favorecem o MS (.58), e o *primário* o desfavorece (.21).

TABELA 3 – *MODO SUBJUNTIVO E ESCOLARIDADE NAS SUBORDINADAS ADVERBIAIS*

FATORES	APL./TOTAL	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
Colegial	40/60	67	.58
Primário/ginásio	04/15	27	.21
Total	44/75	59	

FONTE: Tabela 9 - PIMPÃO (1999, p. 90)

Para as orações substantivas, no que trata do grupo de fatores *sexo*, ela nota que o uso de MS para homens obteve o peso relativo de (.63) e de (.36) para mulheres, “indicando o sexo masculino como contexto favorável à preservação da variante de prestígio” (PIMPÃO, 1999, p. 116).

TABELA 4 – *MODO SUBJUNTIVO E SEXO NAS SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS*

FATORES	APL./TOTAL	PERCENTUAL	PROBABILIDADE
Masculino	46/60	77	.63
Feminino	35/55	64	.36
Total	81/115	70	

FONTE: Tabela 11 - PIMPÃO (1999, p. 94)

A autora conclui seu trabalho afirmando que é o traço de *futuridade* que retém o MS – chamando a atenção para o fato de que a *ausência de projeção futura* desfavorece seu emprego, permitindo a extensão do domínio do MI. Ressalta que é a *futuridade* o fator responsável pela retenção do MS e não a modalidade da incerteza, da possibilidade, da hipótese como prevêem os gramáticos prescritivistas.

3.4.2 Os estudos em outras línguas

O objetivo desta seção é apresentar os trabalhos que tratam da descrição do MS na língua falada, respectivamente, no francês do Canadá, POPLACK (1990), e no espanhol de Los Angeles, SILVA-CORVALAN (1994).

Não podemos deixar de registrar, no entanto, um outro trabalho, já mencionado anteriormente, que trata do MS para a língua italiana, que é o de JENSEN (1970). A pesquisa se dedica à descrição do italiano contemporâneo, organizando seu estudo a partir de autores representativos da língua italiana, anteriores e posteriores à Segunda Guerra Mundial e inclui também textos de escritores regionais mas que escrevem em italiano padrão, portanto não-dialetal.

3.4.2.1 O subjuntivo no francês do Canadá

POPLACK (1990), ao estudar o francês do Canadá, sob perspectiva variacionista, questiona a posição da tradição gramatical francesa, de que o modo verbal da oração subordinada é resultado automático do preenchimento exigido pelo tipo de verbo da oração principal, uma vez que se considera que o modo é a marca redundante da subordinação sintática. A autora nos apresenta algumas construções, valendo-se do mesmo verbo na oração principal e demonstrando que o verbo da subordinada pode se encontrar tanto no MS, quanto no MI. Para a visão tradicional, segundo a autora, esses verbos desempenhariam papel diferenciado, deles se valendo o falante para marcar certeza e dúvida.

Segundo a autora, a tradição gramatical francesa, bem como alguns lingüistas, defendem a existência de três classes de matrizes verbais, cuja subdivisão, se considerada, não consegue sistematizar o uso efetivo do MS (POPLACK, 1990, p. 6):

- (i) A primeira delas é a que *exige* sempre o uso do subjuntivo (por exemplo: *dire* ‘dizer’, *demander* ‘pedir’, *concevoir* ‘conceber’, *desirér* ‘desejar’),
- (ii) A segunda é a que *aceita* o subjuntivo na subordinada (por exemplo: *prier* ‘pedir’, *se plaindre* ‘lamentar-se’, *être surpris*, *avoir l’espoir* ‘esperar’), e
- (iii) A terceira, para a qual o uso do subjuntivo é variável (por exemplo: *vouloir* ‘querer’, *avoir peur* ‘temer’, *penser* ‘pensar’, *empêcher* ‘impedir’).

A composição do *corpus* da pesquisa POPLACK (1990) leva em conta não somente os ambientes onde efetivamente se dá o uso do MS, mas, também, aqueles em que ele deveria ocorrer. A autora restringe sua análise às orações subordinadas substantivas; na composição do *corpus* de seu trabalho, ela se preocupou com o levantamento de todas as orações subordinadas e contextos em que ocorre o complementizador *que*. A amostra é composta a partir de entrevistas com 120 falantes nativos do francês que residiam em Ottawa-Hull, região bilíngüe da capital do Canadá.

Apesar de alguns contextos serem apontados pela tradição gramatical francesa como de uso exclusivo do MS, a autora considera que, para um mesmo verbo, pode haver uma variação lingüística que dispõe do MS, do MI e do *condicional*. A escolha do *condicional* ou do modo é motivada por uma diferença

no significado, fato que caracteriza a variável lingüística em seu sentido mais restrito. Todavia, a autora não deixa de lado a possibilidade de que haja correlação semântica entre o verbo da principal e o efetivo uso do modo verbal. Nesse sentido, arrola outros fatores que poderiam influenciar a escolha do modo, tais como *grau de afirmação* da oração subordinada (se é afirmativa, negativa interrogativa ou condicional), *presença de indicadores lexicais de modalidade*, *tempo verbal*, *concordância do tempo verbal* da oração principal com a subordinada (formas regulares *versus* formas supletivas).

A partir desses elementos, a autora constrói duas hipóteses que orientam o seu trabalho: (i) “toda e qualquer diferença de significado é totalmente incorporada dentro da diferença de forma”; (ii) que “os traços do contexto irão co-ocorrer com estas formas, de modo a indicar se elas estão sendo usadas com os mesmos objetivos referenciais ou objetivos referenciais diferentes”⁷ (POPLACK, 1990, p. 16).

Ao analisar os dados do francês do Canadá, no que se refere ao tratamento quantitativo, diante da desmesurada frequência na ocorrência do verbo *falloir* que poderia produzir distorção na análise quantitativa dos dados, foi necessário dividi-los em dois grupos: o primeiro deles é o das orações em que havia a ocorrência do verbo *falloir* (‘ser necessário’), uma vez que esse verbo não se comportava como os outros verbos e representava 2/3 dos 2.694 verbos da amostra nos casos de ocorrência de subjuntivo; o outro grupo comportou os demais verbos.

⁷ Quelle est la relation entre les résultats d’une telle analyse et les différences éventuelles du sens communiqué par ces formes en concurrence? Il y a deux possibilités logiques à cet égard. La première est que toute différence de sens est entièrement incorporée dans la différence de forme. La deuxième - plus typique des données linguistiques - est que les composantes du contexte vont co-varier avec ces formes de telle façon qu’on peut mettre en évidence si elles sont utilisées pour des buts référentiels semblables ou différents. (POPLACK, 1990, p. 16)

Ao isolar o verbo *falloir*, a autora observa que este verbo se apresenta em 89% dos casos acompanhado de MS e, ao analisar as ocorrências, a autora verifica que em 11% dos casos em que o MS não é empregado há três variáveis contribuindo para que o MS não seja escolhido nesses contextos:

- (i) O tempo do verbo da oração principal,
- (ii) A distância entre o verbo da principal e o da subordinada, e
- (iii) A estrutura morfológica do verbo da oração subordinada.

Os dados de POPLACK (1990) demonstram que o fator mais importante que atenua a associação do verbo *falloir* com o MS é o tempo verbal da oração principal.

TABELA 5 – FATORES QUE CONTRIBUEM NA ESCOLHA DO MS NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS REGIDAS POR *falloir*

TEMPO DO VERBO DA ORAÇÃO PRINCIPAL		DISTÂNCIA ENTRE O VERBO PRINCIPAL E A ENCAIXADA		ESTRUTURA MORFOLÓGICA/FREQÜÊNCIA DO VERBO DA ENCAIXADA	
Imperfeito	.65	Nenhuma	.53	Irregular/frequente	.65
Passado composto	.54	Palavra	.47	Regular/rara	.29
Presente	.52	Parênteses	.17		
Futuro	.51				
Condicional	.10				

FONTE: Tabela 2 - POPLACK (1990, p. 17)

Pode-se observar na Tabela 5 que quando o verbo *falloir* é o verbo principal e está no modo condicional, a probabilidade do uso do MS na subordinada é bastante diminuta (.10), ou seja, a presença do modo condicional na oração principal desfavorece o uso do MS na subordinada. Segundo a autora, a concordância entre o verbo principal, no condicional, e o verbo da subordinada poderia ser muito bem um vestígio do período clássico do francês, quando a concordância dos tempos e modos era frequente.

Outro fator que permite o emprego de MI ou condicional após o verbo *falloir*, *desfavorecendo*, portanto, a ocorrência de MS, é a distância entre o verbo principal e o verbo da oração subordinada. A presença de palavras e de outros elementos parentéticos reduz a influência que *falloir* exerceria sobre a escolha do modo verbal da subordinada, propiciando, assim, a ocorrência do MI.

O último fator a ser observado é que *desfavorece* a associação entre o verbo *falloir* e o modo MS, diz respeito à estrutura morfológica do MS. Há um pequeno grupo de verbos (por exemplo: *avoir* ‘ter’, *être* ‘ser’, *aller* ‘ir’, *faire* ‘fazer’ etc.) que se conjuga de forma irregular no MS (a saber: *ait*, *soit*, *aille*, *fasse*); entretanto, os outros são regulares, ou seja, sua forma subjuntiva tem o mesmo paradigma flexional do indicativo. A autora afirma, como demonstra a Tabela 5, que quando a forma do verbo da oração principal for *regular*, ou *rara*, diminui a chance de o verbo da subordinada ocorrer no MS. Por sua vez, a forma irregular favorece o uso do MS.

Os demais verbos apresentaram uma frequência menor que a de *falloir* (o índice geral de ocorrência é da ordem de 54%). A autora observa que, assim como *falloir*, também com esses verbos nenhum dos fatores ligados à modalidade foi selecionado, à exceção do que ela chamou de ‘classe semântica’, que se mostrou estatisticamente significativa. Sobre essa classe semântica, nota, entretanto que

se é verdade que as observações sobre o modo que se acham na literatura lingüística e nas gramáticas tradicionais se aplica muito freqüentemente às classes de verbos caracterizados por um componente semântico de vontade, de dúvida, etc., também é verdade que a composição dessas classes está longe de ser clara⁸. (POPLACK, 1990, p. 21)

⁸ Mais s’il est vrai que les remarques sur le mode que l’on trouve dans la littérature linguistique et les grammaires traditionnelles s’appliquent très souvent à des classes de verbes caractérisées par une composante sémantique de volonté, de doute, etc., il est vrai aussi que la composition de ces classes est loin d’être claire, et d’ailleurs, varie d’une référence à l’autre. (POPLACK, 1990, p. 21)

Segundo a autora, quase todos os verbos principais empregados pelos falantes da pesquisa pertencem às três classes tradicionalmente denominadas de *volitivos*, *emotivos* e *opinativos*. Embora se valha de rótulos da tradição gramatical e não apresente uma lista dos verbos pertencentes a cada uma das classes, ela justifica que essa classificação revela um outro fato igualmente importante a respeito dos verbos contidos em cada classe:

as duas primeiras classes [volitivos e emotivos] são consideradas pelos prescritivistas as classes que exigem o subjuntivo em todos os contextos ('subjuntivo primário'), enquanto os verbos da última classe [opinativos] são aqueles que exigem o subjuntivo somente nas orações não afirmativas ('subjuntivos secundários')⁹. (POPLACK, 1990, p. 21)

A Tabela 6 reproduz a Tabela 3 de POPLACK (1990, p. 21) e ilustra as afirmações feitas acima no que se refere à *classe semântica*. Já o *tempo da oração principal* e a *estrutura morfológica do verbo* da oração subordinada desempenham papel semelhante ao que se viu para o verbo *falloir* na seleção do modo verbal. Por fim, a *presença* e a *ausência* do *que*, também afetam a escolha do modo. Como era de se esperar, afirma a autora, há uma associação estreita entre o MS e a subordinação, pois quando o *que* está presente, o MS é favorecido.

⁹ Mais ces étiquettes rendent compte d'un autre fait, également important, à propos de verbes contenus dans ces classes: les membres des deux premières exigent le subjonctif dans toutes les configurations selon les prescriptivistes ("subjonctifs primaires"), alors que ceux de la dernière l'exigent seulement quand le verbe est non-affirmatif ("subjonctifs secondaires"). (POPLACK, 1990, p. 21).

TABELA 6 – FATORES QUE CONTRIBUEM NA ESCOLHA DO MS NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS REGIDAS POR OUTROS VERBOS QUE NÃO *falloir*

CLASSE “SEMÂNTICA”	TEMPO DO VERBO DA ORAÇÃO PRINCIPAL	PRESENÇA DE <i>QUE</i>	ESTRUTURA MORFOLÓGICA/ FREQUÊNCIA DO VERBO DA ENCAIXADA
Volitivos .77	Imperfeito .65	Presente .52	Irregular/frequente .56
Emotivos .66	Presente .51	Ausente .39	Regular/rara .36
Opinião .09	Passado composto .42		
	Futuro perifrástico .38		
	Condicional .25		

Fatores não selecionados: Estrutura da oração principal (negativa, interrogativa etc.), outros indicadores de modalidade.

FONTE: Tabela 3 - POPLACK (1990, p. 21)

A partir da análise dos dados, POPLACK (1990) nos afirma que o melhor ambiente para a ocorrência do MS é aquele após um verbo principal *volitivo* (num estágio intermediário estão os *emotivos*), se este verbo não estiver no modo condicional, sendo que a estrutura morfológica deve ser irregular ou saliente. Sobre *falloir* que se associa ao MS de forma quase que categórica, a distância entre a oração principal e a subordinada desempenha papel preponderante na sua dissociação do MS. No que tange aos outros verbos, a autora afirma que, na maioria dos casos, nenhuma associação lexical desse tipo é percebida.

Reforçando essa idéia, ao tratar da concordância dos tempos verbais, a autora questiona o que estão fazendo os falantes quando não usam o MS naqueles contextos em que, pela tradição gramatical, seriam de uso exclusivo do MS. Ao tentar responder a questão, observa que, para o verbo *falloir*, quando a oração principal estava no modo condicional, ocorria o condicional também na subordinada, desfavorecendo, portanto, o MS. Quanto aos demais verbos, a Tabela 7 ilustra que, para cada tempo verbal utilizado com grande frequência nas orações principais, a maior parte de suas orações subordinadas, que não estão no MS, *tomam o tempo da oração principal*. É possível constatar, ainda, que a

correlação válida para o modo condicional e principalmente para o futuro perifrástico, ocorre também, em menor percentual, com os demais tempos verbais. Ela afirma que esses resultados podem ser interpretados como um testemunho a mais em favor da natureza não-semântica da escolha do modo verbal.

TABELA 7 – CONCORDÂNCIA DE TEMPO QUANDO O MS NÃO É EMPREGADO

SUBORDINADA	PRINCIPAL				
	Condicional	Presente do indicativo	Futuro perifrástico	Imperfeito	Passado composto
Condicional	78%	9%	—	4%	—
Presente do indicativo	16%	46%	12%	7%	7%
Futuro perifrástico	—	—	100%	—	—
Imperfeito	13%	13%	4%	54%	2%
Passado composto	10%	15%	—	35%	35%

FONTE: Tabela 4 - POPLACK (1990, p. 23)

A partir da análise desses dados, a autora reafirma que os critérios para inclusão de um verbo dentro de uma determinada classe semântica são bastante vagos, pois cada fonte consultada apresenta elementos diferentes em cada classe e isso se deve à variabilidade dentro das próprias classes semânticas. Ela cita como exemplo o fato de haver muitas palavras sinônimas que são enquadradas dentro de uma mesma classe e que, todavia, se comportam de modo diferente no que se refere à exigência do MS na subordinada. Um bom exemplo de verbos considerados sinônimos, segundo ela, são o verbo *préférer* (“preferir”), com o qual o MS ocorre em 100% dos casos, e *aimer mieux* (“gostar mais de”) em que há somente 2% de ocorrência de MS.

A autora afirma que há pelo menos duas interpretações possíveis de serem apresentadas a partir de seus dados. A primeira delas é a interpretação tradicional, em que a variação da alternância modal reflete a *variação na intenção comunicativa do falante*. Isto é, se ele quer refletir a realidade de um determinado fato, escolherá o MI; se quiser refletir a dúvida, escolherá o MS. Ela

rejeita essa interpretação, justificando, contudo, que a intenção do falante *não é acessível ao pesquisador caso não venha acompanhada de outros indícios*. Assim, a autora buscou isolar *marcas contextuais* que pudessem capturar o grau de *dúvida* ou de *asserção* do falante. Ressalta que, apesar disso, nenhuma delas se revelou significativa no que se refere à escolha do modo verbal no francês do Canadá, mesmo do ponto de vista estatístico.

A segunda interpretação apresentada para os dados é aquela em que a variação envolvendo os modos verbais é de natureza morfo-sintática. Se o modo verbal é portador de sentido, questiona ela, sua seleção em um determinado contexto não deveria ser afetada pelos traços morfológicos e sintáticos do contexto. Porém, os resultados da pesquisa mostram que é isso o que acontece, ou seja, que a escolha de um determinado modo verbal é afetada pelos traços morfológicos e sintáticos do contexto.

3.4.2.2 A perda gradual da distinção de modo no espanhol de Los Angeles.

SILVA-CORVALÁN (1994) pesquisa ocorrências de MS no espanhol de Los Angeles. A amostra é constituída por três grupos de 17 falantes mexicanos bilíngües que vivem nos Estados Unidos. O primeiro grupo inclui quatro falantes nascidos no México e que imigraram para os EUA com onze anos de idade; o segundo grupo é formado por seis falantes nascidos em Los Angeles e cujos pais nasceram no México; o terceiro grupo inclui sete falantes nascidos em Los Angeles e que têm pelo menos um dos pais também nascidos nessa cidade. A autora chama a atenção para o fato de que somente aqueles falantes pertencentes ao grupo 1 receberam educação formal no México, mas que nenhum do grupo completou a educação secundária. Além disso, o nível de educação é

diferenciado em cada grupo no que se refere à língua inglesa: dois falantes do grupo 1 não receberam nenhuma educação formal nessa língua, um falante do grupo 3 alcançou o grau de doutor e os 14 restantes se enquadram entre o ensino secundário incompleto e a faculdade incompleta.

O trabalho focaliza a mudança no espanhol em contato com o inglês nos EUA, especificamente a simplificação e perda dos traços morfológicos do MS; a autora afirma que as línguas em contato levam ao exame de hipóteses sobre a mudança lingüística, dado que as línguas normalmente se caracterizam por rápidas e constantes mudanças quando surgem e se disseminam no sistema social e lingüístico. SILVA-CORVALÁN (1994) destaca que as tendências internas em direção à redução do uso obrigatório do MS no espanhol são bastante fortes, muito mais do que é de se esperar em uma situação de línguas em contato, pois envolve tipicamente a redução no domínio do espanhol, limitando essa língua à linguagem escrita e a uma aquisição truncada.

Inicialmente o fenômeno é tratado como uma mudança que afeta o espanhol em contato com o inglês, pois no espanhol, em geral, a oposição modal entre o MI e o MS permanece com significados diferenciados semanticamente e pragmaticamente. Conforme a autora, os estudos que até então haviam tratado da questão afirmam que no espanhol o MI é o modo da *asserção* e o MS é o modo da *não asserção*, da *suposição* e da *pressuposição*. Ao falante cabe, portanto, por razões pragmáticas, optar por um determinado modo de adequação às situações específicas. SILVA-CORVALÁN (1994), por sua vez, diz que no espanhol, embora a oposição modal entre o MI e MS permaneça semanticamente significativa, a situação diacrônica encontra-se refletida na existência de alterações nos diferentes padrões de uso do MS, ou seja, contextos anteriormente obrigatórios de uso de MS, são agora categoricamente MI, ou admitem tanto MS quanto MI em diferentes níveis através de parâmetros sociais e geográficos.

A autora se vale de padrões de uso exclusivo do MI, estabelecendo categorias intermediárias que combinam tanto com o MS quanto com o MI. Ela argumenta que é importante delimitar todos esses contextos a fim de proceder uma análise variacionista.

No que se refere ao levantamento de quais fatores favorecem a perda ou retenção do traço morfológico do MS, o trabalho contemplou as seguintes variáveis lingüísticas: contexto sintático, *grau de liberdade de escolha* (sem considerar fatores pragmáticos) e *adequação da forma escolhida ao contexto discursivo*.

A autora identifica cinco tipos de contextos, aos quais se aplica o critério do grau de liberdade de escolha. Eles são os seguintes:

- (i) Contexto de uso obrigatório do MI,
- (ii) Contexto de uso obrigatório do MS, e outros três tipos envolvendo contextos onde há variação modal, diferenciados qualitativamente pelo grau semântico-pragmático,
- (iii) Diferenças claras que envolvem orações adjetivas, adverbiais de modo, tempo e lugar etc. que, descontextualizadas, podem ocorrer tanto como MI ou MS, sendo que a mensagem comunicada pelo MI é [+ factual] e pelo MS é [- factual],
- (iv) Diferenças médias que envolvem as orações condicionais, uma vez que estabelecem um ambiente não-factual, não sendo importante a distinção de significado que a opção por um ou por outro modo poderia acarretar, apesar de que, quando se usa o MI, a oração pode ser interpretada como *possibilidade* e, quando se usa o MS, como *menos provável*, e
- (v) Avaliação subjetiva do falante, na qual a escolha por um determinado modo está relacionada mais à questão de *assertividade* do que à *factuality* ou à oposição *realis versus irrealis*.

No que se refere à adequação do modo escolhido ao contexto discursivo, são apresentadas três variáveis:

- a) a forma usada pode ser *adequada* ao seu contexto discursivo,
- b) *não claramente adequada*, ou
- c) *claramente inadequada*.

As variáveis *adequada* e *não claramente adequada* foram agrupadas a fim de estabelecer uma oposição à variável *claramente inadequada*.

Ao tratar dos contextos sintáticos, SILVA-CORVALÁN (1994) estabelece 18 contextos diferentes. Desses, somente nas construções causativas o uso do MS é categórico (15 casos na amostra), enquanto que nas orações afirmativas *co-ocorre com o MI em 92% dos 52 casos*. Há, ainda, três outros contextos de uso obrigatório em que o MS *permanece o mais comum*: orações volitivas (88,3%), orações finais (76,2%) e orações concessivas (73,5%).

Em relação aos três grupos de falantes (grupo 1: 4 falantes nascidos no México e que imigraram para os EUA com 11 anos de idade; grupo 2: 6 falantes nascidos em Los Angeles, cujos pais nasceram no México; e grupo 3: 7 falantes nascidos em Los Angeles e que têm pelo menos um dos pais também nascido nessa cidade), a autora constatou que em todos os contextos examinados a distribuição geral do MS decresce de 42,4 % de uso de MS pelo grupo 1, para 26,5% no grupo 2, e 17,3% no grupo 3. Esse fato aponta para um processo gradual de perda da distinção modal no espanhol de Los Angeles, pois no grupo em que ocorreu uma menor exposição ao espanhol (grupo 3), menor também é o uso do MS e, em contrapartida, naquele grupo em que houve um maior contato com o espanhol (grupo 1), o uso do MS é mais recorrente.

Também nos contextos em que se exige o uso do MS, ainda tratando dos grupos de falantes, pode-se observar o decréscimo do uso do MS: de 93,8 % (grupo 1) para 74,2% (grupo 2) e 52,5% (grupo 3); e nos contextos em que o uso do MS não é obrigatório, ou seja, em que ocorre a alternância dos modos verbais, percebe-se também um decréscimo do uso de MS: de 30,9% (grupo 1) para 23,5% (grupo 2) e 12,4% (grupo 3).

Segundo a autora, a perda do MS em contextos de alternância coincide com as propostas apresentadas nos trabalhos que estudam a mudança lingüística envolvendo situações monolíngües e bilíngües. Ainda segundo a autora, esses trabalhos propõem que a mudança se espalha a partir de contextos em que a escolha entre as formas em competição não implica em agramaticalidade. Ela ressalta que uma questão que pode surgir ao longo do trabalho é se a simplificação ou perda gradual do MS é o resultado da redução dos contextos sintáticos que exigem o seu uso. A autora indica que a resposta para essa questão parece ser negativa; argumenta, a partir dos resultados de seus dados, que:

This indicates that the degree of simplification of mood distinctions is partly independent of the syntax that requires the maintenance of this opposition. That is to say, there is no need for a change or reduction in syntax to take place as a prerequisite for the loss of Sub morphology. (SILVA-CORVALÁN, 1994, p. 267).

Ao avaliar as mudanças ocorridas no grupo 1, de falantes nativos do espanhol, a autora admite que esse processo de mudança também é encontrado em comunidades monolíngües de origem. Assim, o fenômeno da perda gradual das distinções de modo por ela examinada pode ser entendido como parte de uma tendência evolutiva do espanhol e das línguas românicas, e que inclui também a extensão das formas de MI e condicional aos contextos anteriormente reservados somente ao MS. Além disso, há evidências empíricas, no espanhol e em outras línguas, da perda gradual das distinções de modo, fato que faz com que esse

fenômeno seja tratado como uma mudança motivada por fatores internos e não apenas externos, e que o contato de duas línguas parece estar acelerando essa mudança. Ela conclui, em relação ao espanhol de Los Angeles, que a falta de oposição entre o MS e o MI em inglês pode favorecer a perda dessa oposição no espanhol, mas que esse efeito é apenas indireto e não a causa principal.

Embora façamos referência, no caso do espanhol, somente ao trabalho de SILVA-CORVALÁN (1994), é de se pressupor que algumas questões estão bem descritas para esta língua e já foram assimiladas no que se refere ao ensino do espanhol como língua estrangeira. Como exemplo disso, citamos o trabalho de CASTRO-VIUDEZ (2000), cuja primeira edição é de 1997. Trata-se de um livro para ensino do *uso de la gramática española*, comportando gramática e exercícios de sistematização para estudantes de espanhol como língua estrangeira, para os níveis *elemental*, *intermedio*, *avanzado*, e *superior*. A preocupação com o ensino do idioma, cuja difusão se dá no mundo todo, leva em conta variações que ocorrem na língua falada – afinal, é da língua falada que se valem os livros didáticos para levar a quem aprende um novo idioma, não só com os diferentes usos, mas, principalmente, com as mudanças já incorporadas ao idioma e que devem ser identificadas por quem aprende, a fim de melhor se adequar à situação de fala – para que não se reproduza na fala uma linguagem calcada somente na escrita.

A preocupação da autora não é a de descrever o uso, justificado do ponto de vista sintático ou gramatical, mas de mostrar que construções se podem formar, efetivamente, dentro do espanhol. Assim, no nível *intermedio*, por exemplo, há menção ao uso do MS, aos contextos que o admitem e às alternativas de uso de outro modo verbal. As lições, ou temas, apresentadas com ilustrações e exercícios em seus títulos, nos dão idéia do tratamento que é

dispensado à questão, como se pode ver já no índice do *Uso de la gramática española* (CASTRO VIUDEZ, 2000, p.5):

- 20 ESPERO / QUIERO / PREFIERO / NECESITO + INFINITIVO / QUE + SUBJUNTIVO
- 21 ES UNA PENA / QUÉ PENA / ES RARO / QUÉ RARO + QUE + PRESENTE o PERFECTO DE SUBJUNTIVO
- 22 (NO) ESTÁ CLARO, (NO) ES ÓBVIO...+ QUE + INDICATIVO o SUBJUNTIVO. (NO) ES LÓGICO, (NO) ES NECESARIO... + INFINITIVO / + QUE + SUBJUNTIVO
- 26 (NO) ME GUSTA / MOLESTA / IMPORTA / (QUE) + INFINITIVO o SUBJUNTIVO
- 27 (NO) PIENSO / CREO / ESTOY SEGURO DE... QUE + INDICATIVO o SUBJUNTIVO. (NO) SÉ + enlace interrogativo + INFINITIVO o INDICATIVO
- 28 ME GUSTARÍA + INFINITIVO. ME GUSTARÍA QUE + PRETÉRITO IMPERFECTO DE SUBJUNTIVO (CASTRO VIUDEZ, 2000, p.5)

Como se vê, há uma preocupação da autora em apresentar ao aprendiz e estudante da língua estrangeira as possibilidades e alternâncias de uso de modos e quais são os casos que, de fato, merecem ser aprendidos e discutidos.

Para o nível *avanzado* há menção aos tipos de verbos que estão envolvidos nas construções com MS ou MI:

- 9 INFINITIVO / SUBJUNTIVO CON VERBOS DE SENTIMIENTO, DESEO, Y NECESIDAD (ALEGRARSE, GUSTAR, IMPORTAR, ENCANTAR, QUERER, ESPERAR, DESEAR...)
- 14 SER / ESTAR + ADJETIVO + QUE + INDICATIVO / SUBJUNTIVO (ESTÁ VISTO / CLARO / COMPROBADO..., ES NECESARIO / NORMAL / MEJOR...)
- 16 INDICATIVO/ SUBJUNTIVO CON VERBOS DE MANDATO, PROHIBICIÓN, RECOMENDACIÓN E INFORMACIÓN (SUGERIR, RECOMENDAR, ROGAR, PROHIBIR...) ESTILO INDIRECTO
- 18 INDICATIVO / SUBJUNTIVO CON VERBOS DE ENTENDIMIENTO Y PERCEPCIÓN FÍSICA O INTELECTUAL (CREO / PIENSO / RECUERDO / SUPONGO / SIENTO QUE, ME HA DADO CUENTA QUE...). (CASTRO VIUDEZ, 1998)

A proposta de se registrar, num manual didático, que há variação no espanhol, não se faz acompanhar da atribuição de um juízo de valor para esta ou para aquela forma, mas se preocupa em fazer o registro de que há essa variação e que ela deve ser percebida por quem quer que aprenda o idioma e com qual pretende se defrontar numa situação real de fala.

3.4.2.3 Algumas observações sobre o italiano

Além do trabalho de JENSEN (1970), já mencionado anteriormente, e do qual tomamos o conceito de *barreiras de segurança* (*filets de secours*), ao tratar do sistema verbal no italiano contemporâneo, alguns autores observam que, também nessa língua, o MI ocupa em alguns contextos o lugar do MS. D'ACHILLE (2005) nota que não se pode falar efetivamente de sua morte. SERIANI (2006), por sua vez, diferencia o espaço destinado ao uso escrito daquele reservado à língua falada:

Alcuni grammatici parlano di un presunta ‘morte del congiuntivo’ nell’italiano d’oggi, o almeno di un suo accentuato declino dai tradizionali domini di complete, interrogative indirette (cfr. XIV.83 sgg.) ipotetiche (cfr. XIV.162). Ma in realtà il congiuntivo è ben saldo n’ell italiano scritto, anche senza pretese letterarie (cfr. SERIANI 1986a: 59-61).

Quanto all’italiano parlato, si deve osservare che un reale regresso in favore dell’indicativo è in atto soltanto (e non in tutte le regioni) per la seconda persona (“credo che hai” invece di “credo che [tu]abbia”). (SERIANI 2006, p. 554)

Também no italiano a alternância no uso dos modos verbais é uma questão que tem merecido atenção, não só em relação à língua falada, mas também no tocante à língua escrita.

Assim, na medida em que apresentamos como exemplo esses estudos em outras línguas, nas quais ocorre a alternância no uso de MS e de MI, procuramos demonstrar que o tema tem sido tratado visando apresentar, descrever e esclarecer, em alguns casos, o funcionamento dos modos verbais.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo do trabalho vamos descrever o desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente retomamos um pouco do histórico do Projeto VARSUL, com o intuito de descrever as etapas pelas quais passou o projeto, e que dão conta das premissas de uma pesquisa sociolingüística (coleta dos dados, seleção dos informantes, transcrição dos dados) e da qual participamos somente da fase inicial, ou seja, da coleta dos dados. Uma vez que tivemos acesso ao Banco de Dados do VARSUL, nossa tarefa consistiu em selecionar os dados relevantes para a pesquisa, levantar as hipóteses e delimitar a nossa análise. A preparação, ou seja, a codificação e a digitação, dos dados também fez parte desse processo, de tal forma que os resultados estatísticos obtidos pudessem ser analisados sob o ponto de vista lingüístico e qualitativo.

4.1 O PROJETO VARSUL

O Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul (VARSUL) teve seu início em 1990. Composto inicialmente pelas três universidades federais do Sul do Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1993 o projeto passou a contar com a Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Vale lembrar que o projeto VARSUL tem como elemento norteador (tanto na constituição do Projeto quanto em boa parte das pesquisas que se desenvolvem a partir dele), conforme consta do *Manual do usuário*:

armazenar e colocar à disposição dos pesquisadores interessados amostras de realizações de fala de habitantes enraizados em áreas urbanas sócio-representativas de cada um dos três estados da região Sul do Brasil (KNIES & COSTA, 1995, p. 1)

O Banco de Dados que compõem a amostra do Projeto VARSUL está constituído de 24 entrevistas em cada cidade, totalizando 96 entrevistas em cada estado e 288 no acervo total. As quatro cidades (a capital e mais três cidades) de cada estado foram selecionadas tendo em conta determinadas características que as tornam representativas de etnias e da ocupação diferenciada do território em cada um dos estados. Em Santa Catarina: Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages; no Paraná: Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati; no Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Segundo o que está disposto no *Manual do usuário*, conforme KNIES & COSTA (1995), para a seleção dos informantes foram considerados critérios étnicos, tais como: (i) ter nascido, preferencialmente na localidade alvo da pesquisa; (ii) ter morado na localidade a maior parte de sua vida (pelo menos 2/3); (iii) não ter morado fora da região por mais de um ano no período da aquisição da língua (2 a 12 anos); (iv) ser uma pessoa representativa da localidade e/ou que não cause estranheza a outros moradores da região. No que se refere às características sociais, foram consideradas as comprovadamente significativas em pesquisas sociolingüísticas anteriores: *sexo*, *idade* e *escolaridade*.

Para a variável *sexo* foram selecionados 12 falantes mulheres e 12 falantes homens de cada localidade.

A variável *idade* foi dividida em duas faixas A e B. Na faixa etária A encontram-se indivíduos com idades entre 25 e 49 anos; na faixa B, pessoas com

50 anos ou mais. Para cada faixa etária, por sua vez, foram selecionados 12 informantes, dos quais 6 são homens e 6 são mulheres.

A variável *escolaridade*, por sua vez, foi dividida em três níveis: primário, ginásial e colegial. Para cada um dos níveis foram selecionados 8 informantes, sendo 4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino. No nível *primário* se encontram pessoas que tenham cursado entre 4 e 5 anos de escola; no nível *ginásial* estão aqueles indivíduos que tenham cursado de 8 a 9 anos de escola e no nível *colegial* estão os informantes que tenham cursado de 10 a 11 anos de escola. Um dos critérios da composição da amostra foi, sempre que possível, evitar a coleta de dados com informantes que tenham frequentado o curso supletivo. Vale ressaltar, ainda, que segundo os atuais Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – à classificação adotada corresponde hoje uma nova formação, a saber: primário: *primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental*; ginásio: *terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental* e Colegial: *Ensino Médio*.

A coleta dos dados foi feita seguindo critérios pré-estabelecidos; como o de se fazer sempre dois contatos com cada informante. O primeiro contato era para, com ajuda de pessoas da comunidade (geralmente líderes comunitários), estabelecer uma relação amigável entre o entrevistador e o informante. Nesse primeiro contato, o pesquisador registrava as características sociais do falante, reunindo assim as primeiras informações para o trabalho de entrevista (que iriam auxiliar na elaboração de um roteiro de perguntas, por exemplo), além do fato de esse primeiro contato contribuir para minimizar o que Labov denomina *paradoxo do observador*, ou seja, o objetivo do pesquisador é observar as pessoas usando a língua quando elas não estão sendo observadas. (cf. LABOV, 1972, p. 61)

Uma vez coletados os primeiros dados, o entrevistador então marcava dia e hora mais adequados para o informante, alegando que se tratava de um estudo a respeito da história e colonização do local, sobre os costumes e hábitos dos moradores etc.

No segundo contato, o pesquisador gravava a entrevista em fita cassete, com duração de, no máximo, 60 minutos. Nessa ocasião, o pesquisador trazia um roteiro de perguntas, previamente preparado, segundo as informações obtidas no primeiro contato, a fim de orientar o andamento da entrevista. O falante era levado, então, a discorrer sobre a sua vida, sobre a sua história, a história do seu bairro e de sua cidade, seus valores e crenças etc. As entrevistas eram encaminhadas de modo a deixar o entrevistado suficientemente à vontade, com objetivo de coletar prioritariamente sempre as narrativas em que o falante se envolve emocionalmente com o que fala, esquecendo de se preocupar em como estava falando.

Desse modo, as entrevistas foram realizadas, de preferência, na casa do próprio informante para deixá-lo mais à vontade. As entrevistas foram feitas tendo a participação do entrevistador e do entrevistado, há casos, contudo, em que há a participação de *intervenientes* que eram ou acompanhantes do entrevistador ou um membro ou amigo da família do entrevistado.

Uma vez feitas as entrevistas em cada cidade, as fitas originais foram copiadas para que se fizesse a transcrição dos dados, obedecendo a um sistema que previa a transcrição feita em três linhas. A primeira linha deveria registrar a sintaxe real da fala dos informantes, levando em conta todas as hesitações e interrupções; na segunda linha seriam marcadas as pausas e registrados os aspectos fonéticos variáveis e na terceira linha seria feita a classificação

morfossintática e a marcação de aspectos prosódicos, como ênfase e velocidade de fala.

Terminada a transcrição, deu-se início à etapa de digitação dos dados das entrevistas em editor de texto especialmente desenvolvido para o Projeto VARSUL, pela empresa ENGESIS. A partir da digitação dos dados, o material foi impresso, revisado, corrigido e reimpresso para ser encadernado e posto à disposição dos pesquisadores – em cada uma das cidades que compõem o projeto – como material de análise e pesquisa.

4.2 A CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

A constituição inicial da amostra se deu com os dados levantados na cidade de Curitiba, capital do Paraná; a partir desses dados procuramos determinar os procedimentos metodológicos que iriam orientar a constituição do restante da amostra com os dados de Londrina, Irati e Pato Branco. As entrevistas foram lidas com a atenção voltada para as ocorrências que trouxessem o uso do MS, ou que, por ele pudessem ser substituídas; isto é, além do uso do MS, buscamos destacar os contextos em que o MI estivesse sendo usado no lugar do MS.

Contudo, para efeito de registro, a avaliação dos dados para constituição de uma amostra que tratasse de ocorrências do MS – bem como a opção por tratar das entrevistas do estado do Paraná – se deu num momento anterior e serviu de subsídio para a elaboração do Projeto de Pesquisa. Como resultado dessa etapa, em FAGUNDES (2001) foi apresentada comunicação

individual intitulada *O modo subjuntivo no português do Brasil: uma análise preliminar das entrevistas de Porto Alegre*, durante o XII Encontro Regional do Projeto VARSUL, realizado na cidade de Porto Alegre, em maio de 2001.

Posteriormente, a partir do trabalho de RAIBLE (1983), para definir o perfil do *corpus* a ser constituído, avaliamos algumas ocorrências e o resultado desse trabalho foi apresentado no 5º Encontro do CELSUL, FAGUNDES (2002), sob a forma de comunicação individual intitulada *Modo subjuntivo e verbos que expressam conhecimento, crença e opinião: uma análise voltada para o caso do PB*. A principal contribuição deste trabalho foi a de nos alertar para o pequeno número de ocorrências nas entrevistas e que, caso optássemos por um recorte metodológico que restringisse a pesquisa aos verbos que expressam *conhecimento, crença e opinião*, ou às orações subordinadas subjetivas, por exemplo, teríamos poucos dados. Por isso optamos em considerar todas as ocorrências de MS, bem como as ocorrências de MI quando representasse uma variação do uso do MS.

4.3 PRINCIPAIS HIPÓTESES

A análise dos dados envolveu as quatro cidades do projeto para o estado do Paraná. As 96 entrevistas foram submetidas à análise estatística dos grupos de fatores e às seguintes hipóteses:

- a) O MS apresenta na linguagem oral uso distinto ao da linguagem escrita;
- b) A variação do MS *independente* e *subordinado* deverá apresentar comportamento diferente na amostra;
- c) A escolha dos modos verbais, MS e MI, pode estar sendo condicionada também pelos fatores sociais idade, sexo e escolaridade.
- d) O conceito de *barreiras de segurança* apresentado por JENSEN (1970) está centrado no fato de que o rompimento de pelo menos uma dessas barreiras pode justificar e exigir a manutenção da(s) barreira(s) restante(s). Nossa hipótese é de que quando as duas primeiras *barreiras de segurança* (a *anteposição da oração principal com verbo volitivo* e a *presença da conjunção que*) estão presentes, a presença de uma terceira *barreira de segurança* (o uso do MS) torna-se redundante.

4.4 O SUPORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

A orientação teórica que norteia este trabalho é a variacionista e a partir das discussões feitas por Labov. Para a abordagem variacionista, os dados são produzidos em circunstâncias reais e nos revelam como se constitui uma dada língua, bem como nos apontam os seus caminhos de mudança. Assim, ao assumir que as mudanças lingüísticas podem ter motivações sociais, os variacionistas admitem que os fenômenos regulares apresentem tendências regulares que podem ser descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e extralingüística dentro de uma determinada comunidade de fala.

Ao proceder dessa maneira, a Sociolingüística Variacionista consolida o tratamento da variabilidade lingüística ao sistematizá-la, e, com isso, desmistifica a visão de que os fenômenos de variação são caóticos e, por conseguinte, impossíveis de serem analisados. Em sua abordagem teórico-metodológica, Labov nos mostra justamente o contrário, isto é, que a heterogeneidade lingüística é sistemática e não aleatória: a variação é regulada e constitui padrões sociais e lingüísticos.

LABOV (1991) enfatiza que a questão fundamental da Sociolingüística está em entender por que alguém diz alguma coisa; quais fatores influenciam-no a dizer de uma forma e não de outra e quais fatores condicionam e atuam na escolha dos falantes. Assim, o que distingue a Sociolingüística de outras teorias é justamente buscar explicações para o funcionamento e a estrutura da língua dentro da comunidade de fala. O autor nos esclarece que suas críticas a outras abordagens lingüísticas não pretendem desvalorizá-las como métodos de investigação, mas, ao contrário, considera essas contribuições importantes e

valiosas. Contudo, como à Sociolingüística interessa o estudo do funcionamento da língua em seu contexto social, surge então a necessidade do contato do pesquisador com os dados reais da língua em uso. Assim, é tarefa do lingüista explicar por que o falante usa determinada forma em determinadas circunstâncias.

Ao estabelecer as bases da teoria Sociolingüística, o autor explicita que seu objetivo não era estabelecer uma nova teoria lingüística, mas criar um novo método de trabalho, ampliando, assim, os domínios das teorias já existentes – sem deixar de lado todas as demais questões estruturais que envolvem um estudo lingüístico – e dessa maneira incluir o componente social da linguagem e da sua variação sistemática, acrescentando, com isso, um novo elemento de análise, preservando os já existentes.

A grande contribuição dessa teoria foi a de mostrar que as diferenças na forma – antes vistas como imotivadas, livres e referencialmente sem significado – podem estar associadas, na verdade, a diferentes significados, desde que se assuma que o significado social e estilístico esteja no mesmo nível de importância do significado referencial, ou primário.

Segundo LABOV (1966), *todas as unidades lingüísticas – fones, fonemas, morfemas, frases e cláusulas – eram tratadas como invariantes, discretas e qualitativas*; a Teoria Variacionista, ao contrário, trata a variável lingüística como uma *estrutura variante, contínua e quantitativa*, ou seja, (i) se realiza de modo diferente em situações diferentes; (ii) certas variantes têm seu valor social atrelado ao distanciamento ou diferenciação com relação à variante padrão; e (iii) a variável tem sua significação determinada não simplesmente pela presença ou ausência de suas variantes, mas por suas frequências relativas – vem

justamente daí a postura de se denominar a abordagem laboviana de Teoria Variacionista Quantitativa.

A fim de dar conta da variação inerente das línguas, LABOV (1969) amplia o conceito de *regra* da gramática para desenvolver o conceito de *regra variável*. Para ele, a regra variável deve ter frequência de uso expressiva e estar sujeita à interferência tanto de fatores lingüísticos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) quanto de fatores extralingüísticos (idade, sexo, nível de escolarização, etnia etc.). Isso leva a três implicações: (i) que a análise da regra variável seja necessariamente quantitativa, uma vez que envolve o tratamento de grande número de dados para dar conta do efeito de diferentes fatores; (ii) que o pesquisador variacionista tenha como seu principal objeto de descrição a fala de indivíduos inseridos em uma comunidade de fala, ou seja, que faça uso de dados empíricos e não dados “fabricados”; (iii) que a análise seja multivariada, uma vez que a alternância entre duas ou mais formas pode ocorrer por influência de vários fatores independentes.

Em LABOV (1972), para se definir uma variável lingüística – que são duas ou mais formas de se transmitir um mesmo conteúdo referencial – é necessário:

- a) definir o número exato de variantes;
- b) estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece;
- c) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Assim, em geral, se entende que para se estabelecer o conceito de variável é preciso que duas ou mais variantes – que são as formas que se

alternam para expressar a mesma coisa num mesmo contexto – tenham o mesmo valor referencial e denotativo, isto é, que devem dizer a mesma coisa de modos diferentes.

Essa visão da Teoria Variacionista é aplicada sem grandes problemas às variáveis fonológicas. Contudo, no que se refere à sintaxe, nem todos concordam com essa posição. Como exemplo de posturas críticas à posição de Labov, citamos aqui a referência feita por MONTEIRO (2000) ao trabalho de LAVANDERA (1978):

Ela argumenta que é inapropriada a extensão da análise da variação, desenvolvida originalmente sobre a base de dados fonológicos, a outros níveis, sobretudo devido à ausência de uma teoria do significado bem formalizada que permita a análise quantitativa da variação morfológica, sintática e léxica. Assinala ainda que na sintaxe, ao contrário da fonologia, construções que parecem sinônimas podem não sê-lo. Ao contrário dos segmentos fonológicos, os segmentos morfológicos, sintáticos e léxicos apresentam um significado referencial próprio. Por isso tudo, sugere ela que se enfraqueça a condição de igualdade de significado de todas as formas alternantes no estudo da variação extrafonológica, substituindo-a por uma condição de igualdade funcional. (MONTEIRO, 2000, p. 60)

LABOV (1978) rebate as críticas de LAVANDERA (1978), apontando que a proposta da sociolinguística é o entendimento da mudança linguística, a análise das estruturas da linguagem e seus usos. O autor menciona que, por ocasião da apresentação feita pela autora, e que dá origem ao seu texto de 1978, cada autor subordinava seu método a um problema bem definido de traçar a mudança da linguagem ou de analisar a estrutura da linguagem. O que significa dizer, em outras palavras, que as variáveis sociolinguísticas são instrumentos de pesquisa na busca do conhecimento das estruturas linguísticas, e não da teoria em si. Por isso, justifica-se ampliar os estudos de variação linguística para se conhecer melhor os mecanismos da linguagem, ainda que o fator social não seja fundamental para a ocorrência de um determinado fenômeno, portanto não havendo motivo para se continuar fixo em apenas um determinado tipo de pesquisa.

Respondendo ainda a LAVANDERA (1978), à sua proposta de que seja relaxada a condição de mesmo valor de verdade, o autor assume que, em vez de estender o significado, prefere limitá-lo ainda mais que o lingüísta formal, para não correr o risco de perder a precisão da análise com a ampliação do âmbito da variação. Concorde, contudo, com a autora, no que se refere à cautela necessária ao se estudarem variantes com significados *referencial* e *social* diferentes, pois – como a Sociolingüística procura verificar as relações que formas lingüísticas possam estabelecer com diferentes significados sociais e estilísticos – deve-se estar atento para a possibilidade de se encontrar variantes lingüísticas que reflitam variantes sociais, como também estar atento para o uso que possa ser feito dessas correlações.

De acordo com LABOV (1978), entretanto, é natural que duas formas lingüísticas não tenham necessariamente o mesmo significado em todos os contextos de uso. A própria questão da sinonímia é difícil de se instituir; assim como há contextos de variação, pode haver também contextos de invariabilidade, em que as formas tomadas como variantes podem se apresentar em distribuição complementar. Segundo o autor, não faz sentido abandonar o significado referencial de uma estrutura lingüística, uma vez que são indissociáveis o significado e o significante, ou seja, uma determinada forma sempre terá um significado que ora se assemelhará ao significado da outra forma, ora se distanciará dele. Não considerar isso seria um erro metodológico, uma vez que se atribuiria um mesmo *status* para formas que, de fato, não são sempre da mesma natureza. É, portanto, tarefa do pesquisador, estabelecer o contexto de variação em que as variantes compartilhem uma equivalência de significados referenciais; sendo igualmente importante o reconhecimento dos contextos de não-variação, para que se entenda o fenômeno de uma forma global.

WEINER & LABOV (1983), ao tratarem da voz ativa e passiva no inglês, pretendem demonstrar que os traços sintáticos e semânticos do ambiente podem restringir a escolha a uma determinada forma; e quais traços predominam nesse caso.

Os autores discutem se a voz ativa e a voz passiva têm o mesmo significado, uma vez que essa questão é amplamente discutida, especialmente pela teoria gerativa. Concordam que algumas passivas não têm o mesmo significado que a forma ativa correspondente. Suas observações levam em conta as passivas sem agente e as ativas generalizantes, a partir das quais eles tratam esses casos como uma variável sintática única e afirmam que esse tipo de passiva e ativa têm o mesmo significado, e que muitas diferenças apontadas nas relações entre passivas e ativas se referem somente ao foco ou ênfase.

No uso real da língua, conforme WEINER & LABOV (1983), as pessoas substituem as palavras do seu discurso com um recurso estilístico, sem a intenção de alterar o significado geral do discurso. Com base nessas prerrogativas, eles consideram que as formas *passiva sem agente* e *ativa* são intercambiáveis no uso geral da língua, sem que impliquem em mudança de significado, justificando, assim, restringir a noção de significado, em vez de expandi-la.

Com isso, procuramos ilustrar que o foco de interesse de Labov não são as formas categóricas da língua, mas as variantes – as formas alternativas de se dizer a mesma coisa – permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos. O que o autor quer nos mostrar é a existência e o funcionamento de regularidades na variação demonstrando que ela é sistemática e previsível. Além disso, afirma que a variação e as estruturas heterogêneas são

fenômenos naturais na língua e que a estruturação não significa homogeneidade. Para dar consequência a suas afirmações, constrói um instrumental teórico e metodológico com o qual é possível tratar da variação e avaliar e descrever fenômenos lingüísticos combinando as abordagens quantitativa e qualitativa.

4.5 O SUPORTE QUANTITATIVO

Como vimos anteriormente, são os trabalhos de Labov – ao estabelecer o conceito de regra variável – que nos chamam a atenção para a importância de se estabelecerem fatores lingüísticos e extralingüísticos que favoreçam ou inibam a aplicação de uma determinada regra em estudo. Com isso, a metodologia variacionista permite avaliar em termos quantitativos os efeitos desses fatores que condicionam os fenômenos de variação e de mudança na língua.

Diferentes tratamentos estatísticos têm sido empregados para se tratar e calcular o efeito combinado de todos os ambientes contextuais na aplicação de uma determinada regra lingüística; dentre eles, o que se consagra é aquele proposto por SANKOFF (1988), *Variable Rule Analysis*, que tem sido usado e citado em diversos trabalhos que tratam da análise estatística de dados lingüísticos. É a partir dele que se desenvolve o programa computacional VARBRUL, conforme PINTZUK (1988), cuja versão de que nos valemos é a preparada por SCHERRE (1993), *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*.

É a partir dessa versão que, após a coleta dos dados, preparamos a codificação a fim de efetuar as rodadas estatísticas que nos forneceriam, além do

número de ocorrências, o cálculo do número das ocorrências dos fatores de cada variável, ou seja, os percentuais de cada variável, bem como os pesos relativos de cada fator ou grupo de fatores. O pacote VARBRUL, assim, nos permite fazer uma análise conjugada dos grupos de fatores e verificar eventuais interações, o que torna a análise muito mais precisa e segura.

4.6 AS VARIÁVEIS TRABALHADAS

4.6.1 Variável dependente

A variável dependente constituiu-se a partir da aplicação do uso do MS para os contextos em que usualmente se espera encontrar esse modo verbal. Ou seja, o foco da atenção está dirigido para o modo verbal de que o falante faz uso: MS ou MI em lugar de MS.

4.6.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes que compõem a amostra são as seguintes: *tempo verbal, tipo de oração, modalidade e tempo verbal da oração principal*, compostas segundo a descrição a seguir.

4.6.2.1 Tempo verbal

O primeiro grupo de fatores a ser considerado foi o *tempo verbal* nas orações em que se esperava encontrar o MS, tanto nas orações isoladas ou independentes, quanto nas subordinadas. Para fins de análise, a variável tempo verbal ficou assim constituída pelos tempos/modos verbais que apareceram na amostra: *presente do subjuntivo; imperfeito do subjuntivo; futuro do subjuntivo; presente do indicativo; imperfeito do indicativo, perfeito do indicativo; mais-que-perfeito do indicativo; futuro do pretérito; futuro do presente.*

4.6.2.2 Tipo de oração

As ocorrências dos modos verbais em questão foram registradas e codificadas a partir das seguintes denominações: *frases feitas; orações isoladas, independentes ou absolutas; oração principal; orações subordinadas substantivas: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa e apositiva; orações subordinadas adverbiais: causal, comparativa, consecutiva, concessiva, condicional, conformativa, final, proporcional e temporal; e orações subordinadas adjetivas.*

4.6.2.3 Modalidade

Tínhamos a pretensão de classificar nossas ocorrências em termos do contexto *realis* e *irrealis*, considerando que esses dois contextos poderiam ser classificados como os lados extremos de um *continuum* que incluiria, entre outros, contextos *prováveis* e *possíveis*, como parte de um gradiente de

classificação. Contudo, não fomos capazes de desenvolver tal ferramenta metodológica e, assim sendo, optamos por um outro caminho que pudesse, de algum modo, contemplar a descrição da modalidade envolvida em cada uma das ocorrências. Para tanto, distribuímos os dados em dois grupos: a modalidade do *conhecimento*, envolvendo a modalidade *epistêmica* e a modalidade que foi denominada de *conduta* e *desejo*, por envolver, além da modalidade *deôntica*, também a expressão do desejo e da vontade.

Assim, classificamos as ocorrências em modalidade do *conhecimento*, contemplando, dessa maneira, o conjunto de dados em que as ocorrências apresentavam contextos relacionados ao grau de conhecimento, classificando-as como *certas*, *incertas*, *prováveis* e *possíveis*. Por sua vez, as ocorrências referentes à modalidade da *conduta* e *desejo*, estão relacionadas à expressão das *obrigações*, da *solicitação*, *vontade* ou *desejo*¹⁰

4.6.2.4 Tempo verbal da oração principal

Essa variável se constituiu dos tempos/modos verbais que apareceram na amostra: *presente do subjuntivo*; *imperfeito do subjuntivo*; *futuro do subjuntivo*; *presente do indicativo*; *imperfeito do indicativo*, *perfeito do indicativo*; *mais-que-perfeito do indicativo*; *futuro do pretérito*; *futuro do presente*; *modo imperativo*. Para os casos em que não se localizou a oração principal, nos contextos imediatamente anteriores ou posteriores às ocorrências, optamos por registrar que se tratam de *formas ausentes* (Ø). Quando se tratou de *frase feita* e para o uso *independente* do MS adotamos a codificação *não se aplica* (/).

¹⁰ Outra classificação possível, de certo modo próxima da que adotamos, é a apresentada por GLENK & GATTI (2001) que, ao tratarem do *modo subjuntivo no português do Brasil e no alemão*, classificam seus dados a partir de duas categorias: (i) *desejo*, que inclui verbos que expressem *desejar*, *solicitar*, *pedir*, *sugerir* e *propor*; e (ii) *probabilidade*, contemplando *avaliar*, *supor* *duvidar*, e *levantar hipóteses*.

4.6.3 Variáveis sociais

As variáveis sociais que fazem parte da amostra já constam da composição do projeto VARSUL e são: *localidade*, *faixa etária*, *grau de escolaridade* e *sexo* do informante, conforme apresentadas a seguir.

4.6.3.1 Localidade

Com este grupo de fatores temos por objetivo verificar se há alternância no uso de MS e MI nas localidades em estudo:

- a) *Curitiba*;
- b) *Irati*;
- c) *Londrina*;
- d) *Pato Branco*.

4.6.3.2 Faixa etária

Esta variável extralingüística tem se mostrado de grande relevância em vários estudos variacionistas, e pode indicar que um dado fenômeno pode estar em variação estável ou pode apontar para uma mudança em curso:

- a) *de 25 a 49 anos* – nossa hipótese em relação a essa faixa etária é de que os falantes que aqui se encontram produzissem maior alternância no uso de MI em lugar de MS.

b) *mais de 50 anos* – Nossa expectativa inicial era de que esses falantes se mostrassem mais conservadores e, por isso, tendessem a usar menos o MI em lugar do MS.

4.6.3.3 Grau de escolaridade

A escola tem sido, tradicionalmente, o meio de divulgação da norma padrão prescrita pela GT. É de se esperar, portanto, que a escola reforce o uso do MS em certos contextos e que o *grau de escolaridade* dos falantes reflita esse papel desempenhado pela escola, conforme apontam também alguns dos trabalhos nos quais nos orientamos. Assim, os fatores que compõem a *variável grau de escolaridade* compreendem os seguintes níveis:

- a) primário (até 5 anos de escolaridade);
- b) ginásio (de 5 a 8 anos de escolaridade);
- c) colegial (de 9 a 11 anos de escolaridade).

4.6.3.4 Sexo

São muitos os trabalhos que têm demonstrado que homens e mulheres falam de maneira diferente. Encontramos, por exemplo, em LABOV (1991), menção ao fato de que em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência no uso das formas de prestígio e que, em casos de mudança lingüística, as mulheres seriam inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não-padrão.

Além disso, observamos que também no trabalho de PIMPÃO (1999) encontramos menção de que o fator *sexo* influencia a escolha dos modos verbais feita pelos falantes para a cidade de Florianópolis. Por esta razão, pretendemos também verificar em que medida o sexo do informante pode influenciar, em nossa amostra, as escolhas feitas pelos falantes para as cidades do estado do Paraná.

4.7 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Objetivamos nesta seção do capítulo Metodologia descrever o caminho percorrido, desde a leitura das entrevistas até os critérios de que lançamos mão, para compor a seleção das ocorrências, na construção de nossa amostra.

4.7.1 A paráfrase: um critério norteador

A partir do levantamento dos dados da cidade de Curitiba, uma primeira questão se colocou: quais dados deveriam ser considerados inicialmente na pesquisa, uma vez que o MS é, *muitas vezes, substituído* por outras *formas equivalentes* (cf. CUNHA, 1985). A resposta para a questão não foi dada de imediato, pois dependia de uma avaliação prévia do conjunto das entrevistas; além disso, uma outra questão deveria ser também considerada e dizia respeito àqueles casos em que o MS poderia alternar-se com o MI.

Após a seleção de alguns desses dados, buscamos considerar o que a GT tem afirmado a respeito das construções em que o MS pode ser substituído por outras formas verbais. Assim, apresentamos a seguir, um dos autores que trata desse tema e que é representativo da discussão também feita por outros autores.

Segundo CUNHA (1985)¹¹, as construções com o MS são muitas vezes *pesadas e malsoantes* e, nesses casos, *convém substituí-lo por uma forma expressional equivalente* (CUNHA, 1985, p. 447). Como se pode observar, os autores nos apresentam uma restrição estilística ao uso do MS e, nesses casos, justificam o uso de formas *equivalentes*, isto é, admitem algo “semelhante” ao conceito de *variante* de Labov. As formas indicadas pelo autor como substitutivas do MS são as seguintes: o *infinitivo* (66a,b), o *substantivo abstrato* (67a,b), o *gerúndio* (68a,b) e a *construção elíptica* (69a,b), conforme ilustram os exemplos abaixo:

(66a) O professor deixou *que* o aluno **escrevesse** livremente.
 (66b) O professor deixou o aluno **escrever** livremente.

(67a) Desejo **que ele triunfe**.
 (67b) Desejo o **seu triunfo**.

(68a) **Se formos** por aqui, chegaremos mais depressa.
 (68b) **Indo** por aqui, chegaremos mais depressa.

(69a) **Se fosse de ouro**, o anel não oxidaria.
 (69b) **De ouro**, o anel não oxidaria.

¹¹ Optamos por apresentar esta parte da discussão tendo por referência o trabalho de CUNHA (1985). Não houve nenhuma razão especial para nossa escolha, a não ser o fato de ele ser representativo, condensar e repetir muito do que já aparece em outros autores. Contudo, é importante ressaltar que as observações que constam dessa obra são as mesmas que estão registradas em CUNHA & CINTRA (2005), ressaltando que somente os exemplos são outros.

Podemos nos questionar quanto a serem esses exemplos formas comumente usadas para substituir MS. Por exemplo, é possível admitir que *o seu triunfo* em (67b) – que é uma locução nominal – seja uma forma geralmente usada como substituta do MS em *que ele triunfe*? Que dizer de (69b) *de ouro*? Será que esse exemplo, em outro contexto, seria bem aceito, seria gramatical, poderia substituir de fato o MS em *se fosse de ouro*, como propõe o autor?

De qualquer maneira, o autor entende que sim. Por isso, para compreender melhor, vamos considerar cada um dos casos acima isoladamente. Todos os exemplos são retirados de CUNHA (1985, p. 447-448) e têm em comum o fato de produzir alguma alteração na estrutura sintática, ora da oração principal, ora da subordinada.

Quando se substitui, na oração subordinada, o MS por um infinitivo, como no exemplo (66b), a única alteração a ser percebida é a do uso de uma forma infinita em lugar de uma flexionada. O lugar destinado à subordinada objetiva direta (*que o aluno escrevesse*) é preenchido agora por um outro objeto direto em que está presente o infinitivo (*escrever*).

Em (67b), na oração subordinada ocorre o MS em *que ele triunfe* e é substituída por uma locução nominal, *o seu triunfo*. Novamente, se substitui uma oração subordinada objetiva direta por um objeto direto e, nesse caso, com a nominalização do verbo da oração subordinada.

No exemplo (68b), ao se substituir a subordinada *se formos* pelo gerúndio *indo*, se produz, enquanto mudança, a introdução de uma oração reduzida. Esta substituição, semelhante ao que ocorre com o *infinitivo*, é descrita pelos autores da GT como uma forma admissível e usual.

Por fim, no exemplo (69b), podemos constatar que a elipse ocupa o lugar do MS *se fosse de ouro* e que essa substituição, não usual, altera a estrutura sintática. Entretanto, podemos apresentar uma outra leitura para aquilo que ocorre nesse exemplo. Uma outra interpretação possível para o *de ouro* é a de que ele seja uma *topicalização*, a fim de enfatizar a qualidade de um *anel de ouro*, dado que sendo de outro material produz oxidação.

De qualquer forma, a ausência de um contexto pode permitir que se especule a respeito e que se encontre outras soluções de substituição, que não as fornecidas pelo autor. Porém, o que essas orações têm em comum, é o fato de substituírem o MS por formas equivalentes e de algumas delas serem pouco usuais.

Gostaríamos de acrescentar, ainda, outro exemplo em que se pode substituir o MS pelo MI, retirado de nosso levantamento de dados:

(70a) (...) Tanto os piás como as meninas, ninguém mexia comigo. É a irmã vinha, falava pra mim, pra mim parar, eu fazia assim: "**provocou, apanhou**". Eu falava assim na cara da irmã, (...) (IRT01 F A PRI 351)

A oração acima é semelhante a tantas outras, relacionadas a temas cotidianos, como *escreveu não leu, o pau comeu e bobeu, dançou*, por exemplo. Essas orações têm um caráter de ditado popular, remetem a conhecimentos e visões de mundo que não devem ser desprezados, pois são de domínio da maioria das pessoas. Todas essas orações, e as que são semelhantes a elas, se valem, na construção de suas paráfrases, de construções condicionais em que ocorre o uso do MS. Assim, em lugar de *provocou, apanhou* como no exemplo (70a), poderíamos substituir essa construção por um subjuntivo:

(70b) (...) Tanto os piás como as meninas, ninguém mexia comigo. É a irmã vinha, falava pra mim, pra mim parar, eu fazia assim: "Se **provocar, apanha**". Eu falava assim na cara da irmã, (...).

Cabem aqui alguns breves esclarecimentos das construções condicionais, conforme NEVES (1999, p. 497) e que reproduzimos aqui. A autora observa – ao nos apresentar a concepção lógico-semântica da construção condicional – que “dentro de uma construção condicional a *proposição* subordinada é tradicionalmente chamada *prótase* e a principal de *apódose*” (NEVES, 1999, p. 497). Segundo a autora, nos estudos clássicos sobre o tema, a construção condicional é designada genericamente de *período hipotético*, uma vez que se apóia sobre uma hipótese. Sobre a relação que se estabelece entre as duas orações, ela nos diz o seguinte:

A relação que se instaura entre o conteúdo da *prótase* (entidade **p**) e o conteúdo da *apódose* (entidade **q**) é uma relação do tipo *condição para realização* \Rightarrow *conseqüência/resultado da resolução da condição enunciada* (resultado que se resolve em *realização* ou *não-realização*, ou *eventual realização*). (NEVES, 1999, p. 497)

No tipo de construção que apresentamos acima (*provocou, apanhou*) algo semelhante ocorre. Morfologicamente, os verbos estão na forma do pretérito perfeito do indicativo; não obstante, nenhum leitor, ou um falante do PB, irá interpretar as duas orações simplesmente como relato de algo que ocorreu no passado. Os interlocutores deduzem que se trata de uma relação de condição para realização (*prótase*: *provocou*) e conseqüência/resultado (*apódose*: *apanhou*), pois para que a leitura enquanto condicional se torne explícita, ela depende do contexto em que a oração foi proferida. Nesse exemplo, como nos outros que comentamos anteriormente, há a possibilidade de se expressar um mesmo conteúdo sem que se use o MS, mas que em certa medida altera ou a estrutura ou os elementos que compõe as orações: *provocou, apanhou* é um período composto por coordenação (assindética); *se provocar, apanha* é um período composto por subordinação com a conjunção presente.

As ocorrências selecionadas e com as quais poderemos compor o nosso *corpus* deverão ter como característica fundamental – além daqueles casos de uso explícito de MS – a mesma estrutura sintática do MS. Como resultado dessa restrição metodológica, a única substituição que vamos admitir é aquela em que o MI toma lugar do MS, sem que, para tanto, haja alteração da estrutura sintática da oração.

Pois bem, os exemplos que apresentamos – embora possamos reconhecer neles formas alternativas ao emprego do MS – são aqueles que: (i) ou não se valem de formas usuais para a substituição do MS, (ii) ou produzem alterações nas estruturas das orações, de tal maneira que, por essa razão, não entrarão no cômputo do estudo que nos propomos a desenvolver.

O exemplo (71) ilustra um desses casos em que se espera encontrar uma ocorrência de MS e, entretanto, a ocorrência nos mostra que o falante se vale do MI.

(71) Falante: Veja a Dona Ada, né? Ela usa tanta babosa, ela está quase careca.

Entrevistador: Nossa! É forte, né? diz que é muito [forte] (inint)

Falante: [Muito forte] e **| talvez ela não sabe |** destemperar, né? Agora, o que é muito bom pro cabelo é guanxuma.

Entrevistador: Não sei o que que é.

Falante: Você vai buscar depois uma folhinha lá, pra elas verem. (CTB14 F B PRI 458)

No exemplo acima (*talvez ela não sabe*) de uma oração independente ou absoluta em que é usado o indicativo – a GT prevê que o falante usasse o MS (*talvez ela não saiba*). Contudo, o que se observa é que o uso feito pelo falante se restringe então, além de ser usual, unicamente ao MI em lugar do MS, *sem que se altere a estrutura sintática* das orações.

A questão a ser discutida nesse exemplo é se o falante tem na sua gramática a possibilidade de alternar indicativo/subjuntivo; ou se ele só tem a possibilidade da expressão no MI; ou se o uso do MS estaria associado à aquisição da norma escolar. Em situações como essa, estabelecemos como critério, para testar se a oração pode ser considerada como parte do *corpus*, a utilização de uma *paráfrase*.

A fim de verificar se é possível o uso do MS nesses contextos, como do exemplo (71), somos obrigados a construir uma paráfrase em que figure, no lugar do MI, o mesmo verbo no MS. É preciso, para isso, que (i) a equivalência semântica se mantenha, (ii) que não haja reestruturação da oração, (iii) que o valor modal seja equivalente e, (iv) que a estrutura seja a mesma. Ou seja, inicialmente, consideramos que a paráfrase vem ao encontro dos interesses de nosso trabalho, desde que esteja estruturada sintaticamente da mesma maneira, isto é, que haja somente a alternância MS/MI.

Esse critério, entretanto, tem que ser aplicável a todas as ocorrências e diferentes tipos de oração, isto é, o critério válido para uma oração absoluta (em que o MS é independente) tem que ser válido também para uma *subordinada adjetiva*, tanto quanto para uma *subordinada substantiva* ou *adverbial*.

Assim, a fim de verificar se o critério adotado é produtivo, vamos testá-lo com outras ocorrências. Nos exemplos (72a) e (73a) temos ocorrências com o uso do MI:

- (72a) se você fez coisas bárbaras aqui [você]- você não tem condições de estar no mundo, sabe? Quem tem [uma]- uma parábola do Evangelho que diz [ê]- “Existem várias moradas na casa de meu Pai.”, sabe? E é nisso que eu acredito, que **se eu sou** um assassino, um bandido, puta! deitei e rolei, pinteí o sete aqui, puta! eu não posso passar pra uma outra fase, sabe? [de]- [de]- de vida [que o]- como tipo Irmã Dulce, sabe? (CTB 09 M A GIN 500)

- (73a) Inclusive eu, com a outra que é a Vera, né? Que nós estávamos comentando com os meninos dela que a gente tinha que varrer o quintal, né? Que naquele tempo, lá era esterco, aquelas coisas juntava e [da]- **por mais que** o meu pai **tivesse** empregado, mas a gente tinha que estar junto, né? (CTB 04 F B GIN 148)

Qualquer dos exemplos nos permite que se substitua, via paráfrase, o MI de que se valeu o falante, por uma forma subjuntiva¹². Substituímos então tanto (72a) quanto (73a) pelas paráfrases correspondentes (72b) e (73b), fazendo com que os outros verbos estejam em harmonia com a alteração proposta.

- (72b) se você fez coisas bárbaras aqui [você]- você não tem condições de estar no mundo, sabe? Quem tem [uma]- uma parábola do Evangelho que diz [é]- “Existem várias moradas na casa de meu Pai.”, sabe? E é nisso que eu acredito, que **se eu fosse** um assassino, um bandido, puta! **tivesse deitado e rolado, pintasse** o sete aqui, puta! eu não **poderia** passar pra uma outra fase, sabe? [de]- [de]- de vida [que o]- como tipo Irmã Dulce, sabe?
- (73b) Inclusive eu, com a outra que é a Vera, né? Que nós estávamos comentando com os meninos dela que a gente tinha que varrer o quintal, né? Que naquele tempo, lá era esterco, aquelas coisas juntava e [da]- **por mais que** o meu pai **tivesse** empregado, mas a gente tinha que estar junto, né?

A adoção da paráfrase tornou-se um critério válido para toda a seleção dos dados de Curitiba e das outras cidades. Estamos convencidos de que o critério é aceitável e por isso orientamos a composição da amostra a partir dele. Além disso, julgamos que a adoção de um único critério de seleção poderia trazer maior segurança para a composição do *corpus*.

4.7.2 Alguns critérios de exclusão

Como parte do trabalho da seleção dos dados, efetuamos uma varredura em todos os contextos a fim de detectar e eliminar dados que de algum modo

¹² Naturalmente, como ilustram os exemplos (72a) e (73a), em que se pode substituir os modos verbais, nem sempre é possível construir a paráfrase com o mesmo tempo verbal das orações que estão sob análise.

pudessem comprometer a nossa análise. Os dados que apresentamos a seguir constituem, também, à medida em que são excluídos, um critério de seleção, pois não se encaixaram nos critérios por nós previamente estabelecidos.

a) Ocorrências em que houvesse hipercorreção por parte do falante.

Nos exemplo apresentados a seguir, além da hipercorreção, há ainda registro de uma interrupção (75), que compromete a interpretação dos dados.

(74) *Tem, tem revelações assim que Deus opera, né? que se <espe-> quer dizer, Deus revela, né? aí depois você **veja** cumprimento, né? que Deus- (est) (LDN03 F A GIN 356)

(75) E é uma coisa tão rápida que não dá pra te explicar. *Eu não sei se com o passar do tempo- *Você vê, depois a gente foi pra capela, ficamos lá, velando, [depois eles]- foi sepultado, né? *Quando a gente voltou, a gente voltou assim tão aliviado, tão- *Não tinha mais aquela angústia que a gente saiu daqui [com]- com o corpo, sabe? *Então [eu]- eu digo assim que **possa** ser [que]- que **existe**, que nem ela disse. *[Tem]- tem0 que existir pra você se confortar daquilo. *Que muitos [não se]- não se conformam com a morte às vezes0 de um filho num acidente, num afogamento. (CTB04 F B GIN 421)

(76) *[8 Não era 8] assim antigamente, agora, você vai fazer o quê? *Será quem que é o culpado? *Quem **ponha** no mundo? (est) *Quem não tem aí, né? (hes) *Não fa0z nada, né? *[Não]- não entende, né? aquilo, né? *Só sabe pôr filho no mundo e pronto. *Ou será que o governo agora com essa nova lei dele, né? *~~Prote~~ proteger o menor, então será que talvez0 os adultos agora estão usando os menores como cobaia? (CTB03MAGN433)

O exemplo (76) foi selecionado inicialmente, pois nele aparece a ocorrência de *ponha*, que julgamos se tratar de uso *presente* do MS do verbo *por* (que *põe*, quem *puser*); contudo, pode se tratar do uso do verbo “ponhar”, justificando, assim, também, a exclusão desse dado.

b) Ocorrências em que houvesse pausa, por parte do falante, entre a oração principal e a subordinada, comprometendo a interpretação do dado:

(77) *[7Que é bastante!7] Eu não sei que região que veio, né? *Não acredito que seja São Paulo, não acredito, que **deve** ter muita gente, tem japonê0s que deve ter vindo até direto do Japão, viu? (est) *Eu [8acredito8] [8(est)8] é, eu acredito que deve ter muita gente que veio direto do Japão, [9porque.9] (LDN 19 M A PRI)

c) Ocorrências em que houvesse coincidência de formas entre o MI e o MS. Nos exemplos abaixo não é possível definir se se trata de uso do MI ou do MS, pois no tempo presente a 3ª do plural tem a mesma forma (eu vou... eles *vão*; que eu vá ... que eles *vão*):

- (78) *Ah! hoje eu tenho três filhos, né? e0 coloco na cabeça deles que eles têm que fazer alguma pra ser alguma coisa na vida, né? quer dizer, a gente trabalha pra isso, né? *Agora vamos ver a cabeça deles, se eles vão querer chegar onde a gente quer [que eles **vão**], né? porque a gente quer é uma coisa, [eles querer] é outra. (CTB 07 M A PRI 400)
- (79) *[9Então eles sabem que9] lá é garantido, né? L 1393 *Então, eles não vão nem pra estudar. *E mesmo que eles [**vão**] com interesse de estudar, [que] eles estão0 mal alimentados, eles não vão ter condição de aprender muita coisa, né? *Então, eu acho que em vez de ficar só falando, falando, eles deveriam0 agir, sabe? (est) *Eu acho também que- falando um pouco de política agora- (CTB 19 F A GIN 1393)

d) As repetições de uma determinada ocorrência de MI e MS que não se constituam em nova oração:

- (80) *Isso, eu acredito [que **seja** isso]- [que **seja** que]- que **esteja**- *Não, eu não- a gente não tem certeza disso, mas0 não sei o que te dizer, eu acho que é. (est) (LDN 11 F B SEG)

e) Ocorrências em que há a presença de conjunções e que, por razões contextuais, não permitam que se substitua os modos verbais indicativo e subjuntivo:

- (81) F: (...) que está fazendo bastante ajardinamento, então quer dizer que a cidade [está]- está com aspecto bom, né?
E: *É eu acho muito bonito Londrina.
F: **Embora* eu **tenho** um irmão que **trabalha** na Prefeitura, (est) eu tenho um irmão que trabalha na Prefeitura. (LDN 10 F B GIN 472)
- (82) F *[4É4]. *Pois é. *Eu acho. *Essas artistas todas também0 fazem suas refeições, como elas gostam. *Não dá certo. *Depois elas vão repousar e esse repouso0 delas0 relaxa e dormem. *E depois se acordam sozinhas ainda estão satisfeitas. **Conforme* [a]- como elas **querem**, elas vão dormir outra vez. *E conforme elas0 se **arrumam** e saem, vão pros seus afazeres0 (ruído) noturnos. (interrupção da gravação) (CTB 6 F B SEG 282)

O falante faz uso da conjunção *embora* em (81) e, assim, temos a impressão de que vai iniciar uma oração concessiva, entretanto, há uma interrupção (estímulo) em seguida ele introduz uma afirmação *eu tenho um irmão que trabalha na Prefeitura* e a oração concessiva não se conclui. Em (82) o

falante ao expressar a sua opinião (*Pois é. Eu acho*) passa a descrever a rotina das *artistas*. Não há evidências no contexto que nos levem a ter certeza de que está descrevendo um fato ou mesmo de que se trate de uma suposição.

- f) Ocorrências nas orações adjetivas, em que havia a constatação de um fato e não a criação de uma hipótese. Como em (83) em que não se trata de uma hipótese, mas de uma queixa a respeito do atendimento no posto de saúde:

(83) Você não tem exame na hora que você **necessita**. (LDN 22 M B GIN)

4.7.3 Outros casos

Há ainda outras ocorrências que não se encaixaram em nenhum dos modelos anteriores, mas que não poderiam deixar de ser consideradas e computadas na pesquisa:

- a) Foram consideradas as ocorrências em que na raiz verbal, embora tenha ocorrido alteração ocasionada por um lapso do falante, foram mantidas as desinências de MS:

(84) F: *Não, as professoras eram bem exigentes, né? (est) Então era daquelas que [você]- você errasse0 uma coisa, ela fazia você0 ir até o fim da matéria, se você [começasse brincar], elas davam bolachinhas na palma da mão com uma régua-
E: *Ah, tinha palmatória?
F: *Exatamente! *Tinha castigo atrás0s da porta com grão de milho- você não saía no recreio se você não fizesse o que ela <**quiesse**>. (CTB 01 MA PRI 016)

b) Ocorrências em que houve a regularização da forma do MS:

- (85) E: E agora no Natal você vai passar, Ano Novo, (inint)
 F: No Natal vou passar em casa.
 E: Nós também.
 F: Vai <vim> talvez venha meu irmão, talvez não venha, [que ele vai ganhar]- a mulher dele ganhou nenê agora também essa semana passada né? e ele mora lá na cachoeira lá, né? Parque São Jorge, também é lá longe e tudo. Talvez ele *venha*, talvez ele não *venha*. Se ele não <vim>, vou passar eu, a mulher com os filhos. (CTB 03 MA GIN 390)

Não foram considerados casos como os do exemplo (86) enquanto uso de MI em lugar de MS, pois não se trata de uso do tempo verbal *presente* do; em *se ele não vim* encontramos uma tendência à regularização do tempo verbal *futuro do subjuntivo* e da forma *infinitiva*, como nos é apresentado no início da fala do mesmo informante em *vai vim*. Entendemos que tais casos são exemplos de emprego ou de MS ou de regularização da forma *infinitiva*.

Em (86), estamos considerando que a ocorrência com o verbo *vir* em *daí tem que encarar o que vir* também é uma regularização. Segundo a GT, a forma esperada para o tempo verbal *futuro* do MS é *vier*.

- (86) E: *E temporal, por exemplo, quando chove, o que que acontece? o que que você fa0z pra0 se virar, depois que você já está lá na mata?
 F *Ah, daí tem que encarar o que *vir*, né? fazer o quê? *Daí tem [que]- que ficar ou vir embora, sei lá. *Isso depende [do]- do momento e da hora certa, né? que estiver lá. (CTB 07 M A PRI 641)

O exemplo (87) se refere, da mesma forma, a uma regularização, desta vez do verbo *ir*. Nessa ocorrência, em vez “se um dia eu *for* morar longe daqui”, o falante produz “se um dia eu *ir* morar longe daqui”.

- (87) F: *Os vizinhos. *Os vizinhos adoram- (falas superpostas e voz bem alta. (risos geral) *Eu adoro meus vizinhos, não posso viver sem vizinho. *Deus o livre |*se* um dia eu *ir* morar| longe daqui! *[Eu]- [eu]- [eu]- eu (inint) não fico longe daqui, né? mãe? *Eu não fico, né? Dona Marluce? *Eu já mudei daqui não sei quantas vezes- (CTB 08 F A PRI 319)

As ocorrências (86) e (87) foram computadas como expressão de regularização de formas do MS, pois nesses casos poderia ter ocorrido alternância com o MI.

Vencida a discussão da metodologia empregada em nossa pesquisa, passamos, a seguir, à apresentação e discussão dos resultados.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados codificados foram submetidos às rodadas do Pacote VARBRUL para microcomputadores e os resultados obtidos serão apresentados neste capítulo. Primeiramente, faremos uma descrição do conjunto de todos os dados, para tanto nos valem da rodada feita através do programa *MAKECELL*, que é um dos programas do pacote estatístico VARBRUL e que nos permite ver detalhadamente como se distribuem, do ponto de vista percentual, os dados da nossa amostra; num segundo momento, apresentamos os resultados obtidos através do *IVARB*, que é o programa que faz o cálculo dos pesos relativos ou a análise probabilística na forma binária, selecionando os grupos de fatores que se mostraram relevantes.

Para a rodada feita pelo programa *MAKECELL*, envolvendo os resultados das quatro cidades do estado do Paraná, obtivemos o seguinte quadro geral, composto de um total de 2.718 ocorrências, conforme demonstrado na Tabela 8, a seguir:

TABELA 8 – OCORRÊNCIAS DE *MODO VERBAL* NO PARANÁ

MODO VERBAL	SUBJUNTIVO	INDICATIVO	TOTAL
Ocorrências	2.434 (90%)	284 (10%)	2.718

O número de ocorrências de MS é de 2.434 e correspondem 90% do total dos dados; já o número de ocorrências de MI é de 284 e representa 10% do total da amostra. Esses índices percentuais, de certo modo, confirmam as tendências apresentadas em outras pesquisas tratando do mesmo tema – como PIMPÃO (1999), na cidade de Florianópolis-SC, COSTA (1990), na região rural

da cidade de Ijuí-RS e WHERRITT (1977), na cidade de São Paulo-SP – em que se descrevem a variação ocorrida entre o MS e o MI. Essa aproximação com outros trabalhos nos permite identificar que esta é uma questão presente em diferentes cidades do país, em particular das Regiões Sul e Sudeste. Contudo, questões regionais ou étnicas podem interferir na amostragem, como veremos adiante.

Para que se possa melhor entender os resultados acima, trataremos de apresentá-los conforme sua distribuição dentro do grupo *tempo verbal da ocorrência*, da seguinte forma:

TABELA 9 – OCORRÊNCIAS DE *TEMPO VERBAL DA OCORRÊNCIA*
(ORAÇÃO SUBORDINADA OU INDEPENDENTE)

TEMPO VERBAL								
SUBJUNTIVO			INDICATIVO					
Presente	Imperf.	Futuro	Presente	Perfeito	Imperf.	MQP	Fut. Pret.	Futuro
764	780	890	230	09	34	–	02	09

A partir da descrição da Tabela 9, podemos constatar que o tempo verbal de maior frequência, quando da substituição do MS pelo MI, é o *presente*, correspondendo a mais de 81% das ocorrências de MI, seguido pelo *imperfeito*, que corresponde a 12% das ocorrências. As outras ocorrências de *perfeito*, *futuro do pretérito* e *futuro* representam 7% do total de dados para MI.

Conforme PIMPÃO (1999), os traços de *atemporalidade*, bem como de *incerteza* e de *pressuposição* podem favorecer o MI, especialmente no que se refere ao tempo *presente*.

Um outro conjunto de dados analisado em nossa pesquisa diz respeito às ocorrências de *modo verbal* relacionadas ao *tipo de oração*. Apresentamos a seguir os percentuais de ocorrência de MS, em ordem crescente, conforme a disposição na Tabela 10. Destacamos nessas ocorrências o uso de MS em *frase feita*, indicando que o MS nesse contexto é categórico (85 ocorrências para MS, representando 100% da amostra). O uso MS em *frase feita*, por ser categórico, não configura uma situação de variação; por essa razão essas ocorrências serão retiradas da amostra para realização da rodada estatística.

TABELA 10 – *MODO VERBAL E TIPO DE ORAÇÃO*

TIPO DE ORAÇÃO	SUBJUNTIVO		INDICATIVO		TOTAL
	N.º	%	N.º	%	
Principal	10	77	03	23	13
Adverbial	1.344	86,3	213	13,7	1.557
Adjetiva	307	90	35	10	342
Isolada	276	95	14	05	290
Substantiva	412	95,6	19	04,4	431
Frase Feita	85	100	—	—	85
TOTAL GERAL	2.434		284		2.718

As ocorrências de MI, como consequência, estão apresentadas na ordem decrescente. Assim, *oração principal* é o contexto em que há percentualmente maior tendência ao uso do MI. O contexto que apresenta menor percentual de ocorrências é o da *subordinada substantiva*.

A fim de que possamos descrever o restante da amostra e, desta maneira melhor perceber e tratar da questão da alternância dos modos verbais, isolaremos a seguir cada um das variáveis trabalhadas.

5.1 ORAÇÕES ISOLADAS

Das 290 ocorrências de *orações isoladas*, conforme apresentado na Tabela 10, somente 79 ocorrências permitem que se considere o contexto de variação. Assim, os dados apresentados na Tabela 11, a seguir, restringem seu universo de análise a essas 79 ocorrências em que se pode constatar a variação entre os modos verbais. Essas ocorrências de *orações isoladas* referem-se aqueles contextos em que há construções com a presença do advérbio *talvez* (78 ocorrências) e com o advérbio *possivelmente* (apenas uma ocorrência no MS para a cidade de Pato Branco).

TABELA 11 – *MODO VERBAL E ORAÇÃO ISOLADA COM A PRESENÇA DE ADVÉRBIO*

CIDADE	SUBJUNTIVO		INDICATIVO		TOTAL
	Nº	%	Nº	%	
Curitiba	30	86	07	14	37
Pato Branco	08	87	02	13	10
Londrina	07	89	04	11	11
Irati	20	96	01	04	21

Os dados da Tabela 11, de *modo verbal e oração isolada com a presença de advérbio*, representam 27,2% das 290 ocorrências de *orações isoladas* e 2,9% do total de 2.718 dados, e nos permitem observar como a amostra está distribuída em cada uma das cidades.

Assim, Curitiba é a cidade em que há o maior número de ocorrências, com um total de 37, das quais 30 (86%) são de MS e 7 (14%) para MI; para Pato Branco há um total de 10 ocorrências, com 8 (87%) para o MS e 2 (13%) para o MI; Londrina, por sua vez, apresenta 11 ocorrências, sendo 7 (89%) de MS e 4 (11%) de MI.

Como se pode observar, nas cidades de Curitiba e Irati estão os índices que se situam nos extremos da Tabela 11: Curitiba (14%) para MI e Irati (96%) para MS; as diferenças entre esses índices percentuais das duas cidades, entretanto, é de cerca de 10%, tanto para o uso de MI quanto para MS. Isoladas essas duas cidades, pode-se constatar que o restante dos dados apresenta percentuais muito próximos, tanto para o MS (entre 86%, 87% e 89%), quanto para o MI (entre 11%, 13% e 14%).

5.2 ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

A seguir, retomaremos os dados apresentados anteriormente na Tabela 10. Isso se faz necessário para que possamos avaliar, separadamente, os dados que se referem às 431 ocorrências das *subordinadas substantivas* – 412 (95,6%) para MS e 19 (4,4%) para MI – e compará-los com os dados das *subordinadas adjetivas* – 307 (90%) para MS e 35 (10%) para MI – e aos dados das *subordinadas adverbiais* – 1344 (86,3%) para MS e 213 (13,7%) para MI.

As orações *subordinadas substantivas*, conforme sugerem os dados, constituem o contexto em que, percentualmente, há maior ocorrência de MS e as ocorrências de MI apresentam o menor índice percentual (excluídas as orações *isoladas*). Os dados nos permitem constatar, ainda, que é justamente a *subordinada substantiva* que apresenta menor valor percentual para ocorrência de MI. De um total de 431 ocorrências, 412 (95,6%) delas se encontram distribuídas no MS e 19 (4,4%) no MI, conforme nos é apresentado na Tabela 12:

TABELA 12 – *SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS E MODO VERBAL*

SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS	MODO VERBAL			
	SUBJUNTIVO		INDICATIVO	
	Nº	%	Nº	%
Predicativa	22	88	03	12
Subjetiva	62	93	05	07
Objetiva indireta	16	94	01	06
Objetiva direta	285	97	10	03
Completiva nominal	26	100	–	–
Apositiva	01	100	–	–
TOTAL	412		19	

A distribuição dos dados nas *subordinadas substantivas* e nos *modos verbais* segue a ordem crescente dos percentuais das ocorrências para o MS. Assim, os maiores índices de ocorrência de MS referem-se às ocorrências de uso categórico, ou seja, *apositivas* com uma (01) ocorrência (provavelmente por serem raras) e *completivas nominais*, com 26 ocorrências para o MS. Ao que parece, os casos de uso categórico ocorrem por restrições sintáticas, que inibem, ou mesmo não permitem que o MI possa ser utilizado nesses contextos.

Embora não tenhamos controlado a classe semântica dos verbos que ocorrem neste tipo de oração (*volitivos*, *emotivos* e de *opinião*; cf. POPLACK, 1990), parece que as *subordinadas substantivas* constituem o contexto que pode favorecer a ocorrência do MS. Segundo apontam as pesquisas de WHERRITT (1977), POPLACK (1990), SILVA-CORVALAN (1992), e PIMPÃO (1997), por exemplo, é nesse contexto que se inserem os verbos *volitivos*, que favorecem a ocorrência do MS. É também nas *subordinadas substantivas* que ocorrem os verbos de *opinião* (*crer*, *acreditar* e *achar*), para os quais se constatou, naqueles trabalhos, haver maior frequência de MI. Nesse sentido, seria necessário isolar essas orações e fazer o controle dessas diferentes classes semânticas, a fim de

melhor avaliar cada uma dessas ocorrências, o que não foi possível no âmbito deste trabalho.

5.3 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

Conforme apresentado na Tabela 10, as ocorrências com orações *subordinadas adjetivas* encontradas somam 342, das quais 307 (90%) são de MS e 35 (10%) são MI. Esse resultado demonstra que nas *adjetivas*, em relação às *substantivas*, há percentualmente maior ocorrência de MI. Contudo, para que pudéssemos ter uma visão da distribuição de ocorrências de MS e MI nas orações *subordinadas adjetivas*, seria necessário que nossa amostra tivesse controlado as ocorrências de *adjetivas* em relação ao contexto em que se encontram.

PIMPÃO (1999, p. 95) ao tratar das *cláusulas relativas*, sob a ótica funcionalista, observa que “o princípio semântico das cláusulas relativas prevê a correferencialidade entre um dos participantes da cláusula relativa e o argumento nominal por ela modificado”. E esclarece que em seu estudo as *cláusulas relativas*

têm a propriedade de codificar um evento/estado sob a modalidade *irrealis* e sob a negação da asserção, de retratar argumentos nominais/sintagmas nominais de natureza não-referencial e indefinida. (PIMPÃO, 1999, p. 95)

A autora nos apresenta separadamente as noções de *referencialidade* e de *definitude do sintagma nominal* por entender que são centrais para o desenvolvimento de seu trabalho.

Os exemplos de que dispomos poderiam, de certo modo, também ser descritos nos mesmos termos, pois ao apresentar um fato ou contexto não definido, ou mesmo desejável, o falante recorre ao MS, como sugere o exemplo (88):

- (88) Não, **qualquer** motorista **que seja** profissional, ele não é barbeiro. É um pessoal **que** não está acostumado com o trânsito, fazer- vamos supor, você está indo na [tua] mão, liga a seta e a pessoa **que** vem atrás não presta atenção que você ligou a seta, que vai entrar à esquerda, coisa e tal. (CTB 01 M A PRI 0522)

Nesse exemplo, bem como em boa parte dos que encontramos em nossa amostra, uma vez apresentado o referente indefinido ou mesmo não mencionado anteriormente, a nova situação suposta passa a ser descrita como se o falante estivesse vendo a cena; e isso ocorre lançando mão do tempo presente do MI. Em (89), do mesmo falante, temos outra semelhante:

- (89) *Exato! *Não, o anel central, ele0 está bem distribuído. *Agora, quando chove, daí é [um]- um Deus nos acuda. (est) *Daí é muita gente que0 dirige só aos domingos, (est) saem dirigir0 num dia de semana com chuva, coisa e tal, então0 vai disso que vira aquele engarrafamento. (est) *Então não porque [tá]-[o anel de]- o anel central **pra quem**, vamos supor, **sabe dirigir, que é** profissional, ele nunca vai fazer engarrafamento, mas, agora, o pessoal **que não dirige, que só pega** o carro dia de chuva, daí ele vai0 se perder e se embanana todo. (est). *Então daí atrapalha quem sabe. (CTB 01 M A PRI 0497)

Dos exemplos acima, em (88) parece que o falante tem em mente um referente e um contexto indefinido *qualquer motorista* e, por essa razão, faz uso do MS. Em (89), ao contrário, *pra quem, vamos supor, sabe dirigir, que é profissional*, o falante já tem em mente pelo menos um referente, ou contexto, definido, e por isso faz uso do MI.

Assim sendo, em (90) podemos observar que essa tendência é confirmada, ou seja, o falante ao se referir a um contexto não definido ou em que há generalização (*nada que preste*) faz uso do MS; contudo, ao mencionar um contexto mais definido (*não tem um programa bom assim, que você assiste*), faz uso do MI.

(90) (90)*Eu acho assim um pouco, sei lá, [o]- televisão ensina muita coisa0 (est) que não presta, né? *Que coisa boa não ensina, né? pode ver, **você não tem nada que preste** numa televisão pra você assistir, [uma]- uma coisa assim, uma coisa sadia, uma coisa0 boa, uma coisa- olha, é incrível, não0 tem um programa bom assim, **que você assiste** e vê que é gostoso [de]- você sentar e assistir. (est) *Tudo que é novela, tudo aquilo que não presta, né? (CTB 10 F A PRI 0990)

(91) Então aqui em Londrina, é difícil o quintal **que você olhe** e você **não vê** um pé de laranja, de polca, né? e lá é difícil o quintal **que você não vê** pêra. (LDN 21 M B GIN 0911)

Em (91), ao fazer uso do MS em *é difícil o quintal que você olhe*, o falante tem em mente não um *quintal* específico, por onde tenha passado e que o tenha impressionado, mas *qualquer* quintal, tratando-se, assim, de um contexto não definido. Por sua vez, ao mencionar *lá é difícil o quintal que você não vê pêra*, o falante não se refere a qualquer quintal mas, senão a todos eles, pelo menos alguns, ou algum especificamente, que têm na lembrança e de que se vale para fazer a descrição.

O contexto da ocorrência do exemplo (92) é semelhante aos demais já apresentados, pois o falante define qual é a situação em que as pessoas se reúnem e especifica que *ninguém é músico*, pois se trata de uma certeza; contudo, ao que parece, a mesma certeza não se expressa quando em relação a alguém tocar ou não um instrumento.

(92) F *É, [que]- quando a gente se reúne a gente fa0z roda de chimarrão, a gente conversa, a gente- **Só que não tem ninguém, assim que é músico, né? que toque gaita ou toque violão assim*- *Mas0s a gente sempre se reúne, recorda os tempos, né? * Olha: aqui- assim por exemplo, lá quando a gente vai pro sítio. *Eu digo sítio, né? porque, então a gente vai lá onde que mora o meu irmão, (PBR17 M A PRI 0320)

Constatamos que *só que não tem ninguém, assim que é músico* se refere a todo o conjunto da família ou do grupo de amigos e que, portanto, é definido, ou seja, não há um só membro do grupo que seja músico. Contudo, em (*ninguém que toque gaita ou toque violão*), ao invés de *todos*, *ninguém* compreende uma pessoa (ou *pelo menos uma*) conhecida que toque gaita ou violão, sendo portanto, indefinido.

Os exemplos apresentados acima têm por objetivo demonstrar que o estudo das orações *subordinadas adjetivas* presentes em nossa amostra e nos dados do Projeto VARSUL merece um tratamento que refine a análise e considere, para isso, as questões apontadas por PIMPÃO (1999), bem como os contextos em que estão inseridas as ocorrências, narração ou descrição, e se é a primeira vez que um dado ocorre ou se trata de uma retomada.

5.4 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Semelhante ao procedimento adotado em relação às *subordinadas substantivas*, e para que se tenha uma melhor compreensão das ocorrências de orações *subordinadas adverbiais*, é necessário que examinemos os dados das *adverbiais* em separado, isolando-as dos outros tipos de oração.

Retomando os dados da Tabela 10, podemos constatar que as ocorrências das orações *subordinadas adverbiais* representam o maior número dos dados de nossa amostra (1.557 ocorrências; 57,4% do total); entretanto, justamente esse grande número de dados exige ser detalhado com um pouco mais de cuidado.

Apresentamos, assim, na Tabela 13 a discriminação das ocorrências das *adverbiais*.

TABELA 13 – SUBORDINADAS ADVERBIAIS E MODO VERBAL

SUBORDINADA ADVERBIAL	MODO VERBAL			
	SUBJUNTIVO		INDICATIVO	
	Nº	%	Nº	%
Conformativa	08	80	02	20
Condicional	1.091	85	191	15
Concessiva	42	86	07	14
Temporal	94	88	13	12
Causal	04	100	–	–
Comparativa	38	100	–	–
Final	67	100	–	–
TOTAL	1.344		213	

Devemos considerar, entretanto, que desse total, o número de orações *adverbiais condicionais* é de 1.282, ou seja, representa 82,2% das 1.557 ocorrências de orações *adverbiais*. As *condicionais* representam, além disso, quase a metade, 47,1% do total dos dados (2.178).

A disposição dos dados, em ordem crescente dos índices percentuais, nos permite identificar inicialmente dois grupos dentro da Tabela 13. O primeiro grupo diz respeito às ocorrências em que o uso do MS apresenta resultados categóricos (*finais, comparativas e causais*). O segundo grupo representa o conjunto das orações em que ocorre alternância entre os modos verbais. Assim, as orações *temporais, concessivas, condicionais* e, em menor número de ocorrências, as *conformativas* constituem os contextos em que se pode observar maior frequência de uso do MI.

Subdivididos esses contextos, de uso categórico de MS e em que há alternância de uso dos modos verbais – que se aplica ao caso das *condicionais* e *temporais* –, é preciso que se busque justificar essa alternância nos modos

verbais. Uma justificativa que pode ser apresentada, deve levar em conta o fato de que na constituição de *hipóteses*, e mesmo para a expressão de *incerteza* e de *probabilidade* é possível fazer uso do MI, do tempo presente, cuja característica é a de poder dar expressão à atemporalidade e à generalização.

No que se refere às *concessivas* e *conformativas*, é necessário que uma investigação quanto ao caráter discursivo do uso desse tipo de oração seja ainda realizada, pois isso não foi possível no âmbito do trabalho que nos propusemos a realizar.

5.5 A MODALIDADE – *CONHECIMENTO E CONDUTA E DESEJO*

A distribuição das ocorrências, levando em conta a modalidade *conhecimento* e *conduta e desejo*, é apresentada na Tabela 14: 2.187 para *conhecimento* e 531 para *conduta e desejo*.

TABELA 14 – *MODALIDADE E MODO VERBAL*

MODO VERBAL	MODALIDADE			
	<i>conhecimento</i>		<i>conduta e desejo</i>	
	Nº	%	Nº	%
Subjuntivo	1.918	88	516	97
Indicativo	269	12	15	3
TOTAL	2.187		531	

Assim, as ocorrências de modalidade *conhecimento* dizem respeito a situações relacionadas ao grau de conhecimento e compreendem contextos que expressam *certeza, incerteza, probabilidade e possibilidade*. Os 2.187 dados respondem por (80,5%) do total das ocorrências e estão distribuídos nos modos verbais da seguinte maneira: 1.918 (88%) para o MS e 269 (12%) para o MI.

Ou seja, na modalidade *conduta e desejo* há um percentual maior de ocorrências de MS; todavia, observamos que há também um percentual significativo de ocorrências de MI (12%) na modalidade *conhecimento* em relação à *conduta e desejo* (com apenas 3%).

As ocorrências referentes à modalidade *conduta e desejo* compreendem, em nosso trabalho, além da *conduta e obrigação*, a *solicitação, vontade* ou *desejo* e representam o restante dos 531 dados, dos quais 516 (97%) para o MS e 15 (3%) para o MI. Ainda quanto à modalidade da *conduta e desejo*, se entendermos que a ela também está associado o *traço de futuridade*, conforme mencionado por PIMPÃO (1997), podemos concordar com a autora de que nesse contexto o *traço de futuridade* é favorecido e que encontra sua expressão majoritariamente no MS.

Conforme PIMPÃO (1997, p. 114), as orações formadas a partir de verbos volitivos/deônticos, bem como as *adverbiais finais*, são contextos que expressam um traço intrínseco de *futuridade*. Embora não tenhamos tratado do *traço de futuridade* enquanto uma das variáveis a serem controladas em nosso trabalho, as nossas ocorrências de modalidade *conduta e desejo* englobam esses casos e, em assim sendo, nossos resultados vêm de encontro às conclusões a que chegou PIMPÃO (1999), ou seja, de que o *traço de futuridade* pode favorecer as ocorrências de MS.

5.6 A VARIÁVEL IDADE DO INFORMANTE

A seguir, trataremos das ocorrências referentes à *idade do informante*, distribuídas na Tabela 15.

TABELA 15 – IDADE DO INFORMANTE E MODO VERBAL

MODO VERBAL	IDADE DO INFORMANTE			
	A (25 a 49 anos)		B (acima de 50 anos)	
	Nº	%	Nº	%
Subjuntivo	1.380	89	1.054	91
Indicativo	175	11	109	09
TOTAL	1.555		1.163	

Uma das conclusões a que a Tabela 15 nos permite chegar é a de que os dados, tanto referentes à *faixa etária* A (mais jovens) quanto os da *faixa etária* B (mais velhos), apresentam índices percentuais muito próximos, não sendo, dessa maneira, seguro afirmar que essa variável possa interferir, ou mesmo ser responsável pela escolha dos modos verbais feita pelos falantes.

O percentual total de ocorrências é maior para a *faixa etária* A (57,2%) em relação à *faixa etária* B (42,8%); contudo, a distribuição das ocorrências dentro de cada um dos grupos se deu da seguinte maneira: na *faixa etária* A houve um total de 1.555 dados, dos quais 1.380 (89%) para o MS e 175 (11%) para MI; para a *faixa etária* B houve 1.163 ocorrências, das quais 1.054 (91%) para o MS e 109 (09%) para MI.

Entretanto, somente a rodada estatística probabilística nos permitirá afirmar se a *faixa etária* influencia a escolha dos falantes; não podemos afirmar que a *faixa etária* dos falantes seja um fator determinante na escolha dos modos verbais, considerando somente os índices percentuais apresentados. Os índices

percentuais muito próximos nos permitem afirmar, apenas, que o comportamento das *faixas etárias* A e B é bastante semelhante.

5.7 A VARIÁVEL SEXO DO INFORMANTE

De maneira semelhante à *faixa etária* do informante, em relação ao *sexo do informante*, as ocorrências se distribuem de maneira bastante homogênea, conforme nos mostra a Tabela 16.

TABELA 16 – *SEXO DO INFORMANTE E MODO VERBAL*

MODO VERBAL	SEXO DO INFORMANTE			
	FEMININO		MASCULINO	
	Nº	%	Nº	%
Subjuntivo	1.306	90	1.128	90
Indicativo	153	10	131	10
TOTAL	1.459		1.259	

Para o *sexo feminino* houve 1.459 ocorrências (90%) no MS e 153 (10%) no MI; para o *sexo masculino* houve 1.259 ocorrências, das quais 1.128 (90%) no MS e 131 (10%) no MI. Ou seja, esses resultados nos permitem constatar e afirmar, por ora, que não é o *sexo do informante* que determina a escolha dos modos verbais, levando ao uso de MS ou de MI.

5.8 A VARIÁVEL GRAU DE ESCOLARIDADE DO INFORMANTE

As ocorrências relativas ao *grau de escolaridade* para as cidades do Paraná, seguem a seguinte distribuição: 900 ocorrências para o *primário* (33,1%), 1.041 ocorrências para o *ginásio* (38,3%) e 777 ocorrências para o *colegial* (28,6%), conforme nos apresenta a Tabela 17. Nela é possível observar que esses percentuais se encontram muito próximos e somente a rodada estatística nos permitirá afirmar em que medida a escola influencia na escolha dos modos verbais. Essa proximidade dos percentuais nos permite concluir que, em relação ao *grau de escolaridade*, considerando que possa desempenhar papel importante na escolha dos falantes, seria de se esperar, então, até mesmo em termos de números absolutos e de percentuais de ocorrência, que haveria número maior de dados de MS no *colegial*, pois esses falantes apresentam maior tempo de exposição à escola dos que os de *primário* e *ginásio*.

TABELA 17 – GRAU DE ESCOLARIDADE E MODO VERBAL

MODO VERBAL	ESCOLARIDADE					
	PRIMÁRIO		GINÁSIO		COLEGIAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Subjuntivo	795	88	926	89	713	92
Indicativo	105	12	115	11	64	08
TOTAL	900		1.041		777	

As ocorrências de *grau de escolaridade* apresentam a seguinte distribuição: para o nível *primário* 795 (88%) para o MS e 105 (12%) para o MI. Para *ginásio* houve 926 (89%) ocorrências para MS e 115 (11%) para MI. Por sua vez, as ocorrências relativas ao *colegial* encontram-se distribuídas em 713 (92%) para MS e 64 (08%) para MI.

Nos dados da Tabela 17, ao considerarmos as ocorrências de MS em relação à *escolaridade* do falante, podemos constatar que não há variação

percentual no uso de MS para *primário* (88%) e *ginásio* (89%). Já no nível *colegial* (92%), ainda que haja um pequeno aumento percentual na frequência de uso do MS, seria esperado um índice um pouco maior, principalmente se considerarmos que a maior permanência na escola poderia resultar em um maior uso do MS. Contudo, a julgar somente por esses dados, com alguma reserva, podemos dizer que eles não nos permitem afirmar que a *escolaridade* seja a variável que interfere de modo decisivo na escolha dos falantes, pois os percentuais se apresentam muito próximos.

No que se refere aos índices referentes ao MI, obviamente, os percentuais apresentam resultados bastante semelhantes, ou seja, *primário* (12%) e *ginásio* (11%) tem, na prática, os mesmos percentuais e o uso do MI feito pelos falantes do *colegial* (08%), também é bastante próximo. Esse conjunto dos dados, portanto, como o anterior, também não nos permite concluir que a *escolaridade* do falante possa interferir na escolha dos modos verbais.

Todavia, aos considerarmos os dados da Tabela 17, pelo fato de ela nos apresentar percentuais bastante próximos, seria mais sensato afirmar que a interferência da *escolaridade* possa diminuir o uso de MI e que haja um aumento percentual no uso do MS, principalmente, no sentido de que ela aguce no educando a percepção do estilo.

5.9 A VARIÁVEL LOCALIDADE

Nossos dados também nos permitem observar a distribuição geográfica dos dados de nossa amostra. Conforme nos apresenta a Tabela 18, as 2.718 ocorrências se encontram assim distribuídas nas quatro cidades do estado do Paraná segundo o modo verbal.

TABELA 18 – DISTRIBUIÇÃO DE *MODO VERBAL* POR CIDADE

MODO	CIDADES							
	CURITIBA		LONDRINA		PATO BRANCO		IRATI	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Subjuntivo	734	86	481	89	435	87	784	96
Indicativo	123	14	60	11	65	13	36	04
TOTAL	857		541		500		820	

As ocorrências relativas à cidade de Curitiba somam 857 dados, dos quais 734 (86%) para o MS e 123 (14%) para MI; para a cidade de Londrina foram encontradas 541 ocorrências, 481 (89%) de MS e 60 (11%) de MI; as 500 ocorrências da cidade de Pato Branco dividem-se em 435 (87%) para o MS e 65 para o MI. Essas três cidades apresentam índices percentuais muito próximos em relação às ocorrências, tanto para o MI quanto para o MS, demonstrando que a distribuição dos dados, no que se refere ao uso dos modos verbais, é bastante estável, independente da região, ou do tipo de influência cultural a que estas cidades tenham sido submetidas.

A cidade de Irati é, por sua vez, a que apresenta maior diferença em relação às outras cidades da amostra. As 820 ocorrências estão distribuídas majoritariamente no MS, 784 (96%), havendo somente 36 (04%) para o MI. Ao invés de afirmar que algum tipo de influência – étnica, regional, ou mesmo relacionada à constituição do *corpus* – esteja determinando esta diferença

apresentada no perfil da cidade de Irati, julgamos pertinente sugerir que outras cidades da Região Sul, pertencentes ao VARSUL sejam pesquisadas, a fim de que seus dados possam ser comparados aos de Irati e que, então alguma conclusão possa ser tirada ou sugerida.

Curiosamente, apesar de se tratar de um conjunto de dados diferente, os percentuais da Tabela 18 coincidem com os da Tabela 11, em que foram apresentadas as ocorrências de *orações isoladas*.

5.10 A CORRELAÇÃO ENTRE OS TEMPOS VERBAIS

As ocorrências dos *tempos verbais* das orações *principal* e *subordinada*, presentes nos nossos dados, permitem a elaboração de um quadro da correlação existente entre estas duas variáveis.

Como se pode observar na Tabela 19, a correlação dos tempos verbais é válida para um número significativo dos dados e nos mostra que ela resulta da tendência ao paralelismo, dado que alguns tempos verbais condicionam o aparecimento de outros; entretanto, a questão do paralelismo não será objeto de nosso trabalho. Assim, a fim de ilustrar a correlação entre os tempos verbais, vamos apresentar alguns desses casos que julgamos ser os mais interessantes.

Nosso critério de escolha foi apresentar exemplos daqueles dados cujo número de ocorrências esteja em torno de 10% do total da amostra. Entretanto, para efeitos de comparação, mantivemos na Tabela 19 as ocorrências que contam com número menor de dados, pois algumas merecem ser destacadas.

TABELA 19 – TIPOLOGIA DA CORRELAÇÃO DOS *TEMPOS VERBAIS* DA ORAÇÃO *PRINCIPAL / SUBORDINADA* PARA O ESTADO DO PARANÁ

Subordinada	Fut P I	Perf I	Fut I	Imp I	Pres I	Pres S	Imp S	Fut S	Total
Principal	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	
Pres I	-	4	5	2	160	355	123	556	1.205
Imp I	-	1	-	18	5	5	285	20	334
Fut I	-	1	2	-	23	21	4	130	181
Fut Pret I	-	-		1	-	2	126	7	136
Perf I	1	1	-	2	3	5	63	4	79
Infinitivo	-	-		-	1	18	19	9	47
Imperativo	-	-	-	-	6	6	2	19	33
Pres S	-	-	1	-	3	11	1	12	28
Imp S	-	-	-	-	-	2	19	-	21
Fut S				1	1	9	2	3	16
MQP	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Gerúndio	-	-	-	-	-	4	5	-	9
Total	1	7	8	24	199	451	649	760	2.102

Antes, porém, de avaliarmos esse conjunto de dados, é necessário fazer menção às ocorrências em que há o uso da interjeição *tomara*, já gramaticalizada no PB e que tem sua origem no tempo verbal *mais-que-perfeito* do MI do verbo *tomar*. Há somente 13 ocorrências com *tomara*, nelas o uso de MS é categórico, como ilustrado no exemplo (93)

- (93) F *[7 Não tenho, 7] a minha intenção é voltar a trabalhar, **tomara Deus que eu consiga**, né? (est) pra mim poder- *Nossa! comprar uma casa pra minha filha, pra mim poder pensar que0 se um dia eu e meu marido chegarmos a faltar, ela tem0 (est) um negócio dela, né? um negocinho pra ela. *Deixar uma coisinha pra ela, né? *Ou [se <ou->] se vier outro filho. (LDN 06 F A SEG 1266)

Em (94) apresentamos um exemplo de ocorrência em que para a *subordinada* há 24 dados com o tempo verbal *imperfeito* do MI, dos quais 18 trazem também o *imperfeito* do MI na *oração principal*.

- (94) **por mais que o meu pai tinha empregado**, ma0s **a gente tinha que** [estar]- estar junto, né? *Então eu sei que nó0s- *[Eu]- 0eu, principalmente, assim, não era, ma0s eu0 sacaneava mais a Vera- (falando rindo) essa que0 nó0s estávamos conversando ontem. (CTB 04 F B GIN 0148)

Nos dados referentes ao tempo *presente do indicativo* na *oração principal*, as ocorrências que se apresentam em maior número na *oração*

subordinada são as com os seguintes tempos verbais: *presente* do MI, *presente*, *imperfeito* e *futuro* do MS, conforme os exemplos (95), (96), (97) e (98), respectivamente:

(95) se você **quer** freqüentar no sábado, você **vai** às três horas da tarde. *Se você não **tem** tempo, você **vai** à noite. Então ali eles te dão aquelas orientação. (CTB 04 F B GIN 1457)

(96) (hes) hoje **pode ser** que ele **pegue** uma laranja, amanhã **pode ser que** ele **pegue** uma camisa, depois ele pode pegar <u-> uma bicicleta e assim vai, né? (est) (CTB 05 M A SEG 391)

(97) e eu me lembro que **fosse**- fosse hoje, (LDN 23 M B SEG 107)

(98) hoje se você **falar**, eles nem **querem saber** se tem ou não tem, eles saem, né? E nós não. Nós não saíamos. (CTB 04 F B GIN 0086)

As ocorrências com o tempo verbal *imperfeito* do MI na *oração principal* trazem na *subordinada*, além das 18 ocorrências já mencionadas com o *imperfeito* do MI, 285 ocorrências de *imperfeito* do MS e 20 com *futuro* do MS, conforme ilustram os exemplos (99) e (100).

(99) falei: *"Agora não adianta. *Se **tivesse** um carro até **tentava**, ia correndo, né? (est) aí (LDN 04 F A GIN 909)

(100) Oh! *Se Deus **permitir** e **achar** que eu **devia** fazer- (CTB 06 F B SEG 0312)

As ocorrências de *futuro* do MI na *oração principal* aparecem acompanhadas na *subordinada*, principalmente, pelo *futuro* do MS, 130 ocorrências, *presente* do MI, 23 ocorrências, e *presente* do MS, 21 ocorrências, conforme podemos observar nos exemplos (101), (102) e (103).

(101) *Então, **se ele estiver** na tua casa **você não vai dizer**: "**Não, **vamos comer** aqui". (riso E) *Então **você vai levar** lá- (CTB 1 M A PRI 1272)

(102) *Se **você está** mal do coração **você vai escutar** uma música lenta. (est) *Eu já não faço isso, eu escuto um <rockão> pra não ficar na depressiva. (CTB 09 M A GIN 0600)

(103) ***Mesmo que eles passarem**, eles **vão ter** aula para chegar a um nível mais ou menos, porque está demais, está muito baixo. (LDN 09 F B GIN 0363)

Não encontramos nos autores consultados quase nenhuma menção à correlação entre os tempos verbais. Em PEREIRA (1943, p. 296-297), por exemplo, é possível encontrar alguma discussão sobre o tema, ainda que de caráter normativo. O autor ao tratar da *correlação dos tempos* menciona que:

esta se diz *sincrônica* ou *homogênea*, se a correspondência se der com o mesmo tempo. Exemplos:

Declaro *que* *êle* vem.

Duvido *que* *êle* venha.

Direi *que* *êle* virá.

Estimava *que* *êle* viesse. PEREIRA (1943, p. 296)

E, em se tratando de tempos diferentes:

A correlação se diz *anacrônica* ou *heterogênea* se a correspondência não se efetuar com o mesmo tempo, por exemplo:

Declaro *que* *êle* vinha, veio, tem vindo tinha vindo, viera, virá, há de vir etc. PEREIRA (1943, p. 296)

No que se refere a um conjunto de regras que pudessem orientar, ou mesmo sugerir, uma correlação adequada entre os tempos verbais, encontramos a seguinte observação: “a prática de bons autores, mais que quaisquer regras, ensinará a bem correlacionar os tempos nas *proposições complexas*”. PEREIRA (1943, p. 296)

A idéia de que somente a leitura de bons autores pode auxiliar, de algum modo, na melhor escolha para a composição da correlação entre os tempos verbais é reforçada mais adiante, quando o autor trata da colocação das proposições, enfatizando que:

A clareza e a elegância da frase dependem da boa colocação das proposições no período composto e complexo, bem como da boa disposição dos termos no seio da proposição. O espírito disciplinado e o traquejo literário na leitura dos bons autores dispensam as regras, aliás pouco seguras, que se possam dar sobre o assunto, e a ausência de qualquer daqueles elementos torná-las-ia completamente improfícuas, se as déssemos. PEREIRA (1943, p. 297)

A ausência da apresentação de regras por parte dos autores poderia nos deixar em princípio frustrados, dado que muitas vezes, em caso de dúvida, recorreremos à GT (mesmo que não estejamos de acordo com ela) para obter algum tipo de resposta. Ainda assim, as observações feitas nesse sentido por PEREIRA (1943) podem nos ser de grande valia, apesar de seu caráter normativo, na medida em que esse autor afirma que quaisquer regras que se possa dispor sobre o assunto são *pouco seguras*. Sendo assim, ao apresentarmos um conjunto de dados de nossa amostra – detalhando quais foram as correlações entre os tempos verbais feitas pelos falantes, e considerando também que não há uma gramática que trata da língua falada – pudemos constatar que a grande maioria dos usos que encontramos não frustra a expectativa que tínhamos ao elaborar nossa tipologia das ocorrências.

5.11 AS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES

Após a rodada do programa MAKECELL que nos forneceu o detalhamento das ocorrências em cada um dos grupos de fatores, conforme acabamos de apresentar, eliminamos, além dos *knockouts* nos diferentes grupos, as ocorrências de *frase feita* e as entrevistas em houve uso categórico de MS por parte dos informantes. O número de ocorrências e de entrevistas em que o falante fez uso somente do MS para cada uma das cidades foi o seguinte: 29 dados e 02 entrevistas em Curitiba, 33 dados e 03 entrevistas em Pato Branco, 64 dados e 07 entrevistas em Londrina e 320 dados 09 entrevistas para a cidade de Irati¹³.

¹³ O número de ocorrências por informantes, a composição e a distribuição dos dados de cada uma das entrevistas para cada uma das cidades encontra-se nos Anexos.

Realizamos então duas rodadas com esses dados: na primeira excluímos somente *knockout* e *frase feita*; na segunda excluímos também as ocorrências daqueles informantes que fazem uso categórico de MS. Os resultados dessas duas rodadas são apresentamos separadamente, a seguir.

5.11.1 A primeira rodada sem os *knockouts*

A primeira rodada a ser realizada tinha por objetivo obter resultados em termos de cálculos estatísticos, a fim de que assim possibilitasse a análise probabilística dos grupos de fatores e nos permitisse selecionar os mais relevantes, atribuindo-lhes os pesos relativos; nesta rodada foram desconsiderados todos os *knockouts* relacionados pelo programa MAKECELL, ou seja, todos os grupos de fatores das variáveis *frase feita*, por ser de uso categórico, e da variável *tempo verbal da ocorrência*, pois os tempos verbais do MI e do MS só não apresentariam uso categórico caso houvesse erros na codificação dos dados. Além disso, optamos por deixar de fora também o grupo de fatores *tempo verbal da oração principal* e, em razão do limite do número de colunas a serem codificadas, amalgamar os fatores pertencentes ao grupo *tipo de oração* em subordinadas (i) *substantivas*, (ii) *adjetivas*, (iii) *adverbiais* – a fim de que fosse possível rodá-las junto com as (iv) *orações independentes*¹⁴.

O resultado dessa rodada levou em conta 2.459 dados; nela foram selecionados como relevantes os grupos de fatores *cidade*, *tipo de oração* e *modalidade*. Foram considerados como estatisticamente não relevantes os demais grupos de fatores sociais *sexo*, *faixa etária* e *grau de escolaridade* do informante.

¹⁴ Nessa rodada optamos por incluir as *orações isoladas* ou *independentes*. Nas rodadas seguintes esse fator será desconsiderado em razão da presença dos 211 dados de uso categórico de MS, já mencionado anteriormente.

TABELA 20 – *MODO VERBAL E TIPO DE ORAÇÃO*

TIPO DE ORAÇÃO	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Sub. Adverbiais	1.235	85	.43	213	15	.57
Sub. Adjetivas	307	90	.50	35	10	.50
Sub. Substantivas	363	96	.63	16	04	.37
Independentes	276	95	.68	14	05	.32
TOTAL	2.181	89	–	278	11	–

Input: .91 (sem os *knockouts*)

Na Tabela 20 podemos observar esses primeiros resultados que levam em conta o *modo verbal* e o *tipo de oração*. As orações que mais favorecem o uso de MS são as *independentes* com peso relativo de .68, seguidas das *substantivas* com .63. Esses resultados confirmam nossa expectativa de que esses contextos tenderiam a favorecer a ocorrência de MS. Por sua vez, as *adjetivas* apresentam indefinição no que se refere à distribuição dos pesos relativos (.50).

Os pesos relativos de .50 para MI e para MS podem nos indicar, à primeira vista, que as orações subordinadas *adjetivas* se encontram em uma situação de variação estável. Ao avaliarmos um conjunto maior de dados (à disposição nos Anexos), no entanto, poderemos chegar a uma conclusão talvez um pouco diferente, basta considerar que as *adjetivas* podem e são usadas pelos falantes com diferentes fins: (i) os falantes fazem uso das *adjetivas* para levantar hipóteses, ou se valem de referentes indeterminados para expressar desejo e descrever quem são ou como deveriam ser as pessoas ou situações de que falam, nesses casos fazendo o uso do MS; e, (ii) em se tratando de referentes determinados, de situações concretas, ou mesmo de narrações em que os falantes parecem estar diante do fato ou da pessoa que está sendo descrita.

Nesse caso, então, não se trata de uma situação de variação estável, em que não há favorecimento de um dos modos verbais, mas indica que as diferentes ocorrências de MS e MI decorrem da especialização de seus usos e que configuram, portanto, uma situação em distribuição complementar.

Bastante semelhante é a situação das ocorrências de *adverbiais*, pois apresentam pesos relativos muito próximos das *adjetivas*. No que se refere à *modalidade*, conforme a Tabela 21, os resultados indicam que em relação ao *desejo e conduta* o MS é favorecido com peso relativo de .66. Considerando que esses verbos também servem para a expressão da *futuridade*, em certa medida, nossos dados confirmam as afirmações de PIMPÃO (1999), de que o MS é favorecido pelo traço de *futuridade*. Por sua vez, para a *modalidade conhecimento*, se consideramos a margem de erro, que é de 0.05, os pesos relativos indicam que, apesar da leve tendência ao favorecimento do MI, esse contexto também se encontra em variação, pois não é possível afirmar que um dos modos verbais esteja sendo favorecido.

TABELA 21 – *MODO VERBAL E MODALIDADE*

MODALIDADE	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
conhecimento	1.805	87	.47	263	13	.53
conduta e desejo	376	96	.66	15	04	.34
TOTAL	2.181	89	—	278	11	—

Input: .91 (sem os *knockouts*)

O último grupo de fatores selecionado e que merece atenção, dentre os analisados, diz respeito às ocorrências relativas ao *modo verbal* em relação a cada uma das *idades*. A distribuição dos dados apresenta características distintas para cada uma das *idades* da amostra, como nos é apresentado na Tabela 22.

TABELA 22 – DISTRIBUIÇÃO DE *MODO VERBAL* POR *CIDADE*

CIDADE	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Curitiba	640	84	.38	119	16	.62
Pato Branco	393	86	.42	65	14	.58
Londrina	428	88	.48	58	12	.52
Irati	720	95	.68	36	05	.32
TOTAL	2.181	89	–	278	11	–

Input: .91 (sem os *knockouts*)

As cidades de *Curitiba* e *Pato Branco* são as que mais favorecem as ocorrências de MI, com pesos relativos de .62 e .58, respectivamente. Para *Londrina* os pesos relativos se encontram muito próximos de .50; e, é possível que nesta cidade haja variação, visto que não há definição quanto ao favorecimento de um dos modos verbais. Já a cidade de *Irati* apresenta pesos relativos bastante diferentes das outras cidades: .68 para MS e .32 para MI. Esses resultados indicam que em *Irati* há maior favorecimento de uso de MS e que essa é a *cidade* que, comparativamente, menos favorece o uso de MI.

5.11.2 Segunda rodada: sem *knockouts* e uso categórico de MS por informante

Feita essa primeira rodada sem a exclusão das ocorrências de uso categórico por informante, a nova rodada descartou esses dados, bem como as *orações independentes*, e os novos resultados estão bastante próximos daqueles obtidos em nossa primeira rodada (Tabela 20). Os grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes foram os mesmos (*cidades*, *tipo de oração* e *modalidade*) e os resultados apresentamos a seguir.

TABELA 23 – *MODO VERBAL E TIPO DE ORAÇÃO*

TIPO DE ORAÇÃO	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Sub. Adverbiais	1.081	84	.46	213	16	.54
Sub. Adjetivas	221	86	.51	35	14	.49
Sub. Substantivas	272	94	.66	16	06	.34
TOTAL	1.574	86	—	264	14	—

Input: .87 (sem os knockouts, e ocorrências de uso categórico)

A Tabela 23 demonstra que – apesar da exclusão de um número significativo dos dados – a tendência apresentada pelos pesos relativos, na Tabela 20, em relação às orações *substantivas* (.66), foi mantida; demonstra ainda que o mesmo se pode afirmar para o restante do conjunto dos dados.

Em relação à *modalidade*, por sua vez, obtivemos na segunda rodada pesos relativos muito semelhantes aos apresentados na Tabela 21, ou seja, a exclusão dos dados de uso categórico do MS não afetou a tendência manifestada anteriormente e confirmada na Tabela 24.

TABELA 24 – *MODO VERBAL E MODALIDADE*

MODALIDADE	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
conhecimento	1.330	84	.48	249	16	.52
conduta e desejo	244	94	.63	15	06	.34
TOTAL	1.574	86	—	264	14	—

Input: .88 (sem os knockouts e ocorrências de uso categórico)

A distribuição dos dados por *cidade* nessa segunda rodada, pode ser vista na Tabela 25, a seguir.

TABELA 25 – *MODO VERBAL E CIDADE*

CIDADE	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Curitiba	612	84	.44	119	16	.56
Pato Branco	364	85	.46	65	15	.54
Londrina	375	87	.51	58	13	.49
Irati	420	92	.62	36	08	.38
TOTAL	1.771	86	—	278	14	—

Input: .88 (sem os *knockouts* e ocorrências de uso categórico)

Nessa Tabela podemos constatar que a exclusão das ocorrências de uso categórico possibilitou a diminuição das distorções da amostra, mas os resultados, de qualquer maneira, se mantiveram muito próximos daqueles apresentados na Tabela 22.

Assim, a cidade de *Irati* é a que mais favorece o uso de MS. Para *Londrina* praticamente não houve mudança (na tabela 22 tínhamos .48 para MS e .52 para MI); embora tenha havido uma inversão na distribuição dos pesos relativos, não se pode afirmar que haja uma definição no que refere ao favorecimento de uso de um dos modos verbais. *Pato Branco* e *Curitiba* apresentam pesos relativos bastante próximos para MS e MI, muito embora haja algum favorecimento para o MI, desfavorecendo, portanto, o MS.

5.11.3 As rodadas para cada uma das cidades

A fim de verificar se havia algum dos grupos de fatores não selecionados na rodada com todas as cidades (que poderia ser selecionado e se mostrar relevante em cada uma delas, isoladamente), realizamos novas rodadas submetendo cada uma delas, nesta nova etapa, aos mesmos grupos de fatores aplicados anteriormente, ou seja, *tipo de oração, modalidade, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e cidade* do informante.

5.11.3.1 A cidade de Curitiba

Na rodada de *Curitiba* foi selecionado somente um grupo de fatores: *modalidade*, cujos resultados estão na Tabelas 26.

TABELA 26 – MODO VERBAL E MODALIDADE EM CURITIBA

MODALIDADE	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
conhecimento	439	81	.46	105	19	.54
conduta e desejo	82	93	.73	06	07	.27
TOTAL	521	82	—	111	18	—

Input: .84 (sem os knockouts e ocorrências de uso categórico)

Na tabela 26 estão os dados relativos às ocorrências de *modo verbal* e *modalidade*. Os pesos relativos confirmam o que as rodadas com todas as cidades já havia indicado. Entretanto, para a modalidade do *conhecimento* temos uma situação em que já há uma leve tendência de favorecimento do MI, desfavorecendo o MS; para a modalidade da *conduta e desejo* há o claro favorecimento do MS.

5.11.3.2 A cidade de *Pato Branco*

Na rodada referente à cidade de *Pato Branco* também somente um grupo de fatores foi selecionado. Os resultados de *modo verbal* em relação ao *tipo de oração* são apresentados na Tabela 27.

TABELA 27 – MODO VERBAL E TIPO DE ORAÇÃO EM PATO BRANCO

TIPO DE ORAÇÃO	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Sub. Adverbiais	217	80	.40	55	20	.60
Sub. Adjetivas	52	93	.69	04	07	.41
Sub. Substantivas	62	94	.72	04	06	.38
TOTAL	331	84	—	63	16	—

Input: .86 (sem os *knockouts* e ocorrências de uso categórico)

Em *Pato Branco*, as subordinadas *adverbiais* favorecerem o MI com .60, desfavorecendo, portanto, o uso de MS que apresenta peso relativo de .40. As orações *adjetivas* e *substantivas* apresentam pesos relativos de .69 e .72, respectivamente, havendo favorecimento para a ocorrência do MS. É justamente essa distribuição singular dos dados que justifica a seleção desse grupo de fatores e distingue *Pato Branco* das demais cidades.

5.11.3.3 A cidade de *Londrina*

Para a rodada referente à cidade de *Londrina* nenhum dos grupos de fatores foi selecionado. Esse resultado também confirma o que já tinha sido indicado nas outras rodadas, isto é, de que esta cidade se caracteriza por estar em situação de indefinição quanto à escolha dos *modos verbais* feitas pelo falante, e pelo fato de que, em *Londrina*, possa haver uma situação de variação estável.

5.11.3.4 A cidade de *Irati*

A rodada feita para *Irati* também selecionou como relevante apenas um dos grupos de fatores, o da *modalidade*. Esses resultados se encontram na Tabela 28, a seguir.

TABELA 28 – *MODO VERBAL E MODALIDADE EM IRATI.*

MODALIDADE	MODO VERBAL					
	SUBJUNTIVO			INDICATIVO		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
Conhecimento	301	90	.40	34	10	.59
conduta e desejo	73	99	.85	01	01	.15
TOTAL	374	91	—	35	09	—

Input: .93 (sem os knockouts e ocorrências de uso categórico)

Os resultados, em termos de pesos relativos indicam que nessa cidade há favorecimento de ocorrência de MI quando se trata da modalidade *conhecimento*. No que se refere à modalidade envolvendo *desejo e conduta*, o MS é que é favorecido com peso relativo de .85. Quando comparados, os dados de *Irati* confirmam a mesma tendência já manifestada nas ocorrências de *Curitiba*. Além disso, esses resultados, indicam que (i) há uma polarização mais acentuada na distribuição dos dados em *Irati*, e isso nos revela que (ii) pode estar havendo uma especialização de uso nessa cidade.

É importante justificar que a rodada, isolando cada uma das cidades, se deu motivada pelas distorções apresentadas, especialmente em relação a *Irati*, e que os novos resultados, no entanto, se mantiveram muito próximos, confirmando as tendências apresentadas no conjunto dos dados para as cidades do Paraná.

Como vimos, cada cidade apresentou características singulares na distribuição de seus dados: para *Londrina* constatamos haver indefinição quanto à escolha e uso dos *modos verbais*; para *Curitiba* e *Pato Branco* a alternância no uso dos *modos verbais* mostra encontrar-se em um estágio mais avançado; por sua vez, se tratarmos da alternância entre os *modos verbais* como um fenômeno inovador, a cidade de *Irati*, na medida em que o MS é favorecido, é a que apresenta um perfil mais conservador.

5.12 AS CONJUNÇÕES ENCONTRADAS NO *CORPUS*

Uma outra observação que os dados nos permitiram realizar, diz respeito às conjunções encontradas no *corpus*. Ao prepararmos a lista das principais conjunções – a partir de ALMEIDA (1963) e de CUNHA & CINTRA (2005) –, observamos que algumas das conjunções encontradas em nossa amostra não estavam dentre as relacionadas pelas GTs. Por outro lado, uma boa parte das conjunções arroladas pelos autores não estava dentre aquelas encontradas em nossos dados. Por essas razões, e a fim de verificar qual era a produtividade das conjunções na língua oral, resolvemos fazer, acessoriamente ao nosso trabalho, o levantamento de todas as ocorrências de conjunções subordinativas presentes nos dados que analisamos. Nesse levantamento estão relacionadas as conjunções arroladas pela GT e as conjunções presentes nas ocorrências de nossa amostra.

Começamos pela Tabela 29, que nos apresenta a relação das conjunções subordinativas *adverbiais condicionais*, com um total de 976 casos. Para efeitos de comparação, julgamos procedente apresentar primeiramente a relação de conjunções arroladas para a língua escrita pela GT e a seguir, as

encontradas no *corpus*. O levantamento mostrou que as condicionais apresentam o maior número de ocorrências e também um leque maior de opções de uso.

TABELA 29 – CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS
CONDICIONAIS PRESENTES NAS ENTREVISTAS
DO VARSUL NO PARANÁ

CONDICIONAIS			
Relação da GT	Ocorrências no <i>corpus</i>	MS	MI
se	se	777	149
	(se)	10	
	só se	17	
	só que	01	
a não ser que	a não ser que	06	
	que	03	
	que de repente	01	
	caso se	02	01
	se caso	02	
caso	caso	01	
	que tal se	01	01
contanto que	contanto que	01	
a menos que	a menos que	01	
	vai que		01
	vamos que	01	
exceto se			
salvo se			
com tal que			
dado que			
sem que [=se não]			
desde que			

A conjunção *se* apresenta maior número de casos (777 para MS e 149 para MI), e pode ser igualmente encontrada em locuções conjuntivas não arroladas pela GT como, por exemplo *que tal se*, apresentada nos exemplos (104) e (105).

(104) Então se o pessoal vim me procurar aqui, daí eu vou investir aqui, e agora **que tal se** eu **fico** aqui e o pessoal não vem? (IRT13 M A PRI 0784)

(105) Escuta, **que tal se** nós **fundássemos** um- uma- um presídio só de- só de homem pra cuidar dos alcoólatras lá. (IRT 07 F B PRI 1210)

Uma outra conjunção que também aparece nas locuções é o *que*, como nas locuções conjuntivas *a não ser que*, *contanto que*, *a menos que*. Além disso, também houve ocorrências de novas locuções, cuja composição se dá a partir do

que, como em *vai que* e *vamos que*, como em (106) e (107) apresentados a seguir.

- (106) F *De bicicleta. *Ele que acudiu. *Você vê, é perigo pra ele também, né? ***Vai que** o piá0 **pisa** num caco de vidro ou **cai** de mau jeito, né?00 *É uma coisa que, né? (hes) era pra eles tomarem uma iniciativa e fazerem alguma coisa, né? (CTB 08 F B PRI 0160)
- (107) (...) namorando, e fazendo proposta. *[Ele não]- ele tinha sempre o pé atrás0s, pois ele- quando a gente está bem, né? se **vamos que** não **dê**, se a gente dá um passo e não dê certo, né? ma0s ele começou ver os ("pró, tá") e mudou. *É a maior empresa de exportação do mundo. *O nome da empresa é (inint), uma empresa sueca. (PBR 11 F B SEG 0659)

Outro conjunto de conjunções *adverbiais* que também se apresenta em grande número de ocorrências é o das *temporais* (92 casos), conforme constatamos na Tabela 30.

TABELA 30 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *TEMPORAIS*
PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO
PARANÁ

TEMPORAIS			
Relação da GT	Ocorrências no <i>corpus</i>	MS	MI
quando	quando	32	06
enquanto	enquanto	14	02
desde que	desde que	14	
depois que	depois que	09	
até que	até que	04	01
antes que	antes que	02	
que	que	03	
	até quando	02	
	até que quando	01	
todas as vezes que	toda vez que	01	
	uma vez que	01	
cada vez que			
depois que			
apenas			
mal			
logo que			
assim que			
sempre que			
senão quando			
ao tempo que			
ao passo que			

Nas *temporais* o número de ocorrências foi bem menor do que o de *condicionais*, e não registramos a construção de nenhuma nova locução, pois *toda vez que* e *uma vez que* são variações de *todas as vezes que*.

É digno de menção, ainda, registrar a dificuldade de se registrar e computar certas conjunções *adjetivas* em contextos cujo uso sugere que se tratam de conjunções *temporais*; os exemplos das ocorrências *a hora que* e de *o dia que* frequentemente se faz acompanhar de contextos em que podem também ser empregadas em lugar de *quando*, como no exemplo (108).

- (108) *Eu<peg-> pego às vezes quando eu estou brava falo: *"Vocês vão ver **a hora que eu morrer**, se vocês-
"porque eu não gosto de flor e nem vela, sabe? *Não gosto mesmo! *Vela tem um cheiro ruim, né? *Flor tem
um cheiro de defunto. (Risos E) *[Eu nunca]- já sou uma defunta, agora ainda mais flor em cima de mim,
aquele cheiro horrível assim no meu nariz. *Ai Jesus! né? *Eu não quero não. (risos F) *E eu sempre digo
aqui, né? ***Quando eu morrer** eu não quero nem flor e nem vela. (risos F) CTB 08 F A PRI 1034)

Vejamos a seguir as conjunções adverbiais *concessivas* presentes nos dados de nossa pesquisa. A Tabela 31 nos traz também a relação das conjunções *concessivas* relacionadas pela GT em boa parte das obras consultadas, bem como a relação e o número de conjunções encontradas no *corpus*.

Ao considerarmos esse novo conjunto de dados, é possível observar que as relações da GT contêm uma grande quantidade de conjunções e que nem todas são utilizadas como meio de expressão na língua oral. Além disso, em nosso *corpus* podemos constatar que o número de conjunções *concessivas* encontrado é bem menor que número encontrado para as conjunções *temporais*.

TABELA 31 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *CONCESSIVAS*
PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL
NO PARANÁ

CONCESSIVAS			
Relação da GT	Ocorrências no <i>corpus</i>	MS	MI
mesmo que	mesmo que	14	
	mesmo se		01
por mais que	por mais que	09	01
embora	embora	04	02
	embora que	02	
nem que	nem que	05	
	nem (que)	01	
	por melhor que	01	
	por (mais) incrível que	01	
apesar de que	apesar (de que)	01	
	quando		
	ainda que		
	dado que		
	posto que		
	conquanto		
	quando mesmo		
	por mais que		
	quer...quer		
	que		
	por menos que		
	por pouco que		
	se bem que		
	bem que		
	seja que, seja que		

Dentre as conjunções *concessivas* encontradas na pesquisa, podemos destacar *por incrível que* (*por mais incrível que*), com uma única ocorrência, como ilustra o exemplo (109):

(109) É. *E por **incrível que pareça**, isso é verdade. *Isso é- eu sei os nomes, né? (PBR 24 M B SEG 137)

Além disso, nas *concessivas* houve ainda o registro de *embora que*, conforme o exemplo (110), com o *que* compondo a locução.

- (110) (...) gente0 tem aquele vínculo, né? [de]- <a-> [de] [de]- de parentesco então tem que conservar, **embora que** ele seja- só ele que tem [de]- de- *Ma0s eu recebo muitos aqui, tenho parentes que moram em São Paulo e- (LDN 11 F B SEG 080)

Nessa ocorrência a presença, ao que parece, do *que* funciona como um marcador de subordinação pois segue a tendência já apresentada nas outras conjunções *concessivas* (*mesmo que*, *apesar de que*, *dado que*, *posto que* etc.), nas quais o *que* está presente ou é subentendido¹⁵.

Há, contudo, uma única ocorrência envolvendo *mesmo se* que merece ser destacada:

- (111) E *Ah, é! *Ainda vai ter que gastar advogado?
 F *Claro. *(inint).
 E *Ah!? *Mesmo sendo legítima defesa?
 F *Mesmo, mesmo. ***Mesmo se estão** lá te assaltando você chama nó0s, nó0s vamos lá e tal e nó0s corremos atrás0s dele aqui, ali e dali e (inint) e pagar um ad0vogado. (LDN 015 M A GIN 965)

Essa ocorrência, no entanto, não permite que se faça a substituição do tempo *presente* do MI pelo *presente* do MS, e isso se justifica uma vez que somente *mesmo que* admite esse uso e a conseqüente substituição. Todavia, o exemplo foi selecionado porque ainda assim podemos nos valer da substituição de *mesmo se estão* por *mesmo se estiverem* em que a suposição presente no exemplo poderia ser mantida na paráfrase.

¹⁵ É interessante registrar que a tendência do uso do *que* enquanto “marcador de subordinação” foi percebida em outras ocorrências encontradas durante a coleta dos dados para a composição do *corpus*: “talvez *que*”, “onde *que*”, “apesar *que*”, “no entanto *que*”. Contudo, tratar desse uso da conjunção *que* extrapolaria o objeto de estudo de nosso trabalho.

Na Tabela 32 podemos observar as conjunções *comparativas*¹⁶.

TABELA 32 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *COMPARATIVAS*
PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO
PARANÁ

COMPARATIVAS			
Relação da GT	Ocorrências no <i>corpus</i>	MS	MI
como se	como se	17	
	como (se)	07	
	igual se	01	
mais do que do que	mais do que (se)	01	
	(do) que	01	
	(como) que	01	
	(como) se	01	
que			
(tal) qual			
(tanto) quanto			
(tão) quão			
(não) só			
(tanto) como			
(tão) como			
bem como			
que nem			
menos do que			
maior do que			
melhor do que			
menor do que			
pior do que			

Como se vê, a maioria das conjunções encontradas consta da lista da GT. Não descartamos a possibilidade de que possa haver alternância entre o uso dos modos verbais com esse grupo de conjunções e locuções; entretanto, em nossos dados só registramos ocorrências em que houve o uso categórico de MS. Há, ainda, dentre essas conjunções, pelo menos uma que não consta da lista dos gramáticos e que pode ser usada em lugar de *como se*, trata-se de *igual se*, como ilustrado no exemplo (112).

¹⁶ CUNHA & CINTRA (2005, p.586), ao classificarem as conjunções subordinativas, chamam a atenção para o fato de que “a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* inclui ainda as conjunções conformativas e proporcionais, que a *Nomenclatura Gramatical Portuguesa* não distingue das comparativas”.

- (112) *A gente vê [que não]- que não rende bastante, né? **igual se** tivesse feito uma natação. *Ma0s não [deixa]-deixa distrair, né?(est) (LDN FAPRI 0312)

Em relação às conjunções *adverbiais finais*, há um número significativo de ocorrências especialmente de *que* e *para que*. A GT nos apresenta um número pequeno de conjunções para a construção de orações subordinadas *adverbiais finais*; por sua vez, as ocorrências em que se encontra esse tipo de conjunção constituem um dos contextos em que há uso categórico do MS, como nos é apresentado na Tabela 33.

TABELA 33 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *FINAIS*
PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL
NO PARANÁ

FINAIS			
Relação da GT	Ocorrências no <i>corpus</i>	MS	MI
para que	(pra) para que	32	
que (= para que)	que	12	
porque (= para que)	porque	01	
a fim de que			

A seguir, apresentamos a distribuição das conjunções *causais* que fazem parte de nossa amostra na Tabela 34.

TABELA 34 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *CAUSAIS*
PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL
NO PARANÁ

CAUSAIS			
Relação da GT	Ocorrências no <i>corpus</i>	MS	MI
porque	porque	02	
que	que	01	
pois que			
porquanto			
uma vez que			
como			
já que, sendo que			
visto como			
visto que			

A relação encontrada na GT traz um número significativo de conjunções para as quais não registramos nenhuma ocorrência. Assim, das conjunções listadas pela maioria dos autores, houve, em nossa amostra, somente o registro de 3 ocorrências com *porque* e *que*. É importante destacar ainda que em todas essas orações há o uso categórico de MS.

Há ainda um outro grupo de conjunções em se registra o uso de MS e de MS, são as *conformativas*. A distribuição dessas conjunções está na Tabela 36 e nela podemos ver que houve ocorrência somente de *conforme* e *como*.

TABELA 35 – CONJUNÇÕES ADVERBIAIS *CONFORMATIVAS* PRESENTES NAS ENTREVISTAS DO VARSUL NO PARANÁ

CONFORMATIVAS			
Relação da GT	Ocorrências no <i>corpus</i>	MS	MI
conforme	conforme	02	02
como	como	02	
consoante			
segundo			
da mesma maneira que			
de acordo			

Por fim, é importante chamar a atenção para o fato de que nesse levantamento só foram registradas e consideradas as ocorrências de conjunções e de locuções *subordinativas* presentes nos dados e que, portanto, estiveram sob a luz da descrição e análise que nos propusemos a realizar – aqueles dados em que foi possível estabelecer uma paráfrase e testar se haveria a alternância entre os modos verbais, MS e MI. Isto não significa que muitas dessas conjunções e locuções, para as quais mencionamos não ter havido nenhum registro, não tenham aparecido em outros contextos subordinativos.

5.13 VOCÊ QUER QUE EU FAÇO UMA ÚLTIMA CONSIDERAÇÃO?

A discussão a seguir está relacionada, na verdade, com o ponto de partida de nosso trabalho. RAIBLE (1983;1992) foram os dois textos – lidos na ocasião em que freqüentávamos disciplina isolada no curso de doutorado e que trataram do modo e da modalidade¹⁷ – a nos influenciar na escolha do MS enquanto tema para pesquisa.

Num desses textos, RAIBLE (1992) trata, inicialmente, a fim de situar o leitor, do problema básico com o qual toda língua tem que se defrontar:

Every language has to cope with a basic problem. The message a speaker wants to transmit to hearer is a multi-dimensional whole. In order to be communicated, this whole has to be taken to pieces, pieces which are then strung onto the uni-dimensional thread of discourse. It is the task of the hearer to put these pieces together, to rearrange them in such a way as to form a new pluri-dimensional whole. (RAIBLE, 1992, p. 299)

Essa problemática é apresentada anteriormente em outro texto, no qual nos é esclarecido que essa concepção é tomada de outro autor:

I shall make use of a conception which has been put forward most clearly by one of the great students of French Enlightenment: the Abbé Etienne Bonnot de Condillac. Condillac has very well seen the basic problem which has to be solved by all languages: our ideas are simultaneous; but when wanting to communicate them to others by means of language, we are forced to break them up into little pieces following one another in the dimension of time. The first problem then is the decomposition of something simultaneous into linearity. And since we speak in order to be understood, the hearer has to be able to re-compose simultaneous ideas out of this chain of linear signs. (RAIBLE, 1983, p. 275)

¹⁷ Disciplina de Tópicos de Semântica II (modo e modalidade) ministrada em 2000 pelo professor Dr. Klaus Eggensperger, leitor do DAAD junto à UFPR.

Situada a questão, o autor nos apresenta então um outro problema, decorrente do primeiro e a ele ligado: como é que nós podemos reconstruir a simultaneidade sem a linearidade? Respondendo a questão, o autor argumenta que é justamente essa a razão de ser de nosso sistema gramatical e, para que melhor compreendamos seu funcionamento, nos apresenta o que ele denomina de “sistema de oposições”, necessário para que possamos nos “orientar” dentro da língua.

Para o autor, esse *sistema de oposições* deveria ser colocado como uma das premissas para a discussão por ele proposta; conforme RAIBLE (1983, p. 274-276), o sistema de oposições é crucial para o homem, uma vez que os nossos sentidos se orientariam através de oposições binárias (claro, escuro; graves, agudos; surdo, sonoro; duro, macio etc.). Segundo o autor, nas línguas indo-européias também haveria partes da língua que seriam marcadas por essa oposição, como por exemplo singular/plural e masculino/feminino (muito embora possa também haver uma posição neutra intermediária).

Sendo assim, é de se esperar que (i) o falante esteja interessado em orientar corretamente o ouvinte, para que ele possa reconstruir o que na sua fala foi fragmentado e que (ii) haja um sistema capaz de executar e processar essa tarefa. Supondo que a tarefa de transmitir corretamente as informações implica no fato de também organizá-las, (iii) a ordem em que as informações vão ser apresentadas deverá ter também algum valor e desempenhar um papel importante.

Como observa RAIBLE (1992), uma vez definido que uma língua é do tipo SVO, por exemplo, o instinto lingüístico centro-europeu diz que não é de se esperar que uma oração subordinada ocorra no início de uma frase, “pois não

seria algo comum ou mesmo possível” (RAIBLE 1992, p.302). Todavia, o autor observa que esse instinto de nada vale se nos defrontarmos com a realidade, por exemplo, dos textos de estágios antigos do latim, nos quais se pode encontrar subordinadas ao lado esquerdo do verbo principal.

Ao pensarmos em exemplos mais próximos do PB, o que se pode dizer então sobre as condicionais e concessivas? Contudo, isso abriria novas frentes de batalha e não parece ter sido esse o interesse do autor – e nem é o nosso. Assim, cautelosamente vamos restringir a discussão àquilo a que, aparentemente, temos condições de apresentar alguma contribuição. Fiquemos com as orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Para ver se, de fato, compreendemos corretamente o que o autor nos propõe, isto é, qual seria o lugar “esperado” e “comum” da oração subordinada (à direita do verbo principal), tomemos então o exemplo (113), do PB:

(113) Eu quero que você vá!

E o que dizer de exemplos como (114) em que a subordinada está do lado esquerdo do verbo principal?

(114) Que você vá, eu quero!

Esse exemplo é perfeitamente possível no PB em uma topicalização e para produzir ênfase, conforme exigência do contexto; entretanto é menos comum, tendo em vista que a oração subordinada é foneticamente *mais pesada* que a principal.

RAIBLE (1983) trata também a questão dos modos verbais, pois neles encontramos igualmente aquele “sistema de oposições”, necessário para que possamos nos orientar dentro da língua. O autor observa, assim, que o MI é menos marcado, ou seja:

So *modus indicativus* can be used, in common with additional information, to express all other modal positions of the speaker, i.e. all attitudes the speaker can assume regarding his communicative responsibility. (RAIBLE, 1983, p. 277)

Isso significa dizer que o falante, ao usar o MI, está sinalizando ao ouvinte que ele assume a sua responsabilidade comunicativa sobre o que está sendo dito. Contudo, conforme o autor, “um *talvez* [perhaps] ou um *provavelmente* [probably] serão suficientes para neutralizar esta informação” [de que ele assume a responsabilidade comunicativa] (RAIBLE, 1983, p. 277).

Ou seja, o MI por ser *menos marcado*, ou *não marcado*, serve a múltiplos interesses, é o *pau para toda obra* em termos de uso. O MS, por sua vez, por ser *marcado*, tem um uso bem mais restrito, que se evidencia nas suas propriedades sintáticas e semânticas.

If the subjunctive mode is firstly a mode, and if it is secondly the mode of subordination, this mode has two functions at the same time: it is one of the indicators telling the hearer that he has to do with a subordinate clause, and the same time it carries a modal information. (RAIBLE, 1983, p. 278).

Sobre o papel sintático do MS, ao qual restringiremos, em parte, essa análise, encontramos em RAIBLE (1983) menção ao trabalho de JENSEN (1970), de quem é tomado o conceito de *barreiras de segurança* (*filets de secours*). JENSEN (1970) propõe que as marcas sintáticas funcionam como uma *barreira* ou *rede*, cujo papel é permitir ao ouvinte organizar a sua tarefa de recompor a simultaneidade expressa na corrente linear de signos. Nesse sentido,

línguas como o PB, o espanhol, o italiano e o francês, por exemplo, teriam três *barreiras de segurança* que são usadas ao mesmo tempo a fim de marcar a subordinação de uma sentença:

- (i) O uso da conjunção *que*,
- (ii) O uso do modo subjuntivo e
- (iii) a posposição da subordinada.

O rompimento de umas dessas *barreiras* faz com que a presença das outras se torne obrigatória, para que a intenção comunicativa seja preservada. Vamos, então, a dois desses casos com exemplos do PB em que há o rompimento de *barreiras*, semelhantes a dos exemplos apresentados pelo autor em francês e espanhol.

- a) em que a conjunção *que* não está presente, como em (115b):

(115a) Queira Deus *que* encontremos a solução para os nossos problemas.

(115b) Queira Deus encontremos a solução para os nossos problemas.

Em (115a) temos a presença das três *barreiras de segurança* mencionadas anteriormente, ou seja, a conjunção *que*, o uso do MS *encontremos* e a posposição da subordinada *encontremos a solução para os nossos problemas*. Em (115b) uma das *barreiras*, a conjunção *que*, não está presente, mas as outras duas estão.

- b) em que a subordinada não aparece posposta ao verbo principal como em (116b):

(116a) *Eu quero* que se danem!

(116b) Que se danem!

Em (116a) temos a presença das três *barreiras de segurança*, isto é, a conjunção *que*, o uso do MS *se danem* e a posposição da subordinada *que se danem*. Em (116b), com a ausência da oração principal há também o rompimento de uma das *barreiras*, a posposição da subordinada, porém as outras duas barreiras garantem que a intenção comunicativa seja preservada.

O autor nos apresenta também o que denomina de *antagonismos sintáticos* ou *conflitos modais*, isto é, quando ocorre a anteposição da subordinada e, ainda assim, há a presença do MI, cujos exemplos seguem abaixo, mas que extrapolam o âmbito da discussão que gostaríamos de desenvolver. Os exemplos (117) e (118) são de RAIBLE (1983) e o exemplo (119) do PB:

(117) Que l'humanité n'est pas belle, on le sait.

(118) Que el Cid se *había* [e não hubiesse ou hubiera] quedado con cuantiosas bienes de los parias era bien sabido de todos.

(119) Que ele está doente, eu sei

Retomando a discussão, os exemplos (115b) e (116b) têm em comum o fato de constatararmos que pelo menos uma das *barreiras de segurança* foi rompida, mas que as outras duas estão presentes. A ausência dessas *barreiras*, como ilustram os exemplos apresentados, ocorre da esquerda para a direita, ou seja, seguindo a ordem da apresentação dos elementos que compõem a oração (a ausência da *oração principal*, que leva a subordinada a não aparecer posposta ou a ausência da conjunção *que*). Em qualquer dos exemplos, os argumentos apresentados pelo autor pretendem nos convencer da necessidade da preservação do MS quando se dá o rompimento dos elementos sintáticos que orientam o ouvinte a como refazer a simultaneidade da informação, ou seja, que o MS, enquanto bastião da marcação semântica, deve resguardar ao ouvinte a possibilidade de reconstruir a idéia que o falante quis expressar.

Nosso objetivo é refletir sobre a discussão presente em RAIBLE (1983;1992), questionando, para tanto, a ordem de apresentação dos dados e a ordem que as *barreiras* podem ser rompidas: primeiramente, se as *barreiras de segurança* visam resguardar os princípios que orientam a reconstrução da informação e, em segundo lugar, se a ausência de qualquer uma dessas *barreiras* passa a exigir mais das que permanecerem na estrutura da oração, então que dizer quando todas elas estão presentes?

Essa questão, por sua vez, abre espaço para que outras sejam apresentadas: se a ocorrência de cada uma das *barreiras de segurança* se dá seguindo a ordem de apresentação da oração, da esquerda para a direita, ou seja, se (i) a oração principal estiver presente para que ocorra a posposição da subordinada, (ii) se houver a presença da conjunção *que*, já não estaria garantida a intenção comunicativa do falante? Seria mesmo necessária a presença da terceira *barreira de segurança* (presença do MS)?

Entendemos que a presença de duas *barreiras* poderia levar o falante (e o ouvinte) a interpretar a presença da terceira *barreira* como redundante; conforme já apontado por WHERRITT (1977) e RAIBLE (1985). Embora não se valendo da mesma nomenclatura, COSTA (1990) faz reflexão semelhante:

A expressão da modalidade pela flexão modo-temporal do subjuntivo é sempre redundante em relação à expressão da mesma propriedade por outros elementos contextuais. (COSTA, 1990, p. 187)

Ao proceder desta maneira, o falante pode relaxar no preenchimento da terceira *barreira*. Em outros termos, a questão que se coloca é a seguinte: a presença de todas as *barreiras*, em diferentes níveis, não levaria à redundância da marcação sintática?

Em caso afirmativo, esse relaxamento se daria na ordem inversa da apresentação das informações: da direita para a esquerda, portanto, na medida em que na composição da oração (i) a oração principal com verbo volitivo é colocada no início, (ii) seguida da conjunção *que*, sendo a subordinada posposta. Pode, assim, haver relaxamento quanto ao preenchimento do verbo da subordinada que, em vez de ocorrer no MS, como sugere o exemplo (120), pode ocorrer no MI, como em (121):

(120) Você quer que eu *faça*?

(121) Você quer que eu **faço**?

A Figura 1 demonstra como esse processo se daria:

Figura 1 – O PREENCHIMENTO DAS *BARREIRAS DE SEGURANÇA* E A REDUNDÂNCIA

AS BARREIRAS DE SEGURANÇA			
	primeira <i>barreira</i>	segunda <i>barreira</i>	terceira <i>barreira</i>
ETAPA 1	Você quer	que	eu faça?
ETAPA 2	Você quer	que	eu faça?
ETAPA 3	Você quer	que	eu faço ?

Dado que duas outras *barreiras* já estão presentes (*etapa 3*), uma delas se torna dispensável. O mesmo princípio parece poder ser aplicável aos casos de concordância nominal e verbal no português, “os *menino*” e “*nós vai*”, embora nesses casos não se trate de duas “barreiras de segurança” a serem preservadas.

Desse modo, podemos justificar o exemplo (122), retirado de nossa amostra do VARSUL.

(122) o que que está tudo errado, agora **você quer que eu vou votar** nesses vagabundos? (LDN 21 M B GIN 1467)

Antes de continuarmos, uma outra questão deve ser colocada, a saber: qual é o limite para o rompimento ou para a ausência das *barreiras de segurança*? Podemos eliminar mais de uma das *barreiras de segurança*? Quantas e quais delas podem ser eliminadas, afinal?


Como demonstramos, qualquer uma delas pode estar ausente que as outras duas garantem que a intenção comunicativa seja mantida. Há no PB casos em que duas dessas *barreiras* podem não estar presentes e, contextualmente, é preservada a intenção comunicativa do falante, como nas frases feitas (123) e (124):

(123) Deus nos **livre**!

(124) Deus nos **acuda**!

Na Figura 2 procuramos ilustrar, então, conforme já foi descrito anteriormente, o processo da quebra dessas *barreiras* que nos permite chegar a (123):

Figura 2 – O PROCESSO DE QUEBRA DAS *BARREIRAS DE SEGURANÇA*

AS BARREIRAS DE SEGURANÇA			
	primeira <i>barreira</i>	segunda <i>barreira</i>	terceira <i>barreira</i>
ETAPA 1	Eu desejo/quero	que	Deus nos livre
ETAPA 2			Deus nos livre
ETAPA 3			Deus nos livre

A partir de nossa experiência enquanto falantes do português e das possibilidades que a língua nos oferece, poderíamos assim reconstruir um provável caminho que nos permite chegar até *Deus nos livre*. Das alternativas disponíveis, optamos por apresentar a construção que se vale dos verbos volitivos

querer ou *desejar*, conforme ilustra a *etapa 1*. Nessa primeira etapa, encontramos a presença de todas as três *barreiras de segurança* ocupando os seus respectivos lugares: ou seja, (i) a posposição da subordinada (implicando a principal anteposta e, nesse caso, acompanhada de um verbo volitivo), (ii) a presença da conjunção *que* e (iii) do uso do MS (na subordinada).

Na segunda etapa pode-se observar que uma das *barreiras* já foi rompida, isto é, há a ausência de uma oração principal anteposta. A presença da conjunção *que* e do uso do MS em *Deus nos livre*, todavia, tem agora a incumbência de resgatar a intenção comunicativa do falante, ou seja, aquilo que poderia ser expresso pelos verbos, ou classes de verbos, que normalmente viriam a ocupar a lacuna deixada quando do não preenchimento da oração principal. Para esses casos, retomando o que foi apresentado no início do trabalho, na falta de uma explicação que dê conta do papel da conjunção *que* em início de oração, CUNHA & CINTRA (2005, p. 267) lhe atribuem um valor *mais afetivo que lógico*.

Assim, na terceira etapa, após (i) o rompimento da primeira *barreira* – da ausência da oração principal e da conseqüente posposição da subordinada – e (ii) do não preenchimento da segunda *barreira de segurança* – a presença da conjunção *que* – chegamos a *Deus nos livre*, em que somente uma das *barreiras de segurança* está presente: o uso do MS.

Acreditamos, conforme o que foi exposto, que (123) é resultado deste processo. Os exemplos (123) e (124), assim como a Figura 2, servem para demonstrar que eliminar duas das *barreiras* não só é possível, mas que é isso que justifica a manutenção do MS nas frases feitas no PB, naqueles casos em que a alternância com o MI não é possível, visto que ficou preservada a *barreira* do

uso do MS. É justamente isso que leva os gramáticos a afirmar que há uma *dependência subentendida* entre o uso do MS nas orações *independentes*, estereotipadas ou não, justificando que o MS

Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala. (CUNHA & CINTRA, 2006, p. 466)

Os autores procuram, assim, explicar esse uso do MS, valendo-se também da origem latina do subjuntivo, indicando que ele serve para *ligar e subordinar* e que “denota que uma ação ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida” (CUNHA & CINTRA, 2006, p. 466). Além disso, ao afirmarem que nas orações absolutas o MS serve para expressar *noções de desejo, hipótese, concessão, dúvida, ordem ou proibição e exclamação de indignação*, os autores acabam, indiretamente, vinculando esse uso de MS àquelas construções em que essas mesmas *noções* só poderiam ser expressas através de determinadas classes de verbos, caso as orações principais estivessem presentes, pois só desta maneira poderiam expressar os mesmos valores semânticos.

Retornando ao exemplo (122), ele é a única ocorrência em nossa amostra de 2.718 dados referentes às quatro cidades do Paraná. A ele, no entanto, podemos juntar os exemplos de outras pesquisas, como (125), (126), e (127):

(125) Eu quero que você **fala** com ele. (AZEVEDO, 1976, p. 50)

(126) Quer que eu **faço**? (WHERRITT, 1977, p. 47)

(127) Ela tem muitos que ela não prefere, né? Ai é. Professor de Física porque **quer que ela vá** de short curto: ‘Ah, mãe, não sei porque que ele **quer que eu vou** de short curto’. Porque ela vai de short mais comprido, ele acha que tem que ser mais curto. (FLP 11, L0508) (PIMPÃO, 1999, p. 47)

É possível que esse tipo de exemplo esteja limitado a um determinado contexto, que teve sua ocorrência desfavorecida na coleta dos dados, por ocasião da realização das entrevistas do VARSUL. Isto é, os entrevistadores tinham por objetivo fazer com que o falante lhes desse informações e não, necessariamente, dialogar com ele, produzir interlocução. Além disso, não há muitos exemplos de discurso relatado contendo diálogos em que ocorrências semelhantes sejam descritas. Assim, orações como

(128) Você quer que eu **faço**?

(129) Quer que eu **veja**?

que comumente se ouve e dizem que se ouve por aí, cuja frequência soa estranho a muitos ouvidos e que, em alguns casos, costuma ser atribuída aos falantes mais jovens, ocorreram em um número bastante reduzido. Se de fato esta é uma característica da fala dos mais jovens, só o exame das entrevistas com falantes mais jovens do Projeto VARSUL – em fase de transcrição – poderá evidenciar. Somente assim poderá se confirmar, ou não, essa hipótese.

Além disso, esse tipo de realização, ao que parece, exige do ouvinte a anuência a respeito do que está sendo, direta ou indiretamente, questionado e que poderia muito bem ser apresentada segundo o disposto nos exemplos (128), (129), (130), (131) e (132). Poderíamos conjecturar que o caminho para se chegar a (132) possa ser o abaixo descrito:

(130) Se você quiser, eu *faço*!

(131) Você quer? Então eu *faço*!

(132) Afinal, se você quer, eu *faço*.

(133) Você quer? Eu *faço*.

(134) Você quer que eu *faço*?

Podemos indagar o ouvinte de várias maneiras para saber se ele quer que se faça alguma coisa para ele. Os exemplos (130) a (132) seriam possibilidades de se perguntar a ele; e (133) seria o equivalente de (134) em duas etapas.

Observe-se como é a passagem de *você quer? Eu faço.* em (133) para *você quer que eu faça?* em (134): basta que se introduza **uma** das *barreiras de segurança* para a transformação das duas orações em uma só – aparentemente, em português, essa *barreira* é prototipicamente o *que*. Para produzir esse resultado, o falante se vale de *você quer* – que já é a primeira oração e que, por isso, passa a ser a oração principal –, introduz a conjunção *que*, abrindo espaço para a posposição da subordinada, que é a segunda oração *eu faço*, e, finalmente, já preenchidas duas *barreiras de segurança* (a *oração principal* com a presença de verbo volitivo e conjunção *que*), a terceira *barreira*, o uso do MS (*faça*), passa a ser dispensável, pois já está preservada a intenção comunicativa do falante.

Por fim, gostaríamos de mencionar que a nossa escolha em discutir a presença de uma única ocorrência em toda a amostra teve sua razão de ser. Esperamos que nossa contribuição possa trazer um pouco de luz sobre a questão, pois é justamente com base nesse tipo de ocorrência que muito do estranhamento a respeito da alternância indicativo/subjuntivo encontra expressão e, como vimos, já tem merecido atenção de outros pesquisadores.

6 CONCLUSÕES

É necessário, nesse momento, retomar o objetivo que desencadeou e motivou a realização deste trabalho, ou seja, descrever os usos do Modo Subjuntivo (MS) feitos pelos falantes das cidades de Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco, situadas no estado do Paraná e pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL, bem como levantar as possibilidades de alternância com o Modo Indicativo (MI); assim sendo, apresentamos a seguir as nossas conclusões.

O volume dos dados arrolados em nossa pesquisa é bastante significativo para que se desenhe um perfil das ocorrências de MS e MI no PB; no que se refere a determinar as escolhas feitas pelos falantes, nossos dados apontam para o fato de que somente alguns dos grupos de fatores adotados na pesquisa se mostraram relevantes do ponto de vista estatístico e que, portanto, nossas conclusões estão restritas à interpretação estatística do que os dados desses grupos puderam expressar.

As rodadas revelaram que os fatores intervenientes, que condicionam as escolhas e a alternância de uso dos modos verbais feitas pelo falante, são de ordem social – no caso das *cidades* – e não social – no caso do *tipo de oração* e da *modalidade*. As variáveis não sociais pertencem ao sistema e a alternância detectada, portanto, somente ocorre onde ele permite.

Em relação às hipóteses de que lançamos mão, gostaríamos de resgatar qual era a nossa expectativa inicial para cada uma delas. Primeiramente, esperávamos que os usos de MS e de MI na linguagem oral se mostrasse bastante distinto daquele expresso pela linguagem escrita, segundo o que é esboçado através da GT. Essa expectativa se confirmou, conforme demonstraram os dados que apresentamos.

Outra hipótese que levantamos, era a de que o uso de MS nas orações *independentes* e nas *subordinadas* não deveria ser o mesmo. Pudemos constatar que de fato essas orações se diferenciam: nas *independentes* encontramos muitos casos de uso categórico do MS; a alternância entre MS e MI somente é percebida naqueles casos em que houve a presença dos advérbios *talvez* e *possivelmente*.

Contávamos também, em uma de nossas hipóteses, com o fato de que os fatores sociais *sexo*, *idade* e *grau de escolaridade* pudessem ter sido selecionados em uma das diversas rodadas que fizemos, e viessem a compor, junto com os outros grupos de fatores selecionados, as explicações a serem dadas a fim de determinar as razões que interferem na escolha feita pelos falantes, uma vez que em outras pesquisas esses fatores sociais se mostraram relevantes do ponto de vista estatístico. Contudo, como vimos, os dados presentes em nosso trabalho demonstraram que isso não ocorreu.

Dentre os grupos de fatores selecionados como relevantes do ponto de vista estatístico, no entanto, encontramos *tipo de oração* que, portanto, pode favorecer ou desfavorecer a alternância entre o uso dos modos verbais, indica que as subordinadas *substantivas* e as orações *independentes* constituem os contextos em que o uso do MS tende a ser favorecido, desfavorecendo o uso de MI (excluídas as *frases feitas*).

Para as *adverbiais* pudemos observar que essas orações apresentam uma leve tendência ao favorecimento do uso do MI, desfavorecendo, dessa maneira, a ocorrência de MS.

Quanto às *adjetivas*, há, provavelmente, uma especialização no que se refere à escolha e ao emprego dos modos verbais. Os pesos relativos e a análise de alguns dos dados pertencentes à amostra revelam que não está havendo

alternância no uso dos modos verbais, no mesmo sentido que essa alternância ocorre nas subordinadas *substantivas*, mas que os modos verbais possuem significados diferentes nas *adjetivas* e que é isso que pode estar determinando os usos de MI e de MS nesse tipo de oração.

Em relação ao outro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico, o da *modalidade*, constatamos que a modalidade do *conhecimento* apresentou leve tendência ao favorecimento de uso de MI, embora seja mais sensato afirmar que há uma situação em que a variação é estável ou indefinida. Já no que se refere à modalidade da *conduta e desejo* há claro favorecimento de uso de MS, especialmente no que se refere à cidade de *Irati*.

Além disso, ao considerarmos que os verbos que expressam *conduta e desejo* constituem os contextos dos quais se vale o falante para expressar *futuridade*, estaremos confirmando, assim, que o MS é favorecido pelos traços de *futuridade* e de *incerteza*.

As distorções apresentadas nos dados de *Irati*, por sua vez, nos levaram a realizar novas rodadas estatísticas para cada uma das cidades, isoladamente, na esperança de que pudessem trazer nova luz às conclusões a que os dados nos haviam permitido chegar até então. Contudo, apesar das características singulares que a distribuição das ocorrências nos permitiu perceber em cada uma das cidades, cada uma dessas rodadas confirma o que as outras rodadas haviam indicado para o conjunto dos dados, ou seja, de que (i) há para *Londrina* uma indefinição quanto à escolha e ao emprego dos modos feitos por parte dos falantes; (ii) que *Curitiba* e *Pato Branco* apresentam uma alternância no uso dos modos verbais, indicando que se encontram em um estágio mais avançado no que se refere à alternância de uso do MI e MS e que a distinção entre as duas cidades pode ser observada com mais nitidez no grupo de fatores *tipo de oração*; e (iii)

que *Irati*, além de se distinguir de *Curitiba* na distribuição dos dados no grupo de fatores *modalidade*, é a cidade que apresenta um perfil mais conservador, se considerarmos que a alternância entre os modos verbais pode ser um fenômeno inovador.

Um outro fator a ser mencionado diz respeito à variação e à alternância no uso dos *modos verbais* e de sua relação com as *barreiras de segurança*. Nos interessa apresentar uma justificativa que possa explicar quais seriam os elementos desencadeadores e motivadores desse fenômeno; nesse sentido, procuramos demonstrar que: a tendência ao rompimento ou quebra das *barreiras de segurança* constatada na língua pode (i) não só explicar os casos em que se dá a manutenção categórica do MS, em determinados tipos de oração, mas, sobretudo, pode (ii) nos fazer compreender as razões que levam o falante a alternar o uso dos *modos verbais* em contextos em que essa alternância aparentemente não deveria ocorrer (como resultado da redundância, por exemplo, confirmando a última hipótese de que lançamos mão).

Por fim, o levantamento acessório que realizamos, envolvendo as conjunções e locuções subordinativas encontradas na pesquisa, nos permitiu perceber que, das listas apresentadas pelas GTs, somente algumas conjunções acabaram de fato sendo encontradas em nossa amostra e que, dessas, a grande maioria se constitui de conjunções *subordinativas adverbiais*. Além disso, registramos também a ocorrência de algumas conjunções não registradas pelos gramáticos, como é o caso de *que tal se*, *vai que* e *vamos que*.

É necessário, ainda, mencionar que a amostra do VARSUL foi constituída no final da década de 1980 e início da década de 1990, portanto, os falantes mais jovens – que na época em que as entrevistas se realizaram deveriam contar com pelo menos 25 anos – teriam que ter nascido entre 1941 e 1965. Ou seja, podemos considerar que o momento em que se deu a aquisição da

linguagem desses falantes, bem como sua entrada e permanência na escola, pode ser computado a partir da década de 1940, estendendo-se até o começo dos anos 80. É provável que as transformações culturais, políticas e sociais por que passou o país tenham se refletido na linguagem dos falantes e que, de lá para cá, muito tenha mudado. Contudo, só uma nova pesquisa poderá revelar o quanto essas transformações passaram a se refletir também no universo da linguagem.

Talvez, nossa percepção a respeito da variação encontrada nos dados coletados na década de 1990 e que compõe o Banco de Dados do VARSUL seja diferente do que ocorra hoje, 15 anos depois. É possível que atualmente esteja havendo maior uso do MI em lugar do MS, mas somente uma nova pesquisa poderá confirmar essa hipótese. É possível, ainda, que nossa percepção esteja sendo aguçada por aqueles casos em que haja, aparentemente, maior restrição para o uso do MI, como em *quer que eu faço* e que outras possibilidades passem despercebidas.

Em termos do VARSUL, seria interessante que uma nova pesquisa pudesse verificar se há semelhanças com os dados coletados no estado do Paraná, nas ocorrências de MS e MI em dados de outras localidades, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, e, principalmente, se as localidades do interior dos estados mostram semelhança ou diferenças em relação ao perfil registrado para a cidade de *Irati*, no Paraná.

Uma questão que deve também estar presente nos trabalhos que tratem dos modos verbais é a criação de novas conjunções e a relação dessas novas conjunções com o aparecimento de MS ou de MI, ou seja, será que a criação de uma nova conjunção vai balizar também o aparecimento de MS ou de MI? Será que o falante tem a competência de atribuir a uma nova conjunção um valor de regência, ou a regência das conjunções é pré-determinada por outros fatores?

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES NETA, A. **O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro**. Belo Horizonte, 2000. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

ALLAN, K. Aristotle's footprints in the linguist's garden. **Language Sciences**, Victoria, v. 26, p. 317-342, 2004.

AZEVEDO, M. M. **O subjuntivo em português**. Petrópolis: Vozes. 1976.

BARRA ROCHA. M. M. **O modo subjuntivo em português – um estudo contrastivo com o italiano**. Belo Horizonte, 1992. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais.

BECHARA, E. **Moderna gramática do português**. 24. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1979.

BIANCHET, S. M. G. B. **Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim**. Belo Horizonte, 1996. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais.

BLÜHDORN, H.; EVANGELISTA, M.C.R.G. **Para uma semântica relacional da modalidade**. São Paulo. 2000. 26 f. (Mimeo)

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chigago: The University of Chicago Press. 1994.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão. 1975.

CASTRO VIUDEZ, F. **Uso de la gramática española: avanzado**. Madrid: Edelsa. 1998

- _____. **Uso de la gramática española:** intermedio. Madrid: Edelsa. 2000
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1965.
- COSERIU, E. **Lições de lingüística geral.** Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico. 1980.
- COSTA. I. B. **O verbo na fala dos camponeses** (Um estudo de variação). Campinas, 1990. 227 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CUNHA, C. F. da. **Gramática da língua portuguesa.** 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.
- CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3. ed. 13. reimpressão. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 2005.
- D'ACHILLE, P. **L'italiano contemporâneo.** Bologna: Il Mulino. 2005.
- DIAS, A. E. da S. **Sintaxe histórica portuguesa.** 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora. 1970.
- FAGUNDES, E. D. **Ocorrências de objeto direto e indireto nas três capitais do Sul do Brasil:** clíticos, pronomes lexicais e ausência de preenchimento. 1997. 91 f. (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná.
- _____. **O modo subjuntivo no português do Brasil:** uma análise preliminar das entrevistas de Porto Alegre. Comunicação apresentada no XII Encontro Regional do Projeto VARSUL. UFRGS – Porto Alegre, 2001.
- _____. **Modo subjuntivo e verbos que expressam conhecimento, crença e opinião:** uma análise voltada para o caso do PB. Comunicação apresentada no V CELSUL. UFPR – Curitiba, 2002.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de. **Gramática.** 4. ed. São Paulo: Ática. 1990.
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: _____. **Lógica e filosofia da linguagem.** Seleção, introdução e notas de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-86.

GLENK, E.; GATTI, I. O modo subjuntivo no português do Brasil e no alemão. **Pandaemonium germanicum**: revista de estudos germanísticos, n. 5, p. 193-211, 2001.

HARRIS, M. The subjunctive mood as a changing category in romance. In: ANDERSON, J.M.; JONES, C. **Historical linguistics II**. Amsterdam: North-Holland. 1974. p. 169-188.

JENSEN, J. S. **Subjonctiv et hipotaxe em italien**. Odense: Odense University Press. 1970.

KNEALE, W. & KNEALE, M. **O desenvolvimento da lógica**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1972.

KNIES, C.; COSTA, I. B (orgs.). **Manual do usuário do banco de dados lingüísticos “VARSUL”**. 1995. 13 f. (Mimeo)

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC.: Center of Applied Linguistics. 1966.

_____. The logic of non-standard English. In: ALATIS, J. (ed.) **Georgetown Monograph on Languages and Linguistics**, 22, p. 1-69, 1969.

_____. **Sociolinguistic patters**. Oxford : Basil Blackwell, 1972.

_____. Where does de sociolinguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: **Working papers in sociolinguistics**. Austin: Southwest Educational Development Laboratories. 1978.

_____. The intersection of sex and and social class in the course of linguistic change. **Language, Variation and Change**, Cambridge, 2, p. 205-254, 1991.

LAVANDERA, B. Where does the Sociolinguistic Variable stop? **Language and Society**, 7, 1978.

LE QUERLER, N. **Typologie des modalités**. Caen: Presses Universitaires de Caen. 1996.

LYONS, J. **Semantics**. 2. vol. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

- MAURER JUNIOR, T. H. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1959
- MENON, O. P.S. **O caso do *ainda que* + indicativo ou subjuntivo**. Manuscrito inédito. 2006
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes. 2000.
- NEF, F. **A linguagem: uma abordagem filosófica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995
- NEVES, M. H. de M. As construções condicionais. In: NEVES, Maria Helena de M. **Gramática do português falado**. Vol. VII. Campinas: Ed. da Unicamp. 1999. p. 163-199.
- _____. A modalidade. In: KOCH, Ingedore V. **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas: Ed. da Unicamp. 2002. p. 171-208.
- OLIVEIRA, M R. de; VOTRE, S. J. **Variabilidade na trajetória do português: uma abordagem funcional**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2011.html>. Acesso em 10 set 2005.
- OLIVEIRA, R. P. de. **Semântica formal: uma breve introdução**. Campinas: Mercado das Letras. 2001.
- PALMER. F. R. **Modality and the English modals**. New York: Longman. 1979.
- PEREIRA, E. C. **Gramática expositiva do ensino superior**. 60. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1943.
- PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do indicativo do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática**. Florianópolis, 1999. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- PINTZUK, S. VARBRUL programs. University of Michigan. 1988. 57 f. (Mimeo)
- POPLACK, S. Prescription, intuition, et usage: le subjonctif français et la variabilité inhérente. **Langage et Société**, n. 54, p. 5-33, dec. 1990.

RAIBLE, W. Knowing and Believing – and Syntax. In: PARRET, H. (ed.): **On Believing**. Epistemological and Semiotic Approaches. Berlin, New York: Walter de Gruyter, p.274-291, 1983.

_____. The pitfalls of subordination subject and object clauses between latin and romance.

RIBEIRO, E. C. **Serões grammaticaes** ou Nova Grammatica Portugueza. 2.ed. augmentada e revista pelo autor. Bahia: Estabelecimento Dois Mundos. 1915.

ROCHA, R. C. F. da. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português**. Brasília, 1997. 123 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

ROCHA-LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Briguier. 1960.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. 1964.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. (eds) **Sociolinguistics – an internal handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter. 1988.

SANTOS, M.J.A.V. **O uso do conjuntivo em língua portuguesa**: uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003.

SERIANNI, L. **Grammatica italiana**. Torino: Utet Università. 2006

SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. Brasília. 1993. (Mimeo)

SILVA, T. de J. B. e. **Análise lingüística do subjuntivo em português**: uma proposta pedagógica. Piracicaba, 1981. 103 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Metodista de Piracicaba.

SILVA-CORVALÁN, C. The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish. **Language Variation and Change**, n. 6, p. 255-272, 1994.

WEINER, E.J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, 19, 1983, p. 29-58.

WHERRITT, I. M. **The subjunctive in Brazilian portuguese**. Albuquerque, 1977. 191 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of New Mexico.

8 ANEXOS

8.1 DISTRIBUIÇÃO DE OCORRÊNCIAS POR INFORMANTE E CIDADE¹⁸

8.1.1 Cidade de Curitiba:

Quadro 1 – Distribuição dos dados por informante em Curitiba

ENTREVISTAS	MS	MI	TOTAL
01 M A PRI	34	05	39
*02 M B SEG	07	-	07
03 M A GIN	46	15	61
04 F A GIN	52	10	62
05 M A SEG	33	07	40
06 F B SEG	18	03	21
07 M A PRI	48	04	52
08 F A PRI	42	08	50
09 M A GIN	26	08	34
10 F A PRI	31	14	45
11 M A SEG	49	06	55
12 F A SEG	39	02	41
13 M B PRI	42	02	44
14 F B PRI	03	02	05
15 M B GIN	13	01	14
16 F B GIN	45	01	46
17 M B SEG	24	08	32
18 F A SEG	41	09	50
19 F A GIN	53	07	60
20 F B PRI	23	03	26
*21 M B GIN	24	-	24
22 F B GIN	13	03	16
23 M B PRI	08	01	09
24 F B SEG	20	04	24
TOTAL	734	123	857

¹⁸ As entrevistas dos falantes em que houve uso categórico de MS encontram-se destacadas com um asterisco.

8.1.2 Cidade de Irati

Quadro 2 – Distribuição dos dados por informante em em Irati

ENTREVISTAS	MS	MI	TOTAL
01 F A PRI	18	02	20
02 F A PRI	73	-	73
03 F A GIN	27	03	30
*04 F A GIN	18	-	18
*05 F A SEG	31	-	31
*06 F A SEG	56	-	56
07 F B PRI	26	03	29
08 F B PRI	39	01	40
09 F B GIN	44	01	45
*10 F B GIN	25	-	25
*11 F B SEG	43	-	43
12 F B SEG	48	05	52
13 M A PRI	62	06	68
14 M A PRI	07	02	09
15 M A GIN	17	01	18
*16 M A GIN	18	-	18
*17 M A SEG	24	-	24
18 M A SEG	25	02	27
19 M B PRI	46	03	48
20 M B PRI	17	01	18
21 M B GIN	36	02	38
22 M B GIN	12	02	14
*23 M B SEG	32	-	32
24 M B SEG	39	02	41
TOTAL	784	36	820

8.1.3 Cidade de Londrina:

Quadro 3 – Distribuição dos dados por informante em Londrina

ENTREVISTAS	MS	MI	TOTAL
01 F A PRI	38	07	45
02 F A PRI	20	04	24
03 F A GIN	26	02	28
04 F A GIN	27	07	34
05 F A SEG	34	01	35
06 F A SEG	20	02	22
*07 F B PRI	10	-	10
*08 F B PRI	01	-	01
09 F B GIN	30	07	37
*10 F B GIN	05	-	05
11 F B SEG	26	02	28
*12 F B SEG	06	-	06
13 M A PRI	16	01	17
14 M A PRI	09	02	11
15 M A GIN	56	05	61
*16 M A GIN	22	-	22
*17 M A SEG	15	-	15
*18 M A SEG	05	-	05
19 M B PRI	16	03	19
20 M B PRI	30	03	33
21 M B GIN	44	07	51
22 M B GIN	09	02	11
23 M B SEG	07	02	09
24 M B SEG	09	03	12
TOTAL	481	60	541

8.1.4 Cidade de Pato Branco:

Quadro 4 – Distribuição dos dados por informante em Pato Branco

ENTREVISTAS	MS	MI	TOTAL
01 F A PRI	24	05	29
02 F A PRI	16	04	20
03 F A GIN	22	02	24
04 F A GIN	18	03	21
05 F A SEG	14	01	15
06 F A SEG	17	01	18
07 F B PRI	09	01	10
08 F B PRI	14	09	23
09 F B GIN	15	02	17
10 F B GIN	14	03	17
11 F B SEG	29	06	35
12 F B SEG	13	01	14
13 M A PRI	22	02	24
14 M A PRI	14	04	18
15 M A GIN	34	05	39
16 M A GIN	51	08	59
17 M A SEG	11	01	12
18 M A SEG	26	04	30
*19 M B PRI	13	-	13
20 M B PRI	06	01	07
21 M B GIN	26	01	27
22 M B GIN	07	01	08
*23 M B SEG	05	-	05
*24 M B SEG	15	-	15
TOTAL	435	65	500

8.2 CODIFICAÇÃO UTILIZADA PARA OS GRUPOS DE FATORES

8.2.1 *Modo verbal*: SI

S – modo subjuntivo (MS)

I – modo indicativo (MI)

8.2.2 *Tempo verbal* da ocorrência: PQF@%&+#\$*

P – presente do subjuntivo

Q – imperfeito do subjuntivo

F – futuro do subjuntivo

@ – presente do indicativo

% – perfeito do indicativo

& – imperfeito do indicativo

+ – mais-que-perfeito do indicativo

– futuro do pretérito

\$ – futuro do indicativo simples

* – futuro do indicativo composto

8.2.3 *Tipo de oração* da ocorrência: ipfasxyntwbcdeghjkl

i – oração isolada ou independente

p – oração principal

f – frase feita

a – oração subordinada adjetiva

s – oração subordinada substantiva subjetiva

x – oração subordinada substantiva objetiva direta

y – oração subordinada substantiva objetiva indireta

n – oração subordinada substantiva completiva nominal

t – oração subordinada substantiva predicativa

- w – oração subordinada substantiva apositiva
- b – oração subordinada adverbial causal
- c – oração subordinada adverbial comparativa
- d – oração subordinada adverbial consecutiva
- e – oração subordinada adverbial concessiva
- g – oração subordinada adverbial condicional
- h – oração subordinada adverbial conformativa
- j – oração subordinada adverbial final
- k – oração subordinada adverbial proporcional
- l – oração subordinada adverbial temporal

8.2.4 *Modalidade* envolvida: 23

- 2 – conhecimento
- 3 – conduta e desejo

8.2.5 *Tempo verbal* da oração principal: PQF@%&+#\$*ifg0/

- P – presente do subjuntivo
- Q – imperfeito do subjuntivo
- F – futuro do subjuntivo
- @ – presente do indicativo
- % – perfeito do indicativo
- & – imperfeito do indicativo
- + – mais-que-perfeito do indicativo
- # – futuro do pretérito
- \$ – futuro do indicativo simples
- * – futuro do indicativo composto
- i – imperativo
- f – infinitivo

g – gerúndio

Ø – oração principal ausente

/ – não se aplica

8.2.6 *Sexo* do informante: MF

M – masculino

F – feminino

8.2.7 *Faixa etária* do informante: ab

a – entre 25 e 49 anos

b – com 50 anos ou mais

8.2.8 *Grau de escolaridade* do informante:pgc

p – primário (até 5 anos de escolaridade)

g – ginásio (de 5 a 8 anos de escolaridade)

c – colegial (de 9 a 11 anos de escolaridade)

8.2.9 *Localidade*: CILP

C – Curitiba

I – Irati

L – Londrina

P – Pato Branco

8.3 CARACTERÍSTICAS DAS CIDADES QUE COMPÕEM A AMOSTRA¹⁹

O Estado do Paraná apresenta um panorama lingüístico extremamente variado: ao lado de diferentes modalidades do português, há um mosaico de línguas indígenas, européias e asiáticas. A razão principal dessa multiplicidade está nas diversas origens da população paranaense, que se constituiu de diferentes levas de grupos populacionais: o colonizador português dos primeiros séculos, os imigrantes europeus e asiáticos (séculos XIX e XX) e os migrantes brasileiros das últimas décadas, vindos principalmente de Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul.

São, portanto, várias as modalidades do português faladas no estado. Embora não haja ainda um levantamento sistemático dessas variedades, pode-se dividi-las, grosso modo, nas seguintes:

- a) a variedade predominante no Norte, que por suas características se aproxima basicamente de falas mineiras e paulistas, trazidas pela população que povoou a região durante a expansão da agricultura cafeeira;
- b) a variedade predominante no Sudoeste e Oeste, trazida pelos colonos gaúchos e catarinenses descendentes de gaúchos, responsáveis pela ocupação agrícola daquela parte do Paraná;
- c) a variedade falada no Centro-Sul, que é a que mais individualiza o Paraná do ponto de vista lingüístico.

A partir desse quadro e em função dele fez-se a escolha preliminar, para efeitos do Projeto VARSUL, de três cidades representativas da realidade demográfica do interior do estado do Paraná, são elas:

¹⁹ Fonte: KNIES & COSTA (1995)

Londrina, por ser a cidade mais importante da região norte;

Pato Branco, por ser uma das principais cidades da região sudoeste;

Irati, por ser um núcleo urbano localizado na região de colonização eslava, a área urbana plurilíngüe mais representativa do Paraná.

8.3.1 Curitiba

O ciclo do ouro no Paraná é o responsável pelo início do povoamento do Litoral, e também do Planalto Curitibano. Em meados do século XVII, foi descoberto ouro e iniciada sua exploração na Baía de Paranaguá, em Cananéia, Iguape e Vale do Ribeira. Os faiscadores de ouro, subindo os riachos e picadas da Escarpa do Mar, formaram arraiais no planalto, os quais deram, posteriormente, origem a Curitiba. Ainda no início do século XVII, os primeiros moradores do planalto curitibano formavam agrupamentos de garimpeiros com a finalidade de faiscar às margens dos rios. Os moradores da primeira localidade às margens do rio Atuba formaram um conglomerado chamado *Vilinha*. A mudança do local dos primeiros habitantes, embora tenha um cunho místico atribuído à Virgem Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que já era venerada naquela época, deveu-se principalmente às condições ecológicas que não eram propícias ao desenvolvimento do núcleo incipiente. Acreditou-se ter sido o novo local a atual Praça Tiradentes, onde se encontra a Catedral Metropolitana (Basílica Menor).

A Capital do Paraná está situada no primeiro planalto, a 907m acima do nível do mar e possui uma área de 431Km². Sua população é resultado, inicialmente, da miscigenação de três etnias: o índio, o português e o negro (este em escala diminuta). Mais tarde, com a chegada dos colonos europeus, especialmente poloneses, italianos e alemães, formou-se um mosaico cultural.

8.3.2 Irati

Situada na região do Planalto de Ponta Grossa, região sudoeste do Paraná, a localidade que deu origem a Irati era, inicialmente, chamada de Covalzinho. Depois, com a inauguração da estrada de ferro São Paulo-Rio de Janeiro, no século XIX, registrou-se maior desenvolvimento na área, surgindo então Irati, em 1899. O nome Irati (*ira* [mel]; *ty* [rio]) era a denominação da tribo indígena que habitava inicialmente a região: os iraitins ou iratins.

O município de Irati surgiu no terceiro ciclo da economia paranaense, o ciclo da erva-mate. Irati beneficiou-se muito também do comércio da madeira de pinho, que ultrapassou a erva-mate como fonte de arrecadação. Hoje o município sofre a derrocada desses dois ciclos. A base da economia iratiense é a agricultura, e o comércio está voltado para os agricultores.

A colonização de Irati foi dirigida pelo governo federal e, por isso, foram para o município imigrantes poloneses, ucranianos, alemães e italianos. A maior parte da população de Irati é de origem eslava (poloneses e ucranianos) e é esse grupo que impõe suas características culturais aos demais.

O município de Irati foi incluído na amostra tendo-se como critério a composição étnica de sua população. No Banco de Dados, esse município deveria representar a população de origem eslava, especialmente a polonesa. No entanto, o contato com a população revelou que esta é bastante heterogênea. Como um reflexo dessa característica dos moradores da cidade, a amostra incluída no Banco VARSUL é de falantes não bilíngües, de origem étnica diversificada.

8.3.3 Londrina

Em 1924 um grupo de ingleses chefiados por Lord Lovat visitaram o norte do Paraná, que os impressionou pela riqueza da vegetação e a potência exuberante da terra roxa. A partir daí, as terras foram compradas, parte em 1925, parte em 1927, para um projeto de colonização. Para facilitar a ocupação e exploração das terras, a Companhia Plantation Ltda. organizou a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que teve seus trechos entre Ourinhos-SP e Cambará-PR construídos entre os períodos de 1924 e 1927. Em 18 de agosto de 1929, partiu de Ourinhos uma caravana com destino às famosas terras do norte do Paraná; no dia 21, o grupo transpôs o Rio Tibagi, chegando a um marco de madeira que representava o ponto inicial da fundação de Londrina.

Para o plano de colonização do setentrião paranaense, as terras com o seu título garantido foram divididas e os lotes demarcados conforme o interesse do cliente. A infra-estrutura para o projeto de colonização foi garantida mediante a abertura de uma rede mestra de boas estradas de rodagem de mais de 200 km e de estradas carroçáveis vicinais. O município de Londrina foi criado em 3 de dezembro de 1934 por decreto estadual; em 1938 foi criada a comarca.

A cidade de Londrina está localizada na região norte do estado do Paraná, a 390km da capital. O município conta com 2.068.629km² e tem sua população distribuída majoritariamente na área urbana. Na agricultura predomina o cultivo da soja, trigo, café e na pecuária a criação de bovinos e suínos.

8.3.4 Pato Branco

As primeiras incursões de homens brancos na região onde hoje se encontra o município de Pato Branco datam de 1839, quando o bandeirante curitibano Pedro de Siqueira Cortes, comandando uma expedição ao sul da 5ª Comarca da Capitania de São Paulo, descobriu os Campos de Palmas. Muitos anos depois, iniciou-se o povoamento de Clevelândia. Em 1919 aportaram à localidade onde surgiria Pato Branco os primeiros moradores. Em 1924 já se conhecia a Vila Nova de Clevelândia, que recebia migrantes do Rio Grande do Sul.

Em 1927, a localidade recebeu a denominação de Distrito de Bom Retiro e, em 1928, foram iniciadas as demarcações das terras que seriam vendidas a agricultores e posseiros. A denominação atual, Pato Branco, se deve ao Rio Pato Branco, que banha o município. A partir de 1935, começaram a fixar residência no local os primeiros profissionais liberais: médicos e dentistas. O distrito de Pato Branco, criado em 10 de outubro de 1947, foi elevado à categoria de cidade em 30 de outubro de 1951, quando se desmembrou de Clevelândia. A instalação do município se deu no dia 14 de dezembro de 1952, quando foram empossadas as autoridades. A comarca foi criada em 24 de abril de 1954. Com a elevação de Pato Branco à categoria de município, foram criados os distritos de Coxilha Rica, Dois Vizinhos, Uerê, Bom Sucesso e Vargem Bonita.

O município está situado na zona fisiográfica do Iguaçu (sudoeste do Paraná), a 465km de Curitiba, com sua sede entre as coordenadas de 26°11' de latitude sul e 52°26' de longitude. Tem como limites: ao norte, Chopinzinho e Coronel Vivida; a oeste, Francisco Beltrão; ao sul, Clevelândia; a leste, Palmas e possui 751,49 km².

8.4 AMOSTRAGEM DE OCORRÊNCIAS DE ORAÇÕES SUBORDINADAS²⁰

8.4.1 Orações subordinadas *substantivas subjetivas*

- (01) [4Está cumprindo4], eu acho que está cumprindo, tem o postinho também ali que pode ser que muitos **reclamem**, ma0s eu também não tenho o que reclamar do postinho não, (est) [5porque-5] (CTB 03 M A GIN0 0264)
- (02) E: Você acha que se ele estivesse aí, você Acha que iriam dar chance pra ele trabalhar? [sobe o LULA]
F: Ele ia tentar mudar muita coisa, ma ele ia ter muita pressão dos empresários.
E: podia ser até que **assassinassem** ele. (CTB 03 M A GIN 1420)
- (03) F: E é uma coisa tão rápida que não dá pra te explicar. *Eu não sei se com o passar do tempo-
*Você vê, depois a gente foi pra capela, ficamos lá, velando, [depois eles]- foi sepultado, né? *Quando a gente voltou, a gente voltou assim tão aliviado, tão- *Não tinha mais aquela angústia que a gente saiu daqui [com]- com o corpo, sabe? *Então [eu]- eu digo assim que possa ser [que]- que **existe**, que nem ela disse. *[Tem]- tem0 que existir pra você se confortar daquilo. *Que muitos [não se]- não se conformam com a morte às vezes0 de um filho num acidente, num afogamento.(CTB 04 F B GIN 0421)
- (04) F: *É, pode ser que agora **vai mudar** um pouquinho, né? não sei, porque eles fizeram bastante greve esses dias, estavam fazendo greve, né? (PBR 1 F A PRI)
- (05) F: *Teu marido trabalha em que empresa? E *Antigamente era ("KAMIR"), agora é KVERNER, [9é só-9]
*9[Pode]- **pode ser9] que ele conhece**, porque [ele]- ele conhece tanta coisa e agora ele viaja, viaja, viaja muito, e ele trabalha muito **com empresas**, né? (PBR 11 F B SEG 677)

8.4.2 Orações subordinadas *substantivas objetivas diretas*

- (01) as fábricas mais0 [é]- aventureiras que estão jogando alto pra ver o que conseguem, né? (est) *Se não é que eu esteja certo, ma0s, de repente, poderia até, se todo mundo desse um apoio na forma que eu acho [que]- que eu estou fazendo, como0 [é]- a fábrica aqui está me propondo0 trabalhar com ela com o preço mais elevado0 do que eu já0 estava trabalhando, não. ***Não digo que eu vou comprar** com o preço de março, abril. *Ma0s é claro, mais ponderado, né? (est) (CTB 05 M A SEG 1055)
- (02) *A gente está trabalhando. *Agora, há fábricas que estão vendendo hoje com um preço muito alterado, eu não estou mais trabalhando, infelizmente é um cliente que elas acabaram de perder. (est) *E algumas delas eu inclusive comentei a respeito disso: "Não, ma0s aí é geral. *Todo mundo está subindo". *Eu digo: "Não, ma0s ainda se encontra **quem não está**". *Então vou trabalhar com quem não está."*E se todo mundo fizesse isso, (rui) faria com que essas fábricas que subiram demais os preços baixassem novamente ou então (hes) fizessem um outro esquema de trabalho, né? (est) que desse condições de trabalhar0 mais fácil. (CTB 05 M A SEG 1070)
- (03) E: [*A senhora]- a Senhora falou das bodas de ouro. *[Vai]- pretende fazer alguma festa ? *Como é que vai ser, Dona Mylka?
F: *Oh! *Se Deus permitir e achar que eu **devia0** fazer- (CTB 6 F B SEG 0312)

²⁰ Nessa amostragem incluem-se os exemplos de que nos valem os em nosso trabalho; a numeração utilizada, porém, não é a mesma que consta ao lado de cada exemplo.

- (04) conseguirem mesmo, ele gastou muito. ***Falou que acho- talvez daria** pra ele comprar até um carro novo, com o gasto que ele teve com esse roubo. (LDN 2 F A PRI 0646)
- (05) caixinha, [da]- da caixa de bombom, né? ma0s não é igual aqueles outros <po-> aquele pessoal pobre que vê você, quer ficar perto, **quer que você pega na mão, né?** (est) aquele0 pessoal pobre parece que ele 0 da ala lá que é0 INSS, INAMPS não existe mais, né? (LDN4 F A GIN 0780)
- (06) O que que está tudo errado, **agora você quer que eu vou votar** nesses vagabundos? (LDN 21 M B GIN 1467)
- (07) F *Não,não, não, a escola dela, ela vendeu até pra três professoras daqui. *Hoje é escola, como é que é o nome da escola dela hoje, mudou, ma0s ela- quando era ela era Escola Teixeira de Freitas, (est) eu não sei se elas que compraram continuam com Teixeira de Freitas, **eu acredito que continuam** também (est). *Na época ela era a melhor professora, também tem (PBR 10 F B GIN)
- (08) domingo, feriado, então nos sobra pouco tempo pra gente, pra lazer, né? (est) ***Eu espero**, se Deus quiser, 228 agora este ano aí ou a partir do ano que vem **a gente0 monta** um esquema de trabalho de uma forma diferente **pra que a gente tenha** um pouco mais [de]- de tempo pra encontrar com os amigos, né? (est) *Até esses (PBR 22 M B GIN)
- (09) 326 Então eu falei, digo: "Olhe, eu estou errada nessa parte, mas não tenho quem queira me substituir, não é? O que é que eu deixo, né? Daí ele disse: "não a senhora faça assim: quando eles pedem a parte e- nas Damas de Caridade, a senhora vai, não fale na Legião de Maria, a senhora não fale nada de- né? de a- essa parte, assim. E daí, a se- o- quando a senhora puder, é preferível se a senhora, se é uma pessoa muito necessitada, faça o que é possível e mande por outra, né? **que não saibam** que foi a Legião de Maria, senão vão pensar (IRT 07 F B PRI)
- (10) F *Não é que goste, assim, eu acostumei, [<por->] porque **eu enfrento** qualquer serviço, (est) **o que vim**, (hes) né? eu faço. (est) (IRT 14 M A PRI 048)

8.4.3 Orações subordinadas *substantivas objetivas indiretas*

- (01) *A gente está trabalhando. *Agora, há fábricas que estão vendendo hoje com um preço muito alterado, eu não estou mais trabalhando, infelizmente é um cliente que elas acabaram de perder. (est) *E algumas delas eu inclusive comentei a respeito disso: "Não, ma0s aí é geral. *Todo mundo está subindo". *Eu digo: "Não, ma0s ainda se encontra quem não está. ***Então vou trabalhar com quem não está.**"*E se todo mundo fizesse isso, (rui) faria com que essas fábricas que subiram demais os preços baixassem novamente ou então (hes) fizessem um outro esquema de trabalho, né? (est) que desse condições de trabalhar0 mais fácil. (CTB 5 M A SEG 1070)

8.4.4 Orações subordinadas *adjetivas*

- (01) F *Não, [porque eu]- pelo que eu fiquei sabendo hoje, é público. (est) Vai tanto você como, vamos supor, que]- que está lá. *Então você ainda é ++CLT, ne? (est) *Então você vai concorrer com o público.*Quem **passar** [vai]- vai entrar, [vai]- vai, vamos supor, preencher as vagas que **estão** sobrando, né? (est) *Então não vai ser aquele tipo assim só [pra]- pro inglê0s (est) vai ser em geral, daí.(CTB 01 MAPRI 390)
- (02) F *Exato! *Não, o anel central, ele0 está bem distribuído. *Agora, quando chove, daí é [um]- um Deus nos acuda. (est) *Daí é muita gente que0 dirige só aos domingos, (est) saem dirigir0 num dia de semana

com chuva, coisa e tal, então0 vai disso que vira aquele engarrafamento. (est) *Então não porque [tá]-[o
anel de]- o anel central pra quem, vamos supor, sabe dirigir, que é profissional, ele nunca vai fazer
engarrafamento, mas, agora, o pessoal que não dirige, que só pega o carro dia de chuva, daí ele vai0
se perder e se embanana todo. (est). *Então daí atrapalha quem sabe.(CTB 01 M A PRI 492)

- (03) F *Não, qualquer motorista que **seja** profissional, ele não é barbeiro. (est) *É um pessoal que não está
acostumado com o trânsito, fazer- vamos supor, você está indo na [tua] mão, liga a seta e a pessoa
que vem atrás0s não presta atenção que você ligou a seta, que vai entrar à esquerda, coisa e tal. *A
hora que você entra o que vem atrás0s se desespera, vem0 em alta velocidade, alguma coisa, é que
acontecem os acidentes. (est) *Então os motoristas profissionais, eles estão dentro da razão. *Agora, os
domingueiros, os particulares, que nem falou esse meu amigo, (risos E) então daí é esses é que
fazem a confusão, não nó0s. (CTB 01 MAPRI 522)

- (04) F *É, ma0s é- *Então, você vê ali. *Quantos são os restaurantes que têm. *Você passa aos
domingos ali, às vezes, pra você pegar um lugar em restaurante tem que enfrentar fila. *E é o
pessoal daqui também que frequenta. *Porque às vezes chega o colega de fora, coisa e tal: "**Pomba,
ma0s eu vim pra conhecer Santa Felicidade". (est) *Conhecer os restaurantes, coisa e tal. *Então, se
ele estiver na tua casa você não vai dizer: "**Não,L1272 vamos comer aqui". (riso E) *Então você vai levar
lá- *Está certo, sai mais caro, coisa e tal, ma0s0 nó0s vamos conhecer, vamos- *Então é, quer dizer,
é um bairro rico, ("diz que é"), né? (est) *Então você vai ali, é restaurante em cima de restaurante.
*É onde dá mais a comida italiana. *Uma colônia italiana, é vinho, é tudo, é queijo, aquelas coisas,
então0 o pessoal vem e aquela curiosidade mata, inclusive até a gente que está aqui, né? (est)
*Então você vai, às vezes no domingo você vai lá, você não vai dizer que você não vai, (est) pra
comer uma comida italiana, coisa e tal, um negócio diferente. *Então, você imagine quem **vem** de
fora! CTB 01 MAPRI 1272)

- (05) E: Custa muito caro, tipo assim, pra você mandar reformar?
F *É, depende das condições que se **encontra**, né? *[O]- se está muito danificado, daí precisa trocar
espuma, né? pôr enchimento (est), então se torna um pouco mais caro. *Agora, se estiver mais ou
menos num estado assim de ruim pra bom, sai mais em conta daí. (CTB 03M A G 083)

- (06) F *É, então. *Eu concordo. *Eu acho até [é]- bonito demais [o]-[o <me->]- o marido que0 **compartilha**
assim com as tarefas tanto de casa [como0]- como a [da]-[da]-[da]- assim a obrigação das crianças, né?
*De buscar e levar. *Que nem eu vi, ele é assim (hes). *Eu olho assim por- né? *Até eu acho
bonito0 ele lavar o vidro, lavar uma calçada. *Eu acho- *Eu acho que se0 eu casasse, o meu
marido teria [que]- (falando rindo) que compartilhar junto (F). (CTB 04 F B GIN 869)

- (07) Dentro [do]-[do]- eu acho que [de]- dentro de Curitiba a cidade ("de") Portão, depois do Portão eu
acredito que a Vila Hauer [é o]- é o comércio mais forte, né? (est) *E0 então hoje0 é [um]- um bairro
que tem vida própria, né? tem tudo que se **[pode]** imaginar, em termos [de]- de necessidades,
hospitais, escolas, [é]- comércio. *Então0 está muito bem servido, a Vila Hauer hoje0 em termos [de]- de
independência, né? (CTB 05 M A SEG 332)

- (08) e na realidade não é isso, então vem, daí não tem como voltar pra lá, porque geralmente [se]- se
desfa0z do que tem, né? (est) <daque-> daquele pequeno0 pedaço de terra, né? que [um]- uma
pessoa que tem [um]- um trecho grande de terra não vai sair, não vai se desfazer, né? (CTB 05 M A
SEG 828)

- (09) F *É, eu acho que vai ser. *Se uma pessoa mora aqui no Centenário, só vai no terminal, chega ali,
pega o ônibus, vai parar [na]- na porta0 do serviço, deve ser uma coisa excelente, né? *Eu acho que
ele deve fazer um itinerário por aqui e outro0 por Santa [<Fe->]- Felicidade, assim, né? pegando vários
bairros, né? então, vai facilitar muito, né? (est) *A pessoa [que]- que **depende** [do]- do ônibus, né?
(CTB 07 M A PRI 152)

- (10) *É uma série de coisas, né? *Daí existem vários tipos de tintas: sintética0 é um tipo de preparo, (inint)
é outro tipo, metálico é outro tipo, entende? (est) *Então, [é]- depende [do que]- no que que você **está**
trabalhando pra poder preparar. (CTB 07 M A PRI 536)

- (11) F *Veja bem, se sentir amado de fora pra dentro, (est) sabe? uma outra pessoa gostar de você, tipo homem#mulher é um lance, (est) ma0s se você se sentir amado por uma coletividade, se sentir bem, (est) sabe? se sentir bem, você chegar num lugar e ter0 várias pessoas, nenhuma delas te **conhece** (est) você se sente como?
E *Perdido.
F *Perdido. *Se você está de bem com você mesmo, (est) você não entra, <pá> olha todo mundo <pá>, senta, toma tua cerveja, <pá>, estou pensando lá no- sabe? *Não tem- *Se você não está bem com você0 mesmo, você não vai se sentir bem, [em uma <coleti->]- em uma coletividade. (CTB 09 M A GIN 1109)
- (11) F *É, mãe coruja, assim, aquele cuidado, aquela0 coisa com os filhos, né? *Então, chega tal hora, não- ai, já vai [<doe->]- me dando um tremor, já vai me dando um nervoso, sabe? *Então, já digo pra eles: "Olha, se vão demorar ou- **Onde vocês estão**, [ligue, telefone]". *Ah, não se preocupe". *Então a Josiane mesmo vai pra Faculdade, ela diz: "Olhe mãe, hoje eu vou ter aula até0 tal hora. *A última aula termina tal hora. *Às vezes ela fica na Faculdade lá em [<con->]- conjunto fazendo trabalho lá e liga: "Olhe mãe, estou aqui na Faculdade ainda. *Não se preocupe0 daqui a pouco estou0 em casa." (CTB 10 F A PRI 968)
- (12) *Eu acho assim um pouco, sei lá, [o]- televisão ensina muita coisa0 (est) que não presta, né? *Que coisa boa não ensina né? pode ver, você não tem nada que **preste** numa televisão pra você assistir, uma]- uma coisa assim, uma coisa sadia, uma coisa0 boa, uma coisa- olha, é incrível, não0 tem um programa bom assim, que você **assiste** e vê que é gostoso [de]- você sentar e assistir. (est) *Tudo que é novela, tudo aquilo que não **presta**, né? (CTB 10 F A PRI 986)
- (13) F [2*Com o bem estar, só, só2], só com o bem estar, (est) só com o bem estar. (est) *Ninguém mais se preocupa com trabalho, fazer uma coisa perfeita, hoje0 qualquer coisa que [você vai se]- você **vai comprar**, não dura mais, (est) você compra hoje, amanhã estraga. (CTB 17 M B SEG 303)
- (14) E *E o que que você acha que poderia ser feito pra que não houvesse tanto essa vinda das pessoas do campo pra cidade?
F *Bom, aí não adianta a gente querer responsabilizar o governo porque0 se eu tenho, vamos supor, lá dois, três alqueires [7de terra7]- E [7*Digamos que7] você fosse o presidente. *O que que você faria ?
F *[Não adianta aí (hes) o Presidente está com as mãos]- eu, no meu modo de entender, ele não0 é o responsável por isso, (est) no meu modo não é, porque aquele que **tem** um pedaço de chão, ele vende0 e põe fora e depois ele quer novamente, quer que o governo dê. (CTB 17 M B SEG 383)
- (15) E *E o que você, nesse mundo conturbado que a gente vive, o que que você espera pra eles ?
F *Olha, (inint) uma perguntinha bem difícil de responder, porque do jeito que a coisa está aí, (est) futuro não- quer dizer, se tiver vontade de trabalhar, (est) todo mundo, se tiver vontade de [de <tra->]- de trabalhar, sempre tem um cantinho nesse mundo [que]- que **acolhe**.(est) mas- se não tiver vontade (CTB 17 M B SEG 762)
- (16) F *Pois é, mas lá existe uma lei, (est) pode ir até ali, dali não pode ir0 (est) mais pra frente, (est) aqui não, aqui0 meia dúzia porque- que são pessoal lá do Congresso, Deputados <Feder->, são [tudo] ad0vogados, (est) todos eles são, noventa por cento, ad0vogados, (est) ali tem dois, três médicos, quatro, cinco engenheiros, o resto é ad0vogado, (est) e ad0vogado o que que é? (est) *Os maiores malandros que têm na face da Terra, (est) eles estudaram0 pra dar0 não [pra]- pra executar o-
F *A lei. (est) *Eles estudaram no meu modo de entender, pra abrir brechas na lei pra favorecer alguém.(est)
E *De preferência eles.
F *E de preferência eles. (est) *Então é aquela coisa: [tem]- nunca ele tem um parente que **está** lá trabalhando na emissora lá, vamos supor na Globo0 (est) ou na Bandeirantes, qualquer uma delas, (est) e aí então o cara já chega: "Não, mas tal e coisa, olha aqui, isso aqui não (inint)", que no fim a censura não deixa, então0 vamos dar um jeito de cortar a censura, [9não9] cortar o programa que está- (CTB 17 M B SEG 803)
- (17) F *Então [ele]- [ele está]- ele está fazendo agora o cursinho à noite, ele fa0z [com um]- com um Tenente#Coronel ali [da]- da Aeronáutica que fa0z curso pra ele assim, particular. *Ele vai todo dia, se

termina o expediente às- [ê]- o expediente dele é das nove às cinco. *Termina o expediente às cinco horas, daí ele vai lá pro cursinho e chega em casa [é <de->] é de0z pras de0z. *Sete e meia às nove, nove e meia. *|Tudo dia|. *Ele dá [ê]- Português, Matemática e Física. *Que são só [esses três]- essas três provas que caem, sabe? pro especialista. *É Especialista de Sargento da Aeronáutica. *Quer dizer que aquele que **passa** aqui nisso, daí ele [não]- não permanece aqui em Curitiba. *Daí ele vai [pra]- pra Guaratinguetá, em São Paulo. *Fica dois anos lá, assim em regime de semi#internato, tipo de uma Escola Militar, daí quando ele volta de lá, daí já volta- [daí]- daí dois anos [concurando] fazendo curso lá, daí volta como Sargento. E: será que e;e quer mudar pra lá?

F: Hum? Não, ele não quer mudar. Ele quer- ele- é que não é questão de querer. Ele- pode ser até que ele nem queira, mas acontece que essa escola. (CTB 18 F A SEG 325)

- (18) eu tenho0 experiência [do]- [do]- principalmente do meu filho mais velho, que ele já0 estudou sempre em escola pública. *Uma criança que [<estu->- **estuda** hoje em dia em escola pública, ele fa0z a oitava série, ele vai fazer um curso pra0 tentar fazer [um]- qualquer concurso pra ++CEFET, qualquer coisa assim, dificilmente passa. *Esse que é o <probl->. *[O]- [o]- o ensino está muito0- [tinha <qu->]- [tinha que0]- *Tem muita modificação, sabe como? (CTB 18 F A SEG 1126)

- (19) F *Olha, eu acho que preço [ê]- [ê]- é difícil um lugar que você **encontra**, né? coisas mais baratas. *E se você for analisar, cem, duzentos cruzeiros que você economiza aqui0 por exemplo, se você vai (inint) de táxi, você vai pagar em taxi. (est) *Ou se você vai de condução própria é a gasolina, né? (est) *Então eu acho que os cem cruzeiros, duzentos cruzeiros que você **economize** [em]- indo em outro supermercado [não]- não influencia muito. (CTB 19 F A GIN 059)

- (20) de perto é molecada. (est) *Pode até ser que tenha alguém que **manda**, né? ma0s é a molecada que fa0z isso. (LDN 04 F A GIN 122)

- (21) grande porte, (est) né? *Aqui em Londrina não existem assim0 empresas que0 **tinham** assim uma empresa de grande porte, que **consome** assim muitos funcionários. *Agora tem0 a parte de confecção, mas indústria pesada0 não existe. (LDN 09 F B GIN 1005)

- (22) Então aqui em Londrina, é difícil o quintal que você **olhe** 911 e você não **vê** um pé de laranja, de polca, né? e lá é difícil o quintal que você não **vê** pera. (LDN 21 M B GIN 0911)

- (23) Porque a hora que as indústrias **começam** trava- funcionar dá emprego né? (LDN 22 M B GIN 0911)

- (24) Ai, o próximo prefeito que **entrava** se ele quisesse 797 botar você como chefe ele botaria, senão não. (LDN 24 M B SEG 0911)

- (24) F *É, eu gostava muito, né? de participar, né? desse Silvio Santos, né? (est) *Tem bastante, né? a gente (est) pudesse escrever 388 pra ele, né? a gente podia participar, né? que a gente tanto quis, às vezes, alguma coisa que a gente **preferia**, né? (PBR 01 F A PRI 388)

- (25) E *Quer dizer, aqui na cidade tem tudo o que vocês-
F *Olha, tem tudo o que você **precisa**, né? então a gente não precisa sair, inclusive não costume nem ir em mercado, essas coisas. *|Sempre|- [sempre que]- [sempre]- é (inint) trabalho pra casa, trabalho pra casa, né? visitar os filhos e só, os irmãos, né? minha mãe mora aqui na cidade. (PBR 09 F B FIN 227)

- (25) F *É, espere, está <termi-> fazendo faculdade, espere terminar, né? porque daí, né? [1] porque uma criança, né? a gente tem que dar atenção, tem que arrumar uma babá, tem- e se tem alguém do lado que te **cuida**, a mãe ou [uma]- uma irmã (est) tudo bem, né? mas se não tem- *Eu vejo essa minha menina como eles sofreram porque tinham que trabalhar e a nenê pequenininha e eu não podia ir pra lá, sabe? porque se eu **estivesse** disponível eu iria, ma0s [o meu]- por causa do marido, né? aí, (inint). (PBR 11 F B SEG 443)

- (26) F *É, [que]- quando a gente se reúne a gente fa0z roda de chimarrão, a gente conversa, a gente- *Só que não tem ninguém, assim que **é** músico, né? que **toque** gaita ou **toque** violão assim- *Ma0s a gente sempre se reúne, recorda os tempos, né? * Olha: aqui- assim por exemplo, lá quando a gente vai

pro sítio. *Eu digo sítio, né? porque, então a gente vai lá onde que mora o meu irmão, (PBR 17 M A PRI 148)

- (27) *Bem, com a vinda dessas congregações a nossa população que aqui tinha migrado, eles com uma autorização [ê]- do bispo Dom Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello, foram para Santa Catarina, para ver se conseguiam [ê]- algumas Congregações que se **interessavam** de colocar (ruído) [ê]- padres aqui na nossa região. (ruídos) *Eles estiveram na cidade de Rodeio, Santa Catarina, aonde que lá, então conseguiram a0 congregação (ruído) [ê]- dos Franciscanos, (PBR 21 M B GIN 258)
- (28) Por isso é que eu fui pra frente e vou.” A gente tem que ser muito honesta, você não gasta uma caixa de fósforos que não é tua, é do pobre, é do pobre, não é nossa, (IRT 07 F B PRI 180)
- (29) 736 e o jovem precisa de trabalho, ele precisa aprender pra ele poder sobreviver no futuro, né? então se ele não tem chance aqui, não tem campo, eu acho isso a coisa mais normal e natural, que ele vá procurar um campo de trabalho onde ele vai encontrar, que **tenha** mais chance! (IRT 08 FB PRI 736)
- (30) F *Pois é, e a ali não, ali você escolhe a sombra que você **quer** (est). (IRT M B PRI 19)

8.4.5 Orações subordinadas *adverbiais conformativas*

- (01) F *[Nosso]- a nossa educação é que nossos pais eles0 olhavam assim pra nós0 e então [já]- já víamos o que é que eles queriam. *Era pra se afastar (inint) ficar sozinha. ***Conforme o sinal que eles faziam a gente já sabia**, nem precisava estar falando duas, três, quatro vezes. *Hoje0 é difícil (inint) as pessoas, os filhos obedecerem. (est) (CTB 6 F B SEG 609)
- (02) F *Que0 então ela foi pegada pra criar, né? a menina. *E então só pras duas. *Então dá, né? *Dá, razoavelmente dá, né? (est) *Mas se for pra ela viver uma vida boa, que nem0 se ela quer arrumar a casa dela, né? ela quer fazer uma coisa, outra, já não dá. *Pois tem que ter umas coisas no normal, [no]- no termo ali que, né? (est) que ela possa0 [a vencer], né? **conforme venha** [o]- o salário dela, né? *Que não o que ela for ali mudar um pouquinho ali, entortar um pouquinho ali. *Aí ela não vai <con-> conseguir, né? CTB 08 F A PRI 944)
- (03) F *[7Porque aqui7] eu faço o que o aluno- **como ele quer**. *Ele quer duas horas por dia, eu vou dar duas horas por dia pra ele. *Se quer fazer mais depressa, né? *[Ele]- ele quer fazer num mês, então ele vai fazer num mês só datilografia. *Ele quer fazer um aperfeiçoamento eu vou dar mais um mês de aperfeiçoamento. (IRT 12 F B SEG 748)

8.4.6 Orações subordinadas *adverbiais concessivas*

- (01) F *[9Então eles sabem que9] lá é garantido, né? *Então, eles não vão nem pra estudar. ***E mesmo que eles [vão]** com interesse de estudar, [que] eles estão0 mal alimentados, eles não vão ter condição de aprender muita coisa, né? *Então, eu acho que em vez de ficar só falando, falando, eles deveriam0 agir, sabe? (est) *Eu acho também que- falando um pouco de política agora- (CTB 19 F A GIN 1393)
- (02) E *Tinha alguém que deixava sempre nas costas de alguém?
F *Não, não. *Inclusive eu, com a outra, que é a Vera, né? que nós0 estávamos comentando0 com os meninos dela que a gente tinha que varrer o quintal, né? *Que naquele tempo, lá era esterco, aquelas coisas juntava e [da]- **por mais que o meu pai tinha empregado**, mas a gente tinha que [estar]- estar

- junto, né? *Então eu sei que nó0s- *[Eu]- Oeu, principalmente, assim, não era, ma0s eu0 sacaneava mais a Vera- (falando rindo) essa que0 nó0s estávamos conversando ontem. (CTB 04 F B GIN 148)
- (03) ***Embora meu pai passou por certas dificuldades,** né? *Pra criar os filhos, ma0s0 superou, não tem nada, ma0s conseguiu criar todos os filhos. (LDN 01 F A PRI 038)
- (04) Eu acho que se tivesse mais que uma eu acho que ia haver concorrência aí melhorava, né? no caso do transporte. ***Embora essa empresa [é]- tem, né? até uns ônibus muito assim (ruído) bem limpinhos,** bem (inint), né? *Ma0s é pouco, pela quantidade de gente que trafega, né? depende desses ônibus [é]- (est) é pouco, muito pouco, precisaria mais ônibus. (LDN 01 F A PRI 936)
- (05) F *Gostava, só que ser professora não é meu dom (est). ***Embora eu falo muito, né?** não é meu dom ser professora. LDN 01 F A PRI 977)
- (06) E *Ah, é! *Ainda vai ter que gastar advogado?
F *Claro. *(inint).
E *Ah!? *Mesmo sendo legítima defesa?
F *Mesmo, mesmo. ***Mesmo se estão lá te assaltando** você chama nó0s, nó0s vamos lá e tal e nó0s corremos atrás0s dele aqui, ali e dali e (inint) e pagar um ad0vogado. (LDN 015 M A GIN 943)
- (07) E: É porque você foi feliz, né? na tua infância.
F: Muito feliz, muito feliz mesmo, sabe? Se eu tivesse que voltar eu voltaria, **por Mais lê- as surras que eu tomava,** mas eu la voltar de novo. (IRT 03 F A GIN 064)
- (08) gente não pode estar gastando. *Daí a gente- já teve aqui, teve a despedida dessa firma que eu trabalhava antes, né? teve um churrasco aí0 que reuniu tudo. *Entrei, fizemos janta, essas coisas, aí a gente veio. ***Não que a gente não tem vontade de ir,** só que a gente0 tem que sempre estar segurando o dinheiro, né? um pouquinho pra poder0 ter remédio, tem tudo quanto é coisa pra comprar, isso mantém afastado um pouco, mas não que não tenha vontade de ir. (IRT 13 M A PRI 482)

8.4.7 Orações subordinadas *adverbiais temporais*

- (01) E: Sei, sei. Chegam as coisas tipo as partes lá desmontadas, só pra montar?
F: Não, não. Chega o pedido, então, daí é feito na marcenaria, é feito pega a madeira bruta, corta, monta, aí bem pro estofamento, daí a gente começa a fazer o- "sai um comendador!" então eles fazem na marcenaria lá de madeira, tudo aí, passa pra nós, a gente coloca mola, a gente coloca a Linhagem, a espuma, tudo, aí começa a costurar, cortar o pano, tal e **até que fica pronto** (CTB 03 M A GIN 0913)
- (02) *Então0 a gente ia se virando. *E0 a Matemática sempre foi difícil. *Mas a Matemática0 é e não é difícil, depende [da]-[da]- dos exercícios, né? (hes) exercitação, né? como nós dizemos. *Porque0 quem não prepara os exercícios, [que]- à noite ou na hora- que prefere brincar, aí, **quando chega a hora** [da]- da prova, eles [não]- não sabem nada e passam [tudo] naquela ("cola"). *Como vocês têm um ("tempo") aí. *E é desagradável, né? *Aí saem reprovados e reprovam tanto0 [o]- o que passa a colinha como a que recebe, né? CTB 06 F B SEG 119)
- (03) quando ele **chega** em casa cansado do trabalho vai tomar um Banho, vai descansar, àquelas alturas os filhos Também já estão dormindo, ainda mais se For pequeno (CTB 17 M B SEG 808)
- (04) F *Então [ele]- [ele está]- ele está fazendo agora o cursinho à noite, ele fa0z [com um]- com um Tenente#Coronel ali [da]- da Aeronáutica que fa0z curso pra ele assim, particular. *Ele vai todo dia, se termina o expediente às- [é]- o expediente dele é das nove às cinco. *Termina o expediente às cinco horas, daí ele vai lá pro cursinho e chega em casa [é <de->] é de0z pras de0z. *Sete e meia às nove, nove e meia. *Tudo dia]. *Ele dá [é]- Português0s, Matemática e Física. *Que são0 só [esses três0s]- essas três0s provas que caem, sabe? pro especialista. *É Especialista de Sargento da

Aeronáutica. *Quer dizer que aquele que passa aqui nisso, daí ele [não]- não permanece aqui em Curitiba. *Daí ele vai [pra]- pra Guaratinguetá, em São Paulo. *Fica dois anos lá, assim em regime de semiinternato, tipo d uma Escola Militar, daí quando ele **volta** de lá, daí já volta- [daí]- daí dois anos [concurando] fazendo curso lá, daí volta como Sargento. (CTB 18 F A SEG 300)

- (05) E *[1Como1] é que fazem requeijão? *Do leite?

F *O requeijão [<fa->]- é feito do leite de vaca. *[Tira]- tira, daí [é]- ferve, né? coloca#se em panela bem grande assim, ferve, dá uma fervura, daí deixa [ele0]- ele descansar assim em cima da pia, tampa#se com uma tampa, cobre, daí depois [ele]- ele azeda. *E **quando ele azeda** [é]- daí [a]- a gente escorre assim num paninho bem limpo, tipo um saquinho assim, bem tipo um coador, assim escorre0 [e]- e daí [<a->]- amarra e deixa pendurado assim [num]- num lugar assim num (inint) cozinha assim que [tem]- que nem0 tenha muito sol e que nem tenha muita sombra. *Pode até ser dentro de casa. ***Daí quando ele escorre** aquilo **quando tira**- aí ele pode ficar dois dias mais ou menos. ***Quando o dia está** [a]- fria ele é mais úmido, né? *Ele pode ficar dois dias ali e, **quando tira** [do]- daquele pano, [do0]- do saquinho ele0 sai ali0 aquela bola de requeijão que tem. (CTB 18 F A SEG)

- (06) E também pelos cuidados, porque ali [é]- tem as tias só pra cuidar, pra não ter trabalho nenhum, leva no parquinho, né? (est) *Tem o parquinho dentro da creche, ou saem nas pracinhas [dar]- dar uma voltinha. *Então tem pessoas0 só pra aquilo. (est) *Em casa, às vezes, você não tem tempo, (est) né? *Você começa a lavar roupa, daí você0 lava roupa, você tem outra coisinha. *Às vezes ele chora, você0 dá um brinquedinho, ou às vezes já nem dá muita bola, (est) né? *Então, estando ali na creche não. *Eles estão brincando, fazem desenhinho, fazem trabalhinho, vão passear0 e **quando você chega em casa**, você né? pega a criança, chega em casa, dá mais amor0 pra criança, sabe? *[Eu já]- eu já percebi. *Agora eu me arrependo, mas a época que eu fiquei0 em casa com ele, ele foi pra creche com um ano, eu podia ter dado muito mais carinho pra ele do que eu dei, (est) sabe? *Depois é que dizem também, marinheiro de primeira viagem, né? então a coisa é diferente. *[Agora]- [agora]- agora, com a experiência que eu tenho, eu faria diferente, mas aquela época0 foi diferente. *Mas mesmo assim, ele tem0 carinho, (est) né? (CTB 19 F A GIN 1251)

- (07) E mostra também que0 **quando a gente comete** um erro no caso, engravida antes de casar, [não]- não venha a se casar só porque existe uma grávida0, né? (LDN 01 F A PRI 622)

- (08) A profissão que eu faço, eu acho que se não fosse 892 uma cidade maior, eu me daria melhor. (est) *Eu ganharia muito mais do que aqui, né? ma0s **enquanto não dá**, né? **não surge** uma oportunidade, eu vou ficando por aqui. (PBR 14 MA PRI 892)

8.4.8 Orações subordinadas *adverbiais condicionais*

- (01) F *Então isso aí [não]- não é tanto que dá pra você ir a pé. *Agora o que eu acho que sim, que precisava meio por perto, era um posto de saúde. (est) *Entende? *Posto de saúde e0 [água]- [é]- a rede de esgoto que nós não temos aqui. *Você pode chegar0 (est) e procurar por todo mundo que não tem. (est) *Mas eu acho que o mais importante seria [um]- um posto de saúde daí [pra]- pro pessoal porque, sabe? ó- aqui não é pessoal rico, é meio carente, coisa e tal, então (inint) (est) **se passa mal aí**, você tem que procurar um0 hospital, coisa e tal, às vezes, correr meio longinho, tá? o posto de saúde daí beneficiava todo mundo, né?(CTB 01 M A PRI 334)

- (02) E: Custa muito caro, tipo assim, pra você mandar reformar?

F *É, depende das condições que se encontra, né? *[O]- **se está muito danificado**, daí precisa trocar espuma, né? pôr enchimento (est), então se torna um pouco mais caro. *Agora, **se estiver** mais ou menos num estado assim de ruim pra bom, sai mais em conta daí.(CTB 03 M A GIN 083)

- (03) F Bom, no Pilarzinho o único que falta é [um]- um posto de gás, principalmente mais próximo (est), seria a minha primeira reclamação (est), que antigamente vendia no mercado, né? (est) aí depois, agora

- fica difícil que se a pessoa perder o dia que passa o caminhão0 aí tem [que vim] até na Cruz (est). ***Se é um sábado**, um domingo, ou então o cara chega do serviço de tarde, a mulher: **"*Olha, não tem gás pra fazer a janta."** *Aí o cara tem que pegar o bujão, **se tem** carro, tudo bem, mas **se não tem** que pegar o bujão no carrinho de mão, [vim] até aqui na Cruz. (est) *Quer dizer que é bem longe, né? (est) E, antigamente, ali no mercado Basso, ali nós já tínhamos0 posto de gás ali que a gente facilitava bastante, né? (est) *Pra quem mora aqui ainda perto do Primavera ali onde, né? eu morava, onde moro, (est) então ficava mais fácil ainda, mas e quem mora bem lá no fundo do Primavera? *Fica bem mais difícil, né? (CTB 03 M A GIN 104)
- (04) F *Não, (hes) a armação, né? de madeira não muda muito. (est) *A cobertura em si, seria o tecido, né? *Então ainda é muito procurado o cetim, (est) então muda pouca coisa, sabe? *[Tem]- é o cetim e o corino, no caso, hoje em dia, o tecido em geral, né? *O tecido em geral e o corino0 (est) que a pessoa usa. *Aonde tem muita criança, e a classe mais baixa um pouco, prefere o corino, né? que0 além de ser mais barato, [é]- você passa um pano e ele está limpo de novo, né? e **se é tecido** já você tem que mandar, né? o Sco0thgard0, ali em cima [8tudo8] [8(est)8], né? pra- *Quer dizer que além de você pagar caro o conjunto, você tem que pagar mais uma nota ainda pra fazer aplicação, né? (CTB 03 M A GIN 562)
- (05) F *Era uma coisa assim muito antiga, né? (est) muito antiga, tomava muito espaço, né? e hoje em dia o pessoal também já estão assim evitando também que **se você tem um sofá#cama**, vai uma visita já quer pousar, porque (risos E) sofá#cama, né? *Eu acho que é isso, né? *E não tendo, pelo menos daí a esossa não pode dormir [4confortável4], então dá nove, de0z horas a visita está indo embora, (falando rindo) né? (f) (CTB 03 M A GIN 598)
- (06) F *Olha eu, a crise de emprego, sei lá se a crise está tão feia mesmo ou é muita gente que está querendo talvez aquilo que talvez que não mereçam, né? (est) *E é o caso que eu te digo, eu posso ficar seis meses, um ano desempregado, **se eu saio daqui**, e daí eu não quero trabalhar na minha profissão, eu quero pegar e trabalhar de motorista sendo que nem carteira eu tenho, **se eu quero trabalhar** de vendedor sendo que eu nunca trabalhei de vendedor. *Aí fica difícil, aí eu não vou arrumar, [4pode ser4] isso. *Eu tenho comigo um ditado: **"*Se a pessoa quiser trabalhar, desempregado não fica!"** *Né? *Pelo menos eu nunca fiquei desempregado, (est) às vezes que eu saí daqui, saí, fui, peguei emprego no ato, né? (est) já saí daqui com emprego arrumado. *Mas devido assim a estar aqui há tempo, então a gente, né? pensa: **"*Vou voltar pra lá!"** (est) *E saí limpo também, né? graças a [5Deus, né?5] [5(est)5] [sempre]- quando0 via que não dava, a gente mesmo pedia a conta e saía, né? (est) *E então eu sempre tive a porta aberta pra voltar, né? (CTB 03 M A GIN 727)
- (07) F:é que **se não vem** um casal, né? daí- **se vem dois piás**, eles **querem** ter uma menina, né? mas daí, então tem que-
E:tem que tentar mais uma vez, né?
F:tem que tentar mais uma vez e **se <vim>** Gêmeos outra vez, daí complica, né? (CTB 03 M A GIN 1276)
- (08) F *É, entendo, mas é muito difícil, né? (est) porque você veja que aqui reduziu bastante o número [de]- de funcionários, né? e então no Pedroso, aqui apesar de ser uma firma até que, vamos dizer, paga mal, mas [é]- paga em dia assim, tudo certinho, né? mas eles não são de dar [muito]- [6muita chance6] pra- é oportunidade [pra]- pra funcionário (est). *Se eu entrei pra ficar aqui então- é difícil me tirarem daqui pra levar pra lá. *Primeiro argumento que eles vão usar é isso, que tem pouca gente. *Então **se me tiram** daqui [já é]- já desfalca o time, (est) então eu não posso ir pra lá. (est) *Então, assim- (CTB 03 M A GIN 970)
- (09) E:E agora no Natal você vai passar, Ano Novo, (inint)
F:No Natal vou passar em casa
E:Nós também.
F:Vai <vim> talvez venha meu irmão, talvez não venha, [que ele vai ganhar]- a mulher dele ganhou nenê agora também essa semana passada né? e ele mora lá na cachoeira lá, né? Parque São Jorge, também é lá longe e tudo. Talvez ele venha, talvez ele não venha. **Se ele não <vim>**, vou passar eu, a mulher com os filhos. CTB 03 M A GIN 1384)

- (10) F *Tinha dias, ma0s a gente não demonstrava, né? *Que nem às vezes um artista aí numa entrevista. *A pessoa não pode daí, né? naquela hora. *Naquele momento ela pensa, né? *Às vezes les serem0 mal educados com as pessoas, ma0s tem pessoas0 que você contorna aquela situação. *Mas tem pessoas que daí0 você perde. *Às vezes tem horas que você perde, né? *Não fica, como diz o outro, no banho#maria. *Você perde a estribeira também. *Ma0s eu já não. *Eu sempre0 procurei- ***Se eu não tinha aquilo** ali: "Olhe, não, amanhã a gente entrega, sem falta." ou, né? *Nó0s tínhamos as pessoas muito exaltadas. *Que nem hoje tem. *Hoje qualquer coisinha, **se você sai aí na rua**, [o]-[o]- **ou olha meio** <tro-> torto pra pessoa, a pessoa [já]- já quer te engolir. *Que é a mesma coisa. *No <se->, no ônibus, depende o lugar que você está. *Hoje não é só assim o relacionamento [de]- de trabalho, né? que você encontra as pessoas0 [sem]- sem0 educação, sem- sei lá. (CTB 4 F B GIN)
- (11) F *Então, é isso que eu estou dizendo. *Pessoas [que tinham]-[que]- que tinham estoque de tudo que agora não têm mais nada. *Que nem eu estava lendo ali, coisa horrível. *Eu, pra mim [não]- não- [4*Eu disse4] agora- *Ontem ainda eu estava dizendo: "Eu fugia [de um]- de um país desses de qualquer jeito, nem que fosse-"
E [3(inint)3] *Engraçado que o povo reclama do Brasil.
F *Não. *Como eu disse, nó0s temos a liberdade0 que acho que país nenhum tem, né? *[Aqui]- nó0s temos aqui, em matéria de- *De tudo [de]-[de]-[de]- de riquezas, né? *Você vê a]-[a]- a pessoa- *Um: "Ah, porque aqui é ruim, porque é isso-" *Você sai ali, você compra uma carne. *Você compra de0z quilos, se você puder, você compra vinte quilos. *Tem pão. *Se você puder comprar de0z pães, você compra de0z, se você **tem**, vinte. (CTB 4 F B GIN 747)
- (12) E *Então você se considera patriota?
F *Bom, eu me considero. *É, se você **quer**, se você **tem** [a]- o poder aquisitivo, você sai ali e compra, é? *E outros que têm que ficar na fila pra comprar, como eu estava comentando aqui, [trê0s pão]- (CTB 4 F B GIN)
- (13) F *Quatorze, quer dizer, quinze anos ele tem. *Ele era muito rebelde, muito, né? *Sei lá, [um]- a mãe, o pai, avó já estavam- *Uma tarde a gente convidou ele, ele foi lá e já se entrosou e tal- *Então lá ele mudou muito, entende? *A nível [de]-[de]-[de]- do que ele fazia, né? *[É]-[é]- trabalhando, a cabeça dele é outra. *Ele quer construir, ele quer, sabe? ele mudou. *Você vê, quinze anos! *Ma0s ali eles não exigem nada dele nem de você ou- *E se você for lá, **se você quer** freqüentar no sábado, você vai às três horas da tarde. ***Se você não tem tempo**, você vai à noite. *Então ali eles te dão [aquelas orientação.]. (CTB 4 F B GIN 1457)
- (14) *Eu sei lá, eu acho que0 (hes) a religião você tem que, em casa você fa0z tua oração lá, **se você acredita** em Deus ou **não acredita**. (latidos) *Ontem mesmo fiquei assistindo o(CTB 07 M A PRI)
- (15) F *De bicicleta. *Ele que acudiu. *Você vê, é perigo pra ele também, né? ***Vai que o pião pisa** num caco de vidro **ou cai de mau jeito**, né?00 *É uma coisa que, né? (hes) era pra eles tomarem uma iniciativa e fazerem alguma coisa, né? (CTB 08 F A PR 160)
- (16) F *Fugia do meu pai e ia pros bailes. (risos geral) *Porque ele não deixava. *Ai, **se falava** em ir em baile pra ele. *Ai! *Ai! *Ai! (CTB 08 F A PRI 288)
- (17) F *Que0 então ela foi pegada pra criar, né? a menina. *E então só pras duas. *Então dá, né? *Dá, razoavelmente dá, né? (est) *Ma0s **se for** pra ela viver uma vida boa, que nem0 se ela quer arrumar a casa dela, né? ela quer fazer uma coisa, outra, já não dá. *Pois tem que ter umas coisas no normal, [no]- no termo ali que, né? (est) que ela possa0 [a vencer], né? conforme venha [o]- o salário dela, né? *Que não o que ela for ali mudar um pouquinho ali, entortar um pouquinho ali. *Ai ela não vai <con-> conseguir, né? CTB 08 F A PRI 944)
- (18) F *Você já pensou **se acontece mesmo?** *[Se]- **se os anjos dizem** amém. (risos F) (CTB 08 F A PRI 1048)
- (19) *Acaba a matéria, o corpo, (est) ma0s o espírito em si, [a]- a pessoa em si ela vai pra um outro mundo. *Acho que0 deve ter acertos de contas lá. *Se você fe0z coisas bárbaras aqui (est) [você]- você não tem condições de estar no mesmo mundo, sabe? (est) que tem [uma]- uma parábola (hes) do Evangelho que diz [é]-: "Existem várias moradas na casa de meu pai.", sabe? (est) e é nisso que eu acredito, que **se eu sou um assassino**, um bandido, puta! deitei e rolei, pinteí o sete aqui, (est)

- puta! eu não posso0 passar pra uma outra fase, sabe? [de]- [de]- de vida (est) [que o]- como tipo Irmã Dulce, (est) sabe? *É [água]- água pro vinho. (est) *Quer dizer, ela pode até descer pro meu mundo (est) pra me acalmar, que eu vou estar entre feras, pessoas [da]- da mesma espécie, entende? (est) (CTB 09 M A GIN 500)
- (20) E *É, sair pra dançar. *Que tipo de música que você prefere, que você gosta?
F *Ah, música0 tem todo tipo de música pra todo tipo de hora, né? (est) ***Se você está mal**0 do coração você vai escutar uma música lenta. (est) *Eu já não faço isso, eu escuto um <rockão> pra não ficar na depressiva. (CTB 09 M A GIN 600)
- (21) aqui de onde eu moro até lá embaixo, a gente sabe cada um0 o nome deles, (est) porque0 são proprietários, moradores todos antigos, né? *Agora, **se você mora** num bairro que tem [bastante casa alugada], então você quase não- e daí mora aquele pessoal, né? em casa alugada e de repente <v-> vão pra outro bairro, vem [outro]- outros. *Quando você começa a querer fazer amizade, né? (CTB 10 F A PRI 454)
- (22) *Daí, ela tem telefone, né? daí ela disse: "Ah, [eu nem]- agora, Anadir, qualquer barulho que eu ouvir, eu já ligo pra você porque0 a tua casa aí é mais <longinha> da minha ma0s [é um]- **se você saiu janela**, ou saiu ali na frente, você está vendo aqui [minha]- minha meia água, ela disse, né? *Eu digo: "Pois é, pelo menos aí você grita, né? ou telefona" [como <e->]- como ela fe0z nesse dia. (CTB 10 F A PRI 787)
- (23) F *É difícil0 de explicar porque eu também não entendo [<na->]- muita coisa, entende? *Ma0s é- estabilizadores é pra queda de luz, né? ***Se0 uma empresa está** com um computador de grande porte, né? *Médio pra grande porte, né? (assobios) ele precisa de estabilizador, senão tem uma queda de luz e o computador0 apaga, dispara tudo, né? *Então o estabilizador, ele normaliza. *Normaliza os pulsos, né? pra não dar oscilações, né? (CTB 11 M A SEG)
- (24) *Eu acho que a pessoa tem que ser espontânea. *Agora, começar a fingir aí não é legal. (est) *Eu falo mesmo. (est) *Besteira. ***Se é pra mim xingar**, eu xingo, **se é pra mim brigar**, eu brigo, não quero nem saber. *Não0 penso duas vezes, eu falo. *Até a minha mulher me enche o saco por causa disso. (CTB 11 M A SEG)
- (25) porque aqui carro passa a todo instante sabe como é que a criança, né? **se a gente dá** um descuido e acabou- (CTB 12 F B SEG 229)
- (26) Prometi pra ela que vou e vou levar a Rosana junto, né? Mas **se estiver frio**, não sei não. Que eu sou muito caseira mesmo, então **se está frio** e **se tiver que sair**, eu não vou (CTB 12 F B SEG 1358)
- (27) Vamos dizer **se você tem** uma área pra vender de tantos alqueires, lá. **Se interessar**, a companhia paga aquela preço xis. lá. Aí, lá, a companhia vai formar um conjunto. E então já começa a chama o pessoal, pra pagar a poupança, no caso, sabe? Então, como eu falei pra você: **se interessar**, puxa lá no Pinheirinho tem uma área. A pessoa é chamada, **se interessar** tudo bem, **se não interessar** ela continua na listagem. (CTB 13 M B PRI 194)
- (28) L647 E: Está lá a estação tubo também.
F: Bom, mas é uma boa isso daí, mas qual é a linha que vai fazer sua? Não tem nada pintado ainda?
E: vai pro centro cívico. Está escrito lá só o parque São Lourenço vai pro ce- vai pro ce- Centro de Criatividade é o que está escrito na Estação. Eu acho que ele vai pra lá. Ouvi dizer.
F: Então **só se vem** este que está fazendo o Palácio da Secretarias aqui- aqui no centro Cívico, então ele (CTB 13 M B PRI 647)
- (29) E *E o que que o Senhor acha do voto aos dezesseis anos?
F *Eu acho errado. *Porque **se ele é maior** de idade aos dezoito anos, depois que serviu, então ali é que ele vai cumprir também sua obrigação eleitoral. (est) *Dezesseis anos0 pra roubar, pra matar não tem lei pra punir ele, só depois dos dezoito. *Porque que ele tem direito do voto? *Tem depois que ele for cidadão. (est) *Que ele serviu. *Então ele vai ser eleitor também0 e vai ter discernimento melhor [pra]- pra escolher [a]- o seu candidato, né? (est) dezesseis anos eu acho que ainda0 é [<ad->]- adolescente, não é? (est) ele [tem]- precisa ter mais experiência na vida. *Quinze, dezesseis,

- dezessete anos, ele ainda acho que não completou sua vida. *Ele ainda está na fantasia. *Ele tem que- *Vai servir o exército pra ver, pra daí ele se tornar [um]- um cidadão. (est) *Vai conhecer a dureza da- *Daí então ele vai saber, também, escolher0 pra daí votar. *Antes [eu]- é errado. (est) *Mesmo dirigir, também. *Eu acho que é um erro se passar uma lei dessa. (est) *Porque ele não tem responsabilidade0 criminal, né? *Então eles abusam0 como você vê todo dia aí, menor de idade dirigindo, matando. *O que que acontece? *Nada. (est) *Que a lei0 isenta eles, né? (CTB 15 M B GIN 771)
- (30) E *E, mas se eu fosse depender [da]- da minha mãe pra me levar em baile, também não ia.
F *Pois é. *Ué. *Sim. *agora já não precisa, né? *Porque agora, **se for a mãe**, tocam de lá, né? (risos geral) *3 Agora se é noivo 3], outros0 tocam (CTB 16 F B GIN 1143)
- (31) E *E o que que você acha que poderia ser feito pra que não houvesse tanto essa vinda das pessoas do campo pra cidade?
F *Bom, aí não adianta a gente querer responsabilizar o governo porque0 **se eu tenho**, vamos supor, lá dois, três0 alqueires [de terra7]- (CTB 17 M B SEG)
- (32) E [7*Digamos que7] você fosse o presidente. *O que que você faria ?
F *[Não adianta aí (hes) o Presidente está com as mãos]- eu, no meu modo de entender, ele não0 é o responsável por isso, (est) no meu modo não é, porque aquele que tem um pedaço de chão, ele vende0 e põe fora e depois ele quer novamente, quer que o governo dê.
F *Desestimula. (est) *E eu acho0 que o próprio governo deveria de0 não prolongar0 tanto essas discussões que ele fa0z no Congresso, se é *aprovada* no Congresso vai pro Senado, **se passa** no Senado o Presidente veta, (est) isto é, quando é com o trabalhador. (CTB 17 M B SEG 383)
- (33) *Ele tinha- a nota acho que mais baixa que ele tirou não sei se foi sessenta e cinco ou setenta, uma coisa assim. *Ele chegou aqui no Amâncio Moro, **se você vê o boletim0** [da]- [da]- da Escola Amâncio Moro quando ele veio aqui na quarta série, com os boletins na Nossa Senhora de Fátima, você não acredita que seja a mesma criança.
E *É bem diferente!
F *Ma0s Deus o livre! *Foi a mesma coisa que ele subisse lá [e <ca->]- e caísse pra baixo. E *Nossa! (CTB 18 F A SEG 1328)
- (34) F *Olha, eu acho que preço [é]- [é]- é difícil um lugar que você [encontra], né? coisas mais baratas. *E se você for analisar, cem, duzentos cruzeiros que você economiza aqui0 por exemplo, **se você vai** (inint) de táxi, você vai pagar em taxi. (est) *Ou **se você vai** de condução própria é a gasolina, né? (est) *Então eu acho que os cem cruzeiros, duzentos cruzeiros que você economize [em]- indo em outro supermercado [não]- não influencia muito. (CTB 19 F A GIN 059)
- (35) *Com 0o fone agora não, porque o fone0 aqui [na]- na parte do ouvido ele tem tipo duma espuminha, sabe? (est) ***Só se [o]- não está** [bem]- bem colocado, aí fica desconfortável. *Mas **se você colocar** ele direitinho no ouvido, [não]- não tem erro. *Assim- [e]- eu acho que aqui em Curitiba não tem- não conheço todas as firmas, ma0s eu acho que **se tiver** poucas que têm essa aparelhagem que nós temos ali, são poucas, sabe? (CTB 19 F A GIN 525)
- (36) *Eu acho isso muito ruim, porque eu acho que **se a pessoa não está a fim de trabalhar**, fica em casa, (est) né? *Ou arruma [outro]- [outro]- outro tipo [de]- de0 trabalho. *Se bem que eu acho que **se a pessoa não gosta de trabalhar**, em lugar nenhum que ela vá, ela vai estar satisfeita, né? (CTB 19 F A GIN 937)
- (37) *Eu gosto. *Posso ficar cantando no meio da igreja feito uma boba, mas **se for pra cantar** no microfone eu sou boba e meia (risos geral) *Porque **se você está cantando** assim junto com o povo, tudo bem, [você]- você erra [ma0s não]- continua, agora **se você vai** no microfone- (CTB 20 F B PRI 311)
- (38) *Suja. *Curitiba é um cartão postal, é muito bonita, e agora está muito suja. *Está suja e relaxada, ma0s isto0 acho que0 o culpado mesmo é o governo0 [pelo0 falta] de verba. (est) *Porque você veja0 eu acho, eu sempre pego uma0 casa [<d->]- de uma família, eu faço uma comparação com o governo. ***Se numa asa não há** boa administração, então [as]- as coisas não vão bem. *E assim é o

- governo, **se não tem** [<a->- administração boa0 o0 país não pode ir bem, [8né?8] *Então, eu0 estou numa situação, agora, que eu queria (inint) pintar minha casa, não posso (CTB 22 F B GIN)
- (39) (...) dava a ração , que aí a vaca ficava quietinha, descia bem o leite, era fácil, né? de tirar **Se não tinha essa ração** ela começava a ficar braba, (...) (CTB 23 M B PRI 593)
- (40) a apresentação, a visão da prova valia dois pontos na média. Quer dizer, **se era bonita**, bem limpa, bem coisa, dois pontos. Fic- continuava com aquela média. Perdia dois pontos na média. **Se acaso era feia**, borrada, tudo, tirava pois pontos na média. (CTB 24 F B SEG 374)
- (41) levavam uma capa, né? nas costas. **Se era jovem** era, branco, O carro e as coisas eram a capa era branca. E **se era gente velha** assim que nem eu, então era preto, né? (CTB 24 F B SEG 1315)
- (42) *Você fazia quatro provas no ano, ma0s no final do ano **se você não fizesse** o exame, né? uma prova de exame você não passava, não importa **se você tinha** tirado cem o ano inteiro (est). *Ma0s **se** [na]- na prova de exame **você não tirasse**, não atingisse a média, você não passava. (LDN 01 F A PRI 166)
- (43) *Então **se [a]- o marido erra** [ê]- é necessário que a gente jogue limpo, né? (inint) que se entendam, né? *E també0m não pode també0m o marido ficar se dedicando demais ao trabalho deixando o vazio da presença dele dentro do lar. (LDN 01 F A PRI)
- (44) F *Não. *Quase não- sei lá, **se dava geada** [não]- não chegava assim a mata, né? não deixava vir, então a geada, sabe? (LDN 02 F A PRI)
- (45) **se estar0** assim, bem estado grave, eles atendem logo, sabe? *Ma0s **se a pessoa dá** pra esperar fica lá num banco, sabe? é a de cimento, esperando0 às ve0zes dia inteiro. *Teve dia de marcar (LDN 022 F A PRI)
- (46) *Não, não, não, cada um de si mesmo, sabe? *[6Seu esforço6] [6(est)6] mesmo, por exemplo assim, eu- **se eu estou a fim de ir**, né? eu trabalho, né? que nem meu pai, meu pai ele é crente, quer dizer, meu pai ele é geácomo, né? [a]- a (inint) eu tenho assim- (LDN 03 F A GIN)
- (47) uma igreja na outra, né? por exemplo, **se você é uma crente** eu peço oração pra você, você vai orar pra Deus libertar, não é verdade? *Ai [eu]- eu sei que entre a mocidade todinha foi fazendo0 oração, né? eu sei que- e Deus libertou ela, sabe? [1e-1] (LDN 03 F A GIN)
- (48) *Eu tenho que trabalhar. (est) ***Se eu vou fazer** <Bio-> Biologia ou Enfermagem Padrão, né? *Vou tentar, **se eu passo** no caso no vestibular, é uma coisa que0 eu vou começar e depois vai ser pior pra mim. *Vou ficar triste que eu vou ter que parar0 por causa da situação, né? financeira. (LDN 04 A GIN)
- (49) beiradinha, (est) despencou no chão, né? (risos E) aí a gente foi catar correndo, porque **se as irmãs vê**, né? chinga e então- é essas coisas engraçadas que acontecem, né? um derruba as coisas, o outro pega e0 fala mal da irmã por trá0s, mostra a língua por trá0s, (risos E) (LDN 04 F A GIN)
- (50) *E **se você vai** lá com uma proposta, com um ob0jetivo, nunca que o pessoal vai te desviar. (est) *Você, às vezes, [vai conseguir]- nem conseguir converter ele, mas você vai conseguir (LDN 05 F A SEG)
- (51) *Sinto, estou procurando emprego, né? *Preciso trabalhar, preciso ajudar, né? (est) *Fica pesado [pra mim]- pro meu marido sozinho.(est) *Então **se eu quero** ajudar a vestir a menina, na casa, alguma coisa que a gente quer, a gente tem que ajudar, né? eu acho assim. (LDN 06 F A SEG 254)
- (52) *Machuca, todo furado assim. *Não chega a perfurar a pele, né? mas assim fica [aquele]- [aquela]- aquele hematoma assim no joelho ficava todinho [e os pais]- e os pais severos ainda, porque **se0 você chega** em casa, você reclamasse, ainda você apanhava, né? *Porque meu pai era assim também. *Todos eles. *E naquela época a gente usava, não tinha caneta como (LDN 09 F B GIN)

- (53) *Então era [um]- uma coisa assim0 severa mesmo, **se você não era- errava** muito uma palavra você tinha que copiar cem vezes aquela palavra para você aprender. *E tinha <co->- e (LDN 09 F B GIN)
- (54) aqui, **se você precisa0** [de um]- de um tratamento de saúde, você vai no postinho, ele te dá [até uma]- até uma altura, mas **se você precisa** assim de um tratamento mais severo, assim um tratamento mais- como que é? mas minucioso ou então mais <mili-> mais assim mais delicado, um tratamento assim que seja0 com aparelhagem ou com0 uma coisa assim- um exame assim meio sofisticado, como se fosse uma tomografia, (est) ou [umas]- um exame [mais]- mais minucioso da coisa, aí fica (LDN 09 F B GIN)
- (55) até que [é <leg->]- é bom, sabe? *Vacina para as crianças, **se você está** com um probleminha, você vai no postinho eles te atendem normal, você tem que ficar numa filinha lá, faz um fichinha, uma coisa assim, eles atendem, dão remédio, **se você precisar** algum remédio, assim por exemplo, tipo0 pressão, um probleminha assim de- uma diarreia, uma coisa assim. *Mas **se você precisar** de um, por exemplo, de um cardiograma, **se você precisar** de um exame de (LDN 09 F B GIN)
- (56) *[**Se não**] **vai comprar nada**, vê vitrine, (est) né? quer dizer que então tem mais uma- né? (LDN 11 F B SEG)
- (57) E *Ah, é? *[2Que tipo2] de filme assim que a senhora, mais gosta?
F *Olha, depende, [se]- **se dá** informação que o filme é bom, vamos lá experimentar, sabe? (est) ma0s não tenho assim, preferência (est) [3por3] (inint) por esse ou aquele. (est)
E [3*Sim.3] *Em televisão também a senhora vê filme assim-
F *Ah, olha, eu acho que eu mais durmo do que vejo TV.
E *Ah é? (risos e)
F *É, não- ***Só se, assim, for** um filme bom0 mesmo, (est) aí vai. *Senão, **se for esse0** que você vê o começo ali já sabe [a]- as tramóias que o filme vai (inint), né? (est) então você já- (est) não perde tempo, [4como diz4] o outro, né? (LDN 11 F B SEG 938)
- (58) ***Se eu saio** de uma firma hoje, eu chego numa outra, o cara vai pedir informação, as informações são boas, né? (est) *Eu fa0z0 vinte e trê0z anos que eu trabalho. *Vinte e trê0s, (LDN 13 M A PRI 1126)
- (59) *É, [<e->]- eu já tive vontade de sair de Londrina, ma0s **se a gente vai** pra outro lugar também já fica- né? fica pior ainda. (LDN 14 M A PRI 213)
- (60) *Não tem! *Essa é a vida nossa. *É isso é o atropalho de todos. ***Se todos os governador, o Presidente, pensassem** nisso aí! *Ma0s **se eles pensassem**, (hes) **se eles forem** fazer isso aí, acaba a política! *Porque daí ele não têm o que falar. ***Se ele** (hes) <reind-> (hes) **arruma** certinho o menor, a professora (hes), os policiais, a saúde, a educação (hes), não tem mais o que eles falem na política, tem? (LDN15 M A GIN)
- (61) né? *Mesma coisa **se ele te amarra** ali, na hora, se você puder escapar e pegar uma faca e (hes) cortar o pescoço dele [você]- [você]- você vai fazer isso! (LDN 15 M A GIN)
- (62) *("Sim"), porque eu não falei nada o que que era e o que que não era. *Fora aquelas que eu cadastrei. *Então, você veja, **se eu ponho** os quarenta quilos, dava pra eu distribuir pra tudo? (LDN 15 M A GIN 1243)
- (63) [de]- [o de]- de madeira, **se estiver quente** você senta [5(inint)5] *Agora [o de]- [o de]- de (hes) cimento (hes) quando está quente você senta? (LDN 15 M A GIN)
- (64) *Então, [eu]- eu acho que é difícil, quer dizer, até ontem, **se ele ganha** do Irati, no caso **se ele ganha** do Irati, (est) ele estava classificado, ma0s com o empate, o Coritiba parece que empatou com o União, (est) que empatou com o União. (LDN 19 M A PRI 119)
- (65) fizeram uma praça. *[Se você]- (hes) **se você vai** no aeroporto, (est) você vai no aeroporto de Londrina, você vai ver que do lado tem uma praça do japonê0s, fizeram [1(est)1] [1estilo1] japonê0s, que eles vieram, escolheram Londrina. *Agora eu não sei0 porque motivo, né? (est) *Deve ser comercial, alguma coisa, né? (LDN 19 M A PRI)

- (66) A gente fica aqui a gente não vê, né? **Se a gente vai** dar uma volta na cidade, vai num banco uma hora de almoço , depois aquela gentarada andando pra lá, pra cá, (LDN 20 M B PRI 278)
- (67) mas aí tem aquelas pessoas que enxergam aqui e outra enxergam lá adiante, e eu comecei a enxergar. **Se eu ponho** um furgão em cima desse caminhão, eu vou progredir. E pus, graças a Deus fui feliz. (LDN 21 M B GIN 100)
- (68) Mas não adianta, **se eu aumento** o número de caminhão, aumento o numero de empregados (LDN 21 M B GIN 113)
- (69) Não existia essas coisas. Portanto **se eu aparecesse** com uma coisa em casa que meu pai ou minha mãe olhasse e via que não era nosso ai- ai- ai- ai- ai. (LDN 21 M B GIN 529)
- (70) **Se me pergunta** o alagoas...(LDN 21 M B GIN)
- (71) você desce do ônibus e **se pega** o outro e não paga a passagem (LDN22 M B GIN 1194)
- (72) E **se você fosse** pra lá, as vezes a querer arranjar namorado, os outros lá **se achava** dava briga (LDN 23 M B SEG 21)
- (73) Mas é- o loteamento da Companhia foi tudo lotes pequenos pra- pra desenvolver, né? porque faz uma fazenda, por exemplo, faz um loteamento grande aí com- A gleba dela era muito grande. Então **se ele começa** a fazer cem, duzentos, trezentos alqueires, ficava naquilo, né? Então ele loteou tudo por lotes de trinta, quarenta. (LDN 23 M B SEG 528)
- (74) todo mundo cum- procurava cumprir as suas obrigações. **Se havia** um- um deslize eles abriam um inquérito administrativo e te chamavam a atenção. (LDN 24 M B SEG 746)
- (75) mas **se você tem** um fundo de garantia, quando vocês saírem, vocês- dá pra você comprar alguma coisa. (LDN 24 M B SEG 848)
- (76) *Tem. *Tem a missa no domingo, mas quando- *Às ve0zes tem a missa também lá no bairro, né? que eles rezam aquela escolinha lá, uma missa por mê0s, né? daí **se é** no sábado ou no domingo daí a gente vai. (PBR 01 F A PRI)
- (77) *Daí a gente vai ajudar também nas casas, **se aí precisa** dum remédio, a gente vai e ajuda. (est) *Vale a pena. (est) *Sim, eu sou da pastoral. (PBR 01 F A PRI)
- (78) Porque **se eu vou ficar**- ligar a tv e ficar olhando: lá a novela á, não sei o que, né? eu perco tempo e já fica aí depois, sei lá, a tv acostuma muito, **se você começa** a ver uma novela num determinado horário, você deixa tudo que esta fazendo e ...(PBR 02 F A PRI 374)
- (79). **se eu vou perder** tempo lá eu não faço nada. (PBR 02 F A PRI 382)
- (80) Olha, eu nem sei te dizer muito, **se eu te falo** alguma coisa acho que eu vou mentir, (PBR 02 F A PRI 533)
- (81) caem as sementes ali ela nasce, daí eles só limpam e tiram **se ela não está na linha**, né? (PBR 03 F A GIN 111)
- (82) pra minha empregada eu pago meio salário, né? meio dia, ele vem das sete e meia, onze e meia ou quinze pra meio dia, e **se elas vão** a Pato Branco, elas trabalham um dia e ganham- ganham quinze reais, (PBR 03 F A GIN 553)
- (83) **desde que seja** na área do fun- dos funcionários, né? agora **se é** reunião particular, daí, né? mas quando abrange a empresa , os funcionários, tudo, a gente participa. (PBR 04 F A GIN 401)
- (84) **Se era** doença grave, muita- muitas vezes a pessoa era muito carente mesmo, que não tinha condições de comprar medicamentos, eles levavam , eles auxiliavam as pessoas, ..(PBR 04 F A GIN 635)

- (85) F: ... e antes da meia-noite nunca vou dormir, só assisto filme.
E: gosta bastante?
F: Ah, eu gosto, ainda mais se o filme é bom, até não terminar, não vou dormir (PBR 04 F A GIN 880)
- (86) **Se tu vim** aí eu te dou uma garrafa de pinga e vamos tomar tudo junto. (PBR 05 F A SEG 49)
- (87) Então hoje em dia **se você vai** ler um livro, alguma coisa. Você vai procurar uma boa leitura pra você aproveitar, porque aquele tempo que você tem é pouco. (PBR 06 F A SEG 115)
- (88) **se eles vão pegar** tudo, eles não- não dão conta. (PBR 07 F B PRI 623)
- (89) *Ela estava doente de novo, então a gente foi lá pra lá, fazer tratamento e tudo, né? *Ma0s sempre em julho assim ele dá um pulinho aqui, **se ele não dá**, vem ela, né? *Que sempre os meninos querem vir, né? *Porque eles adoram vir na casa da vó. (PBR 08 F B PRI 352)
- (90) *Ela falou: "Porque **se vocês- se** mais principalmente **as crianças começarem** a ler isso aí fa0z mal".
*E eu fiquei com aquilo, né? *Pensei: ma0s se tem religião, se é uma doutrina, que pode fazer isso? (PBR 08 F B PRI)
- (91) ***Se vocês querem seguir** tudo bem, se não querem também, cada um fa0z aquilo que quer, né? *Vai (PBR 08 F B PRI)
- (92) *No começo ele começou a vir pra visitar, trazendo presentes, relógio, bicicleta, coisas. *Daí eu falei pra ele, **se era pra trazer essas0** coisas, não precisava mais vir, né? (ruído) trouxesse arroz e feijão, então, né? (PBR 09 F B GIN 451)
- (93) Tem muita gente que: *Ah, nós lá, tomei não sei o quê, foi mal atendido. (est) *Não é assim. *O pessoal [não]- sei lá se eles, se precisa trê0s remédios, **se o posto dá** dois você tem que comprar um, eles acham [que]- (falando rindo) que é ruim, né? (f) *Então, acho que0 não é por aí, né? *Eu acho que o posto, a gente graças a Deus [não tem]- não precisa muito dele. *A minha filha está se tratando no posto, (est) bem. (PBR 09 F B GIN)
- (94) jogada é mais carteadada, né? (est) a tranca **se você pega** trê0s vermelho, você já fica lá em cima, você pega preto perde, então a outra eu- (PBR 10 F B GIN)
- (95) *[Se vocês, aí]- **se vocês se propõem**, né? (est) então [ele]- ele- o que você0s quiserem da cidade ele vai te falar. (PBR 11 F B SEG)
- (96) namorando, e fazendo proposta. *[Ele não]- ele tinha sempre o pé atrás0s, pois ele- quando a gente está bem, né? se **vamos que não dê, se a gente dá** um passo e não dê certo, né? ma0s ele começou ver os ("pró, tá") e mudou. *É a maior empresa de exportação do mundo. *O nome da empresa é (inint), uma empresa sueca. (PBR 11 F B SEG)
- (97) *Consgo. *E com a terceira idade eles vivem hoje. *Eles querem o momento, agora. ***Se você fala:** "Ah, não vamos fazer isso, hoje vamos- *(<Ne-> nessa festa não vai ter isso, o ano que vem a gente faz. "Não, o ano que vem eu não sei se vou estar aí. "E daí eles até fazem chantagem com a gente. (est) *E0 os projetos de vida deles são bem curtinhos. *E com o adolescente ou a criança [você]-0 Nossa (PBR 12 F B SEG)
- (98) F *Ah, não perco um0 jogo. ***Se tem** na televisão, não perco um. (PBR 13 M A PRI 424)
- (99) *Na piscina de setenta mil litros vai trezentas gramas de cloro, duzentos e cinqüenta, trezentos e cinqüenta, só. (est) *E **se a água pode estar** bem- meio suja, assim meio escura e coloca esse tanto de cloro, ela fica limpinha. *A sujeira desce tudo pro fundo. (PBR 14 MA PRI 509)
- (100) *É, só que elas não são interligadas, né? (est) *[Se]- **se**, por exemplo, **for** lá no meu bairro, vai lá ou vier de lá, vem de lá, **se tiver** que ir [pro]- [pro bairro]- lá pro bairro COPASA, lá prá cima, tem que pagar outra passagem. *Elas não são interligadas. (PBR 14 MA PRI)

- (101) não tinha como. *E sempre trabalhando de lá pra cá, dos onze anos pra frente sempre trabalhando, (est) **se não era** num serviço, era noutro, mas [sempre]-0 (est) sempre trabalhando, não fui assim, já digo, na minha infância não fui de andar molecando pra (PBR 15 M A GIN 75)
- (102) *[4 Gosto 4] de ir na igreja, levo as crianças tudo na igreja. (est) (hes) *No domingo, é sempre mais a gente vai à noite, sabe? no domingo de manhã eu aproveito pra trabalhar, (est) ma0s **se não dá de ir** à noite nó0s vamos no domingo de manhã, tiramos aquela hora pra ir lá, não tem. (PBR 15 M A GIN)
- (103) buscar, não aquilo que as outras pessoas querem pôr na cabeça. (est) *Se eu quero buscar, hoje, Cristo, não há quem vá me fazer o contrário, (ruído) não (inint), não é um artista de cinema, não é uma coisa ou outra que vai me distrair. (est) *Então cada um tem (PBR 16 M A GIN 967)
- (104) vivendo aqui0 segundo a vontade de Deus. *Então vamos deixar que Deus faça a vontade dele na minha, (est) (inint). ***Se é** pra mim ter uma vida plena, uma vida de riqueza, eu vou ter, **se é** pra mim ter uma vida pobre eu vou ter, ter uma vida moderada, eu vou ter, então, seja a vontade de Deus, não a minha. (PBR 16 M A GIN)
- (105) ***Se precisa [ir]- ficar** internado não paga nada, né? (est) que tem planos que tem que pagar, né? (est) e o nosso cobre tudo, né? é cem por cento. (est) (PBR 18 M A SEG)
- (106) o momento que distorce tudo, já- ***Se você vai** num açougue aí ver o preço duma mercadoria, é x, vai noutro já é y, e assim vai. *Então, a ganância é demais, né? (est) (PBR 18 M A SEG)
- (107) uma influência, mas se os grandes empresários mantiverem o preço de todos os produtos, né? com isso o petróleo vai ter aquele preço, os p0neus dos caminhões também vão ter aquele preço, o transporte vai manter, que quando a mercadoria chegar [na]- pro consumidor vai estar no mesmo preço. (est) *Agora **se um aumentar**, o transporte vai aumentar, vai chegar no mercado em outro preço. *E o plano vai decair e vai por água abaixo. (est) *Porque que em outros países desenvolvidos não tem inflação? *Porque **se você for lá** no mercado no dia dois de janeiro comprar um quilo de carne, dia trinta e um de dezembro você vai lá comprar, é o mesmo preço. (est) *Porque lá as pessoas estão conscientes que se eles querem ganhar mais, eles vão ter que vender mais com qualidade. (PBR 18 M A SEG)
- (108) *Ah, é? *Não, mas isso aqui eu acho que não, porque **se a pessoa é** jovem, que tenha a experiência de uma pessoa adulta, sabe? e tem pessoas já de idade (est) (inint) que [não]- não amadurecem. (PBR 20 M B PRI 1105)
- (109) Sem, pois a gente só ficava junto, não tem nada a ver, né? não tem nada- pois quer ficar fica, não quer, paciência, aqui é assim. Tem umas gurias idiotas que os caras ficam num dia, no outro dia ficam correndo atrás, né? e eu é- eu não, eu já ficava, no outro dia já: “oi, tudo bem, como é que você vai?” **se dava** ficava junto de novo, **se não dava**, está numa boa. (IRT 01 F A PRI 701)
- (110) E: e a polícia aqui? Você falou que- eu quase não vejo carro de polícia andando pelas ruas aqui em Irati.
F: Acho que tem, **se tiver** dois car- dois ou três carros só, e é uma porcaria, sabe? Uma porcaria. **Se depende** da polícia, você esqueça. (IRT 03 F A GIN 1330)
- (111) Existem uns engraçadinhos que mexem com a gente, **se você esta** fora de hora, fora de casa, né? (IRT 03 F A GIN 1458)
- (112) Então eu falei, digo: “Olhe, eu estou errada nessa parte, mas não tenho quem queira me substituir, não é? O que é que eu deixo, né? Daí ele disse: “não a senhora faça assim: quando eles pedem a parte e- nas Damas de Caridade, a senhora vai, não fale na Legião de Maria, a senhora não fale nada de- né? de a- essa parte, assim. E daí, a se- o- quando a senhora puder, é preferível se a senhora, **se é** uma pessoa muito necessitada, faça o que é possível e mande por outra, né? que não saibam que foi a Legião de Maria, senão vão pensar (IRT 07 F B PRI 326)
- (113) olha, eu pra te falar sinceramente, veja bem, aqui, **se fosse** por exemplo pra um- mudar mudar eu mudaria, sabe? Porque eu- eu sou uma pessoa que eu acho que eu vi- eu vivo bem aqui, mas também posso viver bem

em outro lugar, **desde que fosse**, assim, por exemplo, que a situação **fosse** diferente, né, se eu **se eu chego** num lugar que eu não tivesse que que mas que fosse, por exemplo, um outro tipo de trabalho, porque eu também não gosto de mudar, né? eu mudo muito. (IRT 09 F B GIN 1325)

- (114) *Então, daí eu fui ficando meio apavorada na matéria que exigia muito raciocínio, porque matemática é ciência exata por excelência, né? (est) *Ma0s, **se você não raciocina** direito0 [não]- de nada vale ela ser [4a ciência exata4] [4(est)7] por excelência, né? *Porque depende do teu0 raciocínio. *Então, daí eu fui me desligando um pouco da matemática, e gostava muito [na]- na escola normal [de]- de fundamentos da educação, né? (IRT 12 F B SEG)
- (115) *Agora não quero condenar também ela pelo seguinte, porque0 é- (ruído) a pessoa que está numa depressão é- **se é** muito grande ela não sai sozinha, né? (IRT 12 F B SEG)
- (116) lábios como estão, e também o que pode acontecer no futuro, não sei! *E **se é célula** morta o que pode acontecer, né? *Se foi uma célula morta? *Daí eu <po-> posso ter problemas no futuro (est) com isso, né? *Eu vou deixar ele impune? *Não, **se ele assumir** tudo bem, a gente- né? (est) *Não vou também, deixar o homem numa situação mal de não trabalhar mais, (IRT 12 F B SEG)
- (117) *[7Porque aqui7] eu faço o que o aluno- como ele quer. *Ele quer duas horas por dia, eu vou dar duas horas por dia pra ele. ***Se quer fazer** mais depressa, né? *[Ele]- ele quer fazer num mê0s, então ele vai fazer num mê0s só datilografia. *Ele quer fazer um aperfeiçoamento eu vou dar mais um mê0s de aperfeiçoamento. (IRT 12 F B SEG)
- (118) não]- **se passa** a enchente, baixa a água, se acomodam aí. *Vai fazer o quê? *[Vai] [**se pudesse**]- claro que0 **se tivesse** você acha que eles iam estar na beira rio? *Não tem perigo, ele estava aqui centro da cidade, né? (IRT 13 M A PRI)
- (119) Porque **se você tem**, se teu pai dinheiro, tua mãe, né? são estabilizados vida, então você vai crescer com uma razoável, você vai ter uma oportunidade vida, sabe? *Ma0s se você, experimente0 numa favela0 e ser, sabe? ser a marca Deus, como o outro lá que tem tudo dentro casa, (inint). *Porque [você não]- você não tua vida sendo legal, como é que você 0dar alguma coisa, que você já não é pela vida que [está]- está levando. (IRT 13 M A PRI)
- (120) Então **se o pessoal vim** me procurar aqui, daí eu vou investir aqui, e agora que tal se eu fico aqui e o pessoal não vem? (IRT 13 M A PRI 784)
- (121) **se você leva** o teu toca#fitas pra arrumar lá, eu digo que está com defeito o teu alto#falante, ma0s não está com defeito, só achei um fiozinho desligado, aí pego o teu alto#falante, tiro fora, coloco o meu novo, cobro o teu, (IRT 13 M A PRI)
- (122) Você [se]- **se você tem** um carro, você tem que ter [um]- um mecânico, um eletricista, tem que ser amigo de um, diferente (IRT 13 M A PRI)
- (123) **se você quer**0 peça é fácil de achar. (IRT 13 M A PRI)
- (124) São muito esmorecidos demais. (est) E [<cha->]- chamam a polícia e eles [nem]- nem vêm, demoram pra vir, (est) **se vim** [vêm]-vêm brabos ainda, né?(est) *E se pegam, acalcam o cacete, pra falar assim- (IRT 14 M A PRI 371)
- (125) acho quando acontece alguma coisa com você, digamos, **se você é** uma pessoa0 (hes) de um poder aquisitivo muito bom, você tem que passar por várias experiências, sabe? *Se <vo-> claro! que [de]- exige de um outro lado, que você vai ter uma sociedade, (est) né? em si, (IRT 15 M A GIN)
- (126) *Já, né? *Um pequenino mestre, você não pode exigir isso de jeito nenhum. (est) *Porque você tem obrigação de ensinar, né? ***Se uma criança erra**, você tem que dialogar com ela, nunca, eu acho que nunca você deve você agredir. (IRT 18 M A SEG)

- (127) *Eu acho que influi porque **se você0 aprende** você conversa com as pessoas lá, você convive num mundo diferente, né? *Então são outro comportamento, outra maneira de pensar, né? (est) e você vê conversar o tipo de conversa- (IRT 18 M A SEG)
- (128) *Quando tira já planta, [5a <princi->5] principalmente a fósforo aqui, ela tem a- [ela]- [ela]- **se ela <cor-> corta** aí cinquenta pinheiros, cem pinheiros no dia, ela planta duzentos, né? planta o dobro sempre, né? (est) né? isso fa0z parte [da]- da firma mesmo que (est) que a TCE exige, né? isso aí. (IRT 19 M B PRI)
- (129) **se faltasse** alguma letra ou sobrasse, ele fazia um risquinho embaixo (106), né? e ponhava a letra em cima onde faltou, né? se sobrava uma letra ele cortava aquela que- que que fo- foi a mais, né? 108 20 M B PRI
- (130) PROAGRO é seguro, seguro sobre a lavoura, né? **se dá** um granizo a companhia 39 indeniza, se- enfim, 40 **se der** uma frustração de safra, a companhia imediatamente manda o agrônomo lá e já é indenizado, tá? 21 M B GIN
- (131) Porque **se era** fácil ter tomado alguma atitude, ele já tinha tomado, né? (PBR 21 M B GIN 1463)
- (132) Você veja se- **se a pessoa tem** o ônibus que passa em frente a residência ele não precisa pegar o próprio carro (22 M B GIN)
- (133) Você não pode trabalhar numa lavoura **se você não tem** o- as ferramentas, trator, uma coisa (PBR 22 M B GIN)
- (134) Mas **se o colono não tem** dinheiro, a cidade tem um alicerce praticamente agrícola, né? agora **se ele não tem** dinheiro, então pára (PBR 24 M B GIN)
- (135) **Se ele não colhe** bem, ele tem um enorme de uma importância pra pagar (PBR 24 M B GIN)